Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23206 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEXTA-FEIRA 23 MARÇO 90 60$00

EDITORIAL

Os heróis da banalidade

Os resultados eleitorais na RDA corrigiram o excessivo optimismo com que, na semana passada, secundamos o ex-chanceler alemão federal Willy Brandt na distinção entre o renascimento da democracia e o triunfo do capitalismo selvagem nos países do Leste. Os cidadãos da RDA, além de não lerem o «Diário de Lisboa», com manifesto prejuízo do seu aprimoramento político e cultural, também não ouviram os conselhos de Brandt, o que já não se pode atribuir a uma fatalidade geográfica...

O caldo sócio-cultural do Leste europeu será propício a grandes experiências inovadoras? Não é certo: os povos guardam má memória da sua experiência de laboratório da utopia revolucionária ou do «socialismo» imposto à sombra do Exército Vermelho. O modelo da democracia capitalista, que já servira de referência, no pós-guerra, para a reorganização política da Alemanha e do Japão, constitui inegavelmente o pólo de atracção. É, no entanto, razoável sublinhar a especificidade da RDA, desde o início submetida a um confronto directo com os padrões de vida e de consumo ocidentais, por via do acesso, em boa parte do seu território, à televisão alemã-federal.

Sobre os escombros das ditaduras abolidas, as «revoluções» do Leste procuram ainda o seu rosto e as suas personagens.

Mário Mesquita

Continua na pág. 11

Ofensiva em Lisboa da diplomacia polaca

A Polónia não descansa enquanto não vir as suas fronteiras com a Alemanha definitivamente aceites, de forma inequívoca, por toda a comunidade internacional. Por esse motivo, desenhou para este fim de semana uma ofensiva diplomática em Lisboa, onde está reunido o Conselho da Europa para debater, precisamente, problemas do Leste. João de Deus Pinheiro, numa entrevista ao DL em que passa em revista todas as questões da cena internacional, diz, a este propósito, ser necessário criar um sistema de segurança pan-europeu, pois, de contrário, não se vê como avançar para a reunificação da Alemanha. **Págs. 2, 3, 4, 11, 16, 17 e 18**

Conselho da Europa reunido em Lisboa por causa da nova arquitectura política do velho continente

Deus Pinheiro ao DL: "Diálogo Norte-Sul já não é prioridade"

Rui Pacheco

Maria Emília Prazeres

Feliz e humilde Reconhecida internacionalmente, a pianista Maria João Pires também em Portugal encontra quem a admire. Ontem, recebeu das mãos do Presidente da República o Prémio Pessoa de 1989. Feliz, sem poder escondê-lo dos que a homenagearam no Palácio de Queluz, ainda assim Maria João Pires, humilde, desabafou: «Preferia não ter recebido o prémio.» Receia que alguém com talento fique esquecido, por sua causa. **Pág. 22**

Pinto Leite no debate com Jaime Gama

Maioria do PSD não está preparada para votar Soares

«A maioria do PSD ainda não está pronta para votar em Mário Soares. Eu votarei no seu nome se ele me convencer e ele ainda não me convenceu a votar» - considerou ontem António Pinto Leite, presidente da distrital de Lisboa do PSD, num debate organizado pelo Instituto de Reflexão e Intervenção Social, IRIS. A iniciativa teve também a presença de Jaime Gama, membro da Comissão Nacional do PS, e centrou-se na análise da questão presidencial. Pinto Leite afirmou ainda não saber se «a reeleição de Mário Soares é um embaraço maior para o dr. Cavaco Silva ou para o dr. Sampaio». Por seu turno, Jaime Gama integrou a eventual candidatura vitoriosa de Soares na abertura de «um novo ciclo político» da vida portuguesa, inaugurado com os resultados eleitorais das votações para o Parlamento Europeu e para as autarquias. Jaime Gama fez o elogio do «papel desdramatizador» assumido pelo actual Presidente da República, manifestando-se contra a negociação de pactos formais com partidos para a realização de um segundo mandato. Foi um debate vivo entre dois dirigentes, desde há anos em minoria nos seus partidos.

Pág. 7

Marselha é o próximo adversário do Benfica

O Benfica joga em Marselha a primeira mão da meia final da Taça dos Campeões Europeus, a 4 de Abril. A segunda volta está marcada para o dia 18, no Estádio da Luz. O sorteio, realizado esta manhã em Genebra, marcou os seguintes confrontos: Milão-Bayern e Marselha-Benfica, na Taça dos Campeões; Mónaco-Sampdoria e Anderlecht-Dínamo de Bucareste na Taça das Taças; e Juventus-Colonia e Werder Bremen-Fiorentina na Taça UEFA.

Bispos europeus reunidos em Fátima *Pág. 14*

Tia Bernardina faz amanhã 105 anos *Pág. 19*

Cesariny toca piano *Pág. 21*

Lotaria Nacional
1.º 4 434
2.º 31 339
3.º 16 069
Pág. 15

A Mosca pica em suplemento

Hoje e amanhã em Lisboa os 23 discutem com a URSS e países da sua órbita a «nova arquitectura europeia»

Conselho da Europa abre ao Leste

Que Europa teremos amanhã, quando acordarmos desta prolongada insónia que nos provoca o desmoronar ruidoso de todos os muros? Que nova cooperação é essa - um Mundo inteiro a descobrir nas utopias políticas dos dois lados da cortina que já não é de ferro? Vai a Europa caminhar por si própria, una e indivisível? Mas que Europa? Qual? Onde acaba e começa? Do Atlântico aos Urales? Da economia à política? E a segurança? E..? E...?

Certeza, certeza, só esta que abre a prosa: o Velho Continente é novo, pejado de interrogações. Nada será como dantes, mas falta lavrar muita terra para fazer germinar um modelo duradouro, porque sólido.

Não há político que se preze, hoje em dia, que não encha a boca com a «nova arquitectura da Europa». Sabe-se que nem todos falam da mesma realidade, ainda que a inspiração seja idêntica. Quando Gorbachev, em Setembro do ano passado, recuperou, perante a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, a tese da «Casa Comum Europeia», não faltou quem encontrasse nas suas declarações um sinal de desanuviamento, ainda que permaneça mal explicitada a ideia. Sempre pronto a envolver-se na conceptualização europeia, François Mitterrand avançou, no seu discurso de Ano Novo, uma outra matriz, a da «Confederação», forjada na experiência comunitária.

Deus Pinheiro, o ministro português dos Negócios Estrangeiros investido em Novembro como presidente do Comité de Ministros do Conselho da Europa, apresentou em tempos a sua tese dos «círculos concêntricos», que fez escola no seio da CEE, sendo assimilada pelo próprio presidente Delors.

O núcleo central, nesta perspectiva, envolveria os doze membros da CEE e os países EFTA, o designado Espaço Económico Europeu. A formação do círculo seguinte é bem mais complexa. É a tipificação das relações do núcleo original com os restantes que está em causa. Em teoria, não faltariam áreas potencialmente associáveis, desde o Magreb aos países do Golfo, dos países ACP (África, Caraíbas e Pacífico) aos do COMECON, que aparentemente tem os dias contados. Sob que modelo se estabeleceriam, no futuro, as relações entre os diversos círculos - eis a grande questão.

Gorbachev inaugurou uma nova era nas comunicações Leste-Oeste

Velhas instituições ainda servem?

Porém, a Europa do futuro, eliminadas - ou em vias de eliminação - as fronteiras ideológicas herdadas do pós-guerra, não pode ser concebida em estrita atenção à sua componente económica. Sob este aspecto, ainda que se tenha consciência de que há muito caminho a percorrer até à convergência de modelos, não restam dúvidas de que à CEE será sempre atribuido um papel fundamental. O mesmo não pode dizer-se, no entanto, quando se fala de segurança ou, simplesmente, de questões relacionadas com os direitos humanos.

A Europa dos últimos 40 anos viveu sob o fio da navalha do antagonismo de blocos. De ambos os lados se criaram instituições embuídas dessa lógica, que de um momento para o outro não podem ser desarticuladas. Só uma, até hoje, desempenhou um papel distinto, porque vocacionada para servir de «ponte»: a Conferência de Segurança e Cooperação Europeia.

É a ela que, naturalmente, a componente de segurança poderá ser atribuida na «nova Europa». Apostada em desviar recursos do esforço bélico para o campo tecnológico, a União Soviética deseja um modelo de segurança ao mais baixo nível de armamento. Não é, contudo, ainda líquido, o envolvimento das duas grandes potências neste processo de construção europeia, naturalmente feito de avanços e recuos.

Mais do que embrenharmo-nos nesta questão, é importante compreender a complexidade da tarefa de «reconverter» organizações supranacionais, como a CSCE ou o Conselho da Europa. A este, parece pacífico que se atribua, futuramente, um papel primordial no capítulo da «dimensão humana», potenciando a sua vocação histórica de paladino dos direitos humanos. É neste contexto que deve entender-se a revalorização do Conselho da Europa aos olhos da Opinião Pública.

Conselho da Europa: «sala de espera» da CEE

O ministro português dos Negócios Estrangeiros não se cansa de aludir ao facto de diversos países de Leste encararem o Conselho da Europa como «sala de espera» da CEE. Diz ter constatado, na sua recente visita à região, o desejo dos antigos países da órbita soviética de «regressarem à Europa». O CE funcionaria assim como uma espécie de «certificado de democraticidade».

A Hungria deu o «tiro de partida». A 16 de Novembro de 1989, foi o primeiro país de Leste a solicitar a adesão. No início deste ano, em escassos três meses, três antigos aliados seus no Pacto de Varsóvia seguiram-lhe o exemplo: a Polónia, a Jugoslávia e a Bulgária, enquanto a Checoslováquia já manifestou tal desejo. Por paradoxal, a pátria de Gorbachev, o «culpado» de todas as movimentações, perdeu a «pole position». A adesão da União Soviética é, aliás, algo de muito complexo, em face da sua dimensão *(ver, a este respeito, entrevista com Deus Pinheiro nas páginas centrais desta edição)*. Mas tal não significa que não existam outras modalidades de participação no Conselho da Europa. Aliás, URSS, Hungria, Polónia e Jugoslávia gozam já do estatuto de convidados especiais na Assembleia Parlamentar do CE.

Quando Portugal assumiu a presidência rotativa do Conselho, estava este processo a começar a ganhar forma. A abertura ao Leste tornou-se, por força das circunstâncias, uma prioridade da instituição e foram já dados alguns passos no sentido de concretizar essa estratégia.

Comunidade (ainda) fechada

Menos certo é que o objectivo de muitos países de Leste - entrar de pleno direito na Comunidade Europeia - possa ser concretizado a breve trecho. À reunião de hoje e amanhã, em Lisboa, do Conselho da Europa com os países de Leste, já por muitos considerada «histórica», segue-se um encontro quadripartido Conselho da Europa/CEE, em que participa Jacques Delors. Porém, segundo apurou o «DL», aquela questão não consta ainda da agenda.

As duas instituições debaterão, entre outras questões, a problemática do audiovisual e, mais importante, a possibilidade de adesão da CEE (enquanto tal, como instituição supra-nacional) a certas convenções do CE, como as relativas a direitos humanos e sociais.

O adiar das esperanças de certos países de Leste - que aliás já estão a beneficiar de esquemas de apoio económico coordenado pelo chamado «Grupo dos 24» - não se funda tanto na possível obstrução política como na «impossibilidade orgânica».

Para se alargar substancialmente, a CEE não pode deixar de introduzir alterações nos seus próprios mecanismos de decisão, já complexa a 12, sob pena de a máquina emperrar. Além do mais, antes do Leste, está em aberto a possibilidade de adesão da Noruega e da Áustria, para dar apenas alguns exemplos.

«Regressando» ao Conselho da Europa. O encontro que este fim-de-semana sentará à mesma mesa os 23 países desta organização e diversos representantes do Leste - só a Roménia estará ausente e a RDA preserva o estatuto de observadora - destina-se a «discutir tudo» o que diz respeito à «nova arquitectura da Europa».

Em debate estará, por exemplo, a chamada Comissão para a Democracia Através do Direito, criada em Janeiro sob os auspícios do Conselho da Europa, instalada em Veneza. Este organismo, no qual o representante português é o antigo ministro da Justiça Menéres Pimentel, destina-se a prestar apoio jurídico e constitucional gratuito às novas democracias emergentes a Leste. Por ora, a comissão é suportada por uma contribuição especial, tendo a sede sido cedida pelo governo italiano. Este no entanto deverá pôr à consideração dos restantes membros do Conselho, neste fim-de-semana, a possibilidade de se enquadrar no sistema de «acordo parcial», uma fórmula aplicada também ao Centro Norte-Sul, de iniciativa portuguesa, que consagra a possibilidade de à comissão aderirem apenas os países que o desejarem.

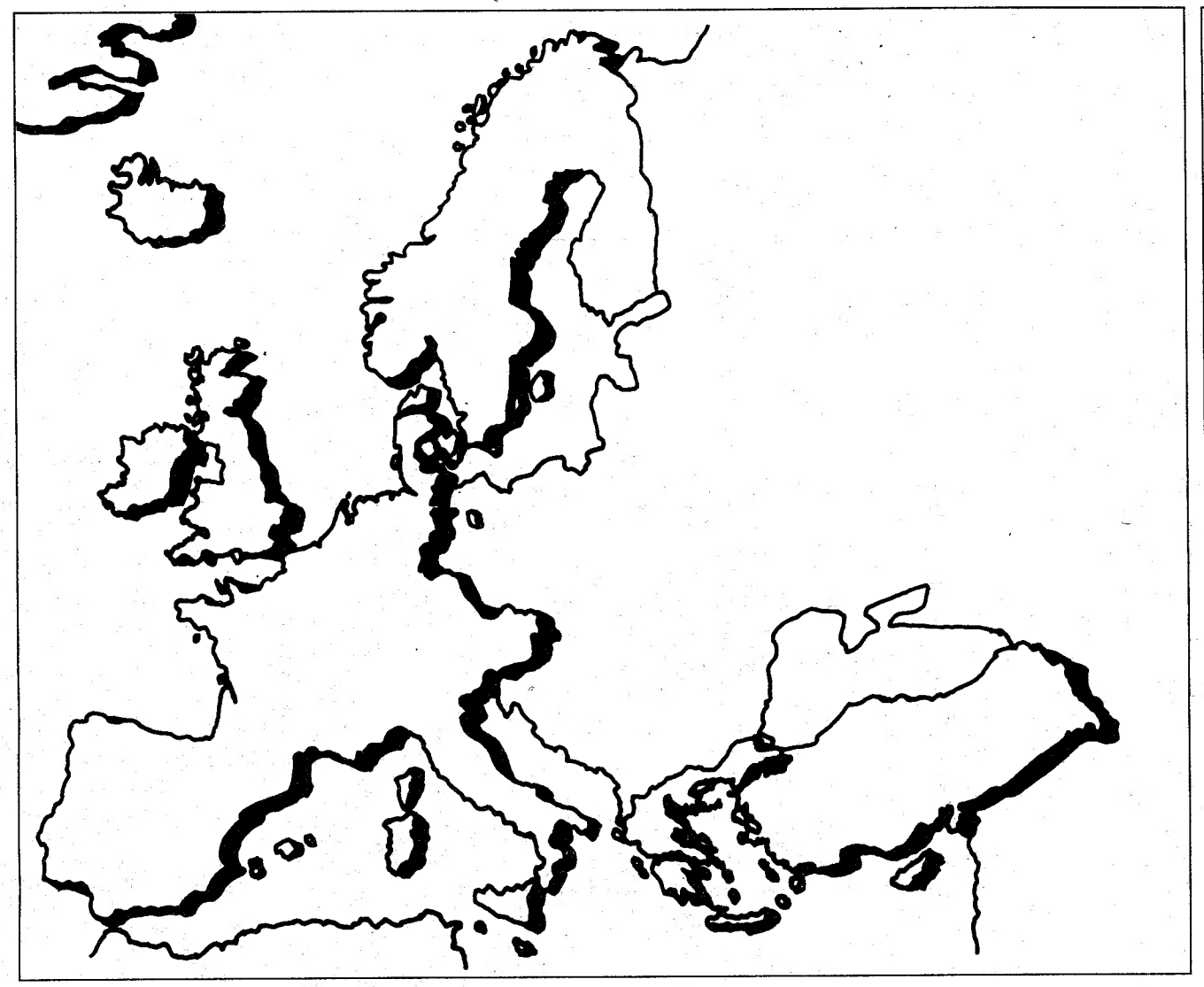
Entretanto, a secretária-geral do Conselho da Europa, que estará também nesta reunião, criou um «grupo de reflexão» sobre o Leste, que terá como função fazer o «trabalho de base», fomentando o diálogo que neste encontro deverá germinar. Problemas como o envolvimento dos Estados Unidos e o Canadá no processo de construção europeia estarão também, por certo, entre os temas a discutir. Mas o que se reveste, porventura, de maior importância, diz respeito à componente financeira.

Para 1990, em função das novas exigências da organização, o orçamento do Conselho da Europa cresceu, em termos reais, cerca de cinco por cento. Este valor foi considerado «substancial» pela maior parte dos países membros, mas «modesto» por Portugal, que o desejaria elevado a, pelo menos, oito por cento. Apesar de ter sido afectada às relações com o Leste uma verba 6 milhões e 700 mil francos, segundo apurou o «DL», é provável que Deus Pinheiro se empenhe especialmente da árdua tarefa de convencer os seus pares da necessidade de disponibilizar maiores meios financeiros.

Paulo Martins

Aposta-se num modelo de segurança ao mais baixo nível de armamento

GRANDE ANGULAR



As fronteiras do Conselho da Europa poderão avançar para Leste

O clube dos vinte e três

O Conselho da Europa tem como objectivo salvaguardar e promover os ideais e os princípios que são considerados património comum dos seus membros. Isto é, os valores espirituais e morais da civilização europeia, materializados pela liberdade individual, liberdade política e a proeminência do Estado de Direito. A admissão ao Conselho Europeu é por isso reservada a qualquer Estado europeu que reconheça a todos os cidadãos da sua jurisdição a garantia do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais.

No entanto, na Europa do pós II Guerra Mundial, onde se discutiam novas fórmulas institucionais para gerir o bloco ocidental da Europa dividida, o mecanismo institucional a adoptar para a nova instituição internacional não deixou de crear alguns atritos entre os aliados europeus.

Primeiros passos

Em 1946, Winston Churchil apelava à unificação europeia, no entanto, como se viria a verificar mais tarde, o primeiro-ministro britânico não estava a incluir a Grã-Bretanha nessa união. Churchil pretendia apenas uma Europa continental democrática e unida, que não obrigasse a Inglaterra a envolver-se de novo num conflito militar. Mais tarde, já envolvidos no processo institucional europeu, os ingleses manterão sempre um pé a trás.

No Congresso da Haia, em Maio de 1948, no auge do movimento popular europeu, duas teses substancialmente diferentes dividiam federalistas europeus e defensores de uma cooperação intergovernamental. O projecto final de uma instituição europeia, proposto por este «congresso popular» - visto que não se tratava de uma conferência intergovernamental, mas sim de um *forum* politico - defendia a criação de uma organização de tipo clássico, flanqueada por uma assembleia parlamentar consultiva sem poderes efectivos. Este documento final traduzia, em suma, a posição do Governo britânico que se opunha aos projectos franco-belgas de criar um verdadeiro parlamento europeu com poderes de deliberação.

O compromisso final, que levou à assinatura dos estatutos na Conferência de Londres, no dia 5 de Maio de 1949, revela a fórmula híbrida que caracteriza o Conselho da Europa hoje em dia: um órgão intergovernamental clássico e uma assembleia parlamentar independente dos governos, mas sem um autêntico poder de decisão.

Uma estrutura híbrida

O Comité de Ministros, instância intergovernamental, reflecte a tese britânica. É o orgão principal que age e representa o Conselho da Europa, contrariamente ao que é habito, visto que o secretário-geral não tem essa função. Composto pelos ministros dos Negócios Estrangeiros dos Estados - membros, tem competência deliberativa em todos os domínios, excepto no militar, afecto à NATO.

Incumbido da responsabilidade política de gerir a cultura europeia, o Comité de Ministros procede na sua tomada de decisão pela busca do consenso. Este processo é necessário, pois nas questões importantes, enumeradas limitativamente no art.20 dos estatutos, a decisão deve ser tomada por unanimidade.

Um embrião do parlamentarismo

A assembleia parlamentar consultiva foi a grande inovação no mundo das organizações internacionais. Com a assembleia parlamentar do Conselho da Europa estabelece-se o princípio da «quase-representação» dos povos. Esta inovação reflecte as posições defendidas pela aliança franco-belga.

Os membros da Assembleia são deputados, designados pelos parlamentos nacionais (após a revisão dos estatutos de 1951), que não representam nem o governo do seu país, nem os respectivos cidadãos, mas sim o povo europeu. Resulta deste princípio que, por exemplo, nem sempre todos os deputados portugueses votam da mesma maneira.

A Assembleia é consultiva mas só pode emitir uma opinião, depois desta lhe ser solicitada pelo Comité de Ministros. No entanto, e depois das alterações aos estatutos de 1949, em 1951, a Assembleia pode fazer recomendações ao Comité, em todos os domínios excepto o militar, sem que este orgão tenha que aprovar a ordem do dia.

Evolução e atomização

De um ponto de vista formal, Comité e Assembleia formam um conjunto de tipo federalista, isto é, dois órgãos plenários, com competências gerais idênticas cuja coexistência só se justifica por uma composição diferente. No entanto, o equilíbrio institucional mútuo impediu que o Conselho da Europa se transformasse numa instituição internacional supranacional de tipo federalista.

Foi precisamente a não adopção de um novo mecanismo institucional que levou à *cisão europeia* de 1952-1957: adopção dos tratados de Paris e de Roma que institucionalizaram a CECA (1952) e o Mercado Comum ou a *Pequena Europa* (a dos seis,1957) que se deram como objectivo uma Europa política pela via da integração económica, conforme a ideologia supranacional ou neofuncionalista.

Resultou desta cisão, provocada pelo desacordo britânico que se opunha a qualquer tipo de órgão hierarquicamente acima do parlamento de Westminster, a *vitória* das teses franco-belgas fora do Conselho da Europa, mantendo-se este com o mesmo mecanismo institucional que actualmente.

N.A.

COMENTÁRIO

Estimulante e difícil

Uma reunião que se propõe «discutir tudo» acerca da nova arquitectura da Europa não peca certamente por modéstia, apesar da emergência constante de novos problemas a requerer solução urgente neste Continente convulso, em busca de uma nova ordem política. Não deveremos esperar, pois, decisões históricas, conquanto o objecto dos debates permita classificar de histórica a conferência.

No breve espaço de um ano, o *statu quo* europeu do Atlântico aos Urales foi abalado a tal ponto pelo desmoronamento dos regimes na órbita da União Soviética, e pelas ousadas reformas neste País, que o problema candente não é já o do alargamento da CEE e da vigência dos seus pressupostos, mas, antes do mais, o da forma que a CEE deverá no futuro assumir para acolher as novas realidades, numa fase da sua existência em que a construção da união económica e política ganha contornos.

A questão alemã volta a ser determinante para definir o mapa da Europa, e se não houvesse outras razões para o envolvimento dos Estados Unidos e da União Soviética na resolução da crise de crescimento que afecta a CEE, essa bastaria, dados os pontos de vista dissonantes das superpotências quanto ao estatuto da Alemanha reunificada: os norte-americanos defendem a permanência deste país na NATO e de tropas suas nele, e os soviéticos pretendem-no neutral. Mas a divergência ataca igualmente os parceiros comunitários e não se antevêem fáceis ou produtivos os consensos na reunião do Comité de Ministros. É que a Comunidade nasceu dividida quanto ao futuro desejável do seu projecto. A Grã-Bretanha sempre defendeu uma ideia de Europa que não a implicasse em matéria de soberania, avessa à progressão rumo a uma unidade moldada, no limite, em instâncias federalistas, representativas mais dos cidadãos do que dos governos, e tem-se empenhado em travar o processo conducente à criação de instituições ou mecanismos supranacionais dotados de real conteúdo.(Curiosamente, nesta questão, os partidos de direita e de esquerda radicais surgem aliados, muito embora a tese do abatimento das fronteiras constitua parte integrante do património histórico socialista). Londres não vê com entusiasmo o aumento do poderio económico da Alemanha resultante da reunificação e opõe-se a uma integração europeia plena. Pelo menos tão importante, enquanto factor de arrastamento daquele processo, como as posições discordantes dos EUA e da URSS é o travão britânico à união monetária e a tudo o que possibilite a união geral da Europa - e sem essa integração, também no domínio da segurança, conforme explica o ministro João de Deus Pinheiro, a Alemanha reunificada é um projecto que não se concretizará tão cedo como os eventos dos últimos seis meses propendem a fazer crer.

Mais longínqua ainda é a entrada para a Comunidade dos países de Leste que já a solicitaram, problema entre os vários, estimulantes e difíceis, que serão debatidos este fim-de-semana, em Lisboa, sob a presidência portuguesa. Outro deles, na aparência menor, pode irritar o independentismo do Reino Unido: a ratificação pela CEE de convenções do Conselho da Europa.

João Paulo de Oliveira

É uma proposta de grande significado, um passo mais na união política europeia por implicar o reconhecimento da Comunidade como instituição supranacional, mas belisca a tradicional visão britânica da Europa: um continente que o Canal da Mancha separa das Ilhas - onde manda Westminster.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

A unificação alemã é a pedra angular, o catalizador e o pano de fundo de todo o processo de «retorno» à Europa dos países de Leste. O seu sucesso tornou-se numa necessidade para a reconstrução europeia

Unificação alemã projecta a Grande Europa

A história alemã é um ciclo secular de fragmentação e unificação de um espaço geográfico, mais ou menos definido, na Europa Central. A actual unificação inscreve-se, naturalmente, num esforço que nos leva até às raízes da nação alemã e obriga a reformular o equilíbrio actual no Velho Continente. Partindo do princípio que a nação germânica tem o direito de viver num só espaço político, assim como da constatação que o processo de unificação é inevitável, esta questão aparece hoje como pano de fundo e chave de todo o processo de democratização do Leste Europeu.

Com o derrube do muro de Berlim, desapareceu o elemento mais visível da partilha da Europa do pós-II Guerra Mundial. Com ele, desapareceu também o fundamento da arquitectura actual da segurança europeia. No fundo, haverá que encontrar novas soluções para resolver os problemas de coabitação de novos Estados. No imediato, a questão alemã acelerou, de certa modo, todo o debate que rodeava o problema da segurança europeia. A futura coabitação, num só espaço jurídico, de forças militares da NATO e do Pacto de Varsóvia ilustra de uma forma aguda o dilema da situação actual.

A queda do muro de Berlim abriu as portas a uma nova Europa

Da pequena à grande Europa

A unificação alemã constitui por si o fim de Yalta. Ora, Yalta veio precisamente dar forma «jurídica», mais tarde confirmada em Helsínquia, ao equilíbrio militar que se estabeleceu no fim da II Guerra Mundial entre americanos e soviéticos. Assim sendo, toda modificação desse equilíbrio pode levar a tensões, instabilidades ou conflitos que tanto aterrorizam os vizinhos da nova potência da Europa Central. No entanto, e fazendo uma leitura mais optimista da situação, dois aspectos da actual conjuntura internacional levam-nos a concluir que os receios evocados não têm toda a razão de ser.

Por um lado, a RFA é um Estado democrático totalmente envolvido na construção europeia que em nada se pode comparar à Alemanha de Bismark ou de Hitler. Por outro, uma eventual oposição de Moscovo à unificação alemã só se poderá concretizar através da utilização da força. Ora essa política não é consequente com o prosseguimento da *perestroika*.. Tudo leva a crer que desta vez uma alteração geográfica na Europa não nos levará a mais um confronto sangrento. Por isso, há uma necessidade real de criar novas instituições internacionais, reformular as velhas e procurar soluções para futuras maneiras de estar.

A questão alemã é pois a pedra angular, o catalisador e o pano de fundo de todo o processo que hoje se avizinha no Leste Europeu. Do bom solucionamento da unificação resultarão os preceitos estratégicos, políticos e económicos que enquadrarão os restantes países do Leste na reconstrução necessária após cinquenta anos de comunismo. Se estes mesmos preceitos respeitarem, na íntegra, os valores e ideais defendidos pelo CE, entraremos então numa nova fase da construção europeia. Da Pequena Europa do tratado de Roma a uma Grande Europa ainda por definir, muito passa pelos resultados da unificação alemã.

Alinhamento ou não

O problema da segurança europeia, nesta fase pós guerra fria, têm necessariamente que ser abordado e solucionado na iminência da unificação alemã. As solucões propostas pelos vários países ocidentais tendem a reunir-se à volta de duas proposta distintas, uma dos Estados Unidos, apoiada pelos países da NATO e a outra da União Soviética que possivelmente não terá o apoio de todos os membros do Pacto de Varsóvia.

A proposta dos EUA tem como principal objectivo impedir a neutralização da Alemanha, neutralização esta que é o objectivo principal da URSS. Estas duas estratégias distintas visam o mesmo objectivo, isto é, impedir que a nova nação venha a contestar o status de superpotência que ambos usufruem. No entanto, o resultado final das duas estratégias é diferente. Vejamos.

Se uma Alemanha unida alinhar com a NATO a concorrência com os EUA será necessariamente só económica, noutros termos, saudável. Neste caso, a URSS ficará a perder, visto que a Alemanha terá fortalecido o pólo norte-americano. Contudo, esta solução não se pode dizer que está totalmente fora da defesa dos interesses soviéticos. Por um lado, a URSS não corre o risco de ver de novo uma expansão germânica com pretensões imperiais à solta na Europa Central, por outro, ceder a Alemanha à NATO implica que os EUA terão de ceder à URSS, possivelmente num campo de interesse vital para os soviéticos, na alta tecnologia, por exemplo.

Se a Alemanha optar pela neutralidade, isto é, por um estatuto idêntico ao do Japão, a União Soviética estará a obter um dos seus grandes objectivos de política externa, defendidos há mais de cinquenta anos. Na mesma perspectiva, os EUA estarão a perder a peça principal na actual disposição das forças americanas no continente. A URSS poderá então pensar em vir a ser a primeira potência europeia, em todos os campos, isto é, se a *perestroika* der os resultados económicos esperados.

A tentação da neutralidade

Numa primeira análise, independentemente da solução que vier a ser adoptada, as duas opções não são de igual modo transferíveis para os outros países de Leste. Esses mesmos países não podem todos vir a integrar-se na NATO. No entanto, podem - e alguns já afirmaram essa vontade - assumir-se como neutros.

Uma terceira hipótese, muito em voga actualmente, é a o processo CSCE, Conferência sobre a Segurança e Cooperação na Europa, que agrupa 33 países europeus, os Estados Unidos e a União Soviética. O futuro da segurança da Europa passa pelas negociações que são levadas a cabo no âmbito deste processo iniciado em Helsínquia em 1975. Uma das hipotéticas soluções sugeridas aponta para a organização de um sistema de segurança pan-europeu da exclusiva responsabilidade dos seus membros. Uma tal evolução implicaria a auto-exclusão dos EUA, solução essa que deixaria a União Soviética numa posição demasiado favorável. Os restantes países de Leste, acabados de sair do jugo soviético, não estarão certamente interessados a entrar por outra porta numa forma diferente de dominação russa.

Destas três soluções, separadamente identificadas, poderá surgir uma fórmula híbrida que resulte de um compromisso e que englobe características das três. Será provavelmente o caso. Até hoje, ainda não se chegou a acordo quando à solução da questão alemã, no entanto, quando isso acontecer terá sido lançada a primeira pedra da futura arquitectura da segurança europeia.

Concorrência das integrações

Um outro problema que está na iminência de ser resolvido é o da fusão económica da RDA com a RFA. Perante o desafio da integração europeia e mais precisamente a União Monetária, a questão alemã veio abalar todos preconceitos até agora existentes. Na iminência de ser ultrapassada pelo dinamismo alemão, a CEE não teve outra hipótese senão rever a sua política, nomeadamente o *timing* das medidas a tomar. Fascinados com o bem estar propocionado pelo modelo económico ocidental e não tendo todos um irmão rico, como é o caso da RDA, os países de Leste estão todos interessados em aderir à CEE. Porém, a Comunidade é um clube de ricos e como em todos os clubes de ricos os novos membros têm que esperar para entrar. Na lista de espera já estão a Turquia e a Áustria. Com problemas ainda por resolver do último alargamento, a Comunidade tinha adoptado, entretanto, uma estratégia que dava, até 1992, prioridade ao aprofundamento da união e não ao seu alargamento.

Com a derrocada dos regimes a Leste, a conjuntura internacional mudou. Surgiram novas necessidades, tiveram que se resolver novos problemas. A CEE e a sua pretensão de encarnar o ideal de integração europeia não pode ficar parada a olhar para o outro lado da Europa. Se o fizer perderá a sua legitimidade.

Muitas são as vozes que apelam à condução da unificação alemã no âmbito da integração europeia. No entanto, a capacidade de resposta da Comissão das Comunidades não chega para a sede de unificação de todos os alemães. Se a união germânica resultar na plena integração da RDA na CEE, uma vez mais factores exteriores à política seguida terão relançado o processo de integração europeia, assim como passará a haver um caso, único e, por isso, exemplar, de um processo de integração económica rápida, comparável a outros processos menos rápidos, casos de Portugal, Espanha e Grécia. Os ensinamentos desta experiência ditarão os princípios a ter em conta em relação aos outros países de Leste, ansiosos de ver as suas economias internacionalizadas, de forma a desencadear uma reconversão económica rápida.

Nuno Azevedo

POLÍTICA DE A a Z

A DIREITA POLÍTICA: CENTRISMO E SOCIAL-DEMOCRACIA

Dezasseis anos depois de Abril, a situação política nacional apresenta-se com a característica e o pitoresco da inexistência de uma *direita política* que como tal se reconheça. Existe extrema-direita, e até revivescência fascista - o braço estendido do professor doutor Soares Martinez e os braços armados dos *skinheads*. Mas *direita política*, não. Nem o *centrismo* que pretende recuperar espaço político e conquistar eleitorado, nem o *populismo* que virou social-democrata para uso interno e funciona na arte de governar como *direita*, assumem a posição clara de *direita política*.

O PSD - e não há razão para esperar que o próximo congresso classifique a questão - pretende furtar-se ao estigma de ser a *direita*, talhando, para a sua *social-democracia*, um posicionamento biface: centro-esquerda e centro-direita. No Governo, com o apoio disciplinado da sua maioria parlamentar, o PSD é a *direita operacional*, ordeira, conservadora, restauracionista.

As origens e as definições programáticas cedem o passo às vicissitudes de recrutamento eleitoral. As ideias claudicam perante a perspectiva dos votos possíveis. A origem dos partidos e a sua composição sociológica pesa no respectivo comportamento, dita-lhes a via e o destino. Vêm da *direita* (sociológica e política). Não querem ser *a direita* por uma razão transparente: o unanimismo do partido único salazarista era *de direita*. Recusa-se a qualificação: *direita política*. Mas faz-se o discurso da ordem, da liberalização, do conservadorismo social, do restauracionismo.

E existirá a *esquerda*? Tomemos, como paradigmas, a eleição de Mário Soares para a Presidência da República ou a eleição de Jorge Sampaio para presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Em qualquer dessas eleições registaram-se *vitórias da esquerda*. Elas deram testemunho de que *a esquerda* existe, e que, apesar das diferenças e contradições, converge e funciona conjunturalmente. A unidade indesejada é um valor potencial que, quando necessário, se concretiza em acto. A vitória de Mário Soares (sobre Freitas do Amaral) e a vitória de Jorge Sampaio (sobre Marcelo Rebelo de Sousa) mostraram que *uma convergência de esquerda* pode bater, nas urnas, *uma aliança de direita*.

Além dos desairosos resultados das eleições para o Parlamento Europeu e dos desastrosos resultados das eleições autárquicas o que leva o PSD, e não só o professor Cavaco Silva, a desistir de apresentar uma candidatura à próxima eleição presidencial, é a consciência da existência de uma *maioria eleitoral de esquerda*. Idêntica posição, nas suas consequências, embora formulada com outra argumentação, é a do professor Freitas do Amaral. O triunfador do Congresso do CDS não admite que o partido avance com um candidato próprio, dispõe-se a apoiar um candidato da área centrista/democrata-cristã.

Claro que, segundo todas as probabilidades e mesmo antes de anunciada a prudente decisão do PSD, que o Congresso deverá confirmar, era previsível não só a vitória do candidato Mário Soares, como um resultado nas urnas que poderia exceder o somatório dos votos *de esquerda*. Esta possibilidade, porém, não invalida que, num quadro político-eleitoral semelhante ao que ocorreu na segunda volta das anteriores eleições presidenciais, o candidato Mário Soares alcançasse a vitória suficiente. E a desistência do PSD visa evitar a derrota na eleição presidencial e pretende evitar a repercussão directa dos resultados da eleição presidencial nas eleições legislativas.

São diferentes as posições do PSD e do CDS em relação a este problema. Para o CDS haverá vantagem em tirar proveito da eleição presidencial em termos partidários e designadamente tendo em vista alargar a presença política do partido. A eleição presidencial precede as eleições legislativas. Sucedem-se, num prazo curto, de modo a que o esforço de propaganda e de mobilização represente uma acção em continuidade. E este CDS que, com Freitas do Amaral, se propõe renascer das cinzas para chegar ao dia em que venha «a ser o maior partido português», ambição que o presidente não escondeu, tem um caminho longo a percorrer.

O CDS sai do Congresso na disposição de competir com o PSD na conquista do eleitorado à direita do Partido Socialista, de disputar com listas próprias as eleições legislativas e de não apoiar uma eventual recandidatura de Mário Soares. Mas se - e é esse o argumento teórico - as candidaturas presidenciais não deverão ser de partidos, mas de movimentos de cidadãos sem exclusividade partidária, o CDS precisa que uma candidatura da «área não-socialista e de preferência democrata-cristã» seja apresentada em concorrência à quase inevitável candidatura de Mário Soares. Esse é o interesse do partido e a condição de êxito, ainda que relativo, da direcção constituída em torno de Freitas do Amaral.

Com o PSD como principal adversário eleitoral e recusando assumir-se como *direita política*, e por isso opondo-se às posições defendidas nas moções de Nuno Abecasis e de Manuel Monteiro, Freitas do Amaral reivindica para o CDS um posicionamento *centrista* que, justamente, lhe consentirá a maleabilidade táctica de diferenciadas alianças pós-eleitorais. É-lhe indiferente - o que nem todos os seus companheiros de partido entenderam - vir a coligar-se com o PSD ou com o PS porque, em qualquer das hipóteses, o parceiro terá de pagar um bom preço pelo complemento de maioria que o CDS lhe ofereça.

O CDS escolheu *o centro*. Como antes da abertura do Congresso recordava Luís Beiroco: «O CDS sempre se afirmou, desde a sua fundação, como um partido democrata-cristão e centrista» (no «Diário de Notícias», 13/3/1990). Da «Declaração de Princípios do CDS», redigida por Adelino Amaro da Costa e que, como afirmou Luís Beiroco, continua a ser «a principal referência programática do partido», o CDS pretende reunir e representar todos os «que estão dispostos a lutar pela consagração em Portugal do humanismo personalista».

Para Luís Beiroco - e não se esqueça que ele é um dos colaboradores mais próximos de Freitas do Amaral - «... os partidos democratas-cristãos sempre se reclamaram do centro. Por um lado, porque na sua origem foram uma tentativa de terceira via, e porque a doutrina das encíclicas condenou simultaneamente o socialismo e o liberalismo. Por outro lado, porque é efectivamente ao centro que se arbitram e regulam os conflitos entre a liberdade e a justiça. Não é, pois, Freitas do Amaral quem quer mudar a natureza do partido são outros que, ciclicamente, anunciam a emergência de um partido de direita, que aspiram a que o CDS seja outra coisa.» Não será outra coisa com Freitas do Amaral. Teremos um CDS respeitador da «Declaração de Princípios» que Adelino Amaro da Costa redigiu, e que, para realizar a ambição de ser «o maior partido nacional» (Freitas do Amaral, no «Diário Popular», 7/2/1990), prosseguirá fiel à orientação ideológica democrata-cristã, ao personalismo humanista, e a uma estratégia centrista.

O *centro*, particularmente o *centro-direita*, é o território do CDS. O Partido Social Democrata (PPD/PSD) não poderá movimentar-se nesse espaço político. Paradoxo dos paradoxos, a *social-democracia portuguesa* está a ser convertida ao liberalismo e empurrada para *a direita*. O PSD, a governar o País, nas actuais condições políticas, é a *direita política*.

Fernando Piteira Santos

ECU, DÓLAR E RUBLO

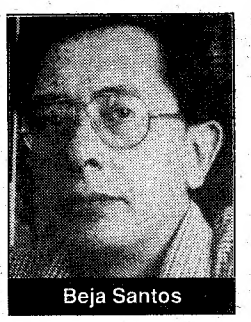
A Conferência sobre a Cooperação Económica na Europa, que reúne em Bona de 19 de Março a 11 de Abril os 35 Estados subscritores da Acta Final de Helsínquia, é a todos os títulos um acontecimento ímpar no quadro das relações Leste-Oeste: é a primeira reunião pan-europeia para analisar o futuro das relações económicas depois dos «7 grandes» do Ocidente terem decidido em Paris auxílios maciços à Polónia e Hungria e a criação de uma entidade bancária coordenada pela CEE para financiar a modernização tecnológica a Leste; a assembleia tomará nota das propostas da reunião impulsionada pelo Conselho da Europa em Lisboa, isto quanto às sugestões dos próprios países de Leste para que as instituições possam funcionar com estruturas financeiras mais eficientes; além disso, os especialistas que se reúnem na capital da RFA vão dar-nos indicação de quais os pontos da agenda que farão parte da Conferência de Helsínquia, aprazada para 1992, onde se delineará o novo relacionamento da Casa Comum Europeia.

Reunião política que nos convida, pois, a expender alguns contributos acerca dos entraves que interessa remover já que os países da EFTA, CEE e Comecon, não escondem as expectativas num reforço no intercâmbio económico e numa progressiva interligação de mercados. E compreende-se bem os motivos: a Alemanha unida, para não traumatizar a tão delicada operação da união monetária da Comunidade, orientará uma boa parte da sua dinâmica económica tendencialmente para a Áustria, Checoslováquia, Hungria e Polónia; a CEE é actualmente o primeiro fornecedor de tecnologias dos países do Comecon; a protecção ambiental requer a adopção de comportamentos económicos comuns que envolve um número significativo de países da CEE, EFTA e Comecon.

Entretanto, chega-se à Conferência de Bona com um balanço altamente deficitário, 14 anos depois da Acta Final de Helsímquia (1-8-75). Ao nível do chamado «segundo cesto» (cooperação em matéria de Economia, Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente), a Acta previa um amplo leque de iniciativas no domínio da cooperação económica: expansão do comércio com a aplicação do tratamento de nação mais favorecida; incremento dos contactos entre representantes de organismos oficiais, de diversas organizações, empresas, sociedades e bancos que se ocupem do comércio externo; desenvolvimento de trocas de informações económicas e comerciais através, por exemplo, de comissões mistas da cooperação económica ou câmaras de comércio; envolvimento em projectos de interesse comum de grande envergadura (como é o caso de: trocas de energia eléctrica ou cooperação na investigação de novas fontes de energia, desenvolvimento das redes de estradas e cooperação tendente a estabelecer uma rede organizada de navegação na Europa, por exemplo).

Apesar disso, quem compulsar os números das trocas comerciais e da evolução da cooperação económica encontrará um ritmo bem moderado, mesmo com excepções como o gasoduto euro-siberiano ou as empresas constituídas para o comércio entre a RFA e a RDA, Leste e Oeste, cada um a seu modo, dão explicações para a exiguidade dos resultados económicos: falta de qualidade, diferentes bitolas de normalização, não convertibilidade do rublo, segundo o Oeste; partes discriminatórias do COCOM e na preferência da CEE «em pescar à linha» os parceiros do Comecon, segundo o Leste. Ora as alterações políticas em curso no Leste e as necessidades sentidas pela EFTA e CEE quanto à expansão de mercados permitem-nos nesta altura prever um futuro mais optimista para o relacionamento económico e comercial e onde as moedas mais influentes são o ecu, o dólar e o rublo.

Ouvir-se-á as três organizações económicas apoiar a eliminação de todas as barreiras que obstam ao desenvolvimento de trocas mutuamente vantajosas. Reconheça-se, como aliás já o afirmaram alguns partidos influentes da Internacional Socialista, que um número substancial de cláusulas do COCOM que limitam o comércio entre o Leste e o Oeste carece na actualidade de qualquer fundamento embora sirvam para agravar a dependência tecnológica da Europa do Leste dos EUA e do Japão. Ou seja, o elenco de restrições do COCOM deveria ater-se às



Beja Santos

cont. na pág.seguinte

FORUM

OS RELOGIOS FALANTES

ESCOLA DE CIDADÃOS

Parece não haver dúvidas sobre a importância crucial da educação nas sociedades contemporâneas. Existe, porém, a tentação de procurar impor através das reformas educativas modelos preconcebidos para a sociedade ou para os comportamentos, a partir do errado pressuposto de que o mundo se deve mudar a partir de exposições magistrais ou da criação de reflexos condicionados pavlovianos. As experiências conhecidas ilustram bem quais os perigos de tais concepções da escola como formadora de novos modelos sociais. Se, em lugar de se procurar despertar consciências e energias, se pretende construir laboratorialmente *jovens-robots*, então estar-se-á a investir a escola numa função abusiva e totalizante — incompatível com a sociedade aberta. É certo que a resistência dos alunos a modelos impositivos depressa se manifesta — invariavelmente com resultados contrários aos pretendidos. O jovem desde muito cedo apercebe-se, com muita nitidez, dos espartilhos que lhe pretendem impor. Num primeiro momento pode até aderir aparentemente, mas depressa verifica que existe uma discrepância entre a *lição* e o *mundo-da-vida*. Daí as inevitáveis resistências, que vão projectar-se com especial vigor à medida que se torna nítida a consciência crítica ou a afirmação de autonomia. Nada disto se pode considerar novidade, há muito que os pedagogos vêm chamando a atenção para estas realidades, todavia, subrepticiamente vão ressurgindo as tentativas de introduzir no sistema escolar formas de influenciar, em sentidos determinados, a criação de modelos de sociedade. Daí aos excessos ideológicos é um passo — sobretudo em tempo de crise de ideologias (que não do fim delas), uma vez que a insegurança gera estranhos mecanismos de defesa, de sinal contraditório, mas de efeitos igualmente nefastos. E assim os alunos tornam-se cobaias, às vezes em nome de boas intenções — com resultados naturalmente catastróficos.

Guilherme D'Oliveira Martins

Na literatura portuguesa, António Sérgio foi dos que melhor colocou este problema — bebendo, aliás, influências em autores que se tornaram marcos fundamentais na pedagogia deste século, como Dewey ou Kerschensteiner. Numa nota ao seu imprescindível «Educação Cívica», de 1915, diz o ensaísta: «o primeiro objecto do educador é pôr o educando em condições que despertem interesses profundos em seu espírito; e o segundo, indicar-lhe os meios de satisfazer esses interesses com *esforço* próprio e a maior liberdade que fôr possível. Acentuamos a palavra *esforço*, para que se não confunda a nossa afirmação com a ideia, que julgamos errónea, de tornar o estudo *interessante*, tornando-o fácil, divertido, *sem esforço*. Toda a educação deve ser esforçada; porém, de esforço natural e voluntário, exigido por um interesse do discípulo e não do professor. A vida de um adulto que se preza é feita de esforços, os quais são determinados pelos seus interesses, e não pela vontade incompreendida de um mestre; não pretendamos, pois, que se cubra com açúcar a pílula da lição, mas que se coloque o aluno em condições naturais que o levem a engolir por vontade e por interesse consciente as mais difíceis pílulas deste mundo. Ainda nisto é preciso que a vida da escola reproduza as condições da vida adulta. O actual sistema educativo não origina interesses porque coloca o aluno em condições artificiais» (reed., 1984, pp. 91-92). Para Sérgio, a escola é, assim, já uma comunidade onde o aluno aprende a viver, vivendo — participando na cidade pela primeira forma possível.

Poder-se-á dizer, contudo, que é fácil insistir na ideia de que a escola é já uma manifestação da comunidade, onde o aluno começa a participar — quando o difícil é assegurar, na prática, que tal aconteça. A massificação favorece a distância e a separação. A inexperiência ou a impreparação dos professores incentiva a desadequação entre métodos e as circunstâncias concretas. São vulgares as tentações de aplicar ou de ensinar, sem as devidas cautelas, uma nova teoria atraente — julgando, precipitadamente, que o interesse despertado no agente de ensino se transmite automaticamente ao jovem discípulo. Só por milagre isso acontecerá. O desenvolvimento da personalidade, a maturidade, o campo de motivações pesam necessariamente, e o resultado é o insucesso, que começando nos alunos se estende ao professor, desmotivando-o.

Não é, pois, fácil pretender pôr em prática a *escola activa*, que tantos entusiasmos tem gerado. E isto porque o professor não pode estar só — com as suas boas vontades e ingenuidades. Dos programas à formação, da preservação do espaço escolar à compreensão das características socioculturais da comunidade escolar, passando pelas relações com a sociedade e as instituições — nada disso poderá ser esquecido. Não se pense, porém, que o problema educativo só se resolve quando se alcançarem as condições ideais e se criarem as estruturas irrepreensíveis. O problema é, antes do mais, de filosofia educativa — de atitude de princípio. Por isso, seria desastroso se nos limitássemos a importar modelos ou a adoptar, traduzindo-os à pressa, programas alheios. Temos, antes do mais, de saber o que queremos.

Importa, no fundo, tirar lições dos fracassos obtidos — apercebendo-nos da incapacidade, hoje tão comum, de as pessoas saberem exprimir-se através de raciocínios claros e distintos ou de relacionarem ideias ou acontecimentos... Fala-se mal, pensa-se deficientemente — e isto apesar de haver muito mais informação e de os conhecimentos em áreas especializadas atingirem nívis antes não alcançados.

Numa palavra, a escola está a desempenhar deficientemente a sua função. E porquê? Porque se pede dela de mais e de menos. de mais, porque se cai na ilusão de pensar que é a «sociedade de amanhã» que se está a modelar, nos seus contornos mais ou menos definidos — esquecendo a voracidade dos movimentos e a rápida alteração de circunstâncias que se vai operando. De menos, porque se continua a pensar na escola como um corpo separado, da sociedade como um espaço que tem por missão instruir, quase esgotando-se enquanto maquinismo de produzir diplomas... Vão longe as propostas iconoplastas de Ivan Illich, ao anunciar o fim da «era escolar» e ao denunciar a escola-vaca sagrada... urge, todavia, não esquecer que era justa a crítica a uma certa sacralização da escola — aparelho produtivista. Escola que pretende gerar, a partir de fora ou de cima e de modo determinista, um modelo social. De facto, em lugar de despertar consciências, de incentivar saberes e competências, de recusar a facilidade, a escola tem-se afundado na gestão cinzenta e errática de um sistema incapaz de saber o que quer e para onde vai, que todos criticam, mas que todos vão remendando sem esperanças de conseguir autênticos aperfeiçoamentos.

Para quê a escola? A pergunta tem de ser feita. É que continuamos a pensar erradamente na fábrica de diplomas, na máquina de dar instrução. Falta a dimensão cívica, falta o entendimento das interacções escola/sociedade e sistema escolar/desenvolvimento. Trata-se da dimensão qualitativa, da actuação para além da epiderme — da aposta na formação de cidadãos aptos a compreender as mudanças e a responder aos estímulos novos. Cidadãos capazes de escolher e de valorar.

Ainda Sérgio dizia no já citado livro de 1915: «Não vos canseis com problemas de compêndios e programas: cumpre revolucionar os próprios métodos, o ambiente social em que a criança vive, apelar para as acções e para os hábitos pelas acções instituídos.

Uma carneirada escolar dá uma carneirada administrativa e um decorador de compêndios um amanuense; mas se cada escola for uma cidade, um laboratório, uma oficina; se conseguirmos deslocá-la do enciclopedismo para a criação — o aluno ao sair irá marcado, terá amoldado o seu espírito à iniciativa produtora e virá a ser para a sociedade uma fonte de progresso» (p.84). Não basta, pois, limitarmo-nos às lamentações perante as incapacidades e fraquezas dos jovens saídos do sistema escolar. Importa mudar de atitude, olhando a escola a uma nova luz. Não se trata, afinal, de anunciar o fim da «era escolar», mas sim de compreender o primado criador da educação. Educação como factor de desenvolvimento e de equidade — e como modo de afirmação da sociedade aberta, da liberdade, da autonomia e do respeito pelas pessoas, individual e solidariamente.

ECU, DÓLAR E RUBLO

cont. da pág.anterior

situações claramente associadas às estratégias defensivas e impedir a utilização de uma pretensa barreira ideológica para que as transnacionais abusem de posição dominante.

Os Estados ocidentais vão certamente propor aos soviéticos que liberalizem a sua economia e facilitem a constituição de novas empresas mediante a criação de um clima mais favorável para investimentos estrangeiros.

Não será de estranhar que parta dos parceiros da EFTA a exigência de se aprovar uma lei-quadro com os fundamentos e garantias de uma cooperação a prazo e onde se enunciem as diferentes modalidades de cooperação económica (investimentos directos ou financeiros, participação em investigações científicas e aplicação industrial das descobertas científicas, actividade concessionária...).

Não será de estranhar que a URSS proponha abertamente projectos de envergadura no seu próprio território e a constituição de zonas francas. É entendível a estratégia soviética que no decurso da 45.ª sessão do Comecon, em Sófia, afirmaram que as suas compras no exterior deverão passar a ser efectuadas em divisas convertíveis, operação que se destina a preparar gradualmente a convertibilidade do rublo.

Este processo de integração económica do Atlântico aos Urais tem já os seus defensores declarados. O Presidente Mitterrand fala com insistência numa «confederação europeia» e tem sido o principal impulsionador das ajudas ao Leste com vista ao reequipamento tecnológico e não de excluir que queira imprimir à França um papel orientador no fortalecimento económico, procurando numa antecipação a um relacionamento económico e comercial preferencial ao eixo Alemanha-URSS. A diplomacia francesa não esconde a sua preocupação com a eventualidade da Alemanha poder liderar um «outro Mercado Comum» o que lhe daria um posicionamento geopolítico e económico terrível.

Vai começar, por conseguinte, o decisivo diálogo Norte-Norte com todas as implicações nas formas de desenvolvimento à escala planetária: energia, protecção ambiental, investigação científica e técnica, concessão de créditos. Veremos que comparticipação oferece o Comecon à CEE e EFTA quanto ao Programa de Modernização Tecnológica e a CEE no Comecon no programa Eureka... O diálogo Norte-Norte tem de mostrar ao mundo que se pretende para a Conferência de Helsínquia II um desenvolvimento equilibrado e a recusa de sociedades duais.

O Leste aprendeu que a generalização da propriedade colectiva dos meios de produção põe mais problemas que os que resolve e que faz estiolar a motivação fundada na iniciativa e que não há vida sem competição. Saiba o Oeste não dramatizar as dificuldades desencadeadas por todo o processo da *perestroika*. Talvez valha a pena recordar, a concluir, uma observação de Mikhail Gorbachev no seu discurso no Conselho da Europa (6-7-89):

«Limitar-se nas relações connosco a um lucro comercial imediato, significará deixar escapar a oportunidade de realizar uma cooperação económica de envergadura e a longo prazo - muito mais vantajosa - no contexto do processo europeu.» Bona e incidentalmente a reunião que se avizinha em Lisboa são etapas para enterrar a guerra fria que subsistiu às tensões dolorosas de 1979-1985. E sem a obtenção de resultados palpáveis Norte-Norte nunca se atingirá o diálogo Norte-Sul, determinante para o processo do desarmamento geral e completo do planeta.

B. S.

POLÍTICA

Visita a Paris termina hoje

Cavaco Silva à procura de francos

«Não estão em causa as remessas dos nossos emigrantes, pois não temos problemas com as contas externas. Queremos marchar rapidamente no desenvolvimento a nível da CEE e os investimentos dos portugueses radicados no estrangeiro são bem-vindos» - disse o primeiro-ministro português, quando abordado pelos jornalistas pouco antes do jantar oferecido aos empresários portugueses.

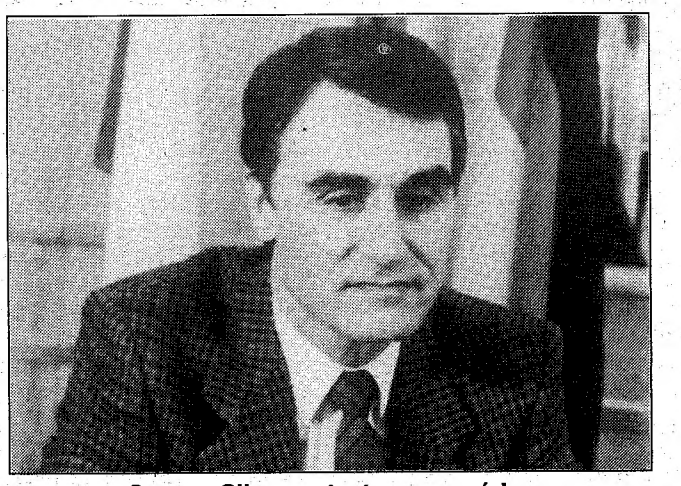
Cavaco e Silva referiu que após a promulgação da lei das privatizações a cem por cento é bom lembrar «que há mecanismos preferenciais para os pequenos accionistas, onde se podem inserir os interesses manifestados por alguns emigrantes».

O Clube de Empresários Portugueses de Paris, através do seu presidente Santos Teixeira propõe a constituição das poupanças de alguns residentes portugueses em Fundo de Investimento e a sua participação nessa qualidade, não consagrada na lei. Por seu turno, o primeiro-ministro disse que não se trata de privilegiar investimentos portugueses em face dos estrangeiros, «mas é evidente que os primeiros são preferidos». No mesmo sentido pronunciou-se o embaixador Gaspar da Silva, ao declarar ao DL haver muitos compatriotas interessados em investor no seu país e que a lei das privatizações abre essa possibilidade e novas perspectivas. Gaspar da Silva salientou o trabalho que tem sido desenvolvido pelas autoridades consulares aqui em França e não deixou de destacar um número: apenas 400 reclusos portugueses, numa comunidade de 800 mil pessoal oriundas de muitas regiões de Portugal.

Figura destacada no jantar oferecido ontem aos empresários portugueses foi a do banqueiro Manuel Espírito Santo, cujo êxito em França, ultrapassa já o sucesso obtido no nosso país, onde entre os interesses económicos que detinha se salienta o BESCL. Este empresário manifestou-se muito sorridente e não escondeu perante o DL o interesse que lhe desperta a lei das privatizações.

O primeiro-ministro veio a Paris dizer aos empresários que Portugal é um bom investimento. Com 800 mil portugueses aqui radicados, alguns deles já com uma imagem que nada tem a ver com o emigrante do «bidonville», Cavaco Silva pretende cativar investimentos, não só dos que tiveram sucesso longe do seu país, mas também dos empresários que olham Portugal como um território ibérico, onde uma revolução nacionalizou bens que ainda não pagou.

A visita de Cavaco Silva iniciou-se ontem, com um jantar oferecido aos empresários portugueses e luso-franceses na embaixada do nosso país, em Paris. Entre os presentes responsáveis por estabeleciemntos bancários aqui estabelecidos, empresários de construção civil, garagistas, um ourives e grande parte de representantes de empresas de Portugal com agências em Paris. Um espectro dificilmente retratável no seio de uma comunidade orgulhosa das divisões que grassam entre os seus membros. Mas fácil, isso sim, é fazer o perfil do imigrante aqui radicado: bem «comportado», cada vez mais integrado, mas sem conseguir afirmar-se como comunidade influente, cujo quantitativo poderia prematuramente fazer supor. Um exemplo: um inquérito elaborado pelas autoridades diplomáticas e endereçado às 874 associações obteve 205 respostas, ou seja, uma participação da ordem dos 23 por cento.



Cavaco Silva contacta empresários

Em média, uma associação contra 131 sócios e é frequentada mensalamente por 98 jovens. O tempo médio de cada associação, calculado através do seu reconhecimento oficial, é de 5,2 anos. Dedicam-se essencialmente ao ensino do Português, ao folclore e ao futebol. Paradoxalmente, diminui o número de portugueses a expressar-se no idioma que Fernando Pessoa designou por Pátria sua. Mesmo assim, o emigrante está preocupado com o ensino da língua, com a difusão da cultura, com o desemprego e com o regresso.

Estrangeiros em recessão

A mão-de-obra estrangeira está em recessão em França, onde nas empresas com menos de dez assalariados o número de imigrantes desceu de 1 074 000 para 703 mil em nove anos. Curioso assinalar uma redução de estrangeiros oriundos de países da CEE, com excepção dos portugueses, de longe os mais numerosos: 28,9 por cento do total.

Esta manhã, o primeiro-ministro trocou impressões com empresários naturais daquele que é o segundo maior investidor estrangeiro em Portugal, logo depois da Grã-Bretanha e antes da Espanha. Cavaco Silva reuniu-se ao pequeno-almoço com trinta membros do Conselho Nacional do Patronato Francês, o CNPF. Grande parte deles ocupa lugares de direcção em empresas que já possuem investimentos em Portugal ou interessados em fazê-lo. A estes, Cavaco Silva falou da lei das privatizações e, em suma, deu garantias àqueles que ainda precisam delas.

Com Michel Rocard e François Miterrand, encontros que se realizam numa altura em que o «DL» dá entrada na rotativa, o primeiro-ministro discutirá as questões bilaterais onde não se vislumbram contenciosos e, evidentemente, abordará agendas mútuas no quadro da Comunidade Económica Europeia.

A questão alemã, tema principal da cimeira extraordinária de Dublin, a 28 de Abril próximo e os estudos preliminares sobre a conferência intergovernamental a convocar pela presidência italiana, em Dezembro, estarão provavelmente sobre a mesa. Tudo indica que a França tentará demover os nossos governantes da posição radical sobre a agenda da cimeira extraordinária de Dublin. Ainda recentemente, em Bruxelas, Vítor Martins declarou ser contrário à abordagem de outros assuntos, designadamente a União Económica e Monetária. Neste aspecto, Portugal assume mesmo um radicalismo que os outros Estados-Membros consideram apanágio do Reino Unido. Eventualmente, Cavaco Silva poderá ser aconselhado a uma maior flexibilidade, até porque a França veria com bons olhos uma agenda mais rica na cimeira de Dublin.

Portugal deve ainda manifestar a preocupação pelos desvios de fundos comunitários para os países de Leste, desde que essa operação prejudique os Estados-Membros menos favorecidos. África Austral e os recentes desenvolvimentos políticos serão igualmente tratados e o primeiro-ministro irá, com certeza, defender perante Rocard e depois Miterrand, o estreitamento das relações entre a Europa e o aliado americano. As questões geo-estratégicas devem secundarizar-se e Cavaco Silva deixará Paris após um encontro, ao jantar, com a comunidade portuguesa.

Aqui surge o grande problema para a embaixada do nosso país: foi surpreendida com a existência de tantos representantes de associações portuguesas. E como é habitual nestas coisas, alguém vai ficar zangado por não ter estado com o primeiro-ministro. Este, partirá descansado, com a certeza do dever cumprido e, quem sabe, usufruindo do privilégio de poder dizer do Presidente da República Francesa: «Mon ami Miterrand».

José Rui Cunha

Abstenção ameaça Mário Soares

Jaime Gama (PS) e António Pinto Leite (PSD) andam desde há anos em minoria, no interior dos seus partidos. Ontem, num debate cheio de maldades, como adversários dentro das adversidades respectivas, demonstraram uma conclusão bíblica: certas verdades só saem inteiras da boca dos pequeninos. Pinto Leite provaria a ausência de candura dos minoritários que se defrontaram depois de bacalhau com natas, com declarações antes da sobremesa, num jantar-debate promovido pelo Instituto de Reflexão e Intervenção Social (IRIS): «Esta sala é muito o Romeu e Julieta do soarismo», disse. O tema proposto pelo IRIS foi a questão presidencial.

Entre os dois cordiais polemistas estavam, com efeito, o fundador e presidente da Assembleia Geral do Instituto, Silva Pinto, e o presidente da Direcção, Almeida e Costa, ambos militantes do MASP que apoiou Soares à chefia do Estado. Na assistência, gente do ex-Bloco Central seguiu com atenção a polémica.

Novo ciclo político

Ao abrir o debate, Jaime Gama integrou a eventual candidatura vitoriosa de Mário Soares à Presidência da República na abertura de «um novo ciclo político» da vida portuguesa, inaugurado com os resultados eleitorais das votações para o Parlamento Europeu e para as autarquias. Fez o elogio do «papel desdramatizador e atenuador de tensões» assumido por Mário Soares, bem como do seu alcance na vertente externa e da capacidade de, ao mesmo tempo, ser a voz das «carências colectivas» da nossa sociedade, a par do papel de defensor dos «sectores mais inovadores» da dita.

Jaime Gama esteve contra a negociação de pactos formais com partidos (era a luva lançada a Pinto Leite) e pela realização, num segundo mandato, em condições políticas diversas, do programa que o conduziu ao primeiro.

À direita, contra Cavaco

«Não sei se a reeleição de Mário Soares é um embaraço maior para o dr. Cavaco Silva ou para o dr. Sampaio», responderia Pinto Leite, que assumiu as suas (do «Grupo de Lisboa») distâncias perante a decisão da Comissão Política do PSD perante a questão presidencial, no sentido de contra ele não apresentar qualquer opositor. Disse ser «natural» o surgimento de uma «candidatura presidencial à direita, mais contra Cavaco Silva que contra Mário Soares». E declarou-se pronto para votar desta vez em Soares se os pressupostos do raciocínio de Jaime Gama não se verificassem, caso Soares continuar a desempenhar o papel que tem assumido, apesar de um sistema que lhe permitiria ser «De Gaulle ou Raínha de Inglaterra». Depois de citar «a maioria do PSD que ainda não está pronta para votar nele», Pinto Leite render-se-ia ao *charme* do actual Presidente, mas nunca incondicionalmente: «Eu votarei no dr. Mário Soares se ele me convencer. Ele ainda não me convenceu a votar».

Recordou, de passagem, o desgaste que a abstenção provoca no peso da legitimidade de quem é eleito.

Esta conversa veio depois da sobremesa, quando Gama se pronunciava sobre a capacidade do PSD no capítulo da transformação «da incapacidade em força».

Ambos reconheceram as virtudes do primeiro mandato do actual Chefe de Estado. Ambos deram uma ou outra alfinetada nos seus partidos. Da parte de Pinto Leite, todavia, foi deixada a sensação de a questão das Presidenciais do ano que vem não está resolvida, no PSD, por causa dos medos provocados pelas teses mais intervencionistas defendidas com cautela por Jaime Gama.

Francisco Paraíso

Jaime Gama e António Pinto Leite a pensar em Mário Soares

Pinto Leite invocaria Salomão para dar, de preferência, a maioria parlamentar ao PS, que a renegar a progenitura de um projecto que disse ser do seu herói, Sá Carneiro, o da unidade da Presidência,do Parlamento e do Governo.

Respondendo-lhe em nome da estabilidade, e com o acordo tácito do seu oponente, Gama sustentaria, por seu turno, que a citada estabilidade não é privilégio da hegemonia de qualquer partido.

João Isidro

Comunistas querem Área Metropolitana de Lisboa

O Partido Comunista Português apresentou hoje, o projecto-lei para a criação da Área Metropolitana de Lisboa, AML. Trata-se de uma autarquia com a qualidade de «pessoa colectiva territorial, dotada de órgãos representativos» e que a Constituição prevê.

Luis Sá disse que com esta proposta os comunistas pretendem «avançar com estruturas democraticamente eleitas, capazes de enfrentar os graves problemas existentes na Grande Lisboa».

De acordo com o projecto-lei, a AML deverá abranger os municípios de Alcochete, Almada, Amadora, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Moita, Montijo, Oeiras, Palmela, Seixal, Sesimbra, Setúbal, Sintra e Vila Franca de Xira.

Apoiar os municípios

«Ao propormos a criação de uma Área Metropolitana não queremos retirar recursos ou poderes de que as Câmaras já dispõem», acrescentou Luís Sá.

A AML deverá apoiar a acção dos municípios, «estabelecer regras de planeamento metropolitano, elaborar e aprovar o Plano Metropolitano de Ordenamento do Território, coordenar as intervenções das administrações central e municipais e das empresas concessionárias de serviço e abastecimento público, com acção no território da área metropolitana».

A proposta justifica-se, segundo Luís Sá, pela inoperância dos serviços e entidades ligadosaà administração central no que diz respeito à resolução dos problemas inerentes ao funcionamento dos grandes centros urbanos e municípios vizinhos. «Questões como o desordenamento do território ou os desequilíbrios ecológicos, no quadro actual, só podem ser resolvidas pelos ministérios, que nada têm feito», disse Luís Sá ao DL. Assim, as acções de planeamento e coordenação da AML deverão incidir no sistema de transportes, na rede viária regional, ambiente e recursos hídricos.

Compõem a AML, entre outros órgãos, a Assembleia Metropolitana (órgão deliberativo) o Executivo Metropolitano, que gere os seus destinos, o Conselho de Municípios que, com os seus 17 presidentes de Câmara (conselheiros) emite pareceres sobre propostas da Assembleia e o Conselho de Coordenação com a Administração Central.

João Amaral, substituto de Saramago, ao DL:

«Gosto da política com certa truculência»

«Quero ter um papel participativo nas actividade da Câmara: mas não me estou a ver espicaçar seja quem for. Pelo contrário, vou cooperar lealmente num quadro de serviço às populações de Lisboa», disse ao DL o deputado João Amaral, novo presidente da Assembleia Municipal, indicado pelo Partido Comunista para substituir o demissionário José Saramago.

Amaral disse-nos gostar *«da política exercida com uma certa truculência»* mas garantiu também que *«essa truculência tem por limites, em primeiro lugar, o respeito pelos adversários e, em segundo lugar, a eficácia dos trabalhos»*. Em função disso e manifestando a convicção de que *«poderemos fazer em Lisboa uma boa Assembleia Municipal»*, assegura contar, para tal tarefa, também com *«o interesse e a colaboração dos deputados municipais da oposição, a começar já na elaboração do novo Regimento»*.

Perguntámos a João Amaral se a demissão de José Saramago não enfraquecia as hipóteses de a experiência lisboeta entre comunistas e socialistas poder servir de exemplo a acções conjuntas noutras áreas políticas. Respondeu-nos, ladeando a questão, que *«a Assembleia Municipal tem um trabalho de aprendizagem no seu conjunto e é preciso encontrarmos um estilo próprio; mas as primeiras reuniões ainda não definiram esse estilo»*.

Declarando *«respeito e a amizade»* para com *«o meu camarada José Saramago»*, Amaral lamentou-se por não ser o demissionário escritor a completar o trabalho na Assembleia Municipal de Lisboa. Mas comprometeu-se a levar por diante os propósitos anunciados por Saramago de fazer da Assembleia Municipal *«o verdadeiro Parlamento de Lisboa e onde se proporcione o debate franco dos grandes projectos para a cidade»*.

Indicado para vigiar um ninho de críticos?

O novo presidente da Assembleia Municipal vai continuar na Assembleia da República, nomeadamente na Direcção do seu Grupo Parlamentar e nas comissões de que faz parte, embora admita ter de reduzir a quantidade de trabalho parlamentar, no âmbito da política externa e da defesa em que se sente à vontade. Recusa, por outro lado, os qualificativos de ortodoxo puro e duro com que o mimosearam, a propósito da substituição de Saramago, mas acentuou ser para ele importante *«estar na política com coerência»*.

«Não vou mudar as minhas opiniões pelo que se escreve a meu respeito», acrescentou. *«Mas acho que têm aparecido relatos completamente inverídicos imputando-me acções e frases que eu nunca pratiquei nem disse. E neste quadro penso que as formulações, acerca desta ou daquela pessoa, às vezes, têm mais a ver com os objectivos prosseguidos por outros do que propriamente com o que ela seja»*.

Insistimos nas razões de José Saramago para se demitir, tantas foram as desconsiderações da hierarquia comunista aos sectores críticos em que ele se integra; mas Amaral também fez questão de registar que essas críticas *«nada têm a ver com a Assembleia Municipal, onde não houve nenhuma polémica sobre a actuação de José Saramago»*.

«Quanto ao mais, qualquer opinião minha seria especulativa porque só conheço o conteúdo da carta que foi publicada, nada mais», comentou.

--A sua indicação para a presidência da Assembleia Municipal não visa, deliberadamente, a vigilância do ninho de críticos que está a crescer na Câmara Municipal de Lisboa?--perguntámos a João Amaral.

Ele respondeu *«não os conheço»* e garantiu que as sessões anteriores da Assembleia Municipal foram *«normais no âmbito da coligação Por Lisboa»* e que não deu ela existência dessa corrente crítica.

Daniel Reis

PS e PCP «acertam agulhas»

Uma delegação do PCP esteve ontem à noite reunida na FAUL com membros da Assembleia Municipal do Partido Socialista, liderados por António Costa. Este encontro destinou-se definir a estratégia dos dois parceiros de coligação e a limar arestas, quanto ao futuro relacionamento dos dois partidos, tendo em conta a substituição de Saramago por João Amaral, na presidência da AM.

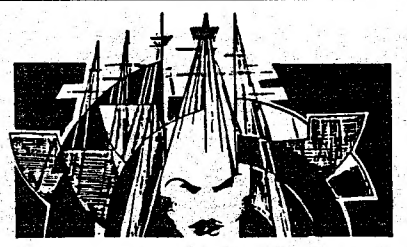
O PS aceitou o nome de João Amaral, mantendo algumas reservas. Os socialistas ainda não se esqueceram da oposição feita, por presidentes de junta do PCP, à proposta de o presidente poder autorizar obras até 100 mil contos, sem consultar o executivo. Os dirigentes do PS não estão dispostos a aceitar mais «bloqueios» do mesmo género. O PCP, por seu lado, quer cumprir a promessa eleitoral de transformar a AM num verdadeiro parlamento fiscalizador dos poderes camarários.

INATEL

INATEL

ACTIVIDADES CULTURAIS

TEATRO DA TRINDADE



AUTO DA INDIA

DE GIL VICENTE

PELA COMPANHIA VICENTINA

TEATRO DE TODOS OS TEMPOS

TEATRO · MUSICA · BAILADO

7 de MARÇO a 29 de ABRIL de 1990

Actores	Bailarinos	
HERMINIA TOJAL	SAMUEL ESTEVES	CELIA CARDOSO
LUIS VICENTE	MARTA LAPA	ANTONIO FONTINHA
ANGELA PINTO	ANA BERGANO	(ACTOR BAILARINO)
JULIO MARTIN	FILIPA FRANCISCO	
JORGE PARENTE	CRISTINA BENEDITA	
	SOFIA LOPES	

ENCENAÇÃO E COREOGRAFIA: AGUEDA SENNA
CENOGRAFIA E FIGURINOS: JOÃO QUINTÃO
MUSICA ORIGINAL: NUNO REBELO
ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO: GRAÇA CORRÊA
ASSISTENTE DE COREOGRAFIA: JOÃO SENNA

De 5ª Feira a Sábado, às 21.45 horas.
Domingos às 16 horas.
Matinés especiais para as escolas.
Descontos de 50% para os sócios do INATEL, C.C.Ds., Sindicatos e grupos de 10 ou mais pessoas.

Conferências na paróquia do Campo Grande

Quando o Evangelho vem de fora

António Guterres, Silva Lopes e José Luís Judas, analisando cada um temas diferentes, não divergiram nas suas opiniões sobre o futuro que espera os portugueses na CEE, no plano das vantagens, riscos, desemprego, concorrência, desigualdades e solidariedade, temas de ontem do ciclo de conferências promovido pela paróquia do Campo Grande.

Mas a grande convergência seria feita pelo Padre Armindo, prior da paróquia, que no final, agradecendo aos três participantes, disse que eles haviam feito um levantamento de problemas que muitos desconheciam e que isso era «um contributo para o caminhar da Igreja».

Foi mais longe, ao afirmar textualmente: «Sem uma visão do mundo o Evangelho fica no ar, não é o Evangelho de Jesus Cristo. Nesse sentido vós viestes trazer-nos o Evangelho de Jesus Cristo».

Silva Lopes abordou a questão da Europa comunitária no plano macroeconómico, defendendo a especialização em áreas específicas porque «uma proporção cada vez maior das mercadorias produzidas será detinada à exportação e uma fracção cada vez maior dos produtos consumidos será importada».

Do seu ponto de vista, a experiência demonstra que a nossa integração, até agora, está a ter um impacto «altamente positivo», e considerou-a como o factor mais importante do nosso desenvolvimento nos últimos anos.

Referiu-se aos subsídios recebidos por Portugal, que têm contribuido para o desafogo financeiro do País mas, lembrou, se fossem introduzidos na balança de pagamentos os dados de 1983 (exclusão dos subsídios comunitários) «chegávamos a valores que nos assustavam».

Alertou para o facto desta situação poder vir a ser alterada «porque os países do Leste estão todos de mão estendida e a mão deles é maior que a nossa».

Outra das suas previsões é um aumento da emigração, com os trabalhadores procurando melhores salários noutros países comunitários e a consequente escassez de mão de obra.

Muitas empresas vão, por isso, tornar-se inviáveis quando os salários subirem.

A União Monetária Europeia vai, igualmente, colocar diversos problemas. Um deles é tornar inúteis as estratégias económicas por vezes seguidas.

«O que tem sido feito quando temos problemas é desvalorizarmos a moeda e baixar os salários reais, equilibrando a economia à custa dos sindicatos», disse Silva Lopes com ironia e algum sentimento de cumplicidade.

António Guterres centrou a sua intervenção em questões sociais e considerou a curto prazo «suicida» a estratégia que está a ser seguida de investimentos baseados nos baixos salários em Portugal.

«Esta estratégia tem permitido, nos últimos anos, o agravamento das desigualdades sociais e um processo de concentração de riqueza que deve ter pouco paralelo no mundo.

Vivemos uma estratégia de desenvolvimento gerado num factor que a curto prazo vai desaparecer».

Guterres considerou que o aspecto crucial para o nosso desenvolvimento está no investimento no homem, que temos um dramático problema de organização interna e é grave que venham os outros organizar-nos.

«O defeito fundamental dos portugueses é a inveja, o que acelera a tendência para a mediocridade geral. Quando alguém começa a fazer bem e a dar nas vistas logo lhe tiram o tapete».

Na perspectiva sindical, José Luís Judas salientou que a integração na CEE implica vantagens e riscos para a economia que o Estado não tem defendido», alertando para o facto de não estar a ser acautelado «o direito vital» e para «o risco real de Portugal estar a ser vendido ao desbarato».

Problemas das mulheres debatidos no Parlamento

Copo meio cheio para umas e para outras meio vazio

Os problemas das mulheres, que a maioria parlamentar se recusou a debater, condignamente, a 8 de Março passado, Dia Internacional da Mulher, ocuparam ontem em exclusivo o plenário da Assembleia da República. Isto por exigência do Partido Comunista que, no suporte à iniciativa das suas seis deputadas—Ilda Figueiredo, Luisa Amorim, Odete Santos, Lurdes Hespanhol, Apolónia Teixeira e Ana Paula Coelho—queimou um dos quatro agendamentos a que tem direito por sessão legislativa.

Luisa Amorim e Ilda Figueiredo funcionaram como *pivots* do debate sobre os problemas das mulheres

Tão a sério foi o debate que a maioria se viu obrigada a envolver nele uma das suas estrelas, a ex-ministra da Saúde, Leonor Beleza, com o apoio de dois homens de peso na bancada, Rui Carp e Correia Afonso, e os contributos esparsos de Manuela Aguiar, vice-presidente da Assembleia.

Ao cabo e ao resto, oposição e maioria resultaram mutuamente embaraçadas diante do dilema de saber se o copo onde cabem os problemas das mulheres na sociedadese e as respectivas tentativas de solução, legais e outras, está meio cheio ou meio vazio.

Para o PCP, é óbvio que o copo das soluções está meio vazio; para o PSD e concretamente para Leonor Beleza—autora aliás da alusão ao dilema que usámos em título—o copo das soluções dos problemas das mulheres estará, eventualmente, só meio cheio, mas nunca teve lá dentro tanto de positivo como o que nele despejaram os Governos de Cavaco Silva.

A ex-ministra o disse, «*os governos do PSD têm feito mais pela efectiva igualdade de direitos da mulher do que quaisquer outros precedentes*», e se ainda hoje existem desigualdades de tratamento, nomeadamente no plano laboral, é porque a própria sociedade ainda não está suficientemente sensível para estes problemas como deveria estar. E não se muda a sociedade de um dia para o outro, só com leis e decretos, insistiu Leonor Beleza.

As deputadas do PS, em particular Julieta Sampaio, Helena Torres Marques e Teresa Santa Clara Gomes, optaram por considerar como válidas as duas teorias, ou seja, para eles o copo está, mesmo, meio cheio e meio vazio. Pelo caminho foram distribuindo galhardetes a Leonor Beleza, quer pelo seu discurso, relativamente avançado e tolerante para o que é prática na maioria, quer pelo modo como exerceu o poder enquanto ministra, e onde revelou (*sic*, segundo Julieta Sampaio), «*uma energia e uma capacidade que só honram as mulheres*».

«*É o contrário*», comentou Luisa Amorim, «e se alguma coisa ficou da passagem de Leonor Beleza pelo Ministério da Saúde, foi a memória de um discurso masculino no poder e da intolerância».

«*Que o digam as mulheres que cada vez mais vão parir os seus filhos nos táxis e nas ambulâncias, por não terem tempo de chegar aos 18 hospitais distritais onde a ex-ministra da Saúde concentrou os serviços das maternidades*», concluiu a médica e deputada da bancada do Partido Comunista.

Daniel Reis

BOCA DE CENA

Salvo seja: que esfalfadela!

«*Sociólogos do futuro avançam vatícinios baseados na leitura de sinais que indicam que no ano 2000 o poder transitará para a liderança feminina*», disse ontem Natália Correia, durante o debate sobre os problemas das mulheres, antes de exclamar «*Salvo seja! Que esfalfadela!*», perante tal perspectiva que, visivelmente, não lhe agrada.

«*Por mim, podem os homens ficar nos governos e gerir coisas cada vez menos interessantes, mas de que eles gostam muito, como a economia e a política que a serve*», comentou a deputada do PRD. Mas pôs uma condição:

«Contanto que tirem da sua natureza aquilo que também há de feminino neles».

O sexto Parlamento com mais mulheres

Uma das provas trazidas à colação por Leonor Beleza, para demonstrar que a igualdade de direitos conquistada pelas mulheres portuguesas é mais efectiva do que diz o Partido Comunista, foi o número de deputadas à Assembleia da República. Elas são 25 num total de 250 deputados, portanto, um décimo.

O parlamento português ocupa, neste aspecto, o sexto lugar entre os países da CEE, à frente de parlamentos tão antigos e prestigiados como a Câmara dos Comuns e a Assembleia Nacional Francesa.

O deputado-surpresa Herculano Sequeira

«*Um bonito gesto feminista*» teve o deputado Herculano Pombo, dos Verdes, segundo lembrou ontem Manuela Aguiar, ao adoptar o nome da mulher, no acto do casamento. Foi por isso mesmo que a deputada do PSD, vice-presidente da Assembleia e momentâneamente a presidir à sessão, o chamou de Herculano Sequeira quando lhe comunicou que chegara a sua vez de intervir.

Mulheres, ontem, na Assembleia da República: Helena Roseta, junto da bancada do PS, com indumentária apropriada a este especialíssimo dia; Io Apoloni na tribuna, entre o numeroso público feminino que assistiu à sessão, e Leonor Beleza e Julieta Sampaio trocando galhardetes e amenidades

Socialistas reunem Congresso no Porto

«A realização do IX Congresso do PS na capital nortenha é a homenagem do partido ao Porto e às gentes do Norte», disse ao DL Carlos Laje, presidente da Distrital dos socialistas portuenses. A reunião magna terá lugar entre 25 e 27 de Maio no Coliseu do Porto, cidade onde ontem foi anunciada não só por Laje, mas também por outros militantes do PS que integram a Comissão Organizadora do Congresso (COC).

Na conferência de Imprensa que anunciou o Congresso, Ferraz de Abreu previu a existência de várias moções de estratégia de apoio a Jorge Sampaio, sem que se manifeste, todavia, qualquer oposição à figura do líder. Os responsáveis socialistas adiantaram ainda que vão ser apresentadas ao Congresso propostas de alteração aos estatutos do partido.

O órgão máximo dos socialistas vai reunir num enquadramento decorativo inovador, tendo os seus organizadores o cuidado de lhe conferir «grande dimensão mediática».

O apoio do PS à descentralização e à regionalização figura igualmente entre os objectivos implícitos nesta convocatória para a capital nortenha, cidade que, antes, albergará um «congresso paralelo», nos termos que Carlos Laje utilizou quando definiu ao DL «o diálogo com o Porto, com eventual presença de responsáveis políticos comunitários, sobre a Plataforma Política» que o eleitorado vai sufragar no ano que vem. Vai ser «um grande colóquio sobre a nova Europa e o socialismo democrático», segundo Carlos Laje.

Associações de pais são parceiro social

As associações de pais e encarregados de educação vão ter estatuto de parceiro social, de acordo com uma decisão tomada pelo Conselho de Ministros. Na sua reunião de ontem, aprovou uma proposta de lei a enviar à Assembleia da República para legislar no sentido de definir o estatuto de definir o estatuto daquelas associações.

O novo estatuto deverá consagrar, nomeadamente, os direitos e obrigações das associações de pais e a institucionalização das suas relações como Estado. «Com esta iniciativa ficará assim reconhecido o papel de parceiro social estas associações», disse o porta-voz do Conselho de Ministros.

Uma outra medida passa a garantir ao Instituto Português de Cinema uma verba fixa a sair do Orçamento do Estado, em vez do adicional de 10 por cento que este cobrava na venda de bilhetes de cinema. O seu preço vai assim diminuir numa altura em que a «guerra» dos vídeos faz sentir os seus efeitos em todo o lado.

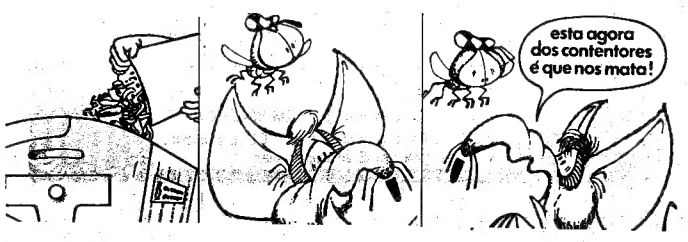
Trangeste

Sociedade de Transportes e Trânsito, Lda.

LISBOA: AV. D. CARLOS I, 45-2.º ESQ.
1200 LISBOA
Tel. 609305/600676
Fax. 678166
Telex 42816

PORTO: RUA ALFREDO DA CUNHA, 125 — SALA 9
Apartado 241
4453 MATOSINHOS CODEX
Tel. 936893/9371577/9370657
Fax. 933008
Telex 20243

TEM O PRAZER DE COMUNICAR QUE FOI NOMEADA AGENTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL POR:
UNION-TRANSPORT GmbH & Co. •HG — ALEMANHA
INCLUINDO O GRUPO ALSTER



INTERNACIONAL

Travagem no Brasil

Nada melhor para pensar o Brasil do que as situações que no dia-a-dia do Rio de Janeiro fazem parte dos códigos de entendimento entre as pessoas, ou se incorporam no modo de dizer as emoções que nos vão acontecendo. A cidade tem sinais e exclamações, gestos e gírias que, retomados conscientemente, valem para descrever todas os matizes das coisas, até aquelas que não se conseguem alinhar por palavras. Recebo assim, por reviver o quadro, a sugestão sensual do país há dias confrontado com o pacote económico a desembrulhar de boca amargada em dolorosa digestão. Vem-me do jornalista Alberto Dines, sábio de brasilidade e sabedor por inteiro de outros episódios de outras batalhas, desde 1988 residente em Portugal, em conversa sobre as últimas notícias. Ele lembra-me aquelas vezes em que os motoristas de ónibus na cidade, em hora de ponta, dão toque nos travões entre uma e outra mudança, para arrumar os passageiros amontoados de pé. É assim, há muitos anos, o modo prático de refazer o espaço e ajeitar a confusão para contento de todos e bom final de percurso. Mas não queiram saber, meus amigos, o impacto de tal toque! Têm aparecido impressas nos jornais todas as variantes da palavra «perplexidade», para descrever a ressonância do choque económico anunciado na semana passada. As mesmas variantes servem de síntese à temperatura emocional destes dias, quando há conversas telefónicas com vários interlocutores no menor prazo de tempo possível, para saber de tudo e todos no Brasil. Fica-se com a ideia de um país inteiro mergulhado na maior confusão, suspenso por infinitas perguntas a formular, e nas eventuais respostas para a grande mudança na filosofia da sobrevivência ocorrida com a posse do Presidente Fernando Collor. Acredita-se que a morte do cruzado novo com o renascimento do antigo cruzeiro e o seu concreto cortejo de medidas económicas vai derrubar a inflação, eliminar o défice público, reduzir as desigualdades sociais extremas, permitir a renegociação da dívida externa. Espera-se que com tudo isto, o Brasil alinhe na lista dos países viáveis para parceria no mundo, e os brasileiros tenham a sua dignidade recuperada. Mas é difícil dizer o Rio de Janeiro por estes dias vazio nas praias, lojas e restaurantes, deserto de ruas, em retiro de meditação, a refazer o corpo e a cabeça para a prática de novas e firmes regras, sobretudo quando o desregramento de há muito tem regido as atitudes e os comportamentos..

Leonor Xavier

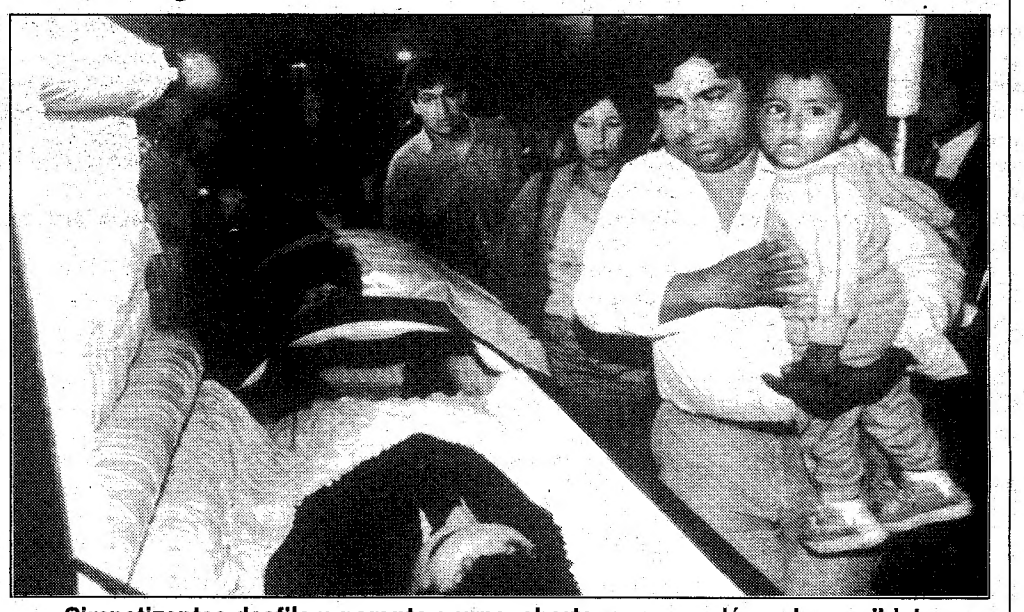
Candidato de esquerda assassinado na Colômbia

Bernardo Jaramillo, candidato às presidenciais pela União Patriótica, foi ontem morto a tiro em Bogotá. O Governo acusa o Cartel de Medellin

O ministro colombiano da Defesa, general Oscar Boteroa acusou os traficantes de droga, em particular Pablo Escobar, chefe do Cartel de Medellin, de serem os responsáveis pelo assassinato ontem no aeroporto de Bogotá, do candidato da União Patriótica (formada pelo partido comunista e por ex-membros da guerrilha esquerdistas), Bernardo Jaramillo, às eleições presidenciais de 27 de Maio.

Acompanhado pela mulher e por uma dezena de guarda-costas da polícia secreta, Jaramillo preparava-se para embarcar no aeroporto Eldorado, de Bogotá, para uns dias de férias, quando um homem disparou uma metralhadora contra ele, ferindo-o no tórax e no abdómen com quatro balas. Conduzido de imediato ao hospital, viria a morrer dos ferimentos pouco depois. Os guarda-costas conseguiram apanhar o autor do atentado, Jairo Retrepo Posada, de 21 anos, depois de o terem ferido num braço e numa perna.

O general Boteroa, ao sair de uma reunião do Conselho Extraordinário de Segurança, afirmou que os serviços secretos interceptaram comunicações entre Pablo Escobar e alguns dos seus homens de mão, em que estes últimos reclamavam a autoria do atentado e pediam um adiantamento de cerca de 650 dólares. Vários telefonemas a orgãos de informação reinvidicaram também o atentado para o comando Gonzalo Rodriguez Gacha, nome do número dois do Cartel de Medellin, morto pela polícia em 15 de Dezembro do ano passado.



Simpatizantes desfilam perante a urna, aberta, com o cadáver do candidato presidencial colombiano, Bernardo Jaramillo, alegadamente assassinado por membros do Cartel de Medellin

Mais de mil mortos

Bernardo Jaramillo, um advogado de 39 anos de idade, tinha sido ameaçado de morte por diversas vezes, o que o obrigou a passar quatro mêses na Europa, no ano passado. Durante esse período a polícia colombiana descobriu um plano para o assassinar no aeroporto, tendo a sua segurança sido reforçada quando voltou. Desde a sua fundação há seis anos, a UP já teve mais de mil membros mortos. Jaramillo assumiu a liderança de organização em 1987, depois do assassinato do anterior líder e fundador, Jaime Pardo Leal, também por ordem dos barões da droga, mais precisamente por Gonzalo Rodriguez Gacha.

A UP anunciou que se retira das eleições presidenciais e acusa o ministro do Interior, Carlos Lemos, pela morte do seu líder. Há dois dias, Lemos acusou os dirigentes da UP de serem cúmplices da guerrilha comunista das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Reagindo as estas acusações o próprio Jaramillo respondeu na televisão ao ministro dizendo que ele estava a assinar uma autêntica condenação de morte aos dirigentes da UP com as suas declarações irresponsáveis.

Após a morte do dirigente da UP, os militantes da organização sairam às ruas aos gritos de «Lemos, assassino», exigindo a sua demissão. Ocorreram distúrbios por várias cidades da Colômbia, estando as Forças Armadas e a polícia de prevenção. Em Bogotá, o Presidente da Câmara decretou ontem a proibição do álcool, enquanto o centro da cidade se encontra ocupado por tanques e carros anti-distúrbios. Milhares de pessoas têm se dirigido à sede do Congresso onde se encontra o corpo de Bernardo Jaramillo, para lhe prestar as últimas homenagens.

Redacção «DL»/AFP

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SERVIÇOS DE PORTARIA, VIGILÂNCIA, LIMPEZA E ACTIVIDADES SIMILARES

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Camaradas

Para os efeitos do estipulado nos Estatutos, particularmente no seu artigo 27.º, por este meio venho convocar a Assembleia Geral do Sindicato para reunir no próximo:

DIA 1 ABRIL 1990 DOMINGO ÀS 15.00H

Com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS:
. ÚNICO — Analisar e decidir sobre o relatório e Balanço da Actividade Sindical e Contas 1989.

LOCAIS			
LISBOA Sindicato Comércio (CESL) R. Almirante Barroso, 3 LISBOA (Junto ao L. Estefânia)	SETÚBAL L. da Misericórdia, 46-2.º 2900 SETÚBAL Tel. 065-27708	PORTO P. Carlos Alberto, 123-3.º Sala 35 4000 PORTO Telefs. 02-523756/81	COIMBRA Av. Fernão de Magalhães 24, 2.º-C 3000 COIMBRA Tel. 039-20809

Camaradas

Recordo o seguinte:

1.º) Todo o Sincidalizado deve trazer o seu cartão de sócio;

2.º) A Assembleia iniciará os trabalhos à hora marcada ou 30m após se não estiverem presentes a maioria dos sócios de acordo com o artigo 32.º.

Saudações Sindicalistas.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
João Carlos N. Victoria Pereira

Nota: O relatório contas encontra-se à disposição dos associados nas sedes a partir de dia 28/3/90.

Lisboa e Sede Central Sindicato, 16/3/90.

A afirmação é de De Klerk

Negros vão ter direito a voto

«Todos os sul-africanos terão voto, esse voto será de igual valor, e teremos uma situação de participação de todos a todos o níveis do Governo». Nunca um alto responsável do Governo sul-africano, e especialmente um presidente, foi tão claro quanto à participação da sociedade negra do país num regime pós-*apartheid*. As palavras foram proferidas pelo presidente Frederik De Klerk aos jornalistas, ontem, depois do encontro com o secretário de Estado norte-americano, James Baker, e pode ser interpretado como uma clara referência a uma das questões em aberto na África do Sul, à do «um homem, um voto». O presidente sul-africano acrescentou, no entanto: «teremos também uma situação de protecção adequada dos direitos das minorias».

A visita de James Baker à Africa do Sul, por sua vez, constituiu outro facto inédito. Desde 1978, altura em que Cirus Vance ocupava a secretaria de Estado norte-americana, que Pretória não recebe um alto responsável dos Estados Unidos. Este facto, aliás, causou algum descontentamento entre os sectores próximos do ANC e de Nelson Mandela, que consideram prematura a iniciativa de Washington, uma vez que não foram ainda abolidos todos os aspectos que caracterizam o *apartheid*. Nelson Mandela defende a manutenção das sanções contra Pretória como garantia da irreversibilidade das abertura siniciadas pelo presidente De Klerk. Mas essa garantia foi dada pelo presidente sul-africano a James Baker, durante a sua estadia na Cidade do Cabo. Baker vai estar ainda hoje em Kinsahsa, onde estão previstos encontros com o presidente zairense, Mobutu Sese Seko, e o líder da UNITA, Jónas Savimbi. Este encontro está a ser seguido com particular expectativa, numa altura em que se volta a falar sobre a possibilidade de um cessar-fogo, proximamente em Angola. O presidente Eduardo dos Santos recebeu na semana passada o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Eduard Shevardnadze, e encontrou-se com James Baker, em Whindhoek, onde a questão do conflito angolano ocupou os bastidores da diplomacia, durante a independência da Namíbia.

Redacção «DL»/Reuter

«Apenas pela brutal força militar» o líder soviético conseguirá que os cidadãos acatem a ordem de entregar as armas, disse o presidente da Lituânia

Lituanos: «não» a Gorbachev

O Presidente da Lituânia, Vytautas Landsbergis, disse que "apenas pela brutal força militar" o Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, conseguirá que os lituanos acatem a ordem de entregar as armas.

Na opinião de Landsbergis, o decreto de Gorbachev, publicado na quarta-feira, demonstra que "o fantasma do estalinismo anda no Kremlin". Ontem à tarde, uma coluna de 15 veículos blindados de transporte de tropas e cinco camiões percorreram o centro da capital lituana.

Em declarações ao Parlamento lituano, o comandante da Agência de Defesa Civil da Lituânia, general Taurinskas, assinalou ter-lhe sido ordenado que entregasse todas as armas de pequeno calibre às unidades militares, para evitar o seu roubo e "uso indevido".

Também os 16.000 veículos pertencentes à agência terão de ser devolvidos, referiu, sem indicar que outras armas fazem parte do equipamento ao dispor das cerca de 600 unidades de voluntários que compõem a organização.

Ao ser-lhe perguntado se estava preparado para obedecer às leis da Lituânia, o general respondeu: "Na minha opinião, devo obedecer às leis adoptadas pelo Conselho Supremo lituano, mas há também leis da União Soviética que eu tenho de acatar.

Kazimiera Prunskiene, a primeira-ministra da república, definiu o decreto de Gorbachev como "uma expressão de desconfiança em toda a população".

Entretanto, forças fronteiriças da polícia secreta soviética (KGB) reforçaram os postos fronteiriços e outras unidades ao longo das fronteiras internacionais da República da Lituânia, segundo a agência oficial soviética Tass.

De referir que Gorbachev ordenou à Lituânia que cesse a inscrição de voluntários para brigadas de defesa do território, determinação essa que foi ignorada.

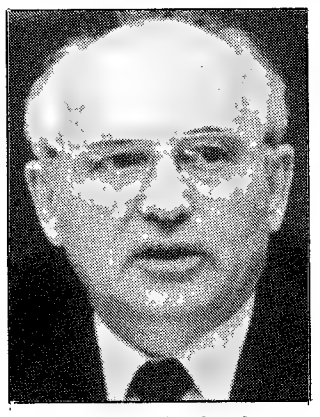
O Senado dos Estados Unidos manifestou ontem apoio à independência e democracia da Lituânia, um dia depois de ter derrotado, sob pressão do Presidente Bush, uma mensagem de apoio mais enérgica.

O Senado aprovou a noite passada, por 93 votos a favor e nenhum contra, uma resolução em que se afirma que os Estados Unidos apoiam inequivocamente "o direito do povo da Lituânia à independência e à democracia".

George Bush apelou entretanto para o início de negociações entre Moscovo e a Lituânia, com vista a reduzir as tensões entre as autoridades soviéticas e os dirigentes lituanos.

Também o Parlamento polaco aprovou uma resolução em que apoia a proclamação de independência da Lituânia.

O novo Parlamento lituano (pró-idependentista), ao apelar para o apoio mundial,



Ordem de Gorbachev para entregar armas não é acatada pelos lituanos

acusou hoje Moscovo de preparar-se para impedir a sua decisão de se separar da União Soviética.

O gabinete de Informação da república báltica afirma em comunicado que se tornou "cada vez mais evidente nos últimos dias que outro Estado está a preparar o uso da força contra a República lituana e os seus cidadãos".

Redacção «DL»/ Lusa/AFP

Direita húngara pode ganhar eleições

A Aliança dos Democratas Livres (ADL), que lidera as sondagens para as primeiras eleições livres na Hungria após 40 anos de comunismo, detém, a dois dias da primeira volta, 23 por cento das intenções de voto, 1,5 por cento mais do que o segundo partido, o Forum Democrático, de centro-direita. Nenhum deles obteria maioria absoluta sendo assim necessária a formação de coligações. Os principais candidatos apresentam três pontos comuns nas respectivas plataformas políticas: fazer da Hungria uma democracia parlamentar e um país neutro, fora do Pacto de Varsóvia e ainda promover uma economia de mercado.

A ADL, fundada por dissidentes do Partido Comunista, é um partido ao estilo ocidental inspirado nos princípios liberais norte-americanos e na social-democracia. O Partido Socialista Húngaro (PSH) aparece em quarto lugar com 8,7 por cento, atrás do Partido Independente dos Pequenos Proprietários Rurais. Este último conseguiu 17 por cento das intenções de voto devido às suas promessas eleitorais de devolver as terras ocupadas pelos comunistas no final da década de 40. Analistas políticos afirmam que este partido poderá ser fundamental para a formação do futuro governo, pela sua previsível posição de «charneira», dando ou retirando a maioria ao partido vencedor. O presidente do Forum Democrático, Jozsef Antall, candidato mais forte ao futuro lugar de primeiro-ministro, já disse que o seu partido está politicamente próximo dos pequenos proprietários rurais.

Reuter/AFP

Polónia desenvolve ofensiva diplomática

Os polacos não descansam enquanto não virem as suas fronteiras com a Alemanha definitivamente aceites, de forma inequívoca, por toda a comunidade internacional. A diplomacia polaca abriu, por assim dizer, três frentes de ataque. Uma em Washington, liderada pelo primeiro-ministro, Tadeusz Mazowiecki, uma outra no Luxemburgo encabeçada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Krzizstof Skubiszewski e uma terceira em Lisboa na reunião quadripartida do Conselho da Europa que se inicia esta tarde no Hotel Ritz.

Mazowiecki encontrou-se, ontem, em Washington, com o presidente norte-americano, George Bush. Durante a reunião, os dois lados tentaram minimizar as diferenças que os dividem, nomeadamente a questão da necessidade de um tratado germano-polaco que assegure a intangibilidade das fronteiras alemãs, a presença de tropas soviéticas na Polónia e o papel que os polacos deveriam ter nas negociações «2 mais 4» sobre a unificação alemã. No entanto, as posições mantiveram-se, tendo George Bush reafirmado a sua posição de não alargar as negociações «2 mais quatro» à Polónia e de não ver necessidade imediata de um tratado germano-polaco.

No Luxemburgo, ontem, perante os parlamentares europeus reunidos em sessão extraordinária da Assembleia da União Europeia Ocidental (UEO), Skubiszewski defendeu a criação de brigadas multinacionais, e nomeadamente de uma germano-polaca, para vigiar a fronteira ao longo da linha Oder-Neisse. Ao ser o primeiro dirigente de Leste a falar perante parlamentares da UEO, a única instituição europeia competente em matéria de defesa, o ministro dos Negócios Estrangeiros polaco afirmou que o seu país não se opunha à «neutralização» da Alemanha unida, deixando entender que a Pólonia apoiaria a adesão da nova nação germânica à NATO. Skubiszewski referiu ainda que o Pacto de Varsóvia tinha perdido a « coloração ideológica», servindo actualmente como « organismo de consulta» entre os seus membros. No entanto, ao manifestar a opinião de que o Pacto de Varsóvia se dissolviria «logo que um sistema de segurança europeia se tornarse uma realidade», o ministro polaco disse também que a NATO e a UEO não «asseguram uma função estabilizadora», em particular na perspectiva da unificação alemã.

Krizstof Skubiszewski, chega hoje a Lisboa para uma reunião quadripartida com o Comité de Ministros do Conselho da Europa onde serão discutidos os problemas do «retorno» à Europa do ex-bloco de Leste.

Redacção "DL"/AFP/Lusa

Os heróis da banalidade

Continuação da 1.ª página

Se os eleitores da RDA parecem desejar apenas integrar-se na democracia e no suposto paraíso do consumo ocidental, sob a protecção da República Federal, a questão poderá ser menos linear noutras paragens, desde a Polónia à Roménia, onde as tradições políticas e os conflitos nacionais e regionais podem mesmo impulsionar novas tentações autoritárias, por hipótese corporativas e conservadoras.

Não parece, por enquanto, relevante, aos olhos da maioria dos habitantes dos países do Pacto de Varsóvia, saber se a democracia ocidental é incompleta, imperfeita e injusta ou se as regras do mercado se confundem, por vezes, com a lei da selva. Velha raposa da política, Willy Brandt reconverteu a fórmula «socialismo de rosto humano» (Dubcek, anos 60) num *slogan* mais conforme ao espírito do tempo: «capitalismo de rosto humano». A honestidade manda reconhecer que, para alegria dos «tough guys» da política internacional, os eleitores da RDA associaram democracia e capitalismo numa só imagem e revelaram poucas preocupações quanto ao seu rosto.

As mudanças a Leste têm sido, por enquanto, revoluções à procura das suas personagens. A Oeste, já lhes imputámos diversos heróis: Gorbatchev, na URSS; Havel, na Checoslováquia; Walesa, na Polónia; João Paulo II, no... Vaticano. O eleitorado da RDA preferiu, no entanto, personagens de perfil banal: o pacato chanceler Kohl e o desconhecido Lothar de Maiziére, músico mal sucedido em orquestras de Berlim.

Admita-se, contudo, que, em determinadas circunstâncias históricas, o recurso à banalidade possa significar uma forma de libertação.

M.M.

GREVE CONTROLADORES DE TRÁFEGO AÉREO

Face ao pré-aviso de greve apresentado à ANA, EP — Aeroportos e Navegação Aérea, pelo SINCTA — Sindicato dos Controladores de Tráfego Aéreo — que levará à paralisação parcial do transporte aéreo em Portugal, entre os dias 22 e 27 de Março de 1990, no período das 10.00 às 14.00 horas, a Transportadora Aérea Nacional vê-se obrigada a introduzir algumas alterações na sua operação.

Pedimos a todos os passageiros o favor de contactarem os escritórios da TAP AIR PORTUGAL mais próximos, no sentido de obterem informações sobre os novos horários de partidas e chegadas dos voos sujeitos a alteração.

Tap Air Portugal
Direcção de Relações Públicas

Richard von Weizsacker, presidente da RFA

Partir da igualdade para a unificação

O presidente da República Federal da Alemanha, Richard von Weizsacker, pouco se tem manifestado em público sobre o processo da unificação alemã. No entanto, a sua reeleição triunfal, que obteve a quase unanimidade do colégio de delegados, em Maio do ano passado, assim como a consideração que conquistou no exercício do primeiro mandato, dão-lhe uma autoridade moral incontestada.

Sentiu-se que os limites impostos à expressão das suas ideias, devido ao recente período eleitoral lhe pesaram. Ao convidar vários correspondentes estrangeiros em Bona para debater os acontecimentos que têm vindo a agitar a Alemanha, nestes últimos meses, não pretendeu, apenas, defender a posição do seu país perante uma opinião pública internacional inquieta.

Queria, simultaneamente, dirigir uma mensagem aos seus compatriotas e aos dirigentes políticos da RFA, no sentido de se manterem dentro dos limites da razão, de preservarem os equilíbrios internacionais e de respeitarem a dignidade das pessoas que, na RDA, protagonizaram a primeira revolução pacífica em solo alemão.

«Não há qualquer dúvida» - diz -«de que, nos últimos meses, assistimos à aceleração de um movimento que não correspondia às estimativas e às metas fixadas pelos seus protagonistas e pelos políticos responsáveis. Penso, todavia, que vão ser postas em prática medidas de auto-regulamentação. Temos vindo a ser submetidos, desde há semanas, a uma pressão económica unilateral neste processo de unificação. E isso tem inconvenientes: não devemos acreditar que uma eventual unificação do povo alemão se possa alicerçar, unicamente, no «deutschemark».O sentimento de pertença comum dos alemães não se pode resumir à detenção de uma moeda forte. A ênfase posta unilateralmente no aspecto económico oculta o facto de que é necessário os dois Estados alemães estarem em pé de igualdade na contrução dessa unificação. Se tudo fosse determinado pelo acesso livre ao marco alemão, correr-se-ia o risco de fazer ressurgir essa ideia fixa do Anschluss, o que seria totalmente inconveniente em termos políticos, no plano nacional e internacional».

Não «impOr» a Constituição

Destas considerações morais - das quais emerge o protestante empenhado que é Richard von Weizsacker -, o presidente da República tira ilacções políticas: não hesita em intervir, mesmo correndo o risco de ultrapassar as suas funções, num debate que agita o mundo político alemão, nos dois lados do Elba - o das vias constitucionais da unificação. «Penso» - esclarece - «que o debate que se desenvolveu, em Bona, sobre a utilização do parágrafo 23 da Lei fundamental (1), para alcançar a unidade, é prematuro. Essa decisão deve ser tomada na RDA, e em mais lado nenhum. Não compete ao Bundestag decidir se o caminho passa pelo artigo 23. Fazer com que se torne um problema da coligação, como soube pelos jornais, não me parece uma atitude séria. Esse artigo 23, repito, só pode ser utilizado se a RDA manifestar claramente a sua vontade nesse sentido». Ao exprimir-se assim, Richard von Weizsacker contrapõe-se aos propósitos defendidos, recentemente, pelo chanceler Kohl, para quem o artigo 23 representa «a via por excelência» que conduz à unidade, tendo mesmo declarado que fazia deste ponto uma «questão crucial» para manter o acordo de coligação com os liberais.

Mostra-se, também, mais flexível do que o chanceler quanto a uma eventual reforma constitucional ligada à unificação do país. «No plano formal, é inevitável que haja mudanças: é preciso alterar o preâmbulo (que coloca o objectivo da unidade da Alemanha); nem o artigo 23, nem o artigo 146, se podem conservar tal como estão. No que diz respeito ao conteúdo, não creio que possam surgir objecções sérias ao facto de que a substância da nossa Lei fundamental sirva de base para a Constituição de uma Alemanha unida. O essencial, para mim, é que os artigos da nossa Constituição que se deveriam aplicar à RDA não lhe sejam, pura e simplesmente, impostos por maiorias parlamentares alemãs ocidentais. Surgirão, como é óbvio, pontos de conflito, mas que serão os mesmos do nosso debate constitucional na RFA; por exemplo, saber se o direito a viver num ambiente limpo ou se o direito ao trabalho devem ser inscritos na nossa Constituição. Não seria natural que estas questões não voltassem à ordem do dia quando chegar o momento de elaborar uma Constituição comum».

O receio dos países vizinhos

Interrogado sobre o problema incandescente do reconhecimento da fronteira do Oder-Neisse, o presidente não quis intervir no debate em curso - e que se acabava de concluir com o compromisso entre Helmut Kohl e Hans-Dietrich Genscher. «Nessa matéria, sou uma testemunha parcial» - indicou, todavia, o presidente. «Desde os anos 70, por ocasião da assinatura dos tratados com o Leste, estive em contradição com a maioria do meu partido (CDU, então na oposição), que os criticava com veemência». Poder-se-ia acrescentar que as declarações públicas do presidente sobre esta questão sempre se dirigiram no mesmo sentido-isto é, o reconhecimento do carácter definitivo daquela fronteira. A carta que enviou, em 1 de Setembro passado, ao general Jaruzelski, por ocasião do 50º aniversário da agressão nazi à Polónia, chegou a criar um certo alvoroço nos meios governamentais: já afirmava o que Helmut Kohl, agora, acabou finalmente por aceitar. Nenhuma dúvida é permitida: o presidente da RFA é, neste caso, resolutamente «genscheriano», embora se abstenha de criticar publicamente o chanceler.

Richard von Weizsacker não ignora que os países vizinhos da RFA, tanto a Leste como no Ocidente, sentem alguns receios quanto à reconstituição de uma Alemanha forte e segura de si própria no centro da Europa. «Essas preocupações» - explica -«são compreensíveis, e devem ser tomadas em consideração, não apenas nos contactos entre os governos,mas, também, procurando compreender os sentimentos das pessoas. A principal razão que me leva a pensar que esses receios não têm fundamento é o facto de vivermos numa democracia que funciona de verdade: se alguém cometer, no nosso país, erros graves, eles podem ser corrigidos no quadro dessa democracia, com a colaboração dos partidos e o juízo de uma opinião público informada por uma Imprensa livre. Mas há uma outra razão que me torna confiante: os tratados que nos ligam aos nossos parceiros não dependem unicamente da boa vontade dos homens, mas assentam na consciência de que servem os nossos interesses e aqueles dos nossos parceiros. Isto não impede que não tenhamos de fazer compreender aos nossos aliados que o caminho que seguimos, hoje, deve conduzir-nos ao fortalecimento da Europa. Também compreendo que não conseguiremos levar por diante a unificação se, ao mesmo tempo, impedirmos a Comunidade europeia de realizar os progressos necessários. Seria contra os nossos interesses querer, por um lado, uma união monetária com a RDA e, por outro, levantarmos obstáculos a uma união monetária europeia. Os dois objectivos estão ligados entre si».

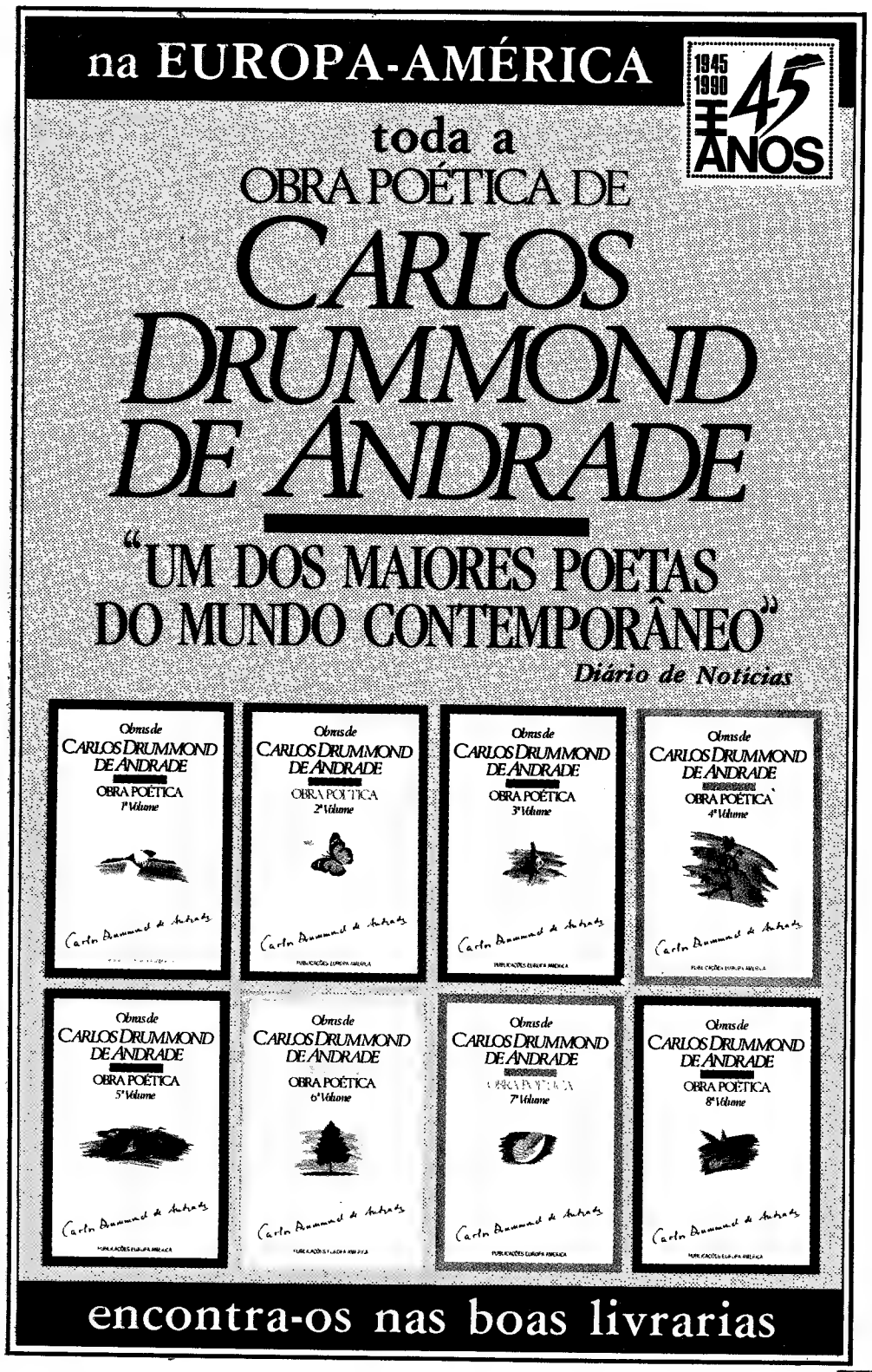
O quinto Presidente da RFA, Richard von Weizsacker, acompanhado da mulher, Marianne

Luc Rosenzweig
Exclusivo «Le Monde»/ «DL»
Tradução de Isabel Joyce

(1) - O artigo 23 da Lei fundamental da RFA prevê que os «lander», que seriam reconstituídos na Alemanha de Leste, poderiam aderi, um por um, à República federal. Um outro caminho para a unificação passa pelo artigo 146 e pela convocação de uma assembleia parlamentar comum à RFA e RDA.

A visita a Portugal

O presidente da RFA, Richard von Weitzacker, visita o nosso país de 26 a 29 do corrente mês, sendo agraciado na Univerversidade de Coimbra, na próxima quinta-feira, com o título de doutor *honoris causa* da Faculdade de Direito. A apresentação do homenageado estará a cargo do Presidente da República, Mário Soares



Australianos vão amanhã às urnas

Partido Trabalhista de Bob Hawke com menos segurança de vitória

A proximidade das eleições gerais na Austrália trouxe mudanças políticas, e até o primeiro-ministro, Bob Hawke, já tentou introduzir consenso político no seu já longo reino.

No seu 60º aniversário, Hawke disse que se retiraria da vida pública se perdesse nas eleições gerais de amanhã. O líder do Partido Trabalhista melhor sucedido em todos os tempos, mostrou-se por diversas vezes, em entrevistas televisivas, interessado em encetar uma carreira pós-política.

Para muitos australianos, uma vida pública destituída da presença e das idiossincrasias de Hawke é um pensamento tristonho.

A estrepitosa eleição de Hawke, em 1983, é ainda encarada como a mais marcante, desde que o fundador do Partido Liberal, Sir Robert Menzies, iniciou em 1949 o seu período de conservadorismo sem paralelo.

Hoje, a Austrália tem pela frente gravíssimos problemas de dívida externa, dilemas em relação ao rumo futuro da estrutura industrial e quanto à maneira de encontrar um lugar significativo na economia mundial.

Uma concepção comum ao eleitorado australiano é a de que os maiores partidos - o Partido Trabalhista de Hawke e a coligação do Partido Nacional Liberal de Andrew Peacock - são, basicamente, duas forças indistinguíveis.

Certamente que Hawke e o seu tesoureiro, Paul Keating, amortizaram o impacto da ala esquerda do partido e avançaram com as linhas políticas de consenso roubadas à coligação opositora. Este processo levou a aliança conservadora a oscilar mais para a direita, numa tentativa de manter a diferença.

Um pequeno abismo mantém-se, assim, entre os dois lados, num determinado número das principais áreas políticas - por exemplo impostos, saúde, privatizações e o todo-importante sector industrial.

Por isso, em assuntos como o nível dos impostos, a maneira de administrar a assistência social a idosos e doentes e o modo como dúzias de agências governamentais vão operar, os 9,5 milhões de eleitores australianos terão que decidir entre permanecer sob a política deste regime de sete anos ou optar por algo completamente novo - se não revolucionário.

Propostas liberais

Considerando que há muito na agenda económica reformista do ministro Keating que os conservadores não podem ignorar à partida, optaram, para já, por apresentar alguns pontos originais. A coligação recolocaria o controverso capital obtido com os impostos, que diz respeito a tudo, excepto às famílias australianas, em favor do investimento empresarial.

A coligação quer também desmantelar fracções do plano nacional de Saúde, Medicare. Hospitais privados competiriam em termos de igualdade com os do Estado e todos os que podem pagar seriam forçados a entrar nos esquemas privados de saúde.

Dezenas de departamentos governamentais seriam privatizados ou corporativizados, incluindo a companhia aérea Qantas, a carreira doméstica australiana, e o banco do Commonwealth. Ao nível da política pura, as implicações desta eleição são mais profundas. Se Hawkes ganhar numa histórica quarta vez consecutiva, a estrutura dos partidos da aliança conservadora pode entrar em colapso.

A partir da primeira vitória dos trabalhistas, em 1983, tem havido rumores sobre a ascensão de um partido ultra-conservador, no qual se juntariam alguns destacados elementos do Liberal e a principal parte do Partido Nacional, com certa expansão em áreas rurais.

Desventuras da aliança conservadora

Por enquanto existe uma difícil trégua entre os esquerdistas, ou moderados, e os da direita. Se Peacock perder, a batalha subterrânea sobre o destino ideológico dos liberais poderá emergir num banho de sangue público.

Após terem sido durante tanto tempo o partido natural de gabinete na Austrália, os liberais aproximaram-se da irrelevância durante a década de 80. Por outro lado, a corrupção esteve mesmo ao lado do regime do Partido Nacional em Queensland e o único governo conservador de um Estado, em Nova Gales do Sul, está ainda sob pressão devido às alegações de corrupção no seio do Partido Nacional. Se Hawkes ganhar de novo, a grande questão será quem vai ser o líder do Partido Nacional. Após 25 anos na política e dois mandatos falhados no antigo ministério da Marinha, Peacock estaria acabado. Assim estariam também todos os ministros dos anos de Malcom Fraser (1975/1983).

O partido ficará paralisado pelo conflito entre os jovens militantes, por um lado, e os ultraconservadores, por outro. Em sete anos na oposição, a coligação não foi revigorada com uma injecção de novos talentos. Os jovens conservadores da comunidade empresarial, e das academias de Direito desdenharam juntar-se a um esquadrão de perdedores. Paralelamente, uma nova geração começa a sobressair no Partido Trabalhista.

Keating, o sucessor

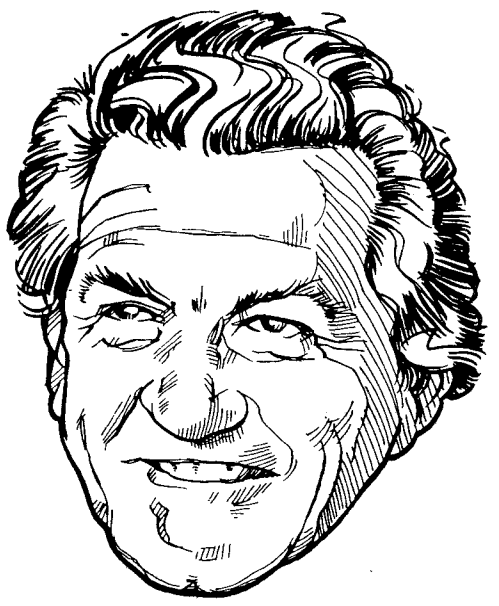
Se Hawks ganhar e, como já deu a entender, se retirar cedo do novo mandato, dará bastante tempo para impingir Paul Keating como próximo primeiro-ministro. Simultaneamente uma geração de ministros de Hawke retirar-se-á também, permitindo a Keating trazer uma mão cheia de brilhantes jovens para gerir as fortunas trabalhistas durante a década de 90.

Se Hawkes perder, as figuras seniores trabalhistas, incluindo o próprio Keating, vão decerto renunciar a dar a cara num demorado período de oposição. A liderança da oposição cairá então sobre Kim Beazley, o jovem ministro da Defesa.

Por seu turno, para suceder ao primeiro-ministro, Peacock terá que abandonar uma reputação que o prejudicou longamente: bem vestido mas intelectualmente preguiçoso.

As principais críticas que dirige a Hawke, passam pela demora que os sucessivos Governos tiveram em melhorar a situação económica do país. Muitas vezes Peacock alude a este argumento sem no entanto especificar com precisão o que faria se fosse ele a mandar.

A sua única vantagem eleitoral é permanecer ainda um populista atractivo, com um discurso, apesar de tudo, eficaz.

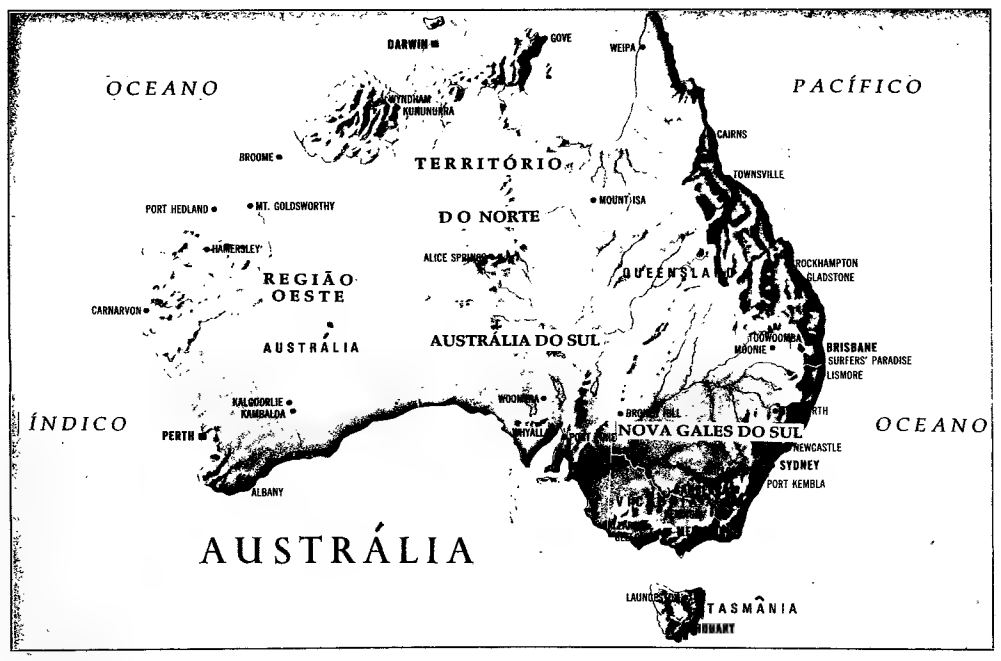


O primeiro-ministro australiano, Bob Hawke, líder do PTA

David O'Reilly
Serviço Gemini/«DL»

Sondagem favorece conservadores

Uma sondagem do Instituto Morgan Gallup, divulgada na noite de quarta-feira, dá pela primeira vez a vitória à coligação conservadora, formada pelos partidos Nacional e Liberal, sobre os trabalhistas por apenas um ponto percentual (40,5 contra 39,5) nas eleições de amanhã. Favoritos durante as primeiras três semanas da campanha, os trabalhistas, segundo várias sondagens, têm vindo a perder terreno nestas duas últimas semanas.



Uma potência militar do Pacífico Sul

Sabia-se que o ANZUS (tratado de Defesa entre os Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia) estava moribundo desde a decisão tomada em 1985 pelos neozelandeses de interditar a escala de navios a propulsão nuclear ou transportando armas atómicas. Esta agonia do ANZUS vem confirmar a Austrália como a potência militar regional. A ponto de certos conservadores neozelandeses, temerem um processo de «satelização».

Dotada de uma diplomacia particularmente activa - abertura à Ásia, iniciativas no caso cambojano e sobre o desarmamento - a Austráilia está em vias de adoptar uma nova política de Defesa, visando dar ao país uma maior autonomia.

Desde que o Livro Branco sobre a Defesa identificou em 1987 a Indonésia e a Papua - Nova Guiné como o principal vector estratégico, as forças australianas movimentaram-se para norte do país, até então uma região desértica abandonada. Duas bases aéreas acabam de ser abertas, enquanto uma terceira está programada para a península de Cap York, em Queensland, e um regimento de cavalaria vai instalar-se em Darwin. O reequilíbrio da Marinha efectua-se sobretudo para oeste, quer dizer na direcção do Índico: a base de Fremantle, em Perth, foi reforçada. Este novo dispositivo foi testado no ano passado durante as manobras «Canguru», nas quais participaram 23 mil australianos e dois mil americanos. Tratou-se da maior deslocação de tropas no país desde a Segunda Guerra Mundial.

Este novo interesse por questões de Defesa, não é, evidentemente ao gosto de todos os australianos. Os pacifistas alarmam-se com este «neo-militarismo» e afirmam que manobras deste género arriscam-se a ofender a Indonésia, adversário potencial nunca abertamente designado. Camberra, no entanto, responde que os seus projectos são puramente defensivos e que as despesas militares no PIB representam apenas 2,3 por cento., o montante mais baixo dos últimos tempos.

Instabilidade na zona de influência

O debate chegou a abordar a atitude da Austrália para com os micro-Estados do Pacífico Sul. O Governo não esconde mais, com efeito, a sua inquietação perante a crescente instabilidade na sua zona de influência, exemplificada pelas recentes crises nas ilhas Fidji, em Vanuatu e na Papua-Nova Guiné. Em cada uma delas, as suas tropas entraram em estado de alerta, prontas a intervir para assegurar, se preciso fosse, a evacuação dos australianos ali residentes.

Mas Camberra prefere a prudência. Quando se deram os incidentes mais graves em Papua, em Bougainville, e as autoridades de Port-Moresby pareciam estar a ser ultrapassadas pelos acontecimentos, o Governo de Bob Hawkes limitou-se a reforçar a cooperação militar e apelar aos australianos para deixarem o mais rapidamente possível a ilha. Segundo afirma o ministro dos Negócios Estrangeiros «uma intervenção externa não é concebível senão em circunstâncias excepcionais. Nós não temos a intenção de aplicar uma doutrina Brejnev nos antípodas».

Exclusivo «Le Monde»
«DL»
trad. e adapt. D.C.

QUOTIDIANO

Lucas Pires e o canal para a Igreja

«Não é por acaso»

«A atribuição de um canal de televisão à Igreja não é um privilégio que lhe é dado pelo Estado mas sim a satisfação de uma norma constitucional que é proporcional à voz que ela tem na sociedade», disse esta manhã, ao DL, Lucas Pires que dirigiu uma comunicação ao forum internacional dos bispos e especialistas católicos pela Comunicação Social na Europa. Para o eurodeputado, a «Igreja tem uma dimensão social desde sempre extremamente importante em Portugal que se verificou aliás, logo a seguir ao 25 de Abril, altura em que a Rádio Renascença foi a única voz independente ao serviço de uma alternativa, até como última garantia da liberdade de expressão do povo português».

Lucas Pires afirmou que interessa agora «organizar, em termos públicos, a garantia institucional do direito fundamental da expressão da Igreja na sociedade, consagrada no número 5 do artigo 41 da constituição».

O eurodeputado eleito pelos centristas é o único político português convidado a estar presente. Ele sustenta que a única razão para esse facto se deve ao interesse que uma recente comunicação sua, em Bruxelas, suscitou da parte do presidente do Comité Episcopal Europeu para os Media, monsenhor Remy Vancottem que lhe pediu para vir a Fátima.

Lucas Pires centrou a sua comunicação em torno das questões ligadas às mudanças que se operaram na Europa devido aos acontecimentos no Leste, «quer do ponto de vista da segurança europeia, quer do ponto de vista da reunificação alemã, quer do ponto de vista do que se chama a nova arquitectura europeia».

«O Leste veio chamar a atenção para o facto de a Europa ser basicamente uma cultura, onde o elemento religioso tem uma grande importância», afirmou. No pensamento de Lucas Pires, «o cimento espiritual da casa comum é de facto o cristianismo». Não é por acaso que o actual Papa é polaco e ele tem alguma importância em tudo o que se está a passar, não é por acaso que o Vaticano restabelece as relações diplomáticas com a União Soviética no próprio dia em que os poderes do presidente Gorbachov são reconhecidos pelo Soviete Supremo», concluiu.

P.A.

Dia Metereológico dedicado ao debate das catástrofes

Os técnicos de metereologia e geofísica comemoram hoje o dia mundial dedicado a este sector. O papel dos serviços metereológicos e hidrológicos na redução dos efeitos das catástrofes naturais é o tema das comemorações, às quais serão presididas pelo secretário de Estado Adjunto e das Comunicações, Salter Cid.

Entretanto, ontem, os profissionais deste ramo de actividade e os operadores de telecomunicações apresentaram o seu sindicato, Stormeteo, criado em Fevereiro. Vítor Brito é o presidente da nova estrutura, que congrega 250 técnicos, até ao momento filiados em outras organizações sindicais.

Uma das razões que conduziram à criação do Sormeteo foi o facto dos seus profissionais se encontrarem, há 14 anos, na mesma letra da Função Pública, sem hipótese de qualquer promoção.

À luz discreta do Santuário de Fátima, a abertura a Leste constitui o tema forte de uma iniciativa continental organizada pela Conferência Episcopal Portuguesa

Bispos europeus debatem comunicação social

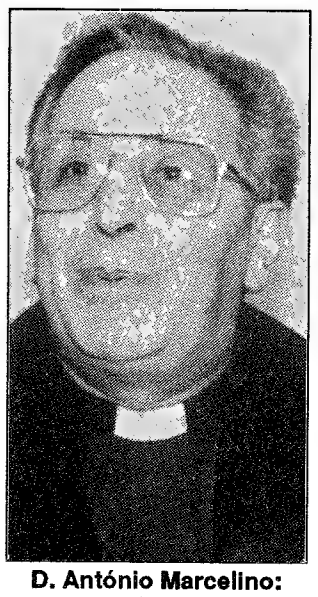
Eram 20 horas e 30 de ontem quando monsenhor Remy Vancottem, arcebispo de Malines, convidou os presentes a entoar o «Veni Creator», evocando o Espírito Santo. O presidente do Comité Episcopal Europeu para os Media (CEEM) presidia, em Fátima, à sessão inaugural da reunião de bispos de todo o continente, responsáveis da área da Comunicação Social.

A «Abertura a Leste» é o tema oficial do fórum, organizado pela Conferência Episcopal Portuguesa. Estão reunidos junto ao Santuário, nada mais nada menos do que 25 bispos e 52 especialistas de Informação da Europa Ocidental e do Leste.

Do exterior, da Casa de Nossa Senhora do Carmo, é impossível imaginar que a Igreja Católica portuguesa tivesse conseguido reunir, nesta data e local, o maior prestigiado conjunto de peritos deste tipo. A iluminação discreta do Santuário com, as velas sempre acesas, não permite imaginar a importância de que se está a discutir.

Personalidades como o cardeal Carlo Martini, presidente do Conselho das Conferências Episcopais da Europa ou o padre André Pokrofski, responsável da Televisão e Rádio Católica da Polónia - para citar apenas dois casos de peso hierárquico e de intervenção social - prestam-se para debater temas como «A formação dos comunicadores e de jornalistas», as «Alterações na Europa do Leste» e as «Rádios profissionais da Igreja na Espanha e em Portugal».

Tínhamos escutado a Renascença pouco antes de atravessar o majestoso recinto de Fátima às escuras. Noticiara que Montalvão Machado, líder da bancada do PSD, se esforça para conseguir que os juristas do seu grupo parlamentar consigam obter «uma forma constitucional que permita a atribuição de um canal de televisão à Igreja».



D. António Marcelino: «O problema da TV em Portugal não está agendado»

Três bispos de países de Leste estiveram presentes na sessão inaugural da reunião ontem iniciada em Fátima

Apesar de Magalhães Crespo, presidente da administração da Rádio Católica e líder do projecto de canal da TV, ser um dos participantes ao encontro, apesar de este se efectuar nesta altura, seria «pecar» pensar que há alguma ligação entre o alto nível da reunião e os interesses imediatos dos católicos em relação à televisão.

Com uma abertura e diplomacia notáveis, o bispo de Aveiro, D. António Marcelino - que vai assumir a presidência do CEEM no domingo - disse ao «DL» «não haver razões» para associar os dois factos, embora admita que a opinião pública possa tirar as «ilações que quiser».

«O problema da TV em Portugal não está sequer agendado, se perguntar à maioria dos delegados estrangeiros se conhecem o assunto, ele dizem-lhe que não», sustenta o bispo.

Embora estejam presentes os maiores nomes europeus da divulgação da mensagem católica através da Comunicação Social, o tema do canal para a Igreja é como que um tabu. Guardado em segredo, como uma confissão que só D. António Ribeiro, o cardeal, conhece.

Afinal também se debate Televisão

Apesar disso, o tema Televisão não está, de facto, ausente da reunião. «Concepção de uma estrutura de TV elaborada por cristãos» é um dos relatórios a debater, na especialidade pelos participantes à Conferência Episcopal Europeia.

Este assunto não aponta o caso concreto de Portugal, como todos os responsáveis da Igreja portuguesa repetem. A abordagem do assunto é da responsabilidade do grupo anglófono do CEEM. A mensagem sobre a televisão deverá ser dirigida pelo presidente desse grupo, monsenhor Comiskey, que ainda não tinha chegado a Fátima esta manhã.

Curiosamente, o grupo luso-espanhol tem a seu cargo a análise das questões ligadas às «rádios profissionais da Igreja».

A conferência de Fátima, que regista a presença de grande número de bispos e leigos responsáveis por estruturas religiosas nos países do Leste Europeu só termina no domingo.

Ainda hoje são aguardadas, com expectativa, as palavras do cardeal Carlo Martini, arcebispo de Milão, que é actualmente o presidente do Conselho das Conferências Episcopais da Europa.

Amanhã , os participantes estarão reunidos todo o dia à porta fechada.

Pereira de Almeida

S. R.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL
SECÇÃO FINANCEIRA

Faz-se público que no Sec./Financeira, desta Direcção — Av. Infante Santo, 49, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

CONCURSO PÚBLICO N.º	DESIGNAÇÃO	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
8/90-Mat 9/90-Mat	AQ. SOB. CITROËN AQ. SOB. LAND-ROVER	2,5% do valor da proposta	27ABR90 27ABR90	10H00 11H00

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 17 horas. As propostas devem ser entregues até às 17 horas do último dia útil anterior ao da abertura de propostas.

O Chefe da Secção Financeira,
José Bernardino de Jesus Abelha

Dia do Estudante comemora-se amanhã

O músico francês Jacques Higelin, que deveria inciar amanhã, com um concerto no relvado fronteiro à Reitoria, as comemorações do Dia do Estudante, adiou a sua chegada por motivo de doença familiar. Assim sendo, Higelin só deverá dar um espectáculo na Aula Magna, regressando em seguida ao seu país.

Em conferência de Imprensa destinada a apresentar o programa das comemorações, o presidente da Associação Académica de Lisboa, Paulo Campos, considerou que as reivindicações que elvaram às movimentações estudantis de 1962 mantêm-se até hoje.

«Pretendia-se com as comemorações do Dia do Estudante, em 1962, promover uma jornada de convívio estudantil e, ao mesmo tempo, falar sobre os problemas que na altura preocupavam os estudantes, nomeadamente as residenciais, o acesso á Universidade e o direito a regalias sociais», afirmou, acrescentando que hoje os estudantes têm os mesmos problemas.Paulo Campos reafirmou ainda a necessidade de publicar rapidamente a Lei de Bases de Apoio Social Escolar.

QUOTIDIANO

Vinhos de Almeirim: a romaria é em Alpiarça

Vinhos do Ribatejo vão mostrar o que valem durante a feira que Alpiarça promove, em segunda edição, e que vai decorrer desde o dia 30 de Março a 2 de Abril. A feira do Vinho é em Alpiarça, mas, presentes, estarão, a demonstraras suas potencialidades, os viticultores da denominação de origem de Almeirim, que engloba os concelhos de Alpiarça, Almeirim e uma boa parte do de Salvaterra de Magos. Na primeira experiência, realizada no último ano, os visitantes terão chegado aos 15 mil e, mercê de um bom lote de patrocinadores interessados, a Câmara local não gastou dos seus cofres mais que uns 700 contos. Este ano, aguarda-se que os visitantes sejam bem mais numerosos e que os custos para a autarquia não sejam grandemente acrescidos.

Esta Feira do Vinho procura incentivar a produção de vinhos de qualidade na região e promover a sua divulgação comercial, no momento crítico em que o país se aproxima da entrada plena no Mercado ùnico da CEE.

Primeiro passo foi a organização de um concurso de vinhos na produção, engarrafados e a granel, cujos resultados foram ontem conhecidos:em vinhos brancos a granel, o primeiro prémio foi para a Adega Cooperativa de Almeirim, nos engarrafados a distinção coube à Casa Agrícola Herdeiros de D. Luís de Margaride; nos tintos a granel, o primeiro lugar obtêve-o a Casa Agrícola Francisco Cunha, enquanto os Herdeiros de D. Luís de Margaride venceram nos tintos engarrafados.

Paralelamente ao certame haverá colóquios sobre os problemas da vinha ribatejana e as suas denominações de origem.

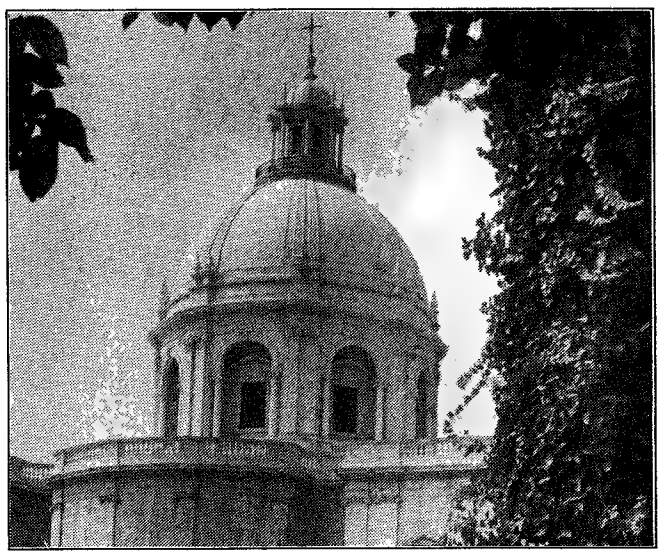
Delgado não merece honras de presidente?

A dois meses da trasladação dos restos mortais do «General sem medo» para o Panteão Nacional, ninguém sabe a quem compete o quê neste processo

O Panteão Nacional vai receber a 10 de Junho o «General sem medo». Os restos mortais de Humberto Delgado serão transladados do Cemitério dos Prazeres para aquele monumento e depositados numa antecâmara vizinha da sala reservada aos Presidentes da República Portuguesa. Os preparativos das cerimónias fúnebres estão bastante atrasados e a Secretaria de Estado da Cultura mantém um silêncio deliberado em torno do assunto.

A estrutura do túmulo reservado ao general é idêntica à dos outros quatro destinados aos Chefes de Estado, três dos quais ocupados pelos presidentes Sidónio Pais, Teófilo Braga e Óscar Carmona. O projecto do sarcófago foi elaborado pelo arquitecto Jorge de Brito e Abreu, da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, a pedido da então secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia. A transladação dos restos mortais do grande opositor ao regime salazarista suscitou algumas questões delicadas, o que terá contribuído para o arrastar da decisão política na Assembleia da República, até 1988.

Segundo Maria Manuela Birg, a directora do Panteão, no templo só existem duas salas destinadas àquele fim, uma reservada a presidentes e outra a escritores, ambas apenas com um túmulo vago. «O mais lógico seria colocar o corpo do general junto dos presidentes, porém, ele nunca chegou a ocupar tal cargo. Para lhe conceder a mesma dignidade, optou-se por integrar o túmulo numa antecâmara da primeira», frisou.



O Panteão Nacional

Verdadeiramente atrasados estão os preparativos para as cerimónias fúnebres. A dois meses da sua realização, ainda não se sabe a quem compete o quê neste processo. Um porta-voz do Instituto Português do Património Cultural (IPPC) afirmou ao «DL» terem sido delegadas competências ao Panteão Nacional para proceder àqueles preparativos. A responsável por Santa Engrácia, por seu lado, disse não ter recebido, até ao momento, qualquer ordem nesse sentido.

«O tempo escasseia para um protocolo tão minucioso como o que será inerente à primeira transladação efectuada após a inauguração deste templo», acentuou Maria Manuela Birg. O secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, já deveria ter constituído uma comissão para o efeito, caso queira dar a importância devida ao acontecimento.

Desde o envio de convites às mais diversas personalidades portuguesas e estrangeiras até à escolha das cerimónias militares e litúrgicas (com o acordo prévio da família), o protocolo é moroso, complexo, movimenta um considerável número de pessoas e pouco se compadece com indecisões.

A construção do Panteão Nacional arrastou-se durante anos e anos. Por esse motivo ainda hoje é conhecido pelos lisboetas como as «obras de Santa Engrácia». O monumento erguido no Campo de Santa Clara destinava-se a comemorar o cinquentenário do Antigo Regime. Mas este fraquejou antes do tempo. Vendo que Salazar, o ditador, envelhecia rapidamente, os seus correlegionários terminaram a obra nove anos antes do previsto, em 1966. Apressados, deixaram para trás o projecto inicial e a estrutura do templo acabou por não ser a mais ideal para a função que desempenha.

Aquando da sua inauguração, foram transferidos do Mosteiro dos Jerónimos (então Panteão Nacional a título provisório) os restos mortais das personalidades que ali se encontravam. Entre elas só figuravam os Chefes de Estado acima citados e três notáveis escritores portugueses - Almeida Garret, João de Deus e Guerra Junqueiro. Os esforços encetados para trazer para o Panteão outras individualidades da vida portuguesa foram gorados pela resistência das instituições que as acolhiam.

«Não tendo sido construída, como deveria, uma cripta para os sarcófagos, a resposta do Panteão ficou limitada a acolher exclusivamente, e com restrições de espaço, Presidentes da República e escritores», referiu Maria Manuela Birg, acrescentando que para alterar a presente situação se terá de proceder a novas obras. Humberto Delgado será, pois, a primeira excepção à regra.

A primeira vez que surgiu a ideia de destinar um edifício à veneração da memória de cidadãos portugueses ilustres data de 1836. Num decreto da altura, ainda hoje em vigor, refere-se que «só o corpo legislativo poderá decretar estas honras de panteão a favor dos grandes homens mortos antes do fausto dia 24 de Agosto de 1820», assim como nenhum cidadão poderá recebê-las senão quatro anos após a sua morte. Humberto Delgado, assassinado há 25 anos, não merecerá ser homenageado, finalmente, com toda a pompa e circunstância?

Paula Sá

«Acordo de Lisboa» aceite pela CEE

Portugal concita apoio no combate à poluição

O Governo português recebeu apoio da Comissão Europeia e dos seus parceiros na CEE para a realização de um programa de prevenção e combate à poluição marítima por hidrocarbonetos e outros produtos perigosos.

A novidade foi dada pelo ministro português do Ambiente, Fernando Real, na madrugada de hoje, no final do Conselho de Ministros do Ambiente, reunido em Bruxelas, ao qual propôs um «Acordo de Lisboa» para a poluição por hidrocarbonetos.

O «Acordo de Lisboa» aplicar-se-ia à zona entre a Madeira, as Canárias e a costa portuguesa, de extraordinário tréfego de hidrocarbonetos e outros produtos perigosos, disse Fernando Real. Acordos semelhantes ao que Portugal propõe existem actualmente para o Mediterrâneo, e outras regiões. São exemplos, designadamente, o Acordo de Barcelona, o Acordo para o Mar do Norte, o Acordo de Bona, recordou o ministro português.

O objectivo, sublinhou, é possuir meios mais fortes para intervenção em caso de acidente e uma fiscalização mais eficiente, através de processos mais sofisticados, como a teledetecção.

Justificando a proposta portuguesa, Fernando Real declarou que os acidentes como o que ocorreu na Ilha de Porto Santo são um problema de responsabilidade internacional e, como tal, devem receber o apoio da Comunidade.

Aprovado o controlo de resíduos

Os ministros do Ambiente aprovaram ainda, em Bruxelas, uma resolução sobre o controlo e diminuição da produção de resíduos na Comunidade.

Trata-se de conseguir uma utilização mais racional dos resíduos, como materiais úteis que podem ser reciclados e de utilizar tecnologias limpas mais avançadas, economicamente rentáveis, disse o ministro português do Ambiente, sintetizando a resolução aprovada.

O Conselho de Ministros da CEE aprovou ainda uma directiva comunitária que garante aos cidadãos a liberdade do acesso à informação sobre o ambiente

Em discussão desde Outubro de 1988, a proposta de directiva consagra o princípio de acesso à informação detida por entidades públicas, através de simples pedido, e a difusão periódica por parte do estados membros de informação sobre o ambiente.

Lotaria Nacional

4 434 - 70 000 contos
31 339 - 12 000 contos
16 069 - 3 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PREMIO
4 433 - 750 000$00
4 435 - 750 000$00

APROXIMAÇÕES AO 2º PRÉMIO
31 338 - 350 000$00
31 340 - 350 000$00

APROXIMAÇÕES AO 3º PRÉMIO
16 068 - 157 250$00
16 070 - 157 250$00

PREMIOS DE 1 000 CONTOS

1 041; 1 500; 3 986; 21 705; 22 636; 40 383; 54 520; 62 539; 64 626 e 65 857.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

1 000 000$00 -5 600 Fracção nº 1
300 000$00 - 434
60 000$00 - 339
30 000$00 - 069
15 000$00 - 038; 379; 616; 665 e 987.
7 000$00 - 4 e 7

PREMIOS DE CENTENAS

20 000$00 - 4 401 a 4 500
12 500$00 - 31 301 a 31 400
10 000$00 - 16 001 a 16 100

EXCURSÕES
AVIC
AUTOPULLMAN DE LUXO
HOTÉIS SELECCIONADOS
GUIAS EXPERIENTES

PARTIDAS SEMANAIS

FÁTIMA
BATALHA - NAZARÉ
ALCOBAÇA - C. RAINHA
1 dia ..... 2000$00

FÁTIMA
TOMAR - GRUTAS
CALDAS DA RAINHA
1 dia ..... 2000$00

ALMOÇOS REGIONAIS
VÁRIOS
Desde ..... 4500$00

CRUZEIRO
CASTELO DE BODE
(Almoço a bordo)
Preço ..... 5800$00

BADAJOZ E OLIVENÇA
1 dia ..... 2000$00

NEVE NA SERRA DA ESTRELA
2 dias ..... 9900$00

AMENDOEIRAS EM FLOR
(BARCA D'ALVA)
3 dias ..... 16 000$00

PORTALEGRE
MARVÃO - C. VIDE
2 dias ..... 9900$00

FIM-DE-SEMANA EM AVEIRO
2 dias ..... 12 500$00

MINHO - GERÊS CANIÇADA
3 dias ..... 17 000$00

NORDESTE TRANSMONTANO
4 dias ..... 25 000$00

CRUZEIRO NO DOURO
(NAVEGANDO DA RÉGUA AO PORTO)
3 dias ..... 29 900$00

CRUZEIRO NO DOURO
(NAVEGANDO DO PINHÃO AO PORTO)
4 dias ..... 37 500$00

NORTE MARAVILHOSO
MINHO - TRÁS-OS-MONTES
BEIRAS - ARRAIAL
NA QUINTA SANTOINHO
6 dias ..... 35 900$00

FÉRIAS NO MINHO
ARRAIAL NA QUINTA
SANTOINHO E «SHOW» NO
CASINO DA PÓVOA
6 dias ..... 35 500$00

MINIFÉRIAS EM AMARANTE
4 dias ..... 18 900$00

FÉRIAS EM AMARANTE
6 dias ..... 29 000$00

FÉRIAS TRANSMONTANAS
6 dias ..... 40 000$00

SEVILHA - BADAJOZ
OLIVENÇA
3 dias ..... 25 000$00

ANDORRA - MADRID
ZARAGOZA
5 dias ..... 45 000$00

MADRID - SEGÓVIA
NAVACERRADA
VALE DOS CAÍDOS
4 dias ..... 32 500$00

GRANADA - SIERRA
NEVADA - SEVILHA
4 dias ..... 38 500$00

CEUTA - GIBRALTAR
COSTA DEL SOL
TORREMOLINOS
4 dias ..... 35 000$00

PUEBLA DE SANABRIA
SALAMANCA E NORDESTE
TRANSMONTANO
4 dias ..... 32 000$00

SANTIAGO DE COMPOSTELA
LA CORUÑA - VIGO
5 dias ..... 42 000$00

PALMA DE MAIORCA
ANDORRA - MADRID
9 dias ..... 115 000$00

FÉRIAS EM PALMA DE MAIORCA
15 dias ..... 118 000$00

BIARRITZ - LOURDES
ANDORRA - MADRID
7 dias ..... 65 000$00

PARIS - LOURDES
ANDORRA
11 dias ..... 115 000$00

CÔTE D'AZUR
MÓNACO - SAN REMO
10 dias ..... 110 000$00

PEÇA PROGRAMAS DETALHADOS NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS OU DIRECTAMENTE NA
AVIC Holliday Tours
AV. 5 DE OUTUBRO, 53-C
1100 LISBOA
(Metro Saldanha)
☎ 547789 - 572970 - 521116

O ministro dos Negócios Estrangeiros aborda os diversos temas quentes da política exte desde o futuro do Velho Continente em convulsão à nossa relação com os Estados Unidos, Áfr da situação em Timor-Leste à comunidade portuguesa na África do Sul

João de Deus Pinheiro: «É urgente cri um sistema de segurança pan-europe

Diário de Lisboa- *Qual é o seu modelo político para Europa de hoje?*

João Deus Pinheiro- É uma ideia que fui tecendo ao longo dos tempos e que procurei definir em algumas intervenções públicas, ao tentar dar a conhecer um pouco a estratégia do Governo português, no que diz respeito a uma série de evoluções na Europa.

DL- *Qual é, então?*

JDP- Penso, antes de mais, que a Conferência de Segurança e Cooperação Europeia (CSCE) poderia funcionar como «chapéu» de todo o processo, assente em três pilares distintos. O primeiro é o político, fundado na problemática da chamada «dimensão humana» - democracia pluralista, direitos do Homem, espaço jurídico europeu, etc. A segunda vertente é a da cooperação económica e a terceira a da segurança.

No que diz respeito ao plano político, temos uma instituição, o Conselho da Europa, precisamente fundada com base na trilogia democracia pluralista, direitos do Homem, Estado de Direito.

A outra vertente, económica, tem princípios de base diferentes. Os sistemas são diferentes, muito embora, com estas transformações a Leste, possamos imaginar no futuro uma Europa também com sistemas económicos semelhantes. O que propus nesta matéria, há cerca de dois anos, foi a chamada teoria dos «círculos concêntricos», em que a Comunidade dos 12 constituiria o núcleo central - coeso e denso, como penso ser do interesse de Portugal.

Este núcleo teria relações tipificadas com outros países, através de círculos de proximidade. O primeiro círculo seria, naturalmente, a EFTA, constituida por países que, tendo princípios económicos idênticos, estarem ou não em sintonia com os 12 é apenas uma questão de opção política.

DL- *O terceiro círculo é que não parece totalmente definido. Os restantes países associar-se-iam por «arrastamento» a esse «núcleo duro», CEE com a EFTA?*

JDP- O terceiro círculo são os países de Leste. Porque embora tenham uma tradição histórica e cultural comum, facilitando o diálogo político, têm modelos económicos que, se entrassem neste momento em plena abertura com os países EFTA ou a CEE seriam esmagados.

Relação «especial» com a URSS

DL- *Está a falar também da União Soviética?*

JDP- A União Soviética é um caso diferente. Enquanto os países do Centro e Leste da Europa são economias «digeríveis» pelo resto da Europa, em termos de ajuda ao desenvolvimento e de concessões de mercados, a União Soviética é uma superpotência, não apenas no plano militar, mas também no plano económico.

DL- *Quer dizer que seria afastada do processo?*

JDP- Não. Quero dizer que a relação com a União Soviética tem de ser tipologicamente diferente. Repare que os círculos de que falei poderiam ser estendidos ao Magreb, aos países ACP, aos ASEAN, etc. Depois, há certas economias que, pela sua dimensão e especificidade, requerem um tratamento específico, uma relação em pé de igualdade no que diz respeito à negociação.

DL- *Seria o caso da União Soviética.*

JDP- A União Soviética, os Estados Unidos, o Japão e, eventualmente, a China. Quando digo isto, não falo apenas no comércio bilateral, falo na influência que estes países têm no comércio internacional, que justifica o facto de todos eles se conseguirem pôr de acordo no que diz respeito às regras do GATT.

«É uma realidade o facto de a geografia política da Europa, hoje em dia, não coincidir com a geografia da segurança. É isto que cria todas as perplexidades»

O «bico-de-obra» da segurança

DL- *Falta a componente de segurança.*

JDP- Aí, as coisas são muito complicadas. Em primeiro lugar, acho que é uma realidade o facto de a geografia política da Europa, hoje em dia, não coincidir com a geografia da segurança. É isto que cria todas as perplexidades. Enquanto há coincidência, as negociações desenrolam-se bloco a bloco, formal ou não. Quando não, fica-se num ponto de interrogação.

Em meu entender, há que finalizar rapidamente as negociações de Viena, mas iniciar desde já uma nova negociação. Nisto, toda a gente está de acordo em teoria. A questão que se põe é como se faz essa negociação. Uma vez desagregado o Pacto de Varsóvia, faz pouco sentido falar em redução global de armas, como se constituisse ainda uma unidade política.

Por outro lado, toda a gente reconhece que tentar fazer negociações de segurança a 35 é impossível. Daí que haja a imperiosa necessidade de criar um sistema de segurança pan-europeu. É urgente, porque não se vê como pode a Alemanha reunificar-se sem ele estar criado.

DL- *Qual é a posição portuguesa nessa matéria?*

JDP- Nós entendemos que é urgente. Não passa necessariamente pela eliminação da NATO...

DL- *Mas pelo reforço da UEO, por exemplo?*

JDP- Também não. A UEO durante muitos anos será apenas um fórum de debate político. Pode vir a integrar a CEE como vertente de segurança, mas nem sequer acho provável que tal aconteça até ao virar do século.

DL- *Então para quê a sobrevivência de tantas instituições, que foram criadas dentro de uma lógica de blocos?*

JDP- Bom, nós pensamos que esse sistema pan-europeu tem de ser criado. Provavelmente, um conselho de segurança europeu, em que estejam presentes quer a NATO, quer a União Soviética, quer países não-alinhados, que permita fazer negociações com uma dimensão suficiente. Mas pensamos também que todos os países têm direito à sua segurança. A NATO e a UEO justificar-se-iam mesmo que não houvesse Bloco Leste.

«NATO continua fundamental»

DL- *Mas a «ameaça» desapareceu, aparentemente.*

JDP- Exactamente. Mas a NATO continua a ser fundamental no que diz respeito ao mecanismo de dissuasão e articulação das políticas dos seus 16 membros. O facto de Portugal pertencer à NATO, independentemente da existência de uma ameaça, permite-nos ter um sistema de segurança colectiva para qualquer eventualidade. As tensões e os conflitos que possam surgir são mais fáceis de dirimir.

Os próprios soviéticos não defendem a extinção da NATO - Shevardnadze teve ocasião de mo dizer há duas semanas. Pelo contrário: o que eles querem é que instituições deste tipo possam surgir, expandidas ou com outras «por cima», de tal maneira que em nenhuma circunstância possam constituir um potencial de ameaça.

DL- *Falemos agora da presidência portuguesa do Conselho da Europa. Quais foram as principais preocupações que sentiu, ao assumi-la?*

JDP- Três, fundamentalmente. A primeira, as relações do Conselho com os países do Centro e do Leste da Europa, uma orientação que já tinha sido definida, mas a que faltava o impulso decisivo. O segundo aspecto, era o repensar das prioridades do Conselho da Europa. Ao longo de 40 anos, é natural que algumas tenham passado para segundo plano e outras hajam emergido.

DL- *Por exemplo?*

JDP- Continuar a batalhar pelos direitos do homem, será no futuro menos necessário. Talvez seja estritamente necessário começarmos a trabalhar em conjunto para um espaço jurídico europeu.

DL- *E a terceira preocupação?*

JDP- É a questão dos recursos. Pedimos ao Conselho da Europa para desempenhar um novo papel, quer neste plano político, quer no plano da aproximação cultural entre os diferentes povos da Europa, quer num «olhar» para fora da Europa, designadamente para a África e América Latina, mas não é possível fazê-lo se não houver meios - sem ovos não se fazem omoletes.

Diálogo Norte-Sul já não é prioridade

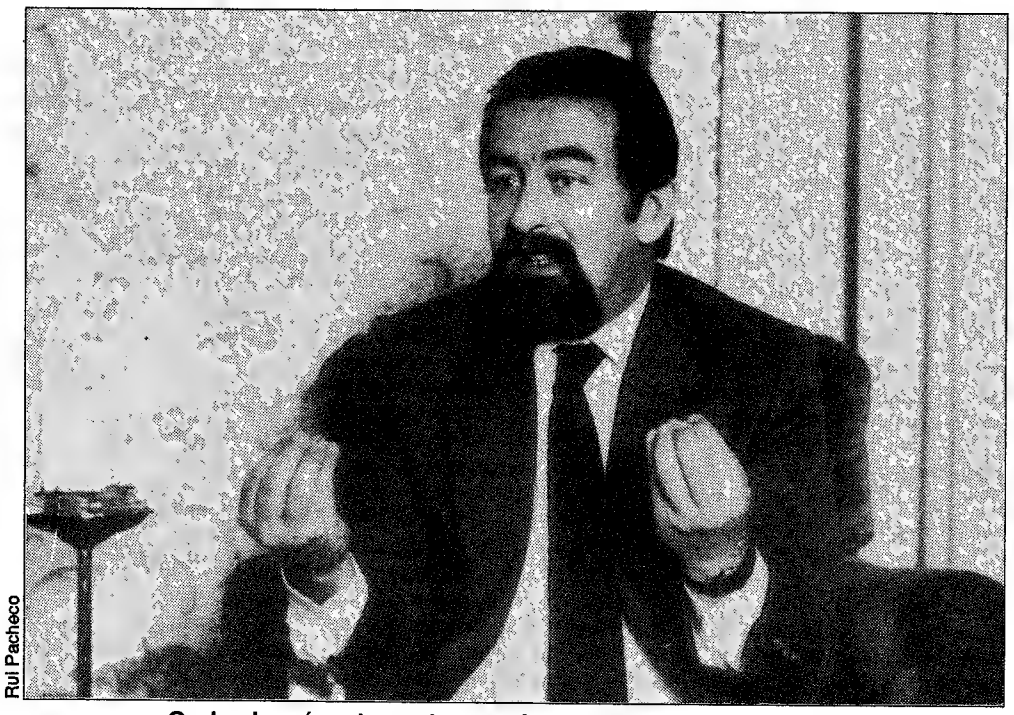
DL- *Publicamente, dos três objectivos a que aludiu, o que mais ressaltou foi o esforço de diálogo com os países de Leste. A interrogação que fica é se houve algo mais do que isto.*

JDP- Bem, as presidências são de seis meses e aproveitam sempre o que vem de trás. Nós também aproveitámos, dando continuidade ou acelerando os processos. No caso português, o que mais enfatizámos foi a parte da juventude e o Centro Norte-Sul,

uma ideia do primeiro-ministro, lançada há cerca de dois anos. Devido à multiplicidade de instituições existentes, teve alguma dificuldade de percurso, não o nego.

DL- *... A que não serão alheias todas estas preocupações com o Leste.*

JDP- Sim, mas isto foi antes. Muitos dos países acha-



Rui Pacheco

«Gorbachev é certamente uma das personalidades do século»

TODO O ATENDIMENTO! Banix / HONDA MOTOCICLOS ☎ 23159 / 22194
TODAS AS OFERTAS! Banix / HONDA MOTOCICLOS ☎ 23159 / 22194
TODOS OS CRÉDITOS! Banix / HONDA MOTOCICLOS ☎ 23159 / 22194

externa,
, África e Brasil,

criar
peu»

Rui Pacheco

«A NATO e a UEO justificar-se-iam mesmo que não houvesse Bloco Leste»

re- os este ção ida, ulso as- das da 40 mas ara tras

lhar em, ne- tri- çar- nto lico

cu- re- on- em- uer no cul- tes um pa, a nas não não

três que de ste. se

ias e que ém do do tu- ais da te- ro- de lti- ex- ifi- o o rão cu- an- ha-

vam que havia instituições de cooperação a mais. Mais um centro...

DL- *Mas isso não significa também que o diálogo Norte-Sul deixou de ser uma prioridade?*

JDP- Eu penso que infelizmente não é uma prioridade. Mas não tenho dúvida de que vai ser. Quando propusemos o centro, claro que foi numa linha estratégica assente nos nosso interesses - uma relação privilegiada com o Brasil, a América Latina e África - e por sentirmos que havia falhas nos mecanismos institucionais para esta cooperação. Este centro acabou por ser aprovado e deverá ser inaugurado em Abril, ainda durante a presidência portuguesa.

Outra coisa que fizemos durante a nossa presidência foi o incentivar de um instituto italiano para a democracia através do direito, uma proposta feita em Novembro pelo Governo italiano que eu entendi ser de apoiar.

Leste no CE: «*timing* realista»

DL- *A reunião deste fim-de-semana pode culminar uma série de acções de aproximação do Conselho da Europa ao Leste. O senhor ministro já afirmou ter sentido, na recente viagem à região, o desejo de diversos países de aderirem à CEE, tendo como «antecâmara» o Conselho da Europa. Há condições, para a breve trecho - durante a presidência portuguesa - se concretizar a adesão ao CE dos países que já a solicitaram?*

JDP- Haveria essa possibilidade, se tivessemos feito por isso - a necessária pressão. Mas tal obrigaria a queimar algumas etapas e poderia ser um mau princípio. Porque, se relativamente a alguns países não resta qualquer espécie de dúvidas sobre o seu calendário de reformas, noutros a certeza é menor.

Assim, eu próprio propus ao Comité de Ministros que se mantivessem sem alteração os *standards* de exigência, muito embora se reduzissem ao mínimo os prazos de apreciação, quer por parte da Assembleia Parlamentar, quer do próprio Comité. De tal maneira que ainda em 1990 - provavelmente em Dezembro - possam haver as primeiras adesões plenas da Hungria e da Polónia. Julgo que é um *timing* realista.

Quando à antecâmara que referiu, é um facto que o Conselho da Europa tem sido um átrio da CEE, a condição *sinequanon* de entrada na CEE. Mas é um «átrio político», digamos assim. A CEE é uma entidade económica e penso que antes do virar da década não teremos nenhuma adesão, nem possibilidades de a fazer com um destes países.

«Há a imperiosa necessidade de criar um sistema de segurança pan-europeu. É urgente porque não se vê como pode a Alemanha reunificar-se sem estar criado»

DL- *Aparentemente, o Leste é hoje a grande questão. Num recente discurso seu, afirmava que «há quem veja fantasmas horrendos de desvio de fundos destinados a Portugal para apoio ao Leste». É mesmo falso que o Leste possa prejudicar Portugal?*

JDP- Eu penso que é necessário, para entender essa afirmação, ter consciência do estado das economias a Leste. São economias que não se podem comparar à portuguesa, por exemplo, no pós 25 de Abril. Nós tinhamos uma grande tradição de mercado e uma economia liberal, enquanto na Europa de Leste não existe sequer tradição empresarial. O sistema de preços é administrativo, fixado pelo Estado, pelo que, por definição, não há inflação. Passar deste sistema a uma economia de mercado leva muitos anos. A abertura será concomitante com a aproximação ao mercado.

A nuance da política externa

DL- *Por isso mesmo, mais fundos terão de ser desviados para esses países.*

JDP- Não, é que há um outro aspecto. Os fundos comunitários que existem para ajuda a Portugal estão inscritos em programas que vão até 1993 - pelo menos, porque no caso da agricultura estendem-se a 99 - destinados a promover a coesão económica e social da Comunidade. Ora este princípio não vai desaparecer. Portanto, os fundos estruturais, para que haja uma resposta aos objectivos da Comunidade, terão de continuar a ser canalizados, para garantir que haja uma convergência real das economias.

DL- *Há quem faça afirmações radicais, ao ponto de dizer que Portugal não tem uma política externa definida e concreta. Quais são, afinal, as prioridades da nossa política externa?*

JDP- Tenho-as repetido diversas vezes.

DL- *Quer dizer que não se têm alterado.*

JDP- Não se alteraram substancialmente e vai compreender porquê. As grandes opções centram-se na defesa - participação activa na NATO -, na integração europeia, tentando que se faça de acordo com um certo número de princípios, e na nossa relação privilegiada com África e com o Brasil. Em quarto lugar, uma tentativa (esta é a *nuance* dos nossos acontecimentos) de evitar que Portugal se torne periférico na nova Europa.

«Continuar a batalhar pelos direitos do Homem será no futuro menos necessário. Talvez seja estritamente necessário começarmos a trabalhar em conjunto para um espaço jurídico europeu»

O que passa por tentar chamar à Europa o outro braço que nos falta, os Estados Unidos e o Canadá, com os quais temos uma relação privilegiada, no plano político e de defesa, e ainda a América Latina e África.

DL- *Mas isso pouco se tem notado, para além da consagração enquanto princípios.*

Cooperação cresceu

JDP- Eu acho que não, sabe. Talvez nós não tenhamos passado essa mensagem. Mas se comparar a política comunitária relativamente a África e à América Latina antes de nós entrarmos - Portugal e Espanha - e agora, verifica que há uma variação extraordinária. A Convenção de Lomé aumentou em valor nominal cerca de 75 por cento o valor da sua contribuição para os países ACP. Portugal foi um dos três negociadores desse acordo, que em termos reais significa um aumento da ordem dos 45 por cento.

No que diz respeito à América Latina, a desproporção em relação aos países da Ásia era de um para três. Neste momento, as coisas estão praticamente balanceadas, não só em termos de ajuda directa, mas também de algumas concessões comerciais e de cooperação tecnológica.

DL-*Há vantagens directas dessa estratégia? Ou apenas abrimos a outros países?*

JDP- Claro que temos tido vantagens! O maior excedente comercial que temos é com Angola. Não é apenas em produtos, mas em projectos e consultoria.

DL- *Mas não há entre os países da Comunidade quem tenha mais vantagens do que nós em regiões em que tivemos presença mais prolongada?*

JDP- Mais vantagens em que sentido?

DL- *Mesmo comerciais.*

JDP- Bem, nós em relação aos fundos de apoio a África temos uma participação proporcional à nossa participação comunitária, mas a nossa quota de utilização desses fundos é muito maior do que essa quota.

No caso da América Latina, se reparar, no volume de investimento brasileiro em Portugal, na abertura recíproca de linhas de crédito, verificará que houve uma modificação qualitativa, que tem muito a ver com este protagonismo português.

Mensageiro dos EUA

DL- *A propósito dessa questão. Aludiu há pouco à necessidade de chamar os Estados Unidos ao processo europeu. Na última viagem oficial do primeiro-ministro àquele país, em que aliás participou, Portugal vestiu de certo modo a pele do mensageiro dos Estados Unidos junto da CEE. Ou seja, do Estado que tem condições para convencer a grande potência de que a CEE não é tão «perigosa» para a sua economia como parece. Portugal quer mesmo vestir essa pele?*

JDP- Eu julgo que essa pele toda a gente a quer vestir. E toda a gente a pode vestir. Mas o que eu julgo que é importante ter consciência é de que os Estados Unidos estão de facto presentes no processo de construção europeia até porque são os principais actores da CSCE. Depois, porque todos os parceiros europeus, incluindo os de Leste, querem os Estados Unidos a participar, porque acham que ajuda à estabilidade. Depois, ainda, porque têm um investimento directo na Europa superior a 160 biliões de dólares. E ainda porque os Estados Unidos e o Canadá têm modelos de sociedade e princípios políticos e económicos parecidos com os europeus.

DL- *Admite que a participação soviética e americana na chamada «nova arquitectura europeia» possa ser semelhante?*

JDP- Em certa medida sim. Porque embora a União Soviética seja um país com uma parte europeia, grande parte não o é. Mas nós entendemos que a União Soviética é essencial à construção da nova europa. Nem sequer é pensável que o senhor Gorbatchov tenha feito uma perestroika para depois ficar isolado da Europa.

DL- *Mas a sua posição nesta matéria não tem nada a ver com a «Casa Comum Europeia»?*

JDP- Esse é um conceito mal definido. Disse em tempos que concordava com a «Casa Comum» se fosse o Conselho da Europa; se os seus princípios se tornassem comuns a todos os países europeus.

Política africana: palco não

DL- *Isso implica que os do Centro e do Leste também se sintam representados no Conselho da Europa.*

JDP- Eu espero que isso venha a acontecer muito rapidamente. Não vejo razão para que não seja um processo relativamente rápido. A própria União Soviética, neste momento, talvez, o país mais atrasado no caminho para a democracia pluralista, é convidada especial da Assembleia Parlamentar.

DL- *Já agora, como vê o convite dirigido a Gorbachev para vir a Portugal?*

JDP- Muito bem. Penso que é certamente uma das personalidades do século. É um homem que emergiu do sistema, com tudo o que isto implica. Quando ele apareceu, o sistema soviético não podia ser, propriamente, tomado de assalto do exterior. Portanto, teve de conquistar o poder por dentro. E conseguiu, não obstante isso, não ficar preso a esse tipo de processo.

DL- *Mudemos de assunto. Como vai a participação portuguesa no processo de paz em África, particularmente em Angola. Portugal defendeu sempre uma posição «discreta». Agora, parece que é discreta de mais...*

JDP- Repare, os interesses de Portugal em África nunca foram e não são certamente, interesses de curto prazo.

continua na pág. 18

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

A Alemanha é o fulcro da nova Europa

continuação da pág. 17

Não se deve sacrificar a nossa relação mais profunda com África a uma posição de palco ou de actor no processo, altamente complexo, cheio de ambiguidades.

DL- *Mas a sua posição também não é, de algum modo, ambígua?*

JDP- Não, não. Todas as partes envolvidas a conhecem e não vê críticas de nenhuma.

Desinternacionalizar o conflito angolano

DL- *Portugal esforçou-se por envolver os Estados Unidos nos processos de paz. Agora que parecem totalmente empenhados, Portugal cumpriu o seu papel?*

JDP- Vamos lá ver. O objectivo de Portugal é que se consiga a paz. A fórmula de a atingir é perfeitamente secundária, desde que seja estável. Os nossos interesses, como disse, situam-se muito mais no médio e no longo prazo do que em ganhos diplomáticos. Daí que a nossa posição tenha sido sempre de grande coerência. Nunca tivemos uma linguagem dúplice. Nunca conspirámos nas costas de ninguém. Nunca procurámos dar conselhos que não fossem pedidos.

Tudo o que fizermos, será sempre a solicitação das partes. Mas temos de ter consciência de que, por exemplo em Angola, os interesses que se jogam, a internacionalização que o conflito tem conhecido, passa à margem de Portugal. Trata-se de um conflito regional, mas com muito envolvimento das superpotências.

DL- *Mas, com a retirada cubana, não é provável que a influência de Portugal possa crescer uma vez mais?*

JDP- Espero que sim. Esse é o desejo dos angolanos e o desejo de Portugal. No instante em que acabar a guerra, haverá um acréscimo da cooperação, maior ainda do que nestes últimos dois anos, em que já foi grande. Pensamos que temos condições para poder ajudar os angolanos a fazer do seu país um país rico, tão depressa quanto possível. O que queria sublinhar é que os factores que sustentam o conflito não desapareceram. A solução passa primeiro por uma desinternacionalização do conflito e depois por uma negociação directa entre os angolanos. Nós entendemos que têm capacidade por si mesmo para encontrar as soluções.

África do Sul e CEE

DL- *Mas, se todos os factores de perturbação se mantêm, isso significa que a primeira fase, sob a égide do presidente Mobutu, falhou por completo.*

JDP- Penso que não. Tanto não falhou que a partir de Junho do ano passado se tem falado insistentemente em paz.

DL- *Ainda que simultaneamente se tenha agudizado o conflito.*

JDP- Apesar disso tudo! Não é fácil: não há unicidade de pensamento nem em Luanda nem na Jamba. Os países que apoiam uma e outra parte têm também processos internos complexos. A solução terá, portanto, de ser encontrada pelo diálogo político e não pela via militar.

Estou convencido disto, porque além de tudo o mais julgo que os líderes respectivos, Eduardo dos Santos e Savimbi são homens moderados, dentro da esfera de pensamento que representam. Já deram provas de serem nacionalistas, que têm Angola como um todo - daí a rejeição que sempre houve de qualquer secessão. E têm algum idealismo em relação ao futuro. Quando os factores externos desaparecerem...

DL- *Um desses factores externos era - e ainda é - a África do Sul, que atravessa um processo de mudança política interna. Portugal defendeu no quadro da CEE o levantamento das sanções...*

JDP- Aquilo que Portugal defendeu não foi exactamente isso. Os ingleses propuseram que face à acção de De Klerk, a CEE pudesse ter uma medida de resposta e levantasse uma sanção não-compulsória, no que respeita aos investimentos. Portugal fez uma análise da situação que não diferiu muito da britânica. Dissemos que deveriamos encontrar uma fórmula de encorajamento, que poderia basear-se na sugestão britânica ou noutras fórmulas. E porquê? Porque a Comunidade Europeia, quando decidiu impôr sanções fez cinco exigências básicas, desde as leis segregacionais à prisão de Mandela e outros.

O que disse foi o seguinte: temos duas hipóteses. Uma é afirmar que já se fez 75 por cento disto - vamos levantar algumas sanções. Ou então, decidimos que são levantadas em bloco, quando forem cumpridas todas as condições. O que para mim é fundamental é dar um sinal de encorajamento a De Klerk, bem como aos outros líderes do processo sul-africano, designadamente Buthelezi e Mandela.

«Mandela precisa de legitimidade»

DL- *Porém, Nelson Mandela defendeu há pouco tempo na Suécia o reforço das sanções...*

JDP- Eu já comento isso... Esta foi a posição portuguesa, que acabou por vingar. Daí que se tenha dado o sinal, levantando o bloqueio ao intercâmbio cultural e se tenha decidido manter o problema em agenda. E se tenha decidido também enviar uma *troika* ministerial para contactos com De Klerk, Mandela e Buthelezi. Mas referia-se?...

DL- *Às declarações de Mandela.*

JDP- Bem, Mandela está neste momento ainda à procura de uma legitimidade plena para negociar em nome do ANC. Tem a legitimidade moral, uma estatura e uma idoneidade que lhe reconhecemos. Tem feito declarações públicas de grande contenção. Eu entendo isso como uma necessidade de evitar a criação de facções radicais no seu próprio movimento, que poderiam pôr em causa o êxito dessa negociação a três.

Mas o facto de as sanções levarem mais três meses ou menos três meses, não tem significado. Enquanto os ingleses disseram que iam sozinhos levantar as sanções, nós alinhámos com a posição comunitária.

DL- *Está preocupado com o futuro da comunidade portuguesa na África do Sul?*

JDP- Estava muito preocupado há um ano atrás. Fiquei menos preocupado quando De Klerk nos comunicou aqui em Lisboa o seu calendário de reformas. Antes, não via condições para o diálogo por parte do ANC. Os seus líderes com credibilidade para o diálogo não tinham a necessária representatividade, do meu ponto de vista, que tinha, por exemplo, De Klerk - ganha através das eleições - ou Buthelezi, chefe incontestado dos zulus, a maior etnia negra. A libertação de Mandela, a forma como se comportou depois e a aceitação generalizada que tem tido, mostram que é inevitável que venha a ser o líder incontestado do ANC. Há portanto condições para haver negociação a sério.

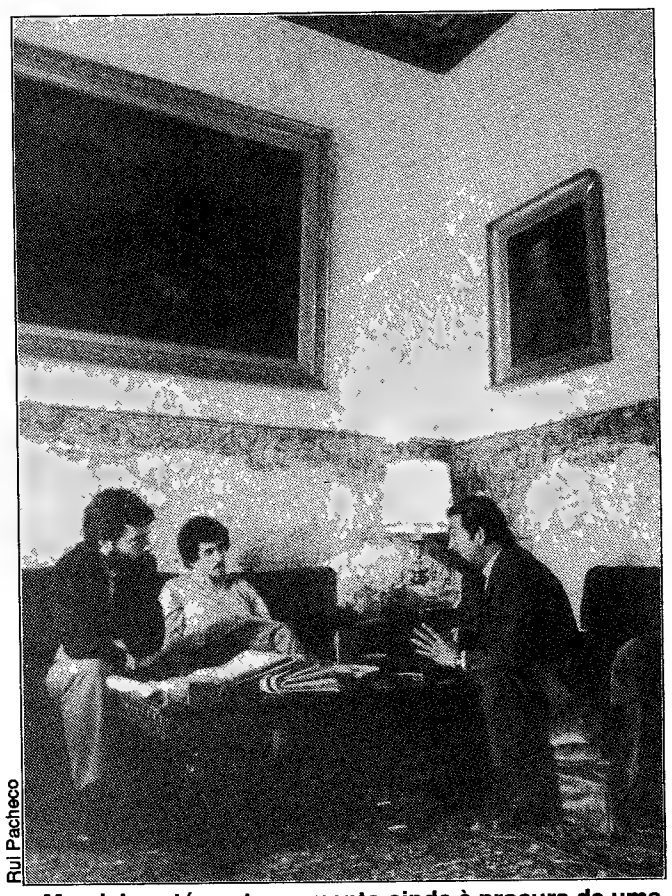
«A nossa comunidade é heterogénea»

DL- *Mas as reacções conhecidas da comunidade portuguesa não são muito positivas...*

JDP- É uma comunidade heterogénea. São 600 mil, a maior parte dos quais não é politicamente activa. Depois, há franjas que apoiam a posição de De Klerk e outras, o partido conservador.

DL- *Não lhe parece significativo que a única força política que faz propaganda eleitoral em português seja precisamente a extrema-direita?*

JDP- Julgo que Pik Botha tem uma grande parte da comunidade portuguesa no seu círculo eleitoral. O partido conservador tenta tirar



Rui Pacheco

«Mandela está neste momento ainda à procura de uma legitimidade plena para negociar em nome do ANC»

partido de portugueses que sairam de Angola e Moçambique na sequência da independência e terão algum trauma, relativamente a processos de independência. Mas a informação que tenho é que a vastissíma maioria dos portugueses acompanha com esperança este processo.

DL- *Se as coisas correrem mal, Portugal está preparado para os receber?*

JDP- Portugal tem de estar sempre preparado para receber os portugueses.

DL- *Pondo a questão de outra maneira: o Governo está a preparar...*

JDP- Não, planos de emergência não. Aquilo que vem n'«O Jornal» é pura especulação. Até porque não se justifica. Temos - e talvez tenha sido essa a confusão - planos de acolhimento para emigrantes que regressam, na Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas. E não se justifica neste momento qualquer outra acção.

Moçambique e Timor

DL- *Como estão as relações com Moçambique? Este «percalço» da expulsão de um jornalista português, afectou-as?*

JDP- Afecta sempre. É uma medida que consideramos excessiva. O Governo protestou de imediato. Chamo a atenção para o facto de - tal como da outra vez - isto acontecer na ausência do Presidente Chissano e do ministro dos Negócios Estrangeiros. Portanto, os nossos interlocutores directos não puderam ser contactados, nem tomaram eles próprios a decisão.

Esta expulsão tem uma agravante política para Moçambique, porque contraria uma perspectiva de abertura em que pensamos que o presidente Chissano está firmemente empenhado. Expulsar um jornalista por não revelar as fontes de informação é o reverso da medalha de liberalização. Mas continuo a dar o benefício da dúvida.

DL- *Mudemos para um território mais longínquo: Timor. Volta a falar-se com insistência na visita da delegação parlamentar. Freitas do Amaral acaba de considerar a que a visita representaria o reconhecimento da anexação. O que pensa desta posição?*

JDP- Penso que Freitas do Amaral provavelmente não terá tido conhecimento profundo das diferentes posições que o seu próprio partido tomou na Assembleia da República e das posições dos intervenientes políticos nesta matéria. Aliás, o próprio Abílio Araújo, da Convergência Nacionalista, sublinhou quanto os timorenses apoiam a ida dessa missão parlamentar.

DL- *Entretanto, fala-se que o comércio entre Portugal e a Indonésia tem números mais elevados do que se poderia supôr.*

JDP- Pois. Li isso há dias. Além de ter pouco significado em termos internacionais, gostaria de sublinhar que nós não podemos impôr unilateralmente sanções económicas à Indonésia. Quem o pode fazer é a Comunidade como um todo. Por outro lado, é difícil impedir que, directamente ou através de terceiras pessoas, sejam importados produtos indonésios para Portugal, ou exportados para lá. Na prática, é impossível de fazer. O Governo, aí, tem as mãos completamente atadas. Há instruções às empresas públicas, mas junto das privadas...

A reunificação alemã

DL- *Regressando ao princípio: o que espera da reunião deste fim-de-semana do Conselho da Europa?*

JDP- Bem, espero que os ministros possam discutir abertamente o futuro político da Europa. Espero que possam dar uma mandato ao Conselho para se assumir como braço da dimensão humana da CSCE. Espero que possam definir orientações quanto à participação soviética no Conselho da Europa, no plano técnico. Isto porque as regras do Conselho dizem que a participação de parlamentares e financeira é proporcional à população.

Como podem imaginar, isto significaria que, levado à letra, os soviéticos abafavam o Conselho da Europa com gente e, além disso, acabavam por pagar mais de 50 por cento dele. Portanto, o que nós propomos - que já discutimos com o ministro Shevardnaze - é que se possa encontrar uma fórmula de equivalência, por exemplo, ao maior país europeu, que virá a ser a Alemanha, se reunificada.

DL- *A reunificação alemã parece constituir o pano de fundo de toda esta problemática da «nova arquitectura da Europa». É assim?*

JDP- A Alemanha dividida era o exemplo dos exemplos da ordem europeia anterior, da «guerra fria». Era um país partido ao meio. Símbolo, também, da prosperidade do Ocidente e de uma relativa estagnação do Leste. Daí que a nova arquitectura da Europa de facto só tenha começado no instante em que esse símbolo desabou.

DL- Mas não acha que se corre o risco de a uma Europa dividida ideologicamente, suceder uma Europa dividida por níveis de desenvolvimento?

JDP- Corre, corre. É um risco que temos de evitar a todo o custo. Daí que tenha sido encomendada à Comissão Europeia a preparação, para a discussão no próximo dia 28 de Abril, numa cimeira extraordinária, em Dublin, de um projecto de «contratos de associação» com o Leste, que permitam ajudar a sua economia.

Mas voltando às características da Alemanha. A Ocidental, tecnologicamente forte, susceptível de poder receber com facilidade novas partes, com um fabuloso superavit, em termos económicos e comerciais, da ordem dos 100 milhões de dólares, com uma estratégia que vem desde os anos 50. Não é algo que tenha acontecido agora - está no subconsciente alemão ocidental, eu diria, desde sempre. Aquilo a que assistimos agora, corresponde de facto ao fim da «guerra fria» e a uma nova ordem. A Alemanha, uma vez mais, é o fulcro de tudo isto. Disse em Dezembro que a reunificação alemã era inevitável e vim a ter razão muito mais depressa do que pensava.

António José Teixeira/ Paulo Martins

«A URSS é essencial à construção da nova Europa. Nem sequer é pensável que o senhor Gorbachev tenha feito uma perestroika *para depois ficar isolado da Europa»*

QUOTIDIANO

Faz amanhã 105 anos. Dançou com D. Carlos. Ainda casou na monarquia. Águas Belas, sua terra natal, perto de Tomar, promoveu-lhe uma festa. Um lanche-convívio no qual irá rever pessoas e, porque não, cantar

Parabéns «tia» Bernardina

Nasceu no reinado de D. Luís, em 1885. Deste rei não se lembra, mas recorda-se bem da visita de D. Carlos a Besteiras, em Ferreira do Zêzere. A 1ª República apanhou-a com 25 anos. Não se esqueceu de Salazar e Marcelo Caetano foi quem lhe deu a reforma. Quando veio o 25 de Abril, há muito que deixara de lidar.

Actualmente vive com os sobrinhos, uma temporada em casa de cada um, em Águas Belas ou em Lisboa. Este é o segundo ano que a Junta desta freguesia, em colaboração com a Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere, e os seus familiares promovem um lanche - amanhã à tarde, na Associação Desportiva e Recreativa de Águas Belas - à pessoa mais idosa do concelho, Bernardina de Jesus Lourenço.

É mais de um século de vida recheado de muitas histórias. Falta-lhe a memória para as contar. Mas o dia do seu casamento continua vivo como se tivesse sido ontem - um matrimónio sem filhos, teve sete ou oito abortos.

Mulher alegre e dançarina, a «tia» Bernardina conta-nos como foi quando o André a levou ao altar, um «marotito» como, mesmo depois da sua morte, ainda o chama. «Casei na monarquia, tinha 22 anos. Nesse dia foram quatro casamentos. As noivas eram todas muito jeitosas, eu era a mais faniquita».

Era a que ia mais probremente vestida: um fato usado e novo só o lenço. A madrinha tinha-lhe dado como prenda 15 tostões. O lenço custou 14. O maior problema da indumentária foram os sapatos. Mas ela era «desenvencilhada» e depressa arranjou solução para engraxar o seu calçado de cor natural: « Os meus sapatos eram umas solas e umas gáspeas. Fui à lixeira do forno de lenha e com um pouco de água fiz uma pomada, depois tumba, tumba, mascarreio-os. E caseime».

Tempos difíceis esses e dos quais não tem saudade. Saudades só das pessoas, em especial do homem que morreu há 27 anos. O marido que lhe pregou algumas partidas, mas com quem viveu muitos anos de felicidade.

Na noite de núpcias deixou-a sózinha e foi com os convidados para Matanços. « Foi-se embora com uns rapazes do tempo dele.

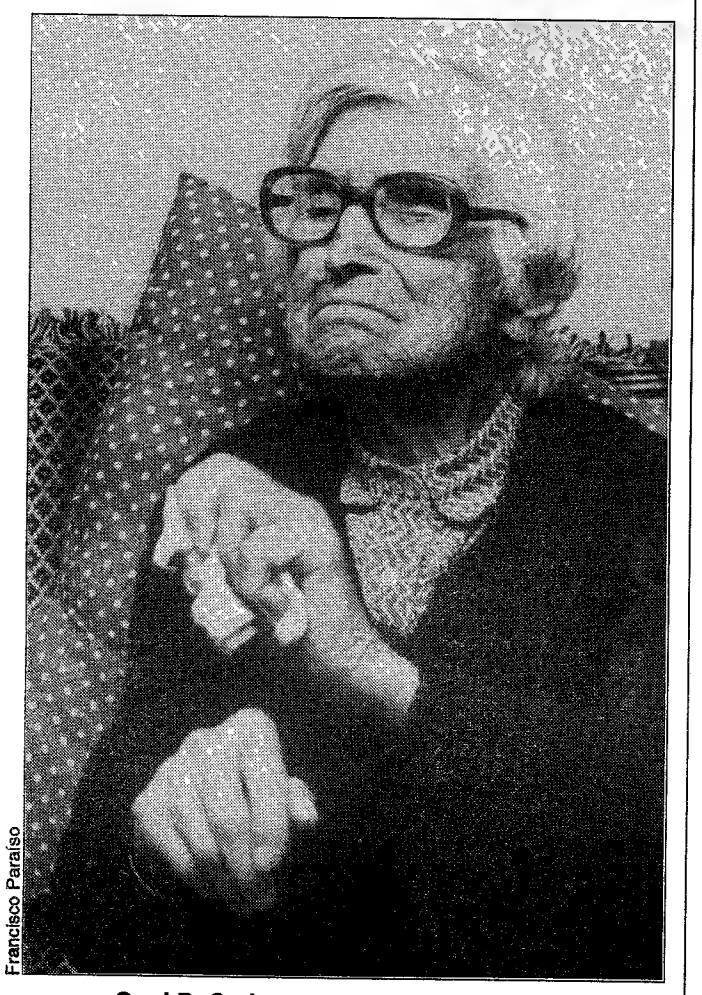
Quando chegou, passava meia hora da meia-noite, disse-me: «Olha fui-me despedir da rapaziada» - lembra a «tia» Bernardina entre risos.

Quando lhe perguntámos se não tinha ficado zangada respondeu: « Ah, ah, não, porquê? Aquilo já não estava fresco».

«Desculpe, mas o que quer dizer com isso?»- retorquimos.

«Já tinha caído muitas vezes» - exclama.

Quem nos explica o gracejo é a sobrinha, a Maria dos Anjos, em casa de quem se encontra actualmente. «A minha tia costumava contar que tinha ido com o meu tio levar um bolo à Pombeira. Iam a atravessar o rio, tropeçaram numa pedra e cairam em cima um do outro. E foi assim»...



Francisco Paraíso

«O rei D. Carlos era um pimpão, ora bem»

A tia Bernardina acrescenta com um sorriso traquina: « Ele era um maroto. Diziame: Olha ali para aquele lado, eu olhava e ele pumba. Estava sempre nisto, ainda bem não pumba...».

Um episódio de que se lembra muito bem foi quando o rei D. Carlos esteve em Besteiras para participar numa caçada aos porcos bravos. « Ficou na pensão do António Rodrigues. O rei D. Carlos dançou comigo, beijou-me... Naquele tempo tinha eu alguns 13/14 anitos. Era uma garotita. O rei D. Carlos era um pimpão, ora bem», lembra.

E as festas? A de S. Pedro era a melhor. « Havia foguetes, música com guitarras e harmónio. E dançava-se sem parar: o fado trocado, o corridinho», conta-nos, dançando (sentada acompanha o ritmo com os braços e as pernas) e cantando: « Ora agora bato eu, ora agora bates tu, ora agora bates tu mais eu...».

Estas são as histórias boas que gosta de recordar. As más têm a ver com a falta de comida e um trabalho muito pesado. Naquele tempo comia-se brôa e trabalhava-se de manhã à noite - ceifar, sachar, acartar mato ou lenha, tratar dos porcos e das galinhas. «Passei muita fome, muito frio e chuva», lamenta.

O marido fazia varas, escadas e aduelas, em castanho. Começaram com um burrito e iam vender as coisas à Freixianda ou Tomar, ele levava um molho de varas às costas e ela outro à cabeça. Depois, arranjaram um cavalo e uma charrete, o que era um luxo, e iam até ao Norte. Nos últimos anos de negócio já tinham dois carros. Conseguiram «arranjar uma vida boa»: uma casa farta, muitas terras e bastante dinheiro.

Havia fartura de vinho, azeite, pão, couves, feijões e batatas. «Tia» Bernardina foi uma «mulher boa». Tinha sempre alguma coisa para dar, o que fazia às escondidas do marido. « Pegava numa alcofa, mentia ao meu tio dizendo que ia buscar batatas e o que trazia era vinho, garrafas que escondia no caminho quando o tio André a chamava», lembra Maria dos Anjos.

É por tudo isto que a «tia» Bernardina diz que « a gente nova não sabe que há mundo». Porquê? « Por que são estimados. No meu tempo não éramos estimados. Era trabalhar, trabalhar como uma moura», responde.

Por isso, quando lhe perguntamos que tarefa gostava mais de fazer, dá uma gargalhada e diz: « O que eu mais gostava era de estar sentada. Como estou agora aqui».

Céu Neves

Francisco Paraíso

«A gente nova não sabe que há mundo. São estimados. No meu tempo não éramos estimados»

As determinações da CEE são, por vezes, de tal maneira confusas que os eurodeputados e os parlamentos nacionais não as conseguem entender

Prémio à asneira

«Considerando que, ao aguardar adopção de relatórios técnicos da acepção da presente directiva, é oportuno facilitar a conformidade com as prescrições mínimas através da aceitação de disposições nacionais aprovadas, a título transitório, através de um procedimento de controlo comunitário que garanta adequação das disposições nacionais às prescrições mínimas da presente directiva que, para este fim, o comité foi expressamente designado para assistir a comissão no controlo das disposições nacionais». Conseguiu chegar ao fim ? Entendeu alguma coisa? Não se preocupe: o mesmo aconteceu, sem dúvida, ao autor deste saboroso naco de prosa

Por isso mesmo, vai receber um prémio. É que duas organizações europeias de consumidores lançaram, ontem, em Bruxelas, uma campanha para a simplificação da linguagem jurídica comunitária, considerando que os autores de alguns daqueles herméticos textos o menos que mereciam eram «prémios» pela capacidade demonstrada em escrever da forma mais incompreensível.

A Comissão Europeia, principal responsável pela produção dos textos legislativos da Comunidade, é a instituição visada e o texto com que abre esta notícia é um dos dois «premiados» das versões em português de directivas sobre Saúde e Segurança nos Locais de Trabalho, publicadas no Jornal Oficial da Comunidade, em Maio de 1988.

«Numerosos documentos dimanados pela Comissão Europeia são incompreensíveis e o problema está a agravar-se diariamente», assegura um comunicado conjunto do Grupo de Consumidores da CEE (CECg) e da ERICA (Investigação Europeia sobre Problemas dos Consumidores). Os deputados europeus, os membros dos parlamentos nacionais, os funcionários governamentais são algumas das principais «vítimas», bem como os jornalistas, que «têm a dificil tarefa de explicar o inexplicável».

A culpa, foi salientado por um dos organizadores do inesperado «festival de prémios», também não é dos tradutores, que não podem ser responsabilizados pela linguagem incompreensível de certos documentos, «pois é impossível fazer melhor na presença de textos ambíguos e confusos».

Julgamentos são no dia 28

Arbitragem do consumidor leva três casos a tribunal

O Centro de Arbitragem dos Consumidores de Lisboa começou a funcionar em pleno com a marcação de três julgamentos para a próxima quarta-feira, depois de falharem as tentativas de conciliação com os prestadores de serviço.

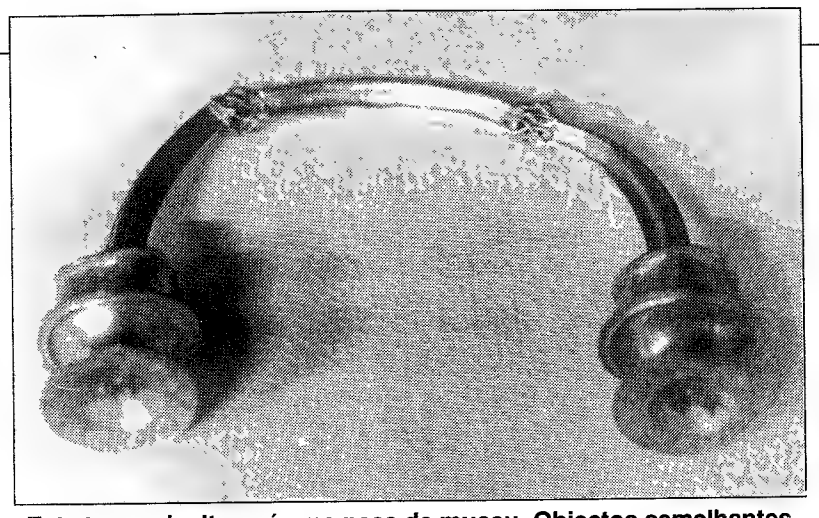
Cerca de 80 por cento dos conflitos ali levados pelos consumidores são solucionados por conciliação, informou Gabriela Ventura, uma das juristas assistentes do Centro de Arbitragem.

Só quando não há acordo possível entre as partes — consumidor e prestador de serviços ou fornecedor de bens — se prefere a intervenção de alguém que resolva a questão. É então o caso conduzido a tribunal, cuja decisão tem força idêntica à dos tribunais de primeira instância, e cabe ao juiz José Gil de Jesus Roque, nomeado pelo Conselho Superior de Magistratura.

Assim, no dia 28, três conflitos vão ser julgados, todos relacionados com o incumprimento de contratos de compra e venda: um contra uma empresa de imobiliário e decoração, outro contra um estabelecimento comercial e o terceiro relativo a uma empreitada.

Desde Novembro, mais de 100 consumidores passaram pelo Centro de Arbitragem de Lisboa, montado e dirigido pela jurista Isabel Cabeçadas, e constituído pelo Instituto Nacional de Defesa do Consumidor, Associação Portuguesa de Defesa do Consumidor, Câmara Municipal de Lisboa, União das Associações de Comerciantes, EDP e EPAL.

Simbolizado por três triângulos,que encaixam uns nos outros, o Centro de Arbitragem resolve conflitos de valor inferior a 250 contos, decorrentes do fornecimento de bens ou serviços destinados a uso privados.



Este torque lusitano é uma peça de museu. Objectos semelhantes vão, agora, a leilão e o seu destino será, na maior parte dos casos, o estrangeiro. A memória portuguesa fica mais limitada

Mais de um milhar de peças arqueológicas vão ser leiloadas e, como sempre, o erário público não tem verbas para cobrir o lance

Memória do passado vai a saldo

Ninguém sabe exactamente de onde provêm, isoladas, sem um contexto que refira as escavações, a possível documentação escrita, o seu autêntico significado arqueológico perde muito de valor. De qualquer maneira, valem pela sua própria beleza, pela sua qualidade artística, por um passado que de alguma maneira esclarecem. São a memória do passado português, por vezes mesmo de quando ainda não havia Portugal, e vão estar em almoeda no Primeiro Leilão de Arqueologia que vai decorrer em Lisboa, nos dois últimos dias deste mês.

Lá estarão presentes 1 300 peças de ourivesaria celta, romana e tartéssica, bem como documentação e escultura medievais, moedas iberoromanas, visigodas e portuguesas e ainda toda uma documentação relacionada com a Índia Portuguesa. Como se entende desta breve referência, o leilão vai ultrapassar um tanto os limites da arqueologia para se estender pelo campo do que já é História.Entre as peças a leiloar, o lote porventura mais valioso é um par de brincos em ouro, de origem algarvia, que o município de Odemira cobiça. Está datado entre os séculos V e IV a.C. e vai custar qualquer coisa como 7 mil contos, já que os brincos estão classificados como « o melhor que se encontrou em ourivesaria em Portugal».

Mas sabe-se que muitas das peças a leiloar já se encontram cativas por compra antecipada, não se ignorando que muitos dos interessados são estrangeiros, perante o habitual problema da escassez de verbas nacionais para os assuntos culturais.

Documentos, mapas, armas

Outros pontos altos da almoeda serão uma carta régia de Fernando II, rei de Castela, a quem Afonso Henriques devia (embora não a prestasse) vassalagem, pergaminho datado de 1176 e que vai à praça por 1000 contos. Não menos raro, é um passador de arreios em bronze, único exemplar conhecido de um carro celtibérico, cujo preço se avalia em 8 mil contos. A custo menos impressionante (não mais que 200 contos), vai à praça o que tem sido designado pelo « mais belo mapa conhecido da Lusitânia». Datado de 1586, é uma obra do cartógrafo Abraham Ortelius e assinala a maioria das populações peninsulares e suas divisões políticas ao tempo da invasão romana. Colorido e decorado com cartuchos renascentistas, o mapa inclui ainda, no verso, um extenso relato sobre os antigos povos peninsulares.

Outros mapas de Portugal, entre os quais o famoso «de Wit» horizontal (um dos últimos grandes mapas de Portugal na 'posição deitada'), documentos assinados por D. João I ou Afonso V, moedas visigóticas e uma impressionante colecção das que circulavam na Índia portuguesa (bazarucos, tangas, rupias, xerafins, pardaus e reais), que vão desde o século XVII ao XIX, são algumas das peças a leiloar.

Para coleccionadores especializados não faltarão as armas, avultando entre elas uma espada veneziana do século XV, de que se supõe existirem apenas doze exemplares em todo o mundo, bem como uma carabina de roda espanhola, datada de 1563, único exemplar deste período que não se encontra na Real Armeria de Madrid.

Falando de esculturas, haverá que referir um grande ex-voto ibérico de bronze, o arcanjo S. Miguel, padroeiro de Portugal, representado como guerreiro justiceiro, e um S. Jorge, em madeira, do século XVI, tendo ambos como base de licitação os dois mil contos.

Redacção «DL»\Lusa

EDITAL

CEMITÉRIO PAROQUIAL DO SEIXAL

Faz-se saber que por terem decorridos mais de 5 anos sobre a data das inumações, considerar-se-ão como desocupadas as sepulturas temporárias a seguir identificadas, se no prazo de 30 dias, a contar da data do presente Edital, não for requerida à JUNTA DE FREGUESIA DO SEIXAL, a exumação das ossadas.

	DATA DA INUMAÇÃO	N.º TALÃO	N.º COVAL
BERNARDINO FERNANDES CAMPOS	18/02/83	8	1
FLORÊNCIA JESUS PAIVA	26/02/83	»	2
ANAZÁRIO ANTÓNIO JOAQUIM	01/03/83	»	3
MANUEL GONÇALVES VINHAS	29/03/83	»	4
LEOPOLDINO GONÇALVES PEREIRA	06/05/83	»	5
JOSÉ TETONA LUCAS	09/04/83	»	6
MARIA INÁCIA SILVA	20/05/83	»	7
ARLINDA DOS SANTOS	12/05/83	»	8
MATILDE TAVARES DA SILVA	11/06/83	»	9
FRANCISCO BAPTISTA DOS ANJOS	08/07/83	»	10
CAROLINA ROSA JORGE	23/05/83	»	11
CUSTÓDIO PINTO PENANTE	22/09/83	»	12
SUTEL DO NASCIMENTO	02/01/76	»	13
AFONSO SILVA ALMEIDA	25/06/83	»	14
JOSÉ ESTANISLAU BARROS	22/06/83	»	15
ADELINO LOPES	16/06/83	»	16
JOSÉ COELHO VELHINHO SANTOS	18/06/83	»	17
FAUSTINO PRUDÊNCIO DOMINGOS	29/10/83	»	18
AUGUSTO CONCEIÇÃO DUARTE REBELO	11/10/83	»	19
ARMANDO GONÇALVES	24/10/83	»	20
ANTÓNIO SOARES PINHO	06/02/76	»	21
NICOLAU OLIVEIRA SANTOS	10/02/76	»	22
MARIA SANTOS CRUZ	08/09/83	»	23
MARIA ANUNCIAÇÃO BOLINHAS	01/12/83	»	24
MARIA EMÍLIA C. D'ALMEIDA TEIXEIRA	23/06/83	»	25
FRANCISCO PEREIRA	09/10083	»	26
CRISTINA CRUZ JORGE	31/08/83	»	27
BEATRIZ CONCEIÇÃO RAMOS	08/05/83	»	28
HORÁCIO ARMANDO PEREIRA	24/08/83	»	29
HORÁCIO SAÚDE TEIXEIRA	03/07/83	»	30
MARIA PALMIRA ALMEIDA SANTOS	06/09/83	»	31
JOÃO CARQUEIJA	08/09/83	»	32
VIRGÍNIA COSTA ROQUE	17/09/83	»	33
ANA SANTOS CAPUCHA	16/08/83	»	34
BERNARDINO FRANCISCO	23/11/76	»	36
LEOPOLDINA MARIA SOARES P. GOMES	29/11/76	»	37
LEONILDA CRUZ	28/09/83	»	38
JOSÉ MARIA REIS	30/06/83	»	39
PERPÉTUA SILVA PIEGAS	01/08/83	»	40
ABEL EMAUZ NUNES	19/10/76	»	41
FERNANDO NUNES JORGE	22/03/79	»	42
JOSÉ LUÍS ROSA JÓIA	22/08/83	»	43
JOSÉ SANTINHO	07/09/83	»	44
MARIA ROSÁRIO CALQUEIRO TAVARES	07/11/83	»	45

E para constar publico o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados em lugares do estilo.

O PRESIDENTE
Raul Manuel da Silva Canal

SEIXAL, 19 DE MARÇO DE 1990

Monumentos portugueses em Malaca José Blanco, administrador da Fundação Gulbenkian e Datuk Chik, ministro-chefe do Estado de Malaca, selam, com um aperto de mão, o acordo acabado de assinar para a recuperação de monumentos históricos portugueses naquele país asiático.

O protocolo, a que se associou, também, a Fundação do Oriente, representada na cerimónia pelo seu presidente, Carlos Monjardino, vai beneficiar a Porta de Santiago e a Igreja de S. Paulo, segundo uma proposta elaborada pelo arquitecto Alfredo Viana de Lima

CULTURA

O surrealismo, ontem, em debate, na Assírio & Alvim

Inventar a vida

Sempre os homens desejaram ser deuses. Anular a redução da morte na busca do indizível. Porque a vida é, ela própria, indizível. Assim o são os poetas. Deuses sem voz, só possíveis na ignorância da morte. O surrealismo é mais uma vez uma procura. Profunda. Inalterada no desejo da antecipada alteração dos tempos, da vida.

Ontem, na Assírio & Alvim, aconteceu mais um pedaço da vida da literatura. Que perdoem os surrealistas tal redução do momento. Mas são as paixões, momentos iluminados, farrapos de vida que a justificam. Ontem Mário Cesariny, ao piano, acompanhou, pela primeira vez, a dramatização de um seu poema: «Políptica de Maria Klopas dita mãe dos homens». Fernanda Alves deu a voz a «maria». «Senhora por humildade, Nossa por submissão». Concebeu «o senhor nu que vem morrer». «Está agora mais perto do céu sem lá ter entrado porém e pede... que oremos por ela também». Mãe dos homens, voz irónica para a transformação de um cristianismo imposto. É preciso negar, procurar a outra vida, a revolução. Ontem, o espectáculo foi o dos poetas vivos, contemporâneos, vizinhos de nós, que não precisam de patrimónios. Ontem, foi a afirmação e a justificação da revolução surrealista.Mas, afinal, o surrealismo português sempre existiu? Mário Cesariny pretende que não. É vanguarda? «Sim, por fatalidade», respondeu o professor Perfecto E. Cuadrado, da Universidade de Palma de Maiorca, com tese feita sobre as perspectivas históricas do surrealismo português. Mais uma vez que perdoem os surrealistas, o pedido de desculpas foi apresentado pelo próprio professor, a sapiência das universidades, que «cheiram a morte». Os surrealistas nunca quiseram ser vanguardistas. Irreverentes, não queriam saber disso para nada. Contudo, a negação é já um manifesto. E este fixou-se. Segundo Perfecto Cuadrado, não só existiu como teve «grupúsculos, grupinhos e sumos pontífices». Existiu «com doutrina e com intervenção teórica prática, contra outros grupos estéticos, contra presencistas, contra neo-realistas e mesmo contra um certo novismo». Contra o surrealismo datado? Talvez.

A revelação de um momento único: Mário Cesariny, ao piano

O movimento, os poetas foram muito atacados. Os teóricos das nossa literaturas mal falam deles. Foram acusados de anacronismo. O movimento, francês na sua origem, foi iniciado, em 1924, por André Breton. Os manifestos surrealistas franceses encontram, em Portugal, o grupo da «Presença», que «não reparou em nada». Na opinião do professor, a culpa deve-se aos movimentos de então. «Os presencistas tinham a obrigação de não só ser contemporâneos como de ser modernos». Em Portugal, o «Grupo Surrealista de Lisboa» surgiu apenas 25 anos mais tarde. Entre 1947, data do início do «Grupo», e 1960, foi o tempo das intervenções, dos manifestos, da fixação das práticas textuais, com a escrita automática, a colagem, a enumeração caótica, os jogos, coordenados com a tradição «culta» portuguesa e com o surrealismo visionário. Durante esse tempo houve tempo para tudo, para os dissidentes também. Depois de 60 foi a desintegração, as visões retrospectivas, as reedições, os grupos experimentais e o destaque de figuras como Mário Cesariny e António Maria Lisboa.

Foram também acusados por Almeida Faria de serem «surrealismo de trazer por casa». Em Espanha, Cesariny arrisca-se a ser Poeta. Tabucchi acusou-os de falta de originalidade. O Grupo Surrealista sempre assumiu a «colagem» aos franceses. Mas existiu, sim, um grupo originalmente português. O abjeccionismo. Para Perfecto Cuadrado, «frustração de uma parte dos surrealistas portugueses». Para Cesariny, «acto positivo, acto desesperado» de quem, face ao elemento exterior, face ao ar pútrido que se respira, só pode reagir, nem que seja com a morte, o homicídio, o suicídio.

Mas, foi preciso ouvir Ernesto Sampaio, poeta surrealista, para compreender e sentir as raízes desse amor, dessa liberdade e da necessidade de revolta. Primeiro de tudo, foi «a revolução, a única grande revolução». Dentro da revolução couberam os gestos de amor, a vagabundagem, o acaso. «Os mais belos poemas surrealistas são poemas de amor», disse Ernesto Sampaio, «não como meio para alcançar a felicidade, mas o amor em si, mesmo quando leva ao desespero, à morte». É «a vagabundagem, a errância, as ruas, os encontros expectantes, marcados sem hora nem destino». Tratava-se de fazer o acaso, disse. Era preciso que acontecesse qualquer coisa.

O ideal surrealista, explicou, era «ter muitas paixões e ter meios para ter muitas paixões». «São momentos que se cruzam com o espírito humano e entram em fusão, iluminam a nossa vida como chama vivíssima mas efémera». O problema do surrealismo não é o espaço mas sim o tempo, os instantes que se sabe, dolorosamente, serem instantes. E Ernesto Sampaio falou desse fulgor instável, falou de magia e voltou ao amor. «Uma vida sem magia, sem perspectivas de magia, é uma vida morna, baça, de emprego, casa, TV... Espero que essa magia se cumpra no amor, já que, em termos de revelações não há outra que se lhe compare».

Na opinião do poeta, «o surrealismo está muito acima da literatura e da arte». Quem o entender apenas na importância das incidências estéticas não entendeu nada. Quando se fala de surrealismo, «é sempre da vida que se trata». E o que é preciso é «inventar a vida». O que é que ficou do surrealismo? Provavelmente nada. Uma grande aventura criadora, uma ruptura. Nesta «civilização instaurada, que não presta» (Cesariny), «a explicação para a tão glosada morte do surrealismo talvez se encontre na eternização do inverno» (Ernesto Sampaio). «Tenho para mim que esta azáfama fúnebre é devida ao pavor de verem a ordem alterada, as esteiras espezinhadas, os bibelots partidos», escreveu um dia Ernesto Sampaio. A história do surrealismo em Portugal está no porvir. Quando a vida já não for precisa.

Manuela Baptista

Recital Alberto de Lacerda

Coincidindo com a exposição de colagens de sua autoria, o poeta Alberto de Lacerda, desde há muito radicado em Londres, efectua amanhã, sábado, pelas 18 e 30, no Cluube Cinquenta (Rua de S. Mamede ao Caldas, 9-1º.), um recital de poesia, lendo versos de Irene Lisboa, Saul Dias, Gomes Leal, Afonso Duarte e António Nobre. Entrada livre.

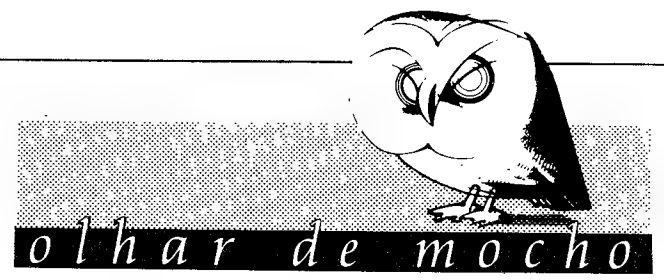
Preços dos bilhetes de cinema vão manter-se

A abolição do imposto de 10% nos preços dos bilhetes, decidida hoje em Conselho de Ministros, não fará baixar os preços garantidos, afirmaram à Agência Lusa as principais empresas distribuidoras.

A abolição deste adicional decidida pelo Conselho de Ministros, só veio «minimizar os prejuízos das empresas e não estão previstas baixas nos preços dos bilhetes, como também não estão previstos agravamentos», disse a este respeito um responsável da empresa Castelo Lopes.

A mesma opinião manifestou um elemento de outra distribuidora, a Lusomundo, para o qual a decisão de hoje «não leva a alterações até porque é o repôr da situação correcta e consequência da incidência do IVA no preço dos bilhetes».

«Quando em Junho de 1989 se decidiu que os preços dos bilhetes de cinema fossem onerados com IVA estava previsto que este imposto, destinado ao IPC, desaparecesse», explicou à Agência Lusa o secretário-geral da Associação de Empresas Cinematográficas, Lima de Carvalho.



Droga espanhola

Falar da droga «é o que está a dar». Mas a Espanha, também. Não são só parquímetros e semáforos: batatas, gelados, azulejos, electrodomésticos continuam cada vez mais a vingar Aljubarrota conquistando largas fatias do nosso mercado. (Consta que a espanhola *Opus Dei* também estará metida no negócio da unificação castelhana da Península, mas como as seitas são secretas, neste ponto só poderemos falar de suspeitas).

Ora como o negócio de falar da droga, a droga da droga, não pode ser monopólio dos americanos, lá avançaram os espanhóis para a conquista de mais uma fatia do nosso mercado televisivo: eles têm droga, têm combate à droga, e não deixam que o pacote da droga seja só *made in USA*. Já só falta que os criadores publicitários deixem de vez o motivo das belezas da natureza e descubram o filão do combate à droga. O slogan poderia ser deste género: *Venga a España, el mayor país del mundo del combate de la droga. Aqui la combatemos por entero.*

Mas cuidado com o «caso precedente», essa figura jurídica recentemente reforçada pelos EUA: se houver interesse em ocupar militarmente um país, a droga é logo condição necessária e suficiente para criar o *casus belli:* desembarcam-se uns fuzileirozitos, mandam-se uns páraquedistazitos, de Cádiz saem fragatas em direcção ao Algarve (sempre para combater a droga que por lá abunda), Vigo envia submarinos, e Madrid passa a ter a sua Nicarágua de capital Lisboa. Estamos a falar de pura ficção, evidentemente. Mas às vezes os que não acreditam em bruxas acabam por se converter a elas.

A droga é droga, mas a indústria das armas também mata e o cartel dos produtores de drogas farmacêuticas existe, igualmente, com lucros sempre potenciados. E agora o Diabo que escolha o mal menor. Mas como o Diabo não existe, ou se existe nunca responde à chamada, há sempre quem responda por ele. Mas não me venham pintar a droga-droga com as cores do Goya ou decalcá-la sobre a Guernica do Picasso, que eu nessa não embarco. Se o crime organizado vier todo ao mesmo tempo e com todos os barões assinalados, ainda se acredita na moral. Mas escolher a droga-droga, deixando rédea livre para as restantes instituições do tal crime organizado, já levanta suspeitas de nos estarem a drogar. O Orson Wells no «Terceiro Homem», guião de Graham Greene, pôs o dedo na ferida: o traficante de droga era alternativa da guerra que tinha acabado. Há os que lavam o dinheiro sujo e os que lavam a consciência porca e imunda nas águas do combate à droga. A mensagem televisiva dos «Sinais do Tempo» de ontem ficou clara: a Espanha já está no jet-set internacional porque combate a droga. nós só lá chegaremos com a reunificação ibérica.

José Sousa Monteiro

Desde hoje até dia 29

Griffith, Joris Ivens e alguns mais na Cinemateca

Por absoluta falta de espaço no seu local habitual (A Mosca), publica-se nestas páginas o calendário de sessões especiais de cinema da semana que hoje se inicia na Cinemateca.

Hoje, dia 23

ABC Cine Clube de Lisboa (às 18 e 30, na Sociedade Portuguesa de Autores): «Champ d' Honneur», de Jean-Pierre Mocky. Cinemateca (respectivamente , às 18 e 30 e 21 e 30): «Il giardino dei Finzi Contini» de Vittorio De Sica e «Sette Contra la Morte» de Edgar G. Ulmer , Teatro da Malaposta (às 21 e 30, em Olival Basto): «Dix Sept Cent Quatre-Vingt Neuf», de Ariane Mnouchkine.

Amanhã, dia 24

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «The Struggle», de D. W. Griffith; «Hello Sister», de Eric von Stroheim e Alfred Werker; e «Gertrud», de Carl Yh. Dreyer. Teatro da Malaposta (às 21 e 30, em Olival Basto): o mesmo programa do dia 23.

Depois de amanhã, dia 25

Teatro da Malaposta (às 17, em Olival Basto): «Quatorze Juillet», de René Clair.

Segunda, dia 26

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Satan Never Sleeps», de Leo McCarey; e «Filming Othelo» de Orson Welles.

Terça, dia 27

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Louisiana Story», de Richard Flaherty; e «Histoire du Vent», de Joris Ivens e Marceline Loridan.

Quarta, dia 28

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «O Poema do Mar» de Aleksander Dovjenko; e «Cet Obscur du Désir» de Luís Buñuel. Instituto Franco Português (às 21): «Danton», de Andrzej Wadja.

Quinta, dia 29

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «O Gosto de Saké», de Yasujiro Ozu; e «Le Petit Théatre de Jean Renoir», de Jean Renoir.

Maria João Pires recebeu ontem Prémio Pessoa das mãos de Soares

«Foi difícil para mim aceitar o prémio», confessou ontem a pianista Maria João Pires após receber das mãos do Presidente da República o Prémio Pessoa/89. A cerimónia, que decorreu no Palácio de Queluz, incluiu ainda a interpretação da Sonata nº3 de Brahms, em Ré Menor Opus 108, actuando a artista homenageada com o violinista Augustin Dumay. Foi o modo como o brilhantismo de Maria João Pires, como é seu hábito, se refugiou na humildade. «Não quis ser privilegiada: temo que o facto de me escolherem faça com que outros valores e talentos fiquem de fora», disse em jeito de desculpas.

O galardão, instituído conjuntamente pelo semanário «Expresso» e pela Unisys, já fora atribuído, nas suas duas primeiras edições, ao historiador José Mattoso e ao poeta António Ramos Rosa, incumbidos pela circunstância de pertencerem ao júri que desta vez escolheu a grande intérprete de Mozart e Chopin, mundialmente conceituada. Despersonalizando a honra que lhe foi feita, dada a sua «personalidade artística e humana que honra, de sobremaneira, a cultura portuguesa», Maria João Pires quis ontem «partilhar este prémio com outras pessoas ligadas à arte», designadamente todos «aqueles artistas que não têm divulgação no estrangeiro sem que isso signifique que não têm um importante trabalho de divulgação da nossa cultura».

Francisco Pinto Balsemão, que foi o anfitrião da cerimónia, referira-se antes ao «antivedetismo» de Maria João Pires como um dos factores que levaram à decisão do júri. «Quisemos não só homenagear a artista como também a pessoa», disse o administrador do «Expresso». O Prémio Pessoa, no valor de 5000 contos, é o maior que entre nós se atribui à cultura, destinando-se, segundo o seu regulamento, a reconhecer «uma pessoa de nacionalidade portuguesa que, durante esse período e na sequência de uma actividade anterior, tiver sido protagonista de uma intervenção particularmente relevante e inovadora na vida artística, literária ou científica, do País».

No Palácio de Queluz também esteve presente o secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes.

Maria Emília Prazeres

Entre o Presidente da República e o secretário de Estado da Cultura, enquanto Pinto Balsemão a elogiava, Maria João Pires espreita as filhas, que sentadas na última fila (não as vemos nesta foto) não escondiam a sua alegria. A pessoa antes da artista

I.A.T.A.

I.A.T.A.

I.A.T.A.

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO
Alvará do Ministério da Educação e credenciado pelo Ministério do Emprego e Segurança Social

FUNDADO EM 1966

CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

DE 4 A 20 MESES

• ÁREA DE INFORMÁTICA
ANALISTA PROGRAMADOR DE INFORMÁTICA
PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES NAS LINGUAGENS – C – COBOL – BASIC – RPGII – PASCAL – LOTUS 123 – dBASE III – IV
MICROPROCESSADORES – ANÁLISE DE SISTEMAS – TELEPROCESSAMENTO

• ÁREA DE GESTÃO
ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
CONTABILIDADE GERAL ou ANALÍTICA E GESTÃO ORÇAMENTAL – INFORMÁTICA APLICADA À CONTABILIDADE – IRS/IRC – FISCALIDADE – ANÁLISE DE PROJECTOS E INVESTIMENTOS – CÁLCULO FINANCEIRO – GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS – GESTÃO DE STOCKS – GESTÃO FINANCEIRA – GESTÃO COMERCIAL MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS – GESTÃO DE PRODUÇÃO – GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

DIVERSOS
COMUNICAÇÃO: RELAÇÕES PÚBLICAS, JORNALISMO E PUBLICIDADE
HOSPEDEIRAS RECEPCIONISTAS – ASSISTENTES DE RECEPÇÃO – SECRETARIADO DE DIRECÇÃO – DESENHADOR PROJECTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL – CAD (Desenho Assistido por Computador) – DESENHADOR DE MÁQUINAS – TOPOGRAFIA – MEDIDOR ORÇAMENTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL – DECORAÇÃO E ARQUITECTURA DE INTERIORES

PROFISSÃO – ACTUALIZAÇÃO – VALORIZAÇÃO – ESTÁGIO E APOIO NO EMPREGO

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS VAGAS AINDA EXISTENTES

CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO – INSTITUTO DE APERFEEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO
Palácio dos Duques de Bragança – Rua Vítor Cordon, 45 – 1200 LISBOA – Telefs. 371032 – 325577
Telex 43331 – Telefax 371032 – Informações das 9.30 às 19.30 h. ininterruptamente

Mick Jagger confirmou

"Rolling Stones" em Lisboa em 10 de Junho

Os "Rolling Stones" confirmaram em Londres (ontem precisamente) o seu concerto de 10 de Junho em Portugal. Aliás, a notícia já havia sido dada em Lisboa pela Rádio Comercial e pela Lusa há uma semana.

«Urban Jungle Europe 1990» é o título da digressão europeia que os "Rolling Stones" iniciam no dia 18 de Maio em Roterdão, na Holanda.

É a primeira digressão dos "Rolling Stones" na Europa em oito anos, sendo diferente da que o grupo efectuou no ano passado nos Estados Unidos sob a designação de "Steel Wheels".

A digressão termina no dia 9 de Agosto em Copenhague, tocando os "Stones" em doze países diferentes para mais de dois milhões e meio de fãs.

Além de Portugal, Holanda e Dinamarca, os "Stones" vão tocar ainda em Espanha, Grã-Bretanha, Escócia, Irlanda, Áustria, Suécia, Noruega, República Federal da Alemanha e Itália.

o "cachet" e produção do concerto dos "Rolling Stones" no dia 10 de Junho, no Estádio José Alvalade (Lisboa), eleva-se a dois milhões e 800 mil dólares (420 mil contos), sendo o maior de sempre do grupo.

«Sim, um patrocinador...»

Mick Jagger, líder dos "Stones", a propósito da digressão, deu uma conferência de Imprensa em Londres, iniciada (diga-se por curiosidade...) com um "aparatoso trambolhão" provocado por um cabo de microfone...

Conferência demorada (diga-se também...), uma vez que as respostas aos jornalistas foram frequentemente interrompidas pelas contínuas chamadas de telefone do aparelho que levava no bolso do seu elegante casaco.

Durante a digressão (e segundo Mick), os "Rolling Stones" interpretarão canções antigas e novas, mas reservaram o melhor concerto para Londres, cidade onde começaram a carreira há mais de 28 anos.

«O senhor vendeu-se às cervejas...» - insinuou um jornalista.

Jagger rejeitou a acusação de se ter vendido às cervejas americanas "Budweiser", marca que patrocina a digressão.

«Estamos todos no negócio, de uma forma ou outra. Temos de contar com um patrocinador e temos de contar com a publicidade...» - explicou Mick Jagger.

Informou também que os "Rolling Stones" se encontram em boa forma.

Talvez pelo Leste...

«Quando tínhamos 20 anos - disse - só actuávamos durante 20 minutos, mas agora actuamos durante mais de duas horas...»

O líder dos "Rollig" disse, no final da conferência de Imprensa, que o grupo não põe de lado uma digressão pelos países do Leste europeu, «agora que as fronteiras políticas se estão a esboroar no velho continente...»

O primeiro dos concertos insólitos de Miguel Graça Moura

Sem ilações descabidas

Os «Insólitos» - ciclo de Grandes Concertos - chegaram finalmente, com o aproximar de uma Primavera de rosto aprazível! Não tão insólitos como talvez se pretendeu na promoção da iniciativa. Pelo menos quanto à grandeza numérica da Orquestra "constituída expressamente para o efeito "e reunida, sob a férula prazenteira de Miguei Graça Moura, ali ao Campo Grande, na Aula Magna de Lisboa: uma Orquestra que atingiu a soma de 95 componentes, conforme podia verificar-se olhando o palco do vasto recinto e consultando o elenco nominalmente discriminado nas páginas do programa.

É que nesta Lisboa, não raro crédula em excesso, até já se fizera ouvir noutras ocasiões uma massa orquestral bem mais numerosa. Por exemplo: quando se conjugaram, para determinados concertos realizados no Tivoli, as então existentes Orquestras Sinfónicas de Lisboa e do Porto, da Emissora Nacional. Não me recordo do número exacto de elementos congregados em tais eventos, mas ele excedeu, sem dúvida os 150 executantes... É um pormenor talvez não importante por aí além, mas que em nome do rigor histórico não virá a despropósito recordar...

Deixemos, pois, estas minudências, e vamos a outros aspectos do concerto sinfónico da Aula Magna. O primeiro, e simpático de verdade, é que a sala estava cheia - a bem dizer apenas uns tantos lugares (não tão poucos como isso) dos primeiro e segundo anfiteatros, defendidos com a indicação de *reservados*, não se encontravam ocupados. E, depois, que a maioria do auditório era constituído por gente moça. E que a boa disposição e também a atenção ao que se passava e ouvia reinaram do princípio ao fim do espectáculo.

Quanto aos executantes que participaram no concerto, eram de vária proveniência: sobretudo das Orquestras Gulbenkian e do Teatro de São Carlos, e da recentemente extinta Sinfónica da RDP. Infelizmente o que ali aconteceu levou muita gente a, com justeza e mágoa, reflectir na circunstância de que não vai sendo fácil, actualmente, experimentar a sensação de escutar um corpo sonoro amplo, típico de uma verdadeira orquestra sinfónica apta a abordar o grande repertório orquestral post-romântico e moderno (de um Ricardo Strauss, um Mahler, um Ravel, um Stravinsky ou um Messiaen), tratando-se de orquestras portuguesas ou aqui radicadas e operantes com regularidade.

E uma reflexão igualmente dolorosa terá assaltado algumas das pessoas presentes, ao lembrarem-se da escassez de público, que deixara muito desguarnecida aquela mesma sala, por ocasião de um concerto efectuado, alguns dias antes, pela Orquestra do Teatro de São Carlos, sob a direcção de um grande regente (Wolfgang Rennert) e com a colaboração de dois solistas vocais excelentes - um concerto de resultados artísticos de nível inegavelmente elevado e com um programa de interesse e qualidade também inegáveis, dotado de superior dimensão cultural, e que dir-se-ia, por igual, bastante insólito... Basta acrescentar que era constituído por obras representativas, e suponho que todas elas em estreia entre nós, de Schrecker, Alban Berg e Zemlinsky! Porquê um tão manifesto desaire de público? Outra reflexão se imporá: sobre a política de cultura, de promoção, de esclarecimento prévio, de preço dos bilhetes, nomeadamente.

Voltando ao concerto de agora, dirigido por Miguel Graça Moura, esclareça-se que a primeira parte foi preenchida por uma das obras mais conhecidas e populares do repertório orquestral, mas que não esgotou o encanto da sua musicalidade tão pessoal: a *Sinfonia nº. 9*, de Dvorak, dita "O Novo Mundo".

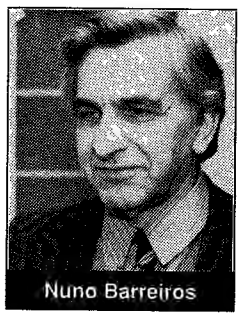
Foi uma versão suficientemente cuidada e equilibrada, dentro daquela linha sensível que é habitual no regente da noite.

A segunda parte era consagrada a duas obras do regente, que, como se sabe, é também compositor desempoeirado. Ultimamente não temos tido ensejo de tomar conhecimento com novas obras de Miguel Graça Moura, e as partituras em questão constituíam primeiras audições em Portugal.

Obstinação, com a duração de cerca de sete minutos, é, na sua relativa concisão, um fresco de efeitos orquestrais bem calculados, exprimindo porventura uma mensagem singela, de teor dramático subjacente mas não destituído de sentido esperançoso. Um fundo sussurrante, sobre o qual vão surgindo intervenções mais ou menos salientes e contrastantes dos vários naipes da orquestra.

Poder-se-á observar que, no respectivo discurso e no jogo de densidades e progressões, se divisa, da parte do compositor, um certo epicurismo sonoro que não invalida, aliás, uma noção de medida, fundamentalmente latina e cartesiana, mesmo na impressiva passagem em que a percussão toma o passo.

Depois veio o *clou* do espectáculo: *Convergências*, para orquestra e público. Miguel Graça Moura, que teceu algumas considerações sobre a modernidade (bastante moderada, valha a verdade, mas isso, por si só, não é pecado) que o teor das suas partituras traduz, explicou o como da participação do público (singela e rudimentar, como o próprio teor musical dessas *Convergências*) cifrando-se em exclamações e curtas intervenções vocais da assistência. E antes da *performance* procedeu judiciosamente, com base nas folhas distribuídas com o programa (afinal o esquema da partitura), a um ensaio com o público, que iria ser intérprte. Reconheça-se que tudo se passou com boa disposição e disponibilidade divertida do público. Um ambiente que - descontraído para a maioria e traduzindo algum cabotinismo na opinião de outros - não constitui propriamente um mal em si. Muito pelo contrário. Desde que se tomem as coisas no pé em que há que situá-las. Sem ilações descabidas...


Nuno Barreiros

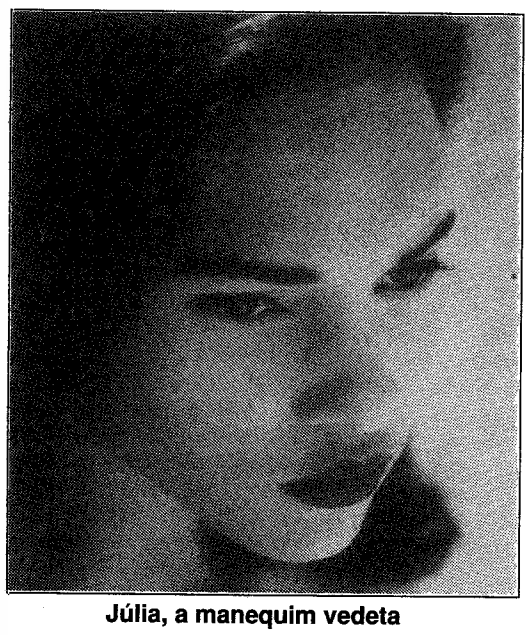
No espectáculo - concebido por Graça Moura, coordenado pelo agrupamento orquestral «La Folia» e cuja realização se deve ao patrocínio da GALP, dispondo da máquina promotora do Ministério da Educação, da Secretaria de Estado da Cultura, da Secretaria de Estado da Juventude e da Câmara Municipal de Lisboa - estiveram presentes entendidades oficiais como o Ministro da Educação, o secretário de Estado da Cultura, o Presidente da Câmara de Lisboa, assim como as Esposas do Presidente da República e do Primeiro Ministro. A Televisão, por vezes tão esquiva em realizações culturais de grande significado, não faltou também. Não se estranha nem critica que assim tenha sido.

Só parece de desejar que um tão explícito empenhamento venha contemplar outras iniciativas, por certo não menos interessantes e de alcance não menos amplo.

Um comentário final. Que pena não se ter aproveitado o contingente orquestral dilatado, que se congregou desta vez, para dar ainda uma obra moderna, contemporânea, daquelas substanciais que faz falta conhecer neste jardim à beira mar plantado!

Júlia na "Vogue" italiana fotografada por Vallhonrat

Javier Vallhonrat que é, nem mais nem menos, um dos maiores fotógrafos da actualidade, na área da moda onde se especializou, descobriu que em Portugal também existem rostos, cuja beleza se encaixa nos seus exigentes padrões. Assim, através da agência Central, dirigida por Tó Romano, convocou a manequim Júlia que irá aparecer, fotografada por ele, nas páginas da "Vogue" italiana.


Júlia, a manequim vedeta

Um metro e oitenta de mulher, o exotismo resultante da mistura de sangue negro e oriental, Júlia foi distinguida porque, na verdade, possui um estilo inconfundível. Quanto a Javier Vallhonrat, vai colaborar com Juan Gatti que acabou de assumir o cargo de director artístico daquela revista. Juntos, em Espanha, assinaram catálogos e várias produções de moda com uma qualidade indiscutível. Constituem a parceria perfeita, ambos são geniais.

Para Juan Gatti abrem-se aliciantes pespectivas, pois a "Vogue" italiana é a única revista de moda europeia que dá a liberdade de converter a informação em arte. Tem, por outro lado, a oportunidade de se incorporar, com plena justiça, num elenco internacional. Ali só trabalha gente de classe A, ou seja a nata dos gráficos, fotógrafos e manequins, o que é, sem dúvida, um privilégio para a portuguesa Júlia. Talvez ela se encontre, agora, a um passo de ingressar nas fileiras dos *top-models*.

Lourdes Féria

CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

SECRETARIA

AVISO

RECONVERSÃO DE ZONAS DE CONSTRUÇÃO CLANDESTINA

A existência de diversas zonas de construção clandestina na área do Concelho de Odemira constitui um problema que a Câmara Municipal pretende resolver, socorrendo-se para o efeito dos estudos do Plano Director Municipal, que se encontra em curso.

O Departamento Técnico da Câmara Municipal está a proceder ao levantamento das zonas de construção clandestina, nomeadamente:

a) Freguesia de Vila Nova de Milfontes
- — Freixial
- — Lagoa dos Gansos
- — Brunheiras / Foros do Galeado
- — Brejo das Figueiras
- — Pousadas Velhas
- — Foros da Pereira
- — Pereirinha
- — Malhadinhas

b) Freguesia de Zambujeira do Mar
- — Brejo da Lagoa

Para as zonas referidas foram estudadas e aprovadas normas especiais e está a incentivar-se a criação de Associações de proprietários.

Para que sejam obtidos os melhores resultados solicita-se a colaboração de todos os interessados (proprietários, arrendatários, promitentes compradores e titulares de outros direitos, ónus, encargos ou responsabilidades) para apresentarem até ao dia 31 de Março de 1990 na Câmara Municipal de Odemira os documentos comprovativos dos direitos que reclamam sobre as parcelas.

De salientar que não serão aceites os documentos que sejam entregues em data posterior a acima mencionada, sendo os respectivos interessados excluídos dos Planos de Reconversão Urbanística que venham a ser elaborados.

Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, vinde e dois de Fevereiro de mil novecentos e noventa.

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Justino Abreu dos Santos

DESPORTO

Benfica nas meias-finais europeias

Pequena pausa para reflexão

do nosso enviado especial

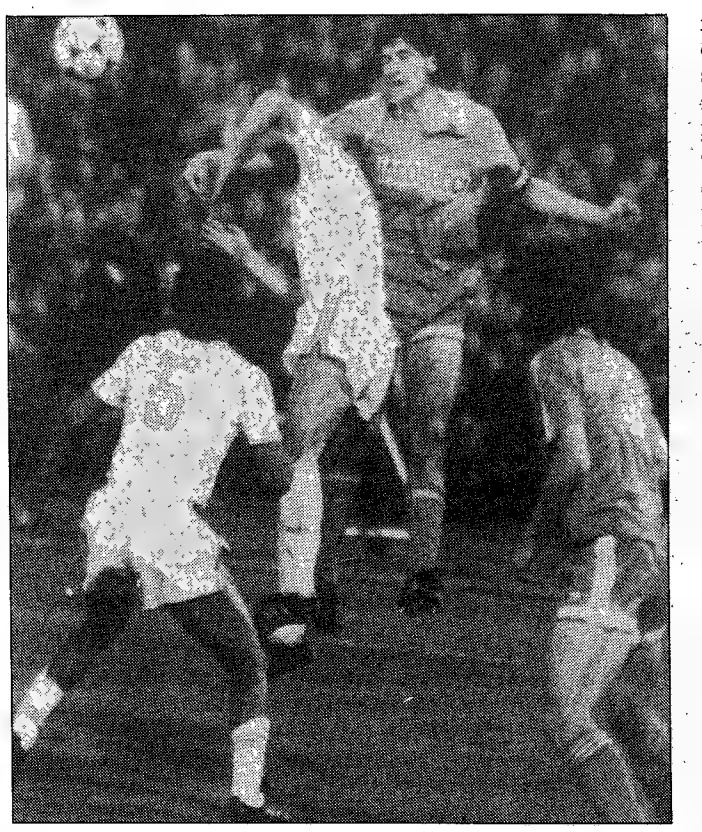
Evidentemente: nunca poderá descurar-se o correcto significado que, dentro do palco europeu, ficou como reflexo do sucesso benfiquista na Ucrânia porque, mesmo amputado de alguns dos valores que o ajudaram a conquistar o título soviético, o Dniepr tem pergaminhos a defender e, inclusive, violando a lei uefeira, fez alinhar um jogador castigado (Tichenko, o camisa cinco que «arrumou» Valdo) numa clara demonstração de que arriscava tudo por tudo na sua aposta.

Simplesmente (e é de inteira justiça salientar-se esse facto) o «team» do Benfica deu uma notável lição de companheirismo, aplicação ao trabalho e cuidada execução do que estava planeado por Eriksson, Toni, Eusébio. Porque nem uma só peça emperrou, também a sorte esteve com as nossas cores (tanto naquela soberba travagem de bola por parte de Silvino, como na outra sacudidela para a trave, ainda na possivel grande penalidade por Aldair que o juiz holandês entendeu de modo complacente), porque os homens-vértices da manobra estiveram com a fortuna (Valdo, Lima, Ricardo, Magnusson, Hernâni, Paneira, Veloso, Silvino, Thern) e os demais parceiros sem falhas e (igualmente) olhar atento e coração aberto.

Pronto: foi excelente triunfo. Mas, para esse desiderato, com a meta nesse objectivo, toda a estrutura do efifício foi cuidadosamente montada, uma vez mais provando que nada pode ser encarado ao sabor do acaso em disposto de alta competição. Desde hectolítros da nossa água até bifes e bacalhau, de batatas e azeite e vinho, os mantimentos foram assegurados por uma dupla de cozinheiros (Jorge Carlos e José Augusto, do «Tónio») que já fazem parte da caravana de amigos que sempre rodeia a águia em viagem. Houve a preocupação de carregar toda a sorte de medicamentos e aparelhagem para tratamento dos atletas: um capítulo onde o dr. Amílcar Miranda e o massagista Asterónimo Araújo até estiveram à prova na rápida recuperação de dois camaradas do jornalismo: Ribeiro Cristóvão, que passou por um problema de fígado; António Pedro, com uma súbida e assustadora baixa de tensão quando já fazíamos a quarta e última etapa da viagem aérea). Depois, foi espantoso de ver o labor do jovem roupeiro Luís Alberto dos Santos que, com toda a certeza, teve inédito trabalho perante o demorado, esquisito, requintado e duro controlo alfandegário das autoridades soviéticas.

Vidas em tempo perdido

E foi nesse aspecto que o primeiro negrume tocou na deslocação. Muitas horas de voo desde Lisboa, paragem em Lvov e, quando se pensava que a comitiva poderia repousar um nadinha, ao menos refrescar-se enquanto ia mostar a documentação, eis que (enfiando-nos num autocarro para somente percorrermos 20 metros...) nos encafuaram em edifício a cair aos pedaços, um a um em fila interminável, até que tudo voltou à forma inicial, com o maralhal (debaixo de um sol inclemente) a ter de ir buscar as malas e ficar num páteo esconso, à espera de vez para mostrar tudo o que levava aos carrancudos e lentos funcionários da lei.



Dniepr ao ataque não foi a constante do jogo

Depois de hora e meia na frigideira, tocou novamente a unir, o exército já meio destroçado, suando em bica, a caminho de Dnepropetrovsky, do tal hotel que já nos tinham dito como era: primitivo, apenas ao serviço dos elementos do Partido dominante da URSS, aquele mesmo que nas páginas do nosso colega «Record» já fora apresentado ao natural: pessoal muito simpático mas instalações medievais. Imagine-se: nem telex, nem fax, apenas a possibilidade quase remota de telefone, caso se pedisse linha para Moscovo, com um mínimo de duas horas de antecedência. Valeu, na emergência, o magnífico labor do nosso pessoal dos CTT que, de uma assentada, estabelecia ligação para a cidade soviética e, com os 22 jornalistas amarfanhados junto a um balcão com metro e meio de largo, lá se ia fazendo a chamada do pelotão, com cada qual a debitar a sua prosa sempre de credo na boca, não fosse a linha cansar-se e desistir.

Um pormenor que (portanto) foi mais um traço pouco feliz para uma organização que muito cedo soube que mais de duas dezenas de jornalistas iam precisar de comunicações com a sua terra.

Espelho baço de um reduto militar

Aliás, vendo as coisas, não nos poderemos queixar nem tão-pouco admirar: Dnepropetrovsk foi, até há 18 meses, uma cidade completamente interdita a estrangeiros. Curiosamente dizia-se que quem lá nascia, lá morria. O cerco era completo e justificava-se: ali reside a maior concentração de fábricas de material bélico da URSS, sendo mais fácil encontrar «Migs» ou helicópteros, mísseis ou canhões que um qualquer estabelecimento que venda algo mais que instrumentos musicais ou discos da «Lambada» já gravados na URSS, pequenos objectos em madeira pintada, colecções de selos, galhardetes muito coloridos ou emblemas para «souvenirs». Tirando isso, apenas garrafas de vodka, porque a própria água engarrafada tem um sabor a que não nos adaptámos, talvez sugerindo a Sousa Cintra que pode para ali exportar da sua produção.

Acrescente-se que, embora muito triste, muito fechada, a população de Dnepropetrovsk é extremamente simpática e contaram-se por milhares (de todas as idades) os que estiveram pedindo recordações do Benfica, com esse excelente relações públicas que é Manecas (do Elefante Branco) funcionando como elo de ligação. Gente muito amável, mas altamente patriótica, pois quando falávamos na URSS todos logo diziam: «Aqui é a Ucrânia», mais de 50 milhões de habitantes que, ou muito nos enganamos, ou estão prestes a soltar o mesmo grito do Ipiranga de outras províncias soviéticas pouco abertas à Perestroika.

E a «perestroika», senhores?

No tradicional almoço em que a direcção do clube viajante se reúne com a Comunicação Social, João Santos salientou as boas relações existentes entre o Benfica e os jornalistas com o nosso camarada Homero Serpa (de «A Bola») respondendo em nome de todos nós, sendo de anotar as suas palavras em relação ao *novo «Diário de Lisboa»*, que foi saudado com um apreço que registamos com muito orgulho. Estava presente o Vladimir, «free-lancer» que trabalha também para a nossa RTP e que, no uso da palavra, dissecou perfeitamente o perfil actual da URSS, com a montanha de casos que quotidianamente surgem perante Gorbachev e o palpite (cimentado em factos) de que a Perestroika dificilmente será entendida pela globalidade da população antes do ano 2050. A verdade é esta: o presidente soviético é mais conhecido e aplaudido fora de casa que dentro das fronteiras do seu país, onde a inflação é aterrorizadora: no câmbio oficial, o dólar vale seis rublos, no mercado «paralelo» vai de dez a 14, conforme a cara do cliente. O pior é que a moeda da URSS não tem qualquer poder de compra porque também, por ali, só vale a pena comprar um violino ou um acordeão, uma «balalaika» ou um clarinete, um relógio ou uma máquina fotográfica, um óculo ou um álbum com fotografias da cidade. Não há mercado para mais nada.

Benfica: externo e interno

A chefia benfiquista foi inexcedível de atenções para connosco. Sóbrio e mais hermético o presidente João Santos, permanentemente comunicativos e aderentes Adriano Afonso e Marcel d'Almeida, Jorge de Brito e Luís Tadeu, João Loureiro, Gaspar Ramos e Suzete Abreu, sem deixar de se salientar o papel relevante de Shéu em toda a organização da secção futebolística do nosso campeão nacional.

Centena e meia de adeptos rodearam a equipa, ficando no olhar o bizantinismo das vestes do garrido «Barbas» (da Costa de Caparica) e o tom álacre dos cachecóis, barretes, camisolas e bandeiras que deram nota berrante ao acizentado e mortiço conclave do Estádio Meteor que, antes de retirar vencido e convencido pela exibição portuguesa, teve aquele aborrecido amargo de boca rubricado pelo desvairado espectador que galgou todas as barreiras para ir dizer qualquer coisa ao fiscal de linha mas deve ter acabado o recado já a caminho da Sibéria.

O êxito do Benfica foi de tal monta que, brevemente, vai realizar-se em Dnepropetrovsk uma competição de futebol infantil (13/15 anos) que se denominará «Torneio Eusébio» e terá participação do Totenham (Inglaterra), Real Madrid (Espanha), Benfica e das turmas soviéticas do Dínamo, Torpedo e Dniepr. Uma hon-

cont. na pág. 26

CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

AVISO

RECONVERSÃO DE ZONAS DE CONSTRUÇÃO CLANDESTINA

A existência de diversas zonas de construção clandestina na área do Concelho de Odemira constitui um problema que a Câmara Municipal pretende resolver, socorrendo-se para o efeito dos estudos do Plano Director Municipal, que se encontra em curso.

O Departamento Técnico da Câmara Municipal está a proceder ao levantamento das zonas de construção clandestina, nomeadamente:

a) Freguesia de Vila Nova de Milfontes:
— Freixial
— Lagoa dos Gansos
— Brunheiras/Foros do Galeado
— Brejo das Figueiras
— Pousadas Velhas
— Foros da Pereira
— Pereirinha
— Malhadinhas

b) Freguesia de Zambujeira do Mar
— Brejo da Lagoa

Para as zonas referidas foram estudadas e aprovadas normas especiais e está a incentivar-se a criação de Associações de proprietários.

Para que sejam obtidos os melhores resultados solicita-se a colaboração de todos os interessados (proprietários, arrendatários, promitentes compradores e titulares de outros direitos, ónus, encargos ou responsabilidades) para apresentarem até ao dia 31 de Março de 1990 na Câmara Municipal de Odemira os documentos comprovativos dos direitos que reclamam sobre as parcelas.

De salientar que não serão aceites os documentos que sejam entregues em data posterior a acima mencionada sendo, os respectivos interessados, excluídos dos Planos de Reconversão Urbanística que venham a ser elaborados.

Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, vinte e dois de Fevereiro de mil novecentos e noventa.

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Justino Abreu dos Santos

BREVES

Atletismo: presença portuguesa no Mundial de corta-mato

O atletismo português vai amanhã estar presente no Mundial de corta-mato que decorrerá em Aix-Les-Bains (França).

Portugal, que em 1984 obteve a sua melhor classificação (terceiro lugar), aspira a um lugar entre os cinco primeiros e além dos gémeos Castro, Ezequiel Canário, António Pinto, Carlos Monteiro, Manuel Matias, Joaquim Silva e Juvenal Ribeiro compõem a equipa que ficou desfalcada de José Regalo por ter acusado uma lesão na perna esta semana e foi substituído na selecção nacional por Henrique Crisóstomo, seu colega de equipa no Benfica.

Em femininos, também houve alterações de última hora e Aurora Cunha entrou em substituição de Ana Moreira, surgindo Conceição Ferreira e Albertina Dias como as melhores atletas da selecção que integra ainda Mónica Gama, Fernanda Marques e Lucília Soares.

Em juniores, uma atleta individual, Carla Sacramento, pode aspirar a um lugar de destaque na comitiva portuguesa que faz deslocar a França o maior número de treinadores e dirigentes de sempre.

Fórmula Um: chuva prejudica treinos no GP do Brasil

Uma forte chuvada prejudicou os primeiros treinos livres para o Grande Prémio do Brasil em Fórmula Um, que se realiza domingo.

Elogiado pelos pilotos, o remodelado traçado do circuito de Interlagos estava completamente alagado, facto que impediu um aproveitamento total, por parte dos mecânicos e dos pilotos, destes treinos livres.

O melhor tempo pertenceu ao britânico Martin Donelly, Lotus 102 Lamborghini, com 1:33.587 minutos, obtidos numa das breves abertas que o tempo permitiu.

Ayrton Senna, a correr em casa e desejosso de se impor aos seus mais directos adversários, realizou o quinto melhor tempo, com o seu McLaren/Honda a gastar menos um segundo que Donelly.

O francês Alain Prost, Ferrari, foi nono com 1:35.524 minutos, enquanto Gerhard Berger, McLaren, não fez melhor que o 30.º lugar com 1:51.892.

EM AGENDA

Basquetebol

Estrelas da Avenida - Barreirense, no Pavilhão das Olaias, às 16 horas; Benfica - Ovarense, no Estádio da Luz, Pavilhão 1, às 17.30 horas; Guifões - Ginásio Figueirense, no Pavilhão M.P. Lima, às 17 horas; Esgueira - Beira Mar, no Pavilhão do Esgueira, às 17.30 horas; e Imortal - Futebol Clube do Porto, no Pavilhão de Albufeira, às 16 horas.

Hóquei em campo

Lousada - Canelas, em Lousada; Futebol Benfica - Benfica, no campo do Futebol Benfica; e Belenenses - União de Lamas, no Estádio do Restelo. Todos os jogos começam às 15 horas.

Hóquei em patins

Quimigal - Sporting; Valongo - Óquei Clube de Barcelos; e Futebol Clube do Porto - Académica, às 17.30 horas. Benfica - Sanjoanense; União de Tomar - Paço de Arcos; Parede - Oliveirense; e Turquel - Grundig, todos às 21 horas.

Voleibol

Grundig - Leixões, às 21 horas; Académico de Espinho - Benfica, às 18 horas; e Sporting de Espinho - Sporting, às 21.30 horas.

Benfica-Sporting no topo do cartaz

Braga-Porto é o outro jogo que domina a atenção dos benfiquistas porque o título não é questão que eles consideram arrumada

A 25.ª ronda do Campeonato Nacional de futebol tem, como marco principal o «derby» lisboeta e como pólo de atracção o confronto Braga-Porto, que terá como palco o Estádio 1.º de Maio da capital minhota. Depois da «epopeia» da Ucrânia, o clube de Eusébio voltou a reacender a chama que ilumina o caminho para atingir o prestígio que, em tempo não muito distante, o colocou no «top» europeu e o confronto de domingo frente ao parceiro de Alvalade, tem a «marca» de prestígio e a «patente» de decisivo quanto a uma remota esperança de renovar o título interno que, obviamente passa pela «contabilização» que os comandados de Artur Jorge forem fazendo nos jogos que ainda restam para o fecho do balanço. Por isso, o encontro de Braga reveste-se de grande importância para as aspirações dos benfiquistas uma vez que se trata de um dos mais difíceis testes que restam aos «dragões». Bom, se o Sporting vencer ou empatar e o Porto retornar, do Minho, com os dois pontos no bornal, nada mais restará à colectividade da Luz do que olhar o horizonte europeu e fazer vénia aos futuros campeões nacionais.

Estes dois encontros serão realizados no domingo, juntamente com o Boavista-Beira Mar e União da Madeira-Guimarães, já que os demais se encontram marcados para amanhã.

Quanto às divisões secundárias, Maia - Infesta e Seixal - Alverca (2.ª) e Valonguense - Ermesinde, União de Santarém - Mirandense e Montemor - Montijo (3.ª), são os únicos jogos antecipados para

Sporting na caminhada para a Luz

amanhã. Para domingo eis o calendário

2.ª Divisão

ZONA NORTE: Bragança - Freamunde (1-3, na primeira volta); Rio Ave - Joane (1-2); Maia - Infesta (2-2); Vianense - Gil Vicente (0-2); Vizela - Desportivo das Aves (0-4); Fafe - Marco (1-0); Felgueiras - Trofense (1-2); Famalicão - Leixões (7-3) e Paços de Ferreira - Varzim (0-3).

ZONA CENTRO: Águeda - Mirense (1-1, na primeira volta); Caldas - Académica (3-3); Salgueiros - Guarda (0-0); Covilhã - Académico de Viseu (1-2); Espinho - União de Lamas (2-0); Mangualde - Oliveira do Bairro (1-2); Marialvas - Benfica de Castelo Branco (01); Lousanense - Oliveirense (3-1) e União de Leiria - Peniche (0-1).

ZONA SUL: «O Elvas» - Estoril (0-0, na primeira volta; Silves - Olivais e Moscavide (2-0); Olhanense - Sintrense (1-0); Louletano - Portalegrense (1-1); Lusitano de Évora - Juventude (0-0); Samora Correia - Torreense (1-4); Barreirense - Lusitano de Vila Real de Santo António (1-2); Atlético - Farense (0-3) e Seixal - Alverca (0-0).

3.ª Divisão

Série A: Celoricense - Ribeirão (1-2, na primeira volta); Ponte da Barca - Maria da Fonte (0-0); Lanheses - Amares (0-1); Mirandela - Prado (2-1); Caminha - Vieira (3-0); Santa Maria - Valpaços (0-2); Moreirense - Macedo de Cavaleiros (2-1); Esposende - Vila Pouca (0-1) e Delães - Valdevez.

Série B: Régua - Amarante (0-1, na primeira volta); Cinfães - Lixa (0-5); Sandinense - Rio Tinto (1-0); Leça - Sanjoanense (0-3); Paredes - Vila Real (2-2); Pedrouços - Santa Marta de Penaguião (1-1); Valonguense - Ermesinde (0-0); Lusitânia - Valadares (0-0) e Lousada - Paivense (1-0).

Série C: Estarreja - Anadia (1-2 na primeira volta); Mealhada - Tabuense (1-1); Gouveia - Santacombadense (0-1); Valecambrense - Argus (2-3); Alba - Valonguense (1-1); Oliveirinha - Oliveira do Hospital (0-0); Mortágua - Ovarense (1-0); Sabugal - Seia (1-2) e União de Coimbra - Luso (1-1).

Série D: União de Santarém - Mirandense (0-0 na primeira volta); Leiria Marrazes - Torres Novas (1-3); Ferrel - Castelo de Vide (0-2); Marinhense - Alcobaça (0-0); Alcains - Naval 1.º de Maio (0-3); Nazarenos - Sertanense (1-1); Estrela - Bombarralense (1-0); União de Tomar - Alfeizerence (4-1) e Alcanenense - Fátima (0-0).

Série E: Loures - Odivelas (2-2 na primeira volta); Futebol Benfica - Cartaxo (1-1); Vilafranquense - Lusitânia (0-1); Sacavenense - Oriental (2-1); Fanhões - Borbense (0-2); Portosantense - Almeirim (2-1); Praiense - Campomaiorense (1-0); Cacém - Fronteirense (0-1) e Câmara de Lobos - Santa Clara (1-1).

Série F: Pescadores - Estrela (1-1 na primeira volta); Amora - Quimigal (2-1); Imortal - Beja (2-2); Esperança de Lagos - Vasco da Gama (1-2); Leões - Trafaria (1-1); União de Santiago - Almancilense (2-0); Moura - Quarteirense (0-1); Palmelense - Sesimbra (0-1) e União de Montemor - Montijo (0-1).

Acertos

O Santa Clara dos Açores, venceu, ontem o Portosantense por 2-1, em jogo (em atraso) referente à 11.ª jornada do Campeonato Nacional da 3.ª Divisão (série «E»).

Sampdoria segue em frente

O Sampdoria (Itália) depois de ter ganho o encontro da 1.ª mão por 2-0, foi a Zurique voltar a vencer o Grasshopper desta vez por 2-1 pelo que segue em frente na Taça das Taças.

TINTAS GEORGET

A QUALIDADE AO SERVIÇO DAS ARTES GRÁFICAS

REPRESENTANTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL

PRINSET - TINTAS DE IMPRESSÃO, LDA.

MASSAMÁ – QUELUZ

TELEFONE – 4376976

VESTUÁRIO EM CABEDAL

COM AS MELHORES PELES

CONFECÇÕES STAHL, LDA.

AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º, ESQ.

☎ 77 11 58 – 1000 LISBOA

ADMISSÃO DE PESSOAL

A Câmara Municipal de Almada pretende recrutar, em regime de contrato a prazo certo, 1 engenheiro ou engenheiro-técnico para a área dos Serviços Urbanos e Toponímia.

Condições Preferenciais:

— Formação no ramo civil;
— Experiência de gestão de trânsito

Oferece-se:

— Remuneração e condições de acordo com o definido para a Função Pública (Autarquias Locais).

As candidaturas deverão ser enviadas, sob registo, para o Departamento de Recursos Humanos desta Câmara Municipal, Rua D. Nuno Álvares Pereira, n.º 76-C, até ao prazo de 8 dias após a publicação deste aviso.

Gabinete de Recrutamento, Formação e Desenvolvimento

Almada, 23 de Março de 1990

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

BREVES

«Doping» e castigos

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol anunciou a existência de mais três casos de uso de «doping», que motivaram a instauração de outros tantos processos disciplinares. Segundo Chumbita Nunes, porta-voz daquele órgão federativo, os jogadores envolvidos são: Aurélio Moreira Rocha e Marcos António Nogueira (Freamunde) e Adamo Ramos Martins de Sousa (Felgueiras).

O Conselho de Disciplina confirmou a interdição por um jogo do Estádio Municipal de Guimarães, sendo de registar que o castigo foi cumprido no passado domingo. Ainda no tocante a interdições de campos, o Conselho de Disciplina anunciou que na próxima semana julgará em definitivo a interdição preventiva do Estádio do Portimonense, motivada pelos incidentes registados após o jogo com o FC Porto.

O árbitro de Lisboa, Hélder Marques de Sá foi punido com seis meses de suspensão por «graves injúrias» proferidas contra vários órgãos da Federação Portuguesa de Futebol. Sobre este caso, Chumbita Nunes declarou ser «extremamente grave punir um árbitro, que deveria dar o exemplo de bom comportamento».

No que respeita a jogadores o Conselho de Disciplina da FPF decidiu punir com quatro jogos, Vando (Marítimo) e com dois, Pedro Miguel (Feirense) e Bobó (Estrela da Amadora). Com um jogo de suspensão foram castigados, Andrade e Carlos Jorge (Marítimo), Samuel (Benfica), José Maria (Tirsense), Dinis (Nacional) e Coelho (Penafiel).

Federação Equestre

A Federação Equestre Portuguesa e a Crisal-Cristais de Alcobaça vão promover um encontro com os jornalistas no dia 26 do corrente no Restaurante «A Primavera» (Travessa da Espera, em Lisboa), para apresentarem o «Ranking Oficial de Saltos de Obstáculos Atlantis». O «Ranking' será fundamental para a classificação dos cavaleiros nacionais, nomeadamente, para a selecção do apuramento para os Jogos Olímpicos de Barcelona.

À espera do Marselha

cont. da pág. 24

ra mais para Eusébio, que chorou copiosamente quando soube da morte do seu amigo Iachine e, horas depois, no Estádio, teve de fazer um tremento esforço para novamente segurar as lágrimas. Pena que, entre os dirigentes benfiquistas, ninguém se tivesse lembrado de, ao lado da nossa *estrela*, ter viajado até Moscovo para representar o desporto português no último adeus ao «aranha negra».

Muitas caras conhecidas estiveram em abraço ao Benfica: desde o presidente portimonense Manuel João (que belas histórias poderíamos contar se as suas afirmações não tivessem de ficar em «off») até Valdemar Custódio, o antigo adjunto de Manuel José que é agora próspero comerciante. E uma outra curiosidade: entre a caravana, o belenense Vítor Moreira não perdeu um momento sem fazer publicidade ao clube do Restelo. De tal modo que, no hotel (diferente do nosso) em que ficou alojada a caravana de excursionistas, uma grande bandeira azul e branca dominava toda a entrada!

Enfim: venha o senhor que se segue. Até lá, o Benfica continuará firme sem (todavia) deixar de se adivinhar que a próxima eleição de gerência será movimentada e pode ter, em pontos cardiais distantes, figuras exponenciais de diferente concepção da vida clubista: casos de Marcel d'Almeida e Jorge de Brito que (certamente) avançarão para a 1.ª fila se João Santos entender soltar o testemunho. E, para já, parece que as forças estão contando as espingardas: depois da abalada da Taça de Portugal e da incógnita no tocante ao título, será a carreira uefeira a definir os exércitos. Até lá, avance o novo obstáculo europeu.

Neves de Sousa

Desporto e autarquias

Os jogos concelhios, que decorrem um pouco por todo o lado, visam desviar os jovens de todos os flagelos sociais

Uma das iniciativas mais relevantes do Pelouro de Desporto da CML dinamizadas pelo antigo vereador Victor Gonçalves e que o actual autarca responsável pela área da juventude e desportos, Rego Mendes, pretende manter no espírito e alargar na acção, são os Jogos Desportivos da Cidade que movimentam milhares de jovens com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos, em constante actividade, através da prática de diversas disciplinas desportivas, nomeadamente o andebol, atletismo, basquetebol, futebol de salão, natação, voleibol, ténis de mesa, râguebi, minitrampolim e xadrez.

A IV edição decorre, todos os sábados e domingos, e os recintos das escolas Marquês de Pombal, Francisco de Arruda, Gil Vicente, parques municipais de S. João de Brito e do Lumiar, polidesportivo do Campo Pequeno, Verbena do Castelo entre outros já palco da grande festa dos gaiatos de Lisboa numa autêntica «girabola alfacinha».

Naturalmente que as razões fundamentais que inspiraram a institucionalização dos Jogos de Lisboa situaram-se na preocupação da autarquia em motivar os jovens para os benefícios da prática desportiva e de os desviar de eventuais percursos que os conduzissem à marginalidade, à prostituição, ao consumo da droga e a outros flagelos sociais.

Obviamente que nem só em Lisboa é credor do aplauso das populações nesse domínio, já que muitas outras autarquias se tem vindo a esforçar na consolidação desses preceitos. Como fortes exemplos desses serviços prestados à comunidade deverá realçar o Seixal, onde anualmente decorre aquela que é, inquestionavelmente, a maior manifestação de desporto popular de massas e que culmina um processo de dinamização desportiva mantido durante todo o ano através das mais variadas actividades. Referimo-nos, naturalmente à Seixalíada que é, de forma indesmentível, um marco de orgulho de Eufrásio Filipe e de todos os autarcas do concelho do Seixal. Mas não é só Lisboa e o Seixal que merecem louvor. Loures tem um programa notável. Oeiras, Almada, Amadora, Vila Franca de Xira, Coimbra, diversos concelhos do Minho, Grândola, Setúbal, Barreiro, Moita, todo o distrito de Évora e de Beja, Palmela e Sintra: estes alguns dos concelhos que cuidam do bem-estar das populações para além dos problemas de saneamento, da salubridade pública, dos transportes, da habitação, do estado dos arruamentos, da defesa do património, da cultura, etc.

Agora mesmo, nos é comunicado pelo vereador do Pelouro de Desporto de Almada (António Matos) que durante alguns anos ocupou igual cargo na Câmara Municipal do Seixal, de que os seus serviços estão a preparar a realização dos Jogos Desportivos de Almada que, estamos certos, irão mobilizar vasta parcela da juventude daquela cidade.

Desporto para todos

Os bons exemplos estão a ser seguidos e importa ter a consciência de que copiar o que é bom não é defeito.

A associar à vontade dos autarcas, deverão existir as condições que tornam possível a concretização dos objectivos e sabe-se como escasseiam os espaços e ninguém ignora a falta de pavilhões, de polidesportivos, de piscinas e demais recintos, onde a prática desportiva possa ser feita em condições recomendáveis. Em diversos concelhos (Loures e Seixal são exemplos flagrantes) as autarquias têm desenvolvido enorme esforço no sentido de dotar o espaço geográfico com instalações apropriadas e dotadas das estruturas possíveis e dos equipamentos adequados.

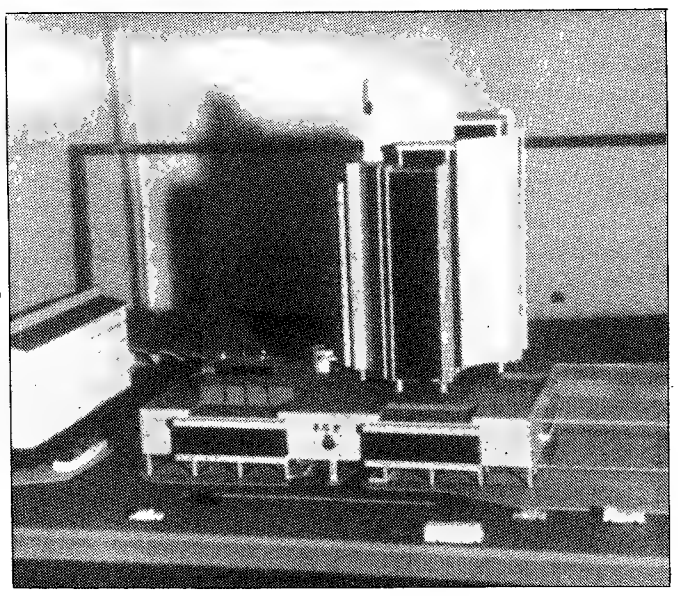
•

Ninguém ousará contestar que a cultura física e o desporto constituem factor de aperfeiçoamento individual e alguém o afirmou em tempo recente de que daí advém «*o enriquecimento da personalidade e do consequente progresso da própria sociedade, desde que encarados numa perspectiva cultural*».

Porque as autarquias representam a divisão administrativa mais próxima do cidadão, cabe-lhes o desempenho de uma tarefa importante nesse domínio e ainda que não se devem substituir ao Poder Central cumpre-lhes desempenhar um papel de «*órgão dinamizador das actividades de cultura física e do desporto, definindo um processo de vida dos munícipes, sendo necessário definir critérios objectivos de uma política de apoio aos pequenos clubes e outras estruturas colectivas*».

Os Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, a Seixalíada, os Jogos Concelhios que se vão realizando um pouco por todo o País traduzem a vontade, o empenhamento de um preceito em obediência às responsabilidades das autarquias para com a população. Trata-se de iniciativas que visam a dinamização das populações, porque o desporto terá que estar nas escolas, nas fábricas, nas colectividades, nas vilas, aldeias. Em Todo o lado.

A.H.



«Dragão» vai erguer nova sede

Assim será a futura Casa do Dragão e durante a visita que ontem fez às Antas, Fernando Gomes, presidente da Câmara Municipal do Porto, prometeu total colaboração da autarquia para que o clube mais representativo da cidade, possa erguer uma sede «*digna do seu prestígio e rentabilize essa construção de forma a ter os fundos necessários para continuar a sua acção no desporto*».

Segundo informações recolhidas junto dos dirigentes do FC Porto, a construção da sede terá início ainda este ano, indo ser constituída, para o efeito, uma comissão bipartida que começará a trabalhar na próxima semana. O projecto irá merecer estudo profundo pois a sede (que orçará em cerca de dois milhões de contos) bem como a ampliação das infra-estruturas terão de obeceder a construção da nova cintura interna da cidade do Porto que terá um «nó de acesso a nascente do Estádio das Antas.

Quanto ao número de pisos, Pinto da Costa pretendia erguer a torre mais alta do Páis mas a autarquia «chumbou» o projecto prometendo colaborar, não na construção do edifício mais alto mas no mais bonito da cidade.

TORRES da BELA VISTA
(Planalto S. António dos Cavaleiros) Lisboa Informações: 988 0646/0489

TORRES do SADO
Setúbal Informações: 065 721144

Compre o seu apartamento de 2, 3 ou 4 assoalhadas
Preços baixos e entradas facilitadas. Empréstimo tratado por nós junto C.G.D.

ESTIL
ESTUDOS, INVESTIMENTOS E URBANIZAÇÃO S.A.

TETRA
CONSTRUÇÃO, S.A.

TRIGERE
GESTÃO IMOBILIÁRIA, Lda.

I Série N.º 69
Dia 23 de Março

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministérios das Finanças e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 214/90:
Cria no quadro de pessoal da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais um lugar de arquitecto assessor.

Portaria n.º 215/90:
Define e descreve os bens afectos ao porto de Sines, transcritos no Decreto-Lei n.º 182/88, de 21 de Maio.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 104/90:
Dá cumprimento à Decisão n.º 89/442/CEE, da Comissão, de 12 de Julho de 1989, estabelecendo normas para a execução do Plano Reforçado para a Erradicação da Peripneumonia Contagiosa dos Bovinos.

Portaria n.º 216/90:
Estabelece as normas técnico-sanitárias do Plano Reforçado para a Erradiação da Peripneumonia Contagiosa dos Bovinos.

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 105/90:
Regulamenta a prevenção e combate ao *doping* no sistema desportivo português.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAL DISTRITAL DE VIANA DO CASTELO

AVISO

CONCURSO PÚBLICO N.º 1/90 — CENTRAL DE AR COMPRIMIDO

ALTERAÇÃO

Prazo de entrega das propostas: 15h de 26.04.90
Abertura: No dia seguinte, à mesma hora.

Fernando M. Marques
Administrador Delegado

S. R.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM

AVISO

Foi publicado no D.R. n.º 66 de 20.3.90 Edital de abertura de concurso externo de ingresso, pelo prazo de 15 dias, com vista ao preenchimento de um lugar de técnico superior estagiário da área de gestão, para prestar serviço neste Instituto.

Podem candidatar-se os licenciados, preferencialmente nas áreas de Gestão, Administração e Economia.

A candidatura deve ser apresentada em requerimento dirigido ao Presidente da Comissão Instaladora do Instituo Politécnico de Santarém.

O requerimento de admissão deverá ser acompanhado de «curriculum vitae» e dos documentos que comprovem a sua situação.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

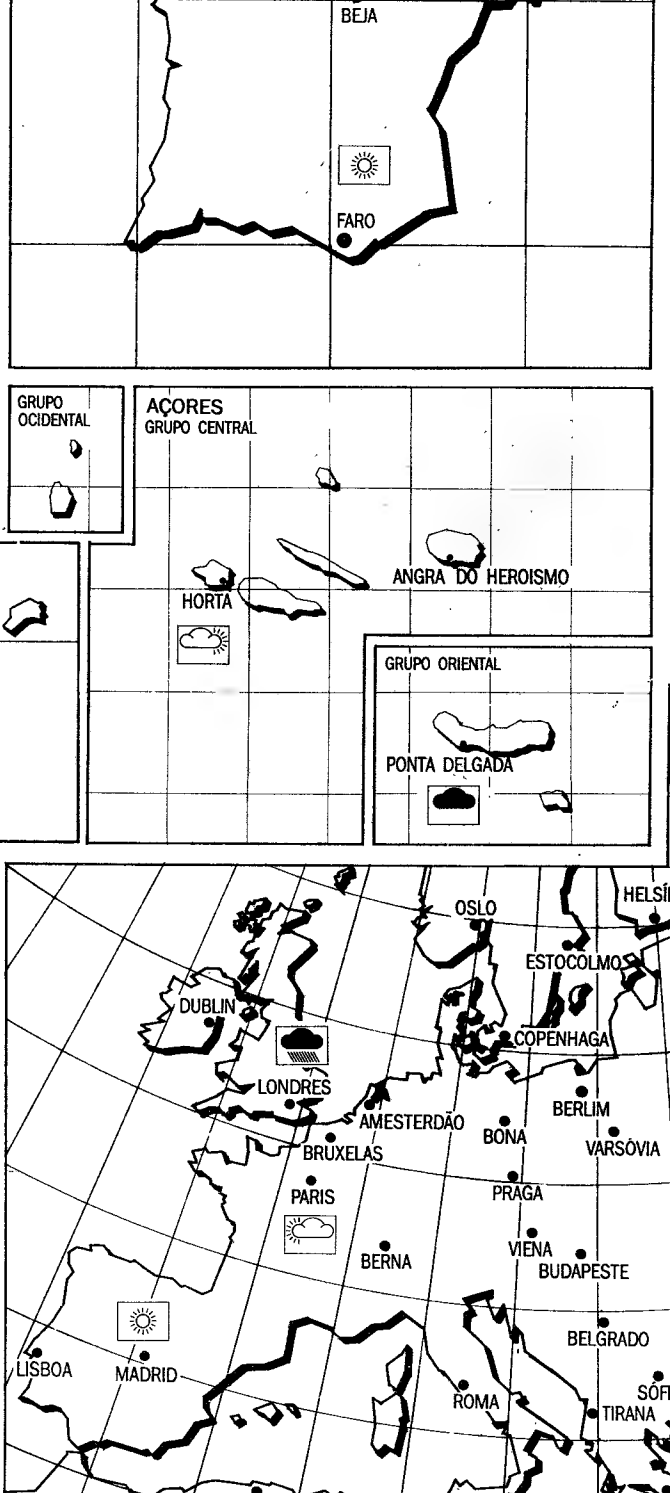
Em todo o teritório: - Períodos de céu muito nublado e vento fraco a moderado de Noroeste. Aguaceiros no Norte e Centro do País. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e com ondulação Sueste de 1 metro na Costa Sul.
Amanhã: - Céu pouco nublado, temporarimente muito nublado nas regiões do Norte e Centro, onde há condições favoráveis à ocorência de aguaceiros e trovoadas, em especial nas regiões do interior. Vento fraco soprando moderado no litoral Oeste.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste moderado a forte. Pequena descida da temperatura. Mar cavado com ondulaão Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Norte e mar encrespado com ondulação Sueste de 1 metro na Costa Sul.
No Funchal: - Períodos de céu muito nublado e vento em geral fraco. Pequena descida da temperatura.
Amanhã: - Céu muito nublado e vento Leste moderado, por vezes forte, mas sendo geralmente fraco no Funchal.

AÇORES

Grupo Ocidental: - Períodos de céu muito nublado e vento Sueste fraco a moderado, rodando para Nordeste a partir da tarde. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Norte de 3 metros.
Grupo Central: - Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste moderado, rodando para Leste. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.
Grupos Central e Oriental: - Períodos de céu muito nublado e vento Leste moderado, soprando por vezes forte no Grupo Oriental. Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.
Amanhã: - Céu geralmente muito nublado e vento Leste moderado a forte.



PORTUGAL

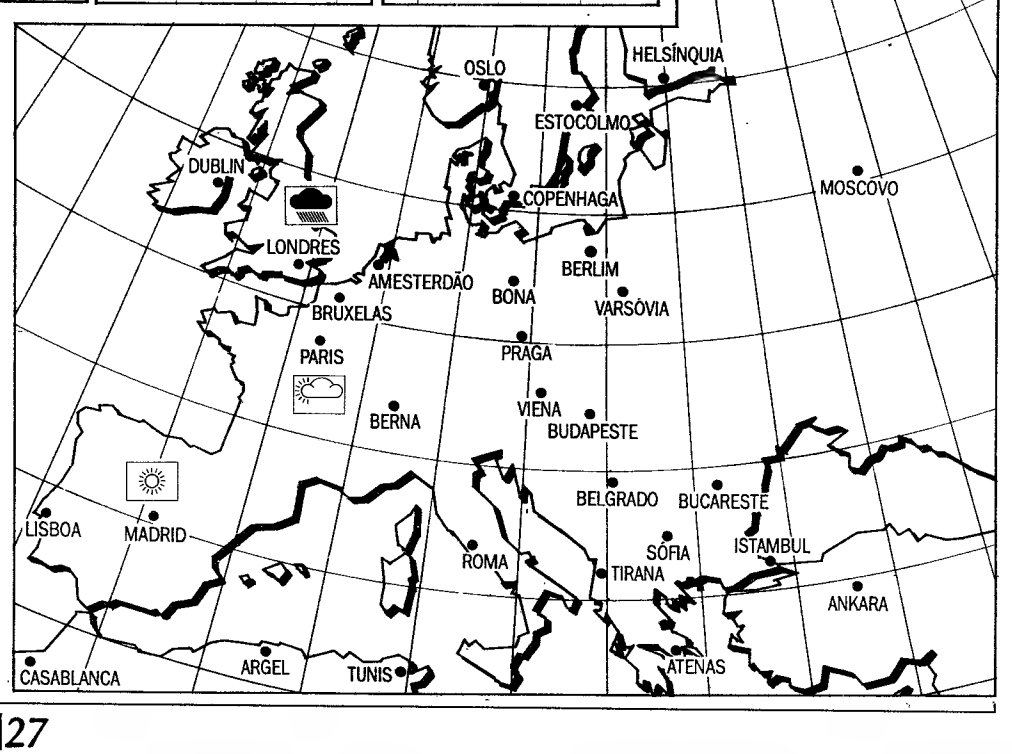
	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	9	9	Trovoada
V. Castelo	11	12	M. nub.
Vila Real	11	11	Encoberto
Porto	8	8	M. nub.
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	13	13	Neblina
C. Carvoeiro	14	14	Encoberto
C. Branco	11	12	M. nub.
Portalegre	10	10	Nevoeiro
Lisboa	13	13	P. nub.
Évora	11	11	M. nub.
Beja	11	11	Encoberto
Sines	13	14	Encoberto
Faro	12	13	M. nub.
Sagres	15	15	Encoberto
P. Delgada	12	13	M. nub.
Horta	11	12	P. nub.
Funchal	24	25	Encoberto

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	11	11	M. nub.
Londres	4	5	M. nub.
Paris	2	2	Neblina
Bruxelas	4	5	P. nub.
Amesterdão	6	7	Limpo
Genebra	11	11	M. nub.
Roma	9	9	Nevoeiro
Oslo	2	2	Limpo
Copenhaga	6	6	M. nub.
Estocolmo	4	5	P. nub.
Berlim	5	5	P. nub.
Viena	11	11	Aguaceiros
Varsóvia	8	8	M. nub.
Atenas	10	13	Limpo
Moscovo	3	3	Limpo

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-2	3	P. nub.
Houston	16	25	Limpo
Los Angeles	13	23	P. nub.
Montreal	0	0	Limpo
Nova Iorque	7	14	Aguaceiros
S. Francisco	9	18	M. nub.
Toronto	-1	-1	Limpo
Vancover	2	9	P. nub.
Washington	7	18	Limpo
Hong Kong	17	24	Aguaceiros
Melbourne	10	24	M. nub.
Pequim	5	9	Chuvisco
Perth	16	28	M. nub.
Singapura	26	33	Limpo
Sydney	17	24	Aguaceiros
Tóquio	5	14	Limpo
Wellington	11	17	Aguaceiros



- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
00.26	3,1m	06.19	1,1m
12.59	3,2m	18.35	1,1m

Amanhã

01.12	3,4m	07.02	0,8m
13.40	3,4m	19.17	0,8m

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alameda - Fonte Luminosa: Ibéria, Rua Barão Sabrisa, 235-235 A, Tel. 888277; **Alvalade:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-A, Tel. 892070; **Amoreiras:** Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, Tel. 650760; **Anjos - Lisboa Gin. Clube:** São José, Rua Anjos, 41-A, Tel. 570730; **Bairro Alto:** Veritas, Rua Misericórdia, 135, Tel. 327564; **Beato:** Grijó, Rua do Grilo, 25, Tel. 385264; **Benfica - Charquinho:** Macedo, Rua República da Bolívia, 69-C, Tel. 7511227; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Estrela - Possidónio Silva:** Tagus, Rua Possidónio da Silva, 162-A, Tel. 669485; **Lumiar:** Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B, Tel. 991328; **Saldanha:** Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14-15, Tel. 521845; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente); **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas - Quinta do Mendes:** Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 990122; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453;

REFORÇO

À Av. Estados Unidos N.º 9: Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 887721; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Chile - Arco Cego:** São Jorge, Largo do Leão, 3 A-B, Tel. 534027; **Conde Barão:** Açoreana, Largo Conde Barão, 2, Tel. 882384; **Estrela:** Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139, Tel. 661758; **Graça:** Almeida Dias, Largo da Graça, 38-39, Tel. 862909; **Jerónimos:** Remísio, Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 3631699; **Largo Campo Pequeno:** Miranda, Largo Campo Pequeno, 36 B-C, Tel. 470776; **Olivais Velho:** Olivais, Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 311237; **Palhavã:** Curie, Av. Madame Curie, 15-A, Tel. 7263220; **São José - Tivoli:** Fernandes, Rua São José, 187, Tel. 326476; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 2432034. Até às 22 h; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho - B. Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **Murtal:** Primavera, R. das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Permanente; Igreja, P. Igreja, 22-A, Tel. 493770. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** O'Neil Pedrosa, R. Casal Olival, Lote A-3, Tel. 4377205. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rodrigues Garcia, Av. Bons Amigos, Lote 5-D, Tel. 9243693. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9250194. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente;

OUTRA

BANDA

Almada: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B, Tel. 2760565. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, Q. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Central, Av. Alfredo Silva, 48, Tel. 2073207. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Cruz de Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30 - Centro Belsul, Tel. 2243143.

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 766 171 / 766 178 / 766 179

HÁ 20 ANOS

NA PÁG. 3: A AUSÊNCIA DE BOURGUIBA PESA NA VIDA POLÍTICA DA TUNÍSIA

Diário de Lisboa

A MOSCA

Inquérito sobre crimes de guerra

REVISÃO DO ESTATUTO DA ORDEM DOS MÉDICOS

proposta na assembleia regional daquele organismo

Sihanouk constitui um exército libertador

Revisão do estatuto da Ordem dos Médicos

Na assembleia regional da Ordem dos Médicos, reunida extraordinariamente, foi apresentada uma proposta de reforma dos estatutos daquele organismo corporativo. Vários assistentes intervieram, antes, para perguntar se os médicos do 1º. ano do internato tinham ou não direito a votar. Um grupo de clínicos antecipou-se na resposta ao vice-presidente da assembleia, dr. Nunes da Costa, que dirigiu os trabalhos: não podiam votar, porque os estatutos afirmavam que só estavam nessas condições as pessoas inscritas na Ordem dos Médicos.

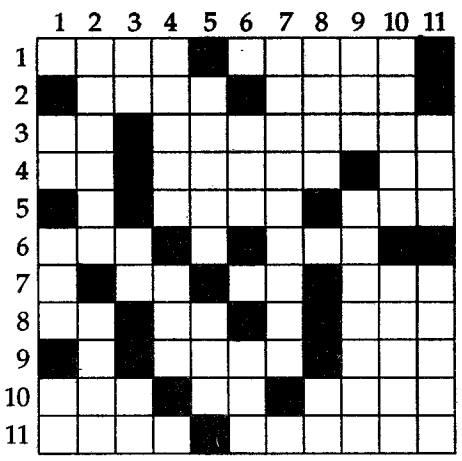
Inquérito sobre crimes de guerra

Iniciou-se um inquérito judicial para determinar quem era responsável por crimes de guerra cometidos num campo de extermínio nazi nos arrozais de San Sabbia, em Trieste. A decisão segue-se ao começo de uma investigação em Frankfurt, na Alemanha, acerca de Dietrich Allers, um advogado e antigo oficial nazi, que se alegou ter dirigido um plano (...) para eliminar inválidos e doentes mentais em hospitais alemães.

Sihanouk constitui exército libertador

Norodom Sihanouk anunciou, em Pequim, a formação de uma frente unida nacional do Kamputchi (Sulka), de um Governo de União Nacional e a constituição de uma assembleia consultiva e de um Exército Nacional de Libertação.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17884

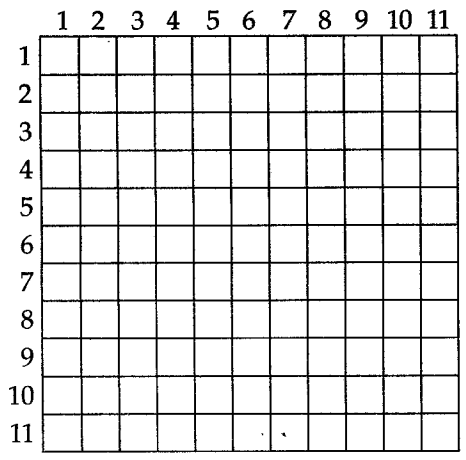
HORIZONTAIS:

1 - Aquele que. Legado.
2 - Desmoronava-se. Senhoras.
3 - Doutor. Acarinharia.
4 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Mexericos. O lado do vento.
5 - Destro. Colocou.
6 - Chiste. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
7 - Antes do meio-dia. Sufixo que designa estado. Ilha do estado da Baía.
8 - Reis. Prefixo de privação. Um dos pontos cardeais.
9 - Apaga. Antiga Agência Telegráfica de Imprensa.
10 - Grande. O sono das crianças. Fértil.
11 - Ramada. Furiosas.

VERTICAIS:

1 - Preposição. Ente. Grego (abrev.).
2 - Rainha de Portugal, mulher de D. Afonso II. Tempo do verbo ser.
3 - Eurípio (s.q.). Nota musical. Amónio (s.q.).
4 - O miar de muitos gatos. Conjunção.
5 - Amante. Recusa.
6 - Acrescentando uma consoante é filho de Tereu, rei de Trácia. Artigo definido. Tempo do verbo ir.
7 - Daria esmola a.
8 - Tempo do verbo ir. Letra grega.
9 - Acrescentando uma vogal é bailado campestre. Colocais.
10 - Lugar de refúgio. Jamais.
11 - Preposição e artigo (pl.). Deste modo.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16694

HORIZONTAIS:

1 - Cidade dos Estados Unidos. Cidade da Bélgica, junto do rio Dendre.
2 - Nome grego, de Júpiter. Rumores.
3 - Sufixo que designa estado. Amofinais.
4 - Soltar a voz (o pato).
5 - Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Nome de mulher. Nome de letra.
6 - Era cristã. Rodilhas (prov.).
7 - Consentimento. Costumar. Autores.
8 - Pronome pessoal. Estime. Muito digno (abrev.).
9 - Filólogo norueguês autor de uma gramática e de um dicionário da língua norueguesa. O mesmo que otomão.
10 - Aparas. Suspiros.
11 - A Tailândia. Eia!

VERTICAIS:

1 - Cidade da República do Equador. Com. da Bélgica.
2 - Cidade de Itália.
3 - Lutécio (s.q.). Nesse lugar. Remate de costura.
4 - Campeões. Útero.
5 - Sadios. Nosso Senhor.
6 - Abelha silvestre (Bras.). Interjeição designativa de espanto.
7 - Vigiaremos.
8 - Olé. Pernadas de sobreiro.
9 - Guarneceres de asas. Ruim.
10 - Estimais.
11 - Alojados.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 883

HORIZONTAIS: 1 - É. MANHA. DE. 2 - Sairão. Bo. 3 - Sai. Ruem. 4 - Rebarba. 5 - Oc. Ser. Erre. 6 - Ras. Mirre. 7 - Oc. Ma. 8 - Uivo. Subo. 9 - Grama. Resta. 10 - Desçam. Al. 11 - Liarias. Ml.
VERTICAIS: 1 - És. PORTUGAL. 2 - Ás. Ca. Ir. 3 - Miar. Sovada. 4 - Áries. COMER. 5 - Na. BEM. Asi. 6 - Horários. Ca. 7 - Ur. Uras. 8 - BEBER. BEM. 9 - Domaremos. 10 - Tal. 11 - DIZER. MAL.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 693

HORIZONTAIS: 1 - Dinamarca. 2 - Avaro. Tau. 3 - Lo. Ricos. 4 - AC. 5 - Singapura. 6 - Ce. Niari. Ab. 7 - Chancas. 8 - Ralhos. CC. 9 - Mar. Ás. Tal. 10 - Civa. Coso. 11 - Amasso. Umas.
VERTICAIS: 1 - Dalmácia. Ca. 2 - Mim. 3 - Na. Ás. Crava. 4 - Avizinharas. 5 - Ma. Nial. 6 - Arreganhado. 7 - Rói. Arcos. 8 - Copias. Cu. 9 - Ato. Tom. 10 - Asara. Casa. 11 - Uu. Caboclos.

PROVÉRBIO: É MANHA DE PORTUGAL: COMER BEM, BEBER BEM E DIZER MAL.

EFEMÉRIDES

1842

• Morre, em Paris, o romancista Stendhal.

1918

• A Lituânia proclama a independência.

1942

• Inicia-se, nos EUA, o programa de colocação em campos de internamento, no interior do país, dos nipo-norte-americanos que habitavam na costa ocidental dos Estados Unidos.

1976

• Morre, em Londres, Bernard Law Montgomery, marechal britânico que venceu o Alemco Rommel na Batalha de Al Alamein, no Norte de África, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1980

• O Xá do Irão, no exílio, deixa o Panamá partindo para o Egipto, enquanto os reféns norte-americanos em Teerão entram na vigésima primeira semana de cativeiro.

1987

• Hermínio Martinho, dirigente do PRD, anuncia que o seu partido vai apresentar, na Assembleia da República, uma moção de censura ao Governo de Cavaco Silva.

• O antigo chanceler alemão federal, Willy Brandt, anuncia a demissão da presidência do Partido Social Democrata (SPD) da RFA.

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1
A GUERRA DAS ROSAS
Filme de Danny DeVito
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

ALFA 4
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30 horas.

AMOREIRAS 2
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 4
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9
TEMPO DE GLÓRIA
Filme de Edward Zwick
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
ESTRANHA ATRACÇÃO
Filme de Joe D'Amato
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
JOVENS SENSUAIS
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
VER É GOZAR
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 horas

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
FLORES DE AÇO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
SILVERAD0
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas.

CINE PORTELA ESTÚDIO SHEZA
Telefone 9434762

CARTAZ

QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO? **PUB**
Em exibição **SALA 4** **Quarteto** **M/16 anos**

VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
LE TESTAMENT D'ORPHÉE
Filme de Jean Cocteau, às 18.30 horas.

ESTE OBSCURO OBJECTO DO DESEJO
Filme de Luis Buñuel, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maiores de 18 anos

Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
ALVOS HUMANOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
QUERIDA, EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ARGANIL

ANÚNCIO

Faz-se saber que no Tribunal Judicial de Arganil corre termos o Processo Comum n.º 33/89 movido à arguida ANABELA SANTANA DO CARMO, solteira, doméstica, filha de Manuel Joaquim Ramos do Carmo e de Maria Teresa da Piedade Santana, nascida a 30.10.1958, natural de Almada, titular do bilhete de identidade n.º 4 833 294 emitido em Lisboa em 12.11.1980, ausente em parte incerta e com última residência conhecida em Bairro Miraloures — Vivenda Maria do Céu — Camarate, e que por despacho de 09 de Março de 1990 foi declarada contumaz nos termos do art.º 336.º do Código de Processo Penal, por haver cometido o crime de emissão de cheque sem provisão P. e P. pelos art.ºs 23.º e 24.º n.º 1 do Decreto 13 004 de 12.01.1927 na redacção dada pelo DL 400/82, de 23 de Setembro.

A declaração de contumácia implica para a arguida, nos termos do art.º 337.º n.º 1 do Cód. Proc. Penal a anulabilidade dos negócios jurídicos de natureza patrimonial celebrados após a declaração, tendo-se decretado ainda a proibição de a arguida obter documentos (nomeadamente a renovação de passaporte e do bilhete de identidade e carta de condução), certidões ou registos junto de autoridades públicas, nos termos do art.º 337.º n.º 3 do Código de Processo Penal.

Arganil, 14 de Março de 1990.

O Juiz de Direito,
Manuel da Silva Freitas
O Escrivão Adjunto,
Afonso Simões

«DL» 2.ª Pub. — 23/3/90

A PERFILADORA S.A.

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL

CONVOCATÓRIA

Convoco os Senhores accionistas de «A PERFILADORA, S.A.» a reunir em Assembleia Geral Anual, que se realizará na Sede Social sita à Rua do Sobreiro n.º 400, na Senhora da Hora, concelho de Matosinhos, pelas 15.30 horas do próximo dia 29 de Março de 1990 com a seguinte ordem do dia:

1. Deliberar sobre o Relatório da Gestão e as contas do exercício de 1989;
2. Deliberar sobre a aplicação dos resultados;
3. Proceder à apreciação global da administração e da fiscalização da sociedade;
4. Proceder à eleição dos órgãos sociais para o triénio de 1990/1992;
5. Deliberar sobre a aquisição e alienação de acções próprias;

Para poderem participar na Assembleia Geral Anual os Senhores accionistas possuidores de um mínimo de 10 acções, deverão, até 8 dias antes da data marcada para a reunião, depositar as suas acções na Sede Social ou dentro do mesmo prazo fazer prova de que as mesmas se encontram depositadas em estabelecimento bancário.
Os Senhores accionistas não possuidores de um mínimo de 10 acções poderão agrupar-se em ordem a completar este número e fazer-se representar por um dos agrupados.

Senhora da Hora, 1 de Fevereiro de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(JORGE FILIPE BRAGA BARROS LEÃO, DR)

CARTAZ

AUDITÓRIO 1
O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
O RIO DA MORTE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
TEMPOS DE GLÓRIA
Maiores de 18 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

KING TRIPLEX 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
OS FABULOSOS IRMÃOS BACKER
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
A GUERRA DAS ROSAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.45, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
FLORES DE AÇO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
AS LOUCURAS DO MEU FANTASMA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
O RIO DA MORTE
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
AMOR DE ALTO PREÇO
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
ELE É A MINHA GAROTA
Filme de Gabrielle Beaumont
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
CIÚMES DE MORTE
Filme de Nicholas Broomfield
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
TEMPO DE GLÓRIA
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
SHIRLEY VALENTINE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 3
MISS DAISY
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

SALÃO NOBRE
do
TEATRO NACIONAL
DE SÃO CARLOS

Perspectivas da Música de Câmara

Concertos Instrumentais

Concerto Extraordinário
(24 de Março, às 12H30)

Carta Branca
a
Anabela Chaves

Obras de:
Lopes Graça • Malcolm Arnold • Astor Piazzola
Quinteto "A TRUTA" de Schubert.

Apoio da Fundação de Mecenato Cultural do TNSC

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Dom Quixote

Bailado em 3 actos

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO do TNSC
Direcção Artística: Armando Jorge

Dias 24, 27, 28, 29, 30 (21H00) e 31 (16H00) no **TNSC**

Coreografia: E. Volodine segundo A. Gorsky

Música: A. L. Minkus

Argumento inspirado em M. Petipa e Cervantes

Cenografia e Figurinos: A. Vassiliev

Luzes: Richard Caswel

Artistas Convidados:
N. Ananiachvili e A. Fadeyetchev
(dias 24, 28, 30 e 31)
Artistas Residentes :
C. Maciel e G. Dias (dia 27)
A. Charpentier e D. Chazeau (Dia 29)

ORQUESTRA SINFÓNICA DO TNSC
Direcção Musical: A. Stonikov

Bilhetes à venda na bilheteira do TNSC e agências ABEP e ALVALADE

Patrocínio da Fundação de Mecenato Cultural do TNSC

APOIOS: RTP / antena 1 / RFM / RADIO CORREIO / O INDEPENDENTE

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

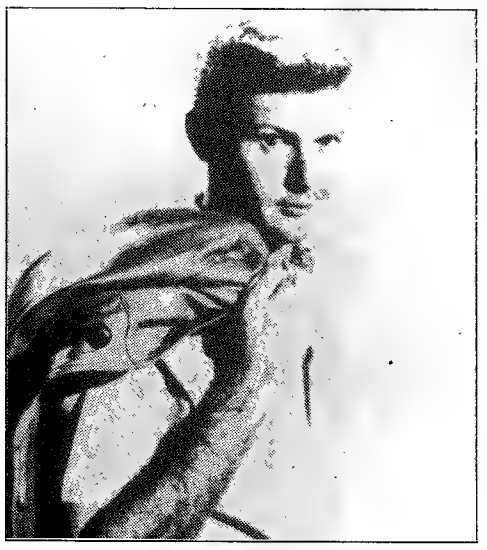
RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
132º episódio
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
100º episódio
19.00 - CHEGAR, APOSTAR E VENCER
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.09 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
75º episódio
21.10 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
12º programa: síntese do Algarve cosmopolita dos nossos tempos. O fenómeno do turismo em paralelo com a história e a tradição da região. Vilamoura - a marina: o lazer (o golf), a vida nocturna (o casino). Continuando o nosso percurso pelo litoral: Albufeira, Portimão e a Praia da Rocha, Ferragudo na margem esquerda do rio Arade... Arade que nos transporta a Silves - a Bagdad do Ocidente - como outrora era chamada. A Sé, o castelo, a pesquisa arqueológica, mas também os trabalhos no campo e o artesanato merecem uma visão atenta. Realização de Francisco Manso com texto de Miguel Faria.
21.30 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.25 - TELEMUNDO
23.00 - CHEFE, MAS POUCO...
23.45 - 24 HORAS
24.00 - UM DIA
00.05 - REMATE
00.15 - CARTAS DE HUMOR
00.20 - PELA NOITE DENTRO
«A Arma»: um filme de John Badham, com Stephen Elliot, Jean Le Bouvier, Wallace Rooney, David Huffman, Pepe Serna, Edith Diaz, Filipe Turich, Eichard Bright, Mariclaire Costello e Randy Gray. A «odisseia» de um revólver começa quando Art Hilliard compra a arma para se proteger. A mulher recusa-se a ter um tal objecto na casa e oferece-a ao guarda da fábrica que, por sua vez, o penhora. Wayne, um jovem psicopata, rouba a pistola da loja de penhores e aterroriza os inocentes transeuntes num centro comercial, atirando-a depois para dentro de um automóvel estacionado, quando a polícia aparece. Fotografia: cor. Duração: 78 minutos.

Em «Mobil nos Caminhos de Portugal» (1º Canal, 21.10) o Algarve cosmopolita. Praia da Rocha, eis um exemplo

RTP-2

16.55 - 3, 2, 1 CONTACTO
17.25 - A HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
É, sem dúvida alguma, o mais antigo de todos os instrumentos musicais e surgiu, inclusive, antes da linguagem. Trata-se da voz humana e, neste episódio, veremos como se articulam as cordas vocais, a fim de entendermos melhor a complexidade e a perfeição do seu funcionamento
17.55 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
67º episódio
18.30 - HAJA MÚSICA
19.35 - CLÁSSICOS DA TV



No 2º Canal às 19.35, mais um episódio de «Estrada 66»

«Estrada 66», 26º episódio: em Tucson, Tod e Buz são forçados a sair da estrada e a colidirem com a montra de uma loja, quando à sua frente se atravessa uma jovem que se desloca a grande velocidade numa motocicleta. Quando a polícia chega ao local do acidente, a jovem confessa não possuir documentos, pelo que é levada para a esquadra mais próxima. Mais tarde, confessa ser herdeira de uma grande fortuna por ter perdido toda a família num desastre aéreo. Tod e Buz têm pena da rapariga e resolvem ajudá-la.
20.30 - AS CIDADES E AS TERRAS
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.00 - ACERTO DE CONTAS
23.30 - ROTAÇÕES

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL 410 62 75
ALGÉS

AMANHÃ

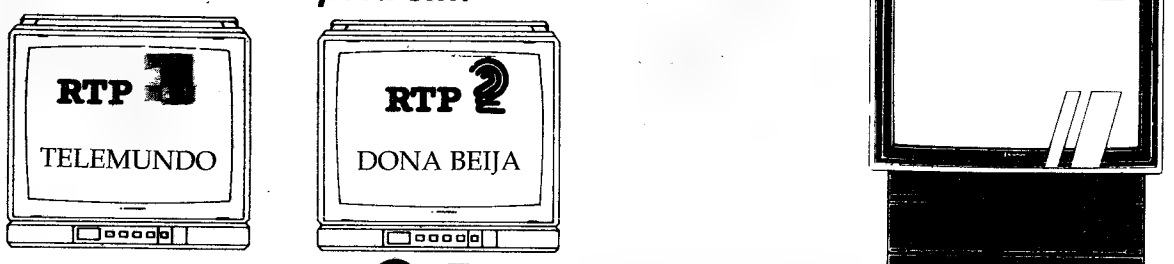
RTP-1

09.01 - JUVENTUDE E FAMÍLIA
12.00 - NO REINO DO URSO POLAR
13.00 - NOTÍCIAS
13.10 - OITO E BASTA
14.00 - PARLAMENTO
14.30 - CRIME, DISSE ELA
15.15 - SESSÃO DA TARDE
16.50 - DESENHOS ANIMADOS
17.10 - VIVAMÚSICA
18.00 - RICARDINA E MARTA
19.15 - SETE FOLHAS
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - O TEMPO
21.25 - CONTOS DE HOLLYWOOD
22.20 - GRAMMY 1989
00.25 - CINEMA DA MEIA NOITE
«As Bonecas da Califórnia»

RTP-2

09.01 - UNIVERSIDADE ABERTA
10.10 - O JOGO DOS DISPARATES
10.55 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
Compacto
13.30 - ILHA DAS CRIANÇAS
14.00 - ESTÁDIO
19.05 - MUSIC BOX ESPECIAL
19.55 - ENCONTRO EM TRIESTE
21.10 - ESTÁDIO
Com o Estrela da Amadora-Vitória de Setúbal em futebol

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo **BOSCH**
Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.

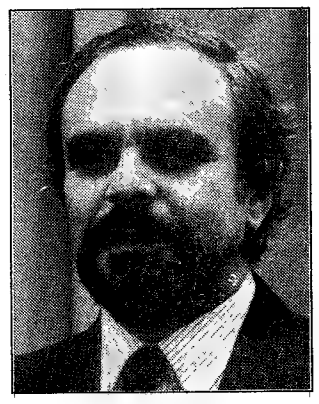
Entregas em qualquer ponto do país.

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

«Que canseira teve a Igreja até aceitar o princípio do lucro como fundador da sociedade!»

Francisco Louçã, «O Jornal», 23.03.90

A PERGUNTA DO DIA



Luís Valente de Oliveira
ministro do Planeamento e da Administração do Território

Quais os planos concretos que o Governo tem para o Vale do Ave?

«O desenvolvimento do Vale do Ave implica uma diversificação muito grande do perfil das suas indústrias, de modo a garantir uma grande estabilidade e robustez em relação a eventuais perturbações internacionais que possam afectar o sector da indústria textil e do vestuário em que ele repousa hoje, de forma dominante.

Para que isso aconteça com flexibilidade, tem de valorizar-se muito mais o papel da educação e da formação profissional, elegendo estes domínios como pontos maiores de uma acção que tem de envolver todos os habitantes e autoridades com intervenção potencial na área.

Esse desenvolvimento deverá ocorrer num quadro de grande atenção pela conservação e reabilitação dos recursos naturais e particularmente da água e do solo.

O desencravamento de todo o Vale tem de merecer uma atenção especial, tanto no aspecto do movimento de pessoas e de cargas, particularmente através de estradas, e da transmissão de informação e de dados, por meio de um sistema de telecomunicações eficaz.»

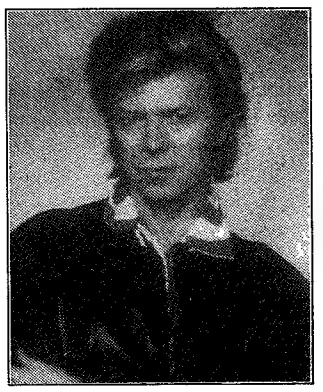
O DL SUGERE

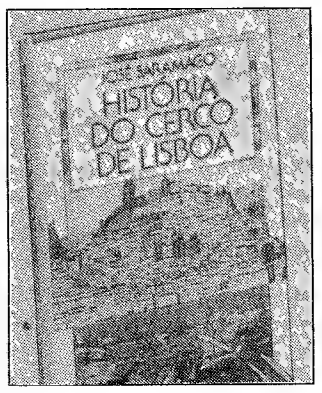
a Magalhães Crespo

Não deixe de ver um dos últimos lançamento da Publivídeo, TV PRIVADA. Trata-se da história de uma estação televisiva que, para evitar a falência, resolve dedicar-se à salvação das almas. O programa de ginástica, por exemplo, tem o sugestivo nome de «Salto de Jesus» e até a telenovela tem como argumento a história de Cristo. Também neste canal não se dispensam os lucros da publicidade e um dos principais anunciantes é a empresa de congelados «Mãe Maria». Talvez possa retirar daqui algumas ideias para o seu projecto televisivo. Boa sorte!

a Marcelo Rebelo de Sousa

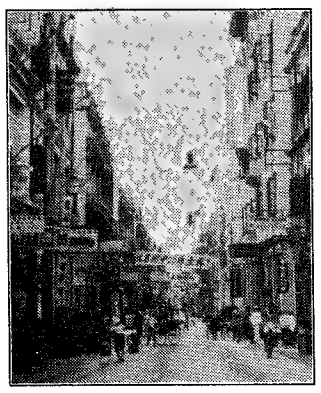
Vá a Madrid ver o concerto do cantor inglês DAVID BOWIE. Quando andava com a febre de promessas da campanha eleitoral deslocou-se à capital espanhola para assistir ao espectáculo do ex-Beatle Paul McCartney, garantindo aos lisboetas que o traria a esta cidade caso fosse eleito para a presidência da Câmara. Agora que é vereador talvez possa fazer um esforço e satisfazer a ânsia dos alfacinhas em verem ao vivo as grandes estrelas mundiais. Tente. Pode ser que desta vez consiga...





a João Amaral

Leia a HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA, de José Saramago. Agora que vai substituir o seu camarada de partido na presidência da Assembleia Municipal de Lisboa, talvez seja bom pôr-se a par de alguns dos conhecimentos de Saramago sobre a capital. Além disso, poderá também distrair-se um pouco com a leitura. Uma forma de acumular forças para a tarefa que o espera e que terá que ser bem desempenhada pois os olhos vão estar postos em si.

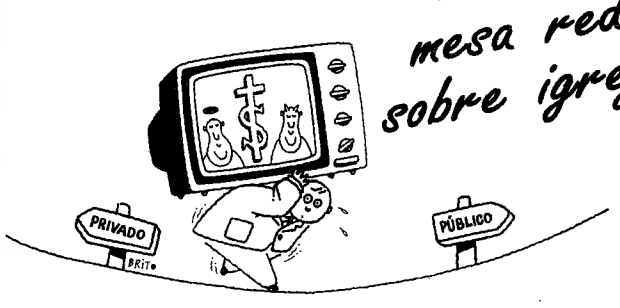


a Carlos Melancia

Compre o livro ALBUM MACAU 1844-1974. Trata-se de uma belíssima recolha de fotografias, coordenada por Beltrão Coelho, e que lhe poderá dar a conhecer os encantos daquele território português. Revendo as imagens que vão da *Belle Époque* até à revolução do 25 de Abril, poderá descontraír-se e esquecer por momentos as preocupações que as notícias dos jornais lhe têm dado.

O TAL CANAL

mesa redonda sobre igreja e TV



Frei Bento Domingues
Helena Cidade Moura
João Soares Louro
Joaquim Letria
Miguel Lobo Antunes
Rui Cádima

MODERADOR JOSÉ REBELO

Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA

Segunda-feira no

Diário de Lisboa

As eleições na Hungria em Grande Angular

Cientistas portugueses vão ter um rebuçado

«Os coitadinhos do PCP» por Alfredo Margarido

A crónica de Artur Portela

meteorologia

Cutileiro

Era uma vez um cutileiro, mas não o que fazia, afiava ou vendia instrumentos cortantes, mas aquele que com utensílios afins fazia o mundo mais redondo, mais oval, mais macio, mais tépido. Mais. Era uma vez um João Cutileiro, de cabelos brancos e frondosos, o olhar de um fauno, vestido de ciclista da Volta à França de 1921, artista do seu ofício, que sabia ressuscitar da pedra as mulheres nacradas, esbeltas, divididas e únicas.

Entrar na Sala de Exposições da Fundação Gulbenkian, é entrar na floresta fantástica, perfeitamente incrível, atravessada de desejo. Só faltam os pássaros, mas talvez num desses dias repletos dos que entram curiosos e saiem embruxados, talvez num desses dias voltem os pássaros transformados em peixe, em seio, em ovo, em soneto de amor de Shakespeare.

Os torsos, os segmentos a sonhar, os bífidos, as ninfas, as variações ao mesmo tema, a imaginação raramente repetida, o mesmo sempre diferente. O escultor é feliz contra todos os hábitos do mundo. É como um violinista que no princípio tocou nas quatro cordas, depois teve que se contentar com três, depois com duas e agora produz música numa corda única, cada vez melhor.

Acabou-se a *senhora preocupação*, entrou a *donzela alegria*, porque era uma vez um Cutileiro; o meu conto terminou e as esculturas não.

Prometo-vos um passeio feliz, e num próximo fim-de-semana, encontrar-nos-emos, sabem onde?

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO
4 434
70 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
31 339
12 000 CONTOS

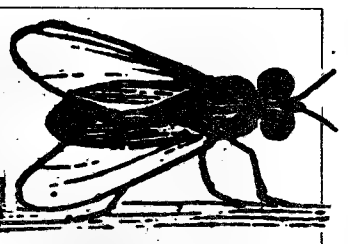
3.º PRÉMIO
16 069
3 000 CONTOS

Compre já, antes que esgote
Lotaria da Páscoa
137 000 contos
CASA DA SORTE
LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

LOTARIA DA PÁSCOA
TALUDA 137 000 CONTOS
Bilhetes a 13 000$00 fracção 1300$00
Habilite-se jogando na
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL
Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

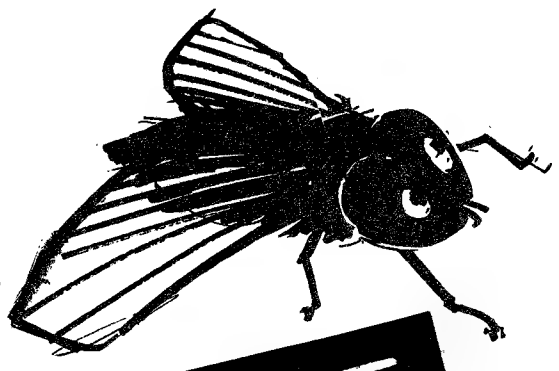
SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
23 DE MARÇO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA



DL

A SAÚDA A PANTERA



a Semana
A MOSCA

CEM FLORES...

SEXTA, DIA 16

Ganha-perde, perde-ganha, é a lei das compensações. Ontem foi Lisboa que perdeu Saramago na Assembleia Municipal, hoje é o País inteiro que perde não sei quantos milhões em ouro com a falência de uma «trading» americana. Perdem-se os anéis, mas fiquem os dedos: Cavaco assume-se como a consciência ecológica da Nação, o patronato vai ter mais um pacote laboral de se lhe tirar o chapéu e a freguesia de Belém ao Centro Cultural diz que sim só se também.

Entretanto, faz sol, vai-se à praia, em Azeitão o queijo é bom de mais para os gostos da CEE, começam as comemorações do centenário de Camilo, B.B. King e Rui Veloso cantam para casino ouvir, Maria Barroso declama Mário de Sá-Carneiro na Sorbonne e percebe-se que o Tivoli não tarda foi um ar que lhe deu. Como, não se sabe ainda, mas lá iremos decerto. «O Independente» noticia que sobre o futuro do ex-cinema pairam os interesses conjuntos e certamente diversos deste trio: Revilla (proprietário), Nuno Teotónio Pereira (arquitecto) e Abecasis (adjective-o quem quiser), ouviu-os todos à uma Pedro Santana Lopes.

Outra conversa interessante parece ter sido a de anteontem entre o novo secretário de Estado da Cultura e Salgado Matos, presidente do IPC. O primeiro terá feito crer ao último que sim, que continuava; mas o último, afinal, foi o último a saber (hoje, pelos jornais) que estava de malas aviadas; toda a questão é agora adivinhar se o IPC se tornou o lugar do morto ou algo para a mulher do próximo.

SÁBADO, DIA 17

Abre a Ópera da Bastilha, em Paris; reabre a Casa de Neruda, no Chile, casam-se por cá Natália Correia e Dórdio Guimarães e o dia é tão cor-de-rosa que até o totoloto fez mais um milionário e os ecologistas plantam árvores numa estrada.

Mas o melhor é Wim Wenders, em entrevista ao «Expresso», com isto que diz sobre a TV e o Cinema: *«A televisão é um 'medium' sem sentido de busca. Está feita para confirmar a imagem que já existe do homem. (...) Por isso, é lamentável que o cinema americano tenha, hoje em dia, passado a imitar uma televisão que começou por imitá-lo a ele (...) É verdade que ainda é feito com os meios do grande ecrã, mas a ideologia é já a da televisão.»*

DOMINGO, DIA 18

Era Lisboa e chovia... dizia Eça, mas hoje Eça não serve porque é Lisboa e faz sol, vai toda a gente para a praia, excepto alguns que vão à bola.

A bola em Londres é outra, a dos «oscares» à inglesa, um Hollywood pobreta, em «remake» antecipado.

Segunda, dia 19

E hoje vamos outra vez ao Nimas, com o cinema dos Anos 60 evocado na Gulbenkian, mais cinema e de qualidade na abertura do Festival do Estoril, cinema ainda — mas do lado de cá da tela — com Capucine a suicidar-se, em Lausanne, atirando-se de um oitavo andar.

E, por mortes: hoje foi a enésima da poesia neo-realista, em sessão na Assírio & Alvim. Excepto quando se falou de Manuel da Fonseca, nem parecia uma sessão, parecia mas era um «requiem».

Soares, ao menos, é uma festa: hoje está (onde? ah, é no Rio de Janeiro...) a receber mais um doutoramento «honoris causa». E vão doze...

Terça, dia 20

Isto até parece que é por dias: hoje é o da música. Assim: Amália canta em Paris, no Théatre des Champs Elysées (não é para qualquer um, diga-se), numa gala contra a Sida; Carlos Paredes, discreto, grava um disco em Queluz; Maria João Pires, no Palácio Fronteira, evoca Francine Benoit; na Comuna actua o Quinteto de António Ferro, mas o homem de quem se fala é Graça Moura (Miguel). Hoje dirigiu um «concerto insólito», estava cheia a Aula Magna, o público compôs e tudo, toda a gente gostou imenso, foi tão giro, só músicos eram para cima de cem, ainda há quem diga que não temos orquestras, a Petrogal promovia, estava até presente um ministro, mais um secretário de Estado e as esposas de Soares e Cavaco.

Quarta, dia 21

Ufff...chegou a Primavera, aliás chegou ontem à noite, mas ninguém deu por isso, estava tudo no concerto do Graça Moura, de modo que a Primavera a valer só foi hoje que começou. E por acaso começou mal. É que, coincidindo ela com o chamado Dia Mundial da Árvore, não houve jornal que se não lembrasse de dizer que em Portugal as árvores também se abatem, florestas qualquer dia só temos as de eucaliptos...para as celuloses.

E viva a música, com Elba Ramalho em grande a inaugurar tournée em Portugal, com um concerto no Porto, esta não precisa de convidar o público a participar, sobe ao palco e já está.

Quinta, dia 22

Isto é como outro que dizia, «que cem flores floresçam», ou não estivéssemos já na Primavera. Na cultura, não contando com o trivial, hoje há para todos os gostos. Cesariny na Assírio & Alvim fala de surrealismo, toca piano e pela primeira vez dele se ouve, pela voz de Fernanda Alves, a «Política de Maria Klopas, Dita Mãe dos Homens». No Centro Nacional de Cultura, Borges de Macedo fala do século XVIII, há dança contemporânea na Gulbenkian, debate sobre Literatura Africana na Sociedade de Língua Portuguesa, chega a Lisboa para um concerto Jacques Higelin, Maria João Pires em Seteais recebe o Prémio Fernando Pessoa e — já agora, se não se importam — de Nicholas Ray, na Cinemateca, passa o seu derradeiro filme, «We Can't Goo Home Again», depois deste só fez outro, a filmar-se na própria morte, com Wenders por trás da câmara.

E por falar de morte: faz hoje 40 anos que morreu Emmanuel Mounier. Mas sobre isto, já disse o que tinha a dizer João Bénard da Costa, anteontem no «JL». Começa assim e é a coisa mais bonita da semana: *«Os 'maitres à penser' não se escolhem. Escolhem-nos. No encontro com eles, conjuram-se liberdade e determinismo. E basta o amor, somente.»*

Rodrigues da Silva

A DINÂMICA DA VERDADE

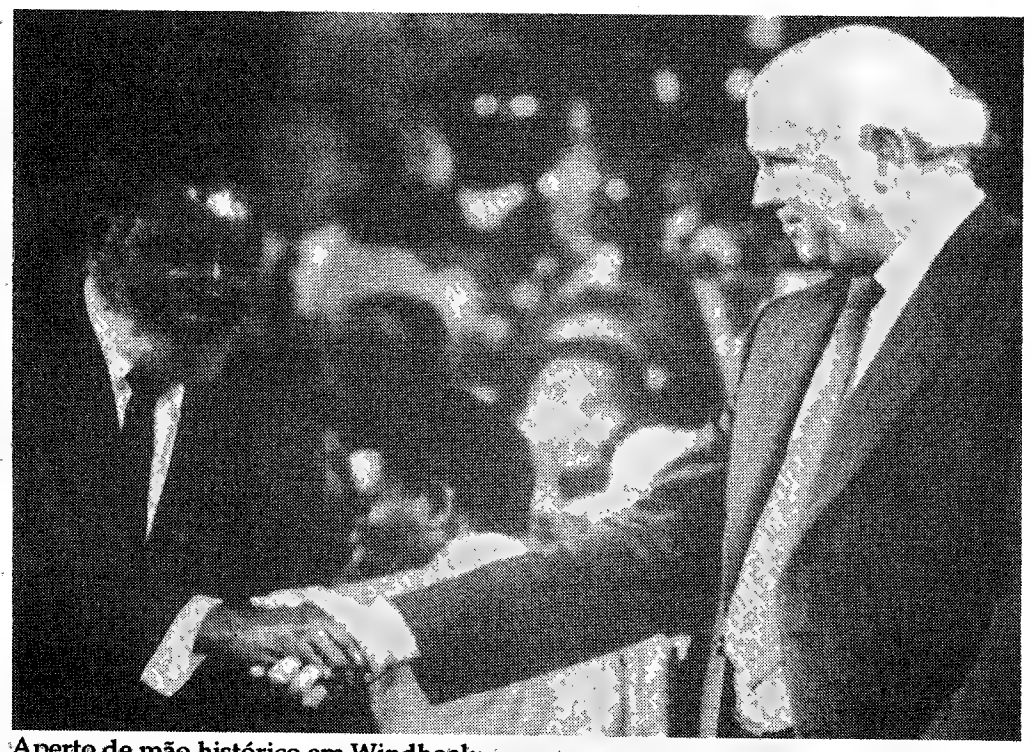
Uma vez mais, esta semana, ficou provado que o sistema internacional não é uma realidade fixa, muito pelo contrário, que está em constante mutação. A independência da Namíbia, além de marcar o fim da colonização de África, afirmou de novo a necessidade de se estar atento aos erros do passado. Tal como noutras independências africanas, a hora foi de festa. Esperemos que na ressaca não se cometam os erros, hoje tão evidentes, de um aventureirismo político característico de dirigentes de novos Estados.

Ao convidar todos os chefes de Estado do mundo, excepto o de Israel, Sam Nujoma, o novo presidente da Namíbia, proprocionou um autêntico carrossel diplomático em Windhoek. As várias estrelas da política internacional aproveitaram a ocasião para debater alguns dos conflitos mais espinhosos da nova conjunctura internacional. O processo de paz em Angola terá encontrado novos caminhos para explorar.

Nas Alemanhas, o pragmatismo e sentido de oportunidade do chanceler alemão federal, Helmut Kohl, está a partir muita louça. Kohl partiu para a corrida de fundo da unificação alemã como se tratasse de um sprint. Os resultados inesperados, das eleições de domingo passado que deram a vitória à aliança conservadora, apoiada por Bona, proporcionaram a Helmut Kohl o doping que ele tanto necessitava para manter o ritmo.

Aqui, também, de forma pacífica, as fronteiras estão a mexer. Não há força que, mais tarde ou mais cedo, resista à dinâmica da verdade e da justiça. Em África nasceu um novo Estado, na Europa foi lida a sentença de morte de um outro. E tudo sem guerra.

No Médio Oriente, um outro Estado luta consigo próprio para manter, num espaço geográfico conquistado pela força, uma autoridade que as injustiças que cometeu impossibilitam de ser respeitada. O Likud, parlamento de Israel, insurgiu-se contra a obstinação do primeiro-ministro, Yitzhak Shamir, em não aceitar os planos de paz propostos pelos EUA, lançando Israel, de novo, perante a verdade cruel da guerra civil. Mais tarde ou mais cedo, a dinâmica da justiça não poupará os actuais regentes da Terra Santa.



Aperto de mão histórico em Windhoek

Na Transilvânia romena a questão das nacionalidades está outra vez a dar que falar. Cenas de violência bárbara voltaram numa vaga de agitação étnica que, desta vez, rebentou numa pequena cidade até agora desconhecida. Tirgu Mures foi o palco de confrontos entre magiares (húngaros que vivem na Roménia) e romenos há pouco libertados do jugo de Ceausescu. De anexação em anexação, a Transilvânia têm sido, desde a conquista turca sobre a dinastia magiar, o palco de divisões arbitrárias entre sucessivas potências regionais. O balanço da semana é pesado em mortos e feridos, mas os erros do passado não estão sequer a ser analizados.

Namíbia, Alemanha, Israel e Transilvânia são exemplos de soluções e de impasses. Uns vivem hoje com esperança no futuro, os outros com medo do passado. A escolha entre o medo e a esperança parece ser fácil. Mais difícil é a coragem necessária para assumir a dinâmica da verdade.

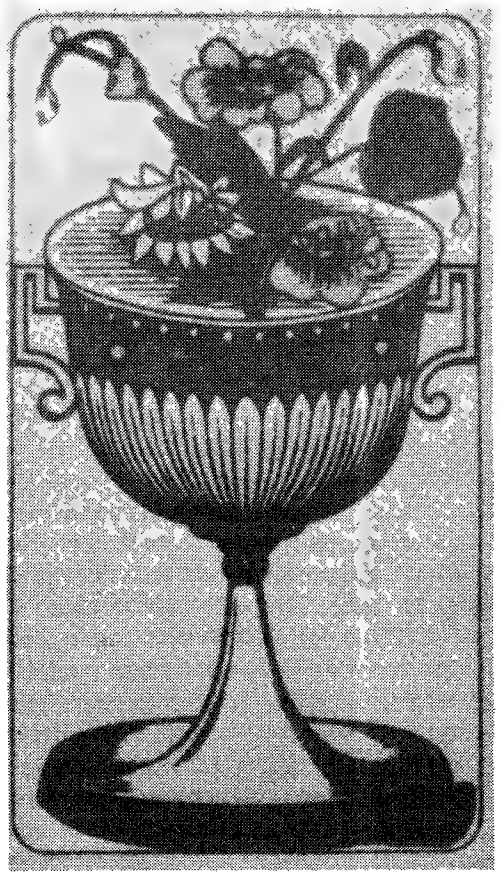
Nuno Azevedo

GUIDINHA

NÃO HÁ NADA MELHOR DO QUE UM DOCUMENTÁRIO COMO OS DA TELEVISÃO

A televisão é como o «Moulinex» da minha Mai (comprámos um «Moulinex» quando o meu pai foi promovido a «senhor doutor» lá na Camara) porque faz muita espuma à volta dos assuntos excita muito as pessoas que a vem faz com que toda a gente acredite que aconteceu isto e aquilo dá uma importancia bestial a umas pessoas que a gente nem sabe quem sao nem quer saber e depois nunca mais fala nisso e passa a fazer a mesma coisa com outros assuntos e com outra gente mas o pior é o programa especial das «chatices» que ela tem e que atira para o ar para chatear a gente agora anda com uns programas de Africa e com música de Cabo Verde e com politiquices africanas quando a gente já tinha ganho as guerras de Africa porque já a tinhamos largado de uma vez para sempre e nunca mais tinhamos nada a ver com ela senão fazer uns dircursos de vez em quando para fingir que ainda lá tinhamos um bocado da alma quando a temos toda inteirinha noutras coisas e o que queremos é não pagar mais nada para ela que temos muito cá em que gastar o dinheiro eu digo isto porque estou farta de ver Africa até à raiz dos cabelos e já não consigo ver elefantes e hipopótamos e girafas sem vomitar e alem disso porque não tenho nada a ver com a Africa e tanto se me faz que ganhem uns como os outros o que eu quero é que a gente ganhe a batalha da Europa que essa é que é minha porque quero comprar umas calcinhas que se vendem em Paris e que ainda não há cá a verdade é que passámos não sei quantos anos a gastar o dinheiro que nos fazia falta nas guerras de Africa e agora temos de andar de mão aberta a pedir subsídios e esmolas aos outros por causa dessa Africa que continua na televisão e que não interessa a ninguem ainda por cima não nos vale a pena fazer muitos programas e falar de tretas porque o que conta é o que se faz mesmo e nós não podemos fazer nada senão falatórios e filmes que nos lixem porque gastamos um dinheirao neles em lugar de fazermos filmes nossos para a gente ver e para vendermos a quem os comprar com pilim do verdadeiro que faz tlim tlim tlim e não com promessas e com moedas que nem sequer vem cotadas mas o pior não é isso o que é mesmo o pior é que ficamos com o coração dividido em quatro partes uma em Africa outra na Asia outra na Oceania e só de uma é que nos vem pilim e coisas que nos permitam construir o futuro que é na Europa do resto só vem choradeiras como as da Oceania esperanças vãs como as da Asia e ainda mais complexos de antigos impérios como os da Africa a não nos deixarem olhar de vez para a frente porque andamos sempre a olhar para trás e a ver glórias que acabaram e a dedicar o tempo que temos aos sonhos dos nossos bisavós em lugar de o dedicarmos ao futuro dos nossos netos a prova de que eu tenho razao é que ainda no outro dia os americanos e os russos estiveram a decidir o futuro da Africa que era nossa sem sequer nos consultarem o que eu digo é que a gente conseguia exactamente o que consegue por metade do dinheiro e com metade das viagens «diplomáticas» dos nossos VIPs mas o que me interessa sao os programas da televisao sobre a Africa que sao chatos como burro outros programas chatos que eles tem sao os que sao falados em línguas que ninguém percebe que metem sempre umas pessoas a andarem muito devagarinho de um lado para o outro e a dizerem coisas que devem ser muito profundas lá na língua deles mas que ficam iguais às outras nas traduções agora cá para mim os piores sao os das «saudades» eu nos últimos tempos vi tantas vezes documentários sobre Macau que até já tenho os olhos arregalados e a boca a saber-me a arroz para não dizer outras sim porque aquilo cheira tudo a uma coisa que eu cá sei mas agora a televisão é melancia para aqui melancia para acolá melancia que foi melancia que veio melancia à talhada por inteiro como se a tal melancia fosse bestialmente importante quando toda a gente sabe que o melancia é gestor de uma quintazita que não tem 16 km2 cheia de chineses e que até já se sabe quando é que aquilo tudo vai parar às maos dos da China e nunca mais volta às nossas e que eles vão fazer o que lhes der na bolha sem darem satisfações a ninguém e que o que a gente lá deixar fica para eles e ninguém mais lhe põe a vista em cima o que eu quero saber é para que é que a gente está a gastar dinheiro lá e até quando é que a gente continua a sonhar com impérios e a pensar que somos uns colonialistas bestiais quando sabemos muito bem o que somos emfim peço aos meus leitores para não dizerem ao meu Pai que eu escrevi estas coisas porque ele coitado trabalha na Camara e anda a ver se consegue ser ministro das ex-colonias ou de qualquer coisa que o faça vir no jornal e dê direito a ter um carro oficial porque está farto de andar de eléctrico para chegar à Graça e de qualquer forma o que eu disse é tudo mentira porque eu não penso nada disto o que eu penso é que temos o dever de zelar pelo futuro das nossas antigas colónias de Africa e de gastar tudo o que pudermos pedir emprestado aos outros para gastarmos em Macau na construção de um aeroporto em que possam aterrar aviões chineses porque temos uma «incomparável experiência» nessas coisas e somos os mais bestiais e porque somos assim o que é que se lhe há-de fazer?

CARTA ABERTA À GUIDINHA



De todas as vezes que me tens perguntado «O Sotor não faz greve?», «O Sotor não dá borla?», creio que nunca te respondi para além de lacónicos NÃO, nem sempre com disposição paciente.

Eis porque, agora que isto tem andado mais calmo por estes lados, nesse aspecto, resolvi escrever-te esta explicação:

Embora seja uma coisa que pertence ao foro íntimo de cada um, parece que se impõe uma explicação para, sobretudo no meu *status* actual de Sotor do ensino secundário, não aderir às consecutivas greves, marcadas pelos sindicatos. Não é menos respeito nem pelas greves, nem pelos sindicatos, nem pelos colegas, o que me leva a, invariavelmente, não aderir. Senão vejamos:

Concorri ao ensino já no plano descendente da minha carreira. Além de, obviamente, precisar do emprego, nas precárias condições em que se me oferecia, entendi, cumulativamente, que seria a altura de transmitir, legar, aos outros, aos mais novos, os resultados das diversíssimas experiências vividas e adquiridas, em não menos diversíssimos quadrantes. O facto é que eu já vendi, ou aluguei se preferirem, a minha formação e a minha capacidade (valores energéticos potencial e cinético, respectivamente) a outras entidades, a outras empresas, a outros ministérios.

Esta nova oportunidade, porém, não quis saber de nada disso. Um certificado de licenciatura, cuja data seria despiciente e, exigência insubstituível, o atestado de que cumprirão sagrado dever nas fileiras castrenses do País. Atestado indispensável e insubstituível, condição **sinequa, ceterisparibus, none, ensinare** ninguém. De nada me valeu argumentar que vissem bem, que isso já foi há muito tempo, que já ninguém se lembra de mim, que sei lá já onde pararão os arquivos, decerto moribundos, da minha acidental experiência como alferes miliciano de artilharia. Que não senhor, que isso não se podia dispensar. Como me dizia em tempos um 2.º sargento «lateiro», com a tropa não se brinca. Valeram-me a simpatia de um capitão de setenta anos e os arquivos microfilmados do Exército. Ali estava eu! Mas suei e sofri para, triunfalmente, entregar na secretaria um atestado de alferes, consagrar uma situação provisória de professor, e ganhar menos que um cabo «xico». Aceitei, sujeitei-me; lógico.

Como professor, senti logo uma alteração de classe no meu estatuto social. Até aqui, defendi sempre uma vocação para proletário, em toda a pureza do termo, quanto à posse dos factores de produção. A partir daí, proprietário da ferramenta de trabalho, a saber: 2 esferográficas tipo BIC, um lápis encarnado Faber, dois cadernos A4 e uma boa dúzia de compêndios para acompanhar os programas, passei logicamente a ser pequeno-burguês e, portanto a comportar-me como tal — e ser também tratado em coerência pelo comércio local: bem no trato, mal nos preços (de doer! de doer!).

Ora a minha escolinha fica a cerca de 400 km de Lisboa.

Um dia, o meu filho torceu um dedo. Não, não foi em visita a ninguém presumível e circunstancialmente subversivo. Que nisso eu tenho muito cuidado. Um dia veio pedir-me para visitar um amigo dirigente da ETA, por quem tinha muita admiração, já que lhe atribuía a morte macaca de 3 coronéis, 18 oficiais de menor patente, e uma infinidade de guardas civis, aqui na nossa vizinha e nosso parceiro na CEE, a «nuestra hermana» Espanha. Proibiu-o definitivamente, com o argumento avisado de que, se o País tem as melhores relações diplomáticas, e não só, com o vizinho, combustíveis à parte, claro, não ficava bem ir visitar um responsável por tanta sangria contra um governo amigo, pescas à parte. Concordou e aceitou a minha determinante proibição. Torceu um dedo foi num «fliper», em que é exímio praticante assíduo.

Pensei em ir vê-lo e, de caminho, seguindo sempre os bons exemplos dos meus maiores, ir a Belém agradecer ao sr. Presidente da República o terem tratado muito bem o meu filho num departamento do Serviço Nacional de Saúde. Até lhe deram o unguento e a ligadura e uma receita com papelinhos colados para ir comprar medicamentos à farmácia, com 50% de desconto, o que dá praí 600% do que me custavam há três anos, que foi quando torceu outro dedo nos mesmos «flipers». São uns santos, Deus lhes dê muita saúde e muitas felicidades, para eles e para toda a família.

Fui a Belém e disse ao que vinha. Desconfianças, um monte. Perguntas, bué. Finalmente, que não podia não senhor falar com o sr. Presidente, pois estava no eixo de Braga — Paris, a fazer discursos. Francamente, era demais: na deslocação gastei eu todo o dinheiro do mês e, agora, cruzes canhoto, recomendei que não torcesse mais dedo nenhum nos próximos três meses, ou teria de pôr a ferramenta a saldo. Claro que o sr. Presidente, antes do eixo Braga — Paris, também tinha ido, em intenção semelhante, a Pretória, que é em casa do diabo mais velho.

Capaz que lhe custou também uma nota, e ele pôde ir. Mas, claro, são outras profissões, outros filhos, outras exigências. Eu compreendo isso muito bem. Além de ter sido alferes miliciano, também sou licenciado e não sou burro — isso ninguém quis saber e eu não o disse, mas declaro-o agora — de não entender as diferenças.

Além disso, quando lá foi a falar com o Presidente daquele hospital, ainda me deu a alegria incontida, não tinha sentido nada igual desde que o Benfica ganhou 7 a 0 ali na batatulina, de esse tal lhe ter dito um segredo de que ia soltar 8 pretos presos ou 8 presos pretos, já não sei bem, e disse-lhe o segredo antes de dizer ao Buxo! Ali! Ganda Presidente! Então havia de dizer segredos ao Buxo antes de dizer ao nosso? Era só o que faltava? Nós somos ou não somos um País de Reinaldos e Taveiras, hein? Quem é que julgam que somos? Uma vez, quando eu ainda era proleta, fiz uma missão na Escócia tudo pago pelo patrão, e houve uns halligans muito bêbados que me toparam e perguntaram se eu era italiano — naturalmente era para me fazerem o que fizeram aos outros lá na Bélgica, e eu disse logo que não senhores, não era nada, e era verdade, mas ainda que fosse não ia dizer ali para levar uma data de quentinhos nos olhos, e afirmei que era mas é Portugal!, e eles, levantando o braço num gesto muito nosso, gritaram logo Portuguese? Reinaldô!!! Agora se calhar levantaram os dois braços e gritaram Reinaldô! Taveirá! Pois é. Quem parece que ainda não entendeu a nossa força, foi o Senhor Jopa II, que é o Papa, e que não quis dar beijinho no chão de Timor-Leste! Olha o desaforo! Ele não sabe é com quem está metido! O Deus (o nosso que é ministro) até ficou muitíssimo xateadíssimo com aquilo. Nós que até tratamos tão bem esse povo, que no meu tempo eram timorenses e agora lhes chamamos mauberes que é muito mais fino, e os recebemos na zona VIP do country club do Jamor! Veja lá com quem se mete, olhe que Deus não dorme, nem o nosso nem o Outro, o de todos, tá a óvir?

Mas enfim, com todas estas alegrias, greves para quê? Somos professores portugueses e só comemos meias doses! Eu por mim, não faço. Pelo dinheiro? Qual dinheiro? Então não se vê que os nossos senhores não podem, que o País, pobre como é, não pode e já se vê às aranhas com as despesas patrióticos que têm de fazer, por bem de todos nós!? Pedir mais dinheiro, isto é democrático ou é reacção interna? Ele são as viagens para tanta necessidade urgente, ele são as visitas das grandes delegações a tudo quanto é sítio; ele são os senhores deputados que tanto nos defendem em São Bento e em Estrasburgo, e que têm de ser bem pagos onde é que estava a dignidade do cargo? Como é que podiam beber *whiskies* ao preço a que ele está? Nós é que bem podemos passar sem isso, sem dignidade (é para quê?) e sempre arranjamos uma lojinha, um «part time», umas explicaçõezitas já que o cliente está no papo, e sempre podemos trazer na pasta umas esferográficas e uns Hellos ou Controls para vender aos colegas. Eu não faço greve nenhuma!

Eu sei que eles têm tão boa vontade! Olha o sacrifício daquele senhor deputado que deu a volta ao mundo e, para não perder o tempo que é precioso para tratar dos nossos assuntos, não saiu de Lisboa. Que belo exemplo de abnegação! Aceitemos, como eu faço, o que os senhores nos quiserem pagar, com ânimo igual. Sempre gratos, confiantes, esforçados.

Só peço, ó faz favor, que, se por acaso os senhores tivessem lá um fatinho ainda em bom estado, ou uns sapatinhos que eu ainda possa pôr meias solas (os números são o 40 e os sapatos 39), me mandem, que eu já percebi que isto é produzir e poupar, e sou muito humilde e agradeço tudo o que vier das vossas mãos, atento, venerador e obrigado.

Acedita um beijo do teu
SOTOR

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O **Diário de Lisboa**

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

- ☐ 1 ANO — 18 000$00
- ☐ 6 MESES — 9 000$00
- ☐ 3 MESES — 4 500$00
- ☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00 • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

Canal DA Crítica

A M O S C A

MÁRIO CASTRIM

Por acaso falei disso aqui no último «Canal da Crítica» — naquele mesmo Canal onde grande parte do seu final se perdeu por exigências de paginação pelo que, pessoalmente peço me seja perdoado.

Refiro-me ao desrespeito **todos** os dias manifestado pela RTP relativamente aos seus espectadores. O que só se admitiria como excepção, tem de aceitar-se como um escândalo. Vigora uma inacreditável dose de irresponsabilidade. Processada, a RTP nada mais poderia alegar senão perturbações do foro psiquiátrico.

Repito: são diários os agravos provocados pelos desorários das emissões. Por enquanto, só o **Jornal da Tarde** (que se tornou numa espécie de Telejornal do Monte da Virgem) e o Telejornal vêm à hora certa. O **Jornal das Nove dá com frequência a sua facadinha no matrimónio. O 24 horas,** esse é o chega quando chega. Infelizmente, chega sempre.

Todas as outras rubricas são uma desgraça.

Só um exemplo: ao jogo entre o Portimonense e o Benfica, a RTP chegou com sete minutos de atraso, perdendo três minutos de jogo e o primeiro golo do Portimonense!

Os responsáveis da RTP ainda não perceberam que uma televisão desorientada desorienta um país, como um lar desorientado desorienta uma criança, como um sindicato desorientado desorienta os trabalhadores.

A televisão é demasiado forte para se poder dar ao luxo de ser descuidada.

O QUE ESTÁ A DAR É O QUE ESTÁ A SER DADO

Cantos de Hollywood é um conjunto de narrativas sobre pessoas, mitos, histórias da cidade irreal. Ficção, claro. Tudo mera coincidência. Por causa das pulgas.

Em todas as histórias, o Estúdio aparece como o demónio sem qualquer sentimento humano, um demónio que se alimenta da alma, da inteligência, da vida das pessoas. Só o lucro lhe interessa. Estúdio é o eufemismo do dinheiro investido no negócio.

No último destacamos o breve diálogo final. A estrela cantara lindamente ao piano, na roda de amigos.

Ele — **Por que não cantaste isso no filme em vez daquela chachada?**

Ela — **Porque a chachada é o que está a dar.**

Sim. O dinheiro sabe onde investe...

SORTE SIM, CULTURA NÃO

Também na Televisão portuguesa a chachada é o que está a dar. E quanto mais a chachada der, mais as pessoas ficam chechés.

Há na TV todas as tardes um concurso paranóico. Resulta. Tem audiência, pois foi prolongado e vamos tê-lo mais seis meses. **É o jogo de cartas.** Só se ouve «é pra baixo!» ou «é pra cima» e o Breyner vitorioso «pra baixo!» ou lastimoso (e a assistência em ahahahah! de coro grego) «Não! Era pra cima...»

Tudo fácil. Até que se chega à possibilidade de atingir o automóvel. mandava a lógica que também aqui fosse a sorte a resolver. Não é. É uma pergunta de cultura geral. E o concorrente que tudo ganhara, não sabia que Flaubert fora o autor de **Madame Bovary...**

Claro. Invente a RTP outros concursos como estes e em breve nenhum concorrente saberá qual a capital do país.

ISTO É O DA JOANA?

Não se trata de ser perfeito. Toda a gente se pode enganar.

Se uma excelente profissional como Isabel Bahia anuncia o programa de Agostinho Baptista, em vez de Augustinho da Silva, bom, o espectador percebe logo a gralha. Aliás, a pobre da Isabel falaria depois várias vezes do Agostinho da Silva para mostrar que fora isso mesmo: um lapso.

Voltemo-nos agora para o **Jornal da Tarde,** cuja qualidade baixou ao nível da telejornalite, ele que já foi um programinha tão jeitoso...

Fala Fátima Lima, a dama dos olhos esgaseados. Fala de Camilo , e diz-nos que ele foi o autor de uma literatura que depois ficou conhecida como **literatura camiliana...**

Veja lá, menina. Não seria euclidiana? ou darwiniana? Ou isto é o da Joana? Pense bem..

DE QUE ANDARÃO HOJE TRAVESTIDOS OS PROCESSOS ANTIGOS?

Século XX transportou-nos aos anos onde se abriram «os caminhos da guerra».

Hitler tinha o seu plano. Não fazia segredo disso. A Inglaterra e a França haviam sido informadas de que ele pretendia ocupar a URSS e derrotar o marxismo-leninismo. Portanto, que não estivessem preocupadas, pois elas também seriam beneficiadas. Quietinhas, quietinhas!

Ele até nem queria a guerra. Se avançou para a Polónia foi apenas porque a Polónia tomara a iniciativa da agressão, e a doitchlandezinha, coitada, teve de ripostar.

Século XX (uma produção da BBC, recorde-se) conta como tudo se passou:

Segundo a história contada por Hitler a Segunda Guerra Mundial começou em Gliwice, cidadezinha na fronteira germano-polaca. Para provar que fora a Polónia a primeira a atacar, a começar a guerra, uma unidade das SS atacou de surpresa uma estação alemã de rádio. Como prova, deixou no local alguns corpos em uniformes polacos que mais não eram do que prisioneiros de campos de concentração. Assim Hitler pode proclamar no dia seguinte, num discurso do Reichtag que a agressão polaca fora a causa da guerra...

Século XX conta-nos igualmente como Hitler ocupara a Áustria. A invasão fora precedida de uma colossal campanha em que se prometia o fornecimento de milhões e milhões de marcos para ajudar a sua economia.

Passo várias vezes as mãos pela testa. Onde é, mas onde é que eu acabo de ouvir isto, cum raio?

CARAMBA!, AO MINUTO!

Franqueza, franquezinha. Aquilo que eu mais admiro nos serviços informativos da RTP é a sua capacidade de resposta imediada.

Para dar apenas um exemplo, e podia dar mais, vejamos, como naquele dia, abriu o **Jornal das 9:** «o prazo para a entrega das moções ao Congresso do PSD terminou há dois minutos.»

Fantástico! Isto é que se chama andar em cima do cavalo, sem sela. Mas afinal, que moções foram? Continua o Soares Ferreira: «Nãoé possível saber quantas, porque áquela hora na sede do PSD não havia ninguém».

Nítido caso de amores mal correspondidos, João. Ingratos...

ONDE O FUTURO NÃO ACONTECE

Win Wenders, o grande realizador alemão, há vários anos a trabalhar nos Estados Unidos. De repente bem por ai abaixo, dá às de Vila Diogo. É um homem de expressão tranquila, aliás uma expressão muito «silêncio do mar».

A sua ideia é filmar sim, mas na Europa. Fará umas coisas em Portugal. Tem umas ideias. A luz é boa. Vou transcrever breve passagem do diálogo da reportagem:

Repórter — **Você considera-se situado entre a cultura alemã e americana?**

Win — **Já não. Escolhi o meu lugar. Agora, estou na Europa. Deixei a América para sempre. Fora de mim e dentro de mim.**

Rep. — Porquê?

W. — Porque penso que a América já não é um lugar onde o futuro possa acontecer.

Querem julgamento mais terrível?

A PACÍFICA DANÇA DA VITÓRIA

Mário Crespo foi enviado especial da RTP à África do Sul, na libertação de Mandela. Talvez, sobre o assunto, não tivesse mandado grande coisa. Para tanto lhe faltaria conveniente apoio logístico e, além do mais, o material fornecido pelas agências e a reportagem da própria Televisão da África do Sul, bastava.

Mas Mário Crespo, com o seu companheiro Nuno Jorge, estava lá onde pairava o espírito de Mandela. E deu a alegria, a expectativa, o confronto — o movimento das multidões e as manifestações dos brancos desvairados. Escutou uns e outros - pusessem nele os olhos correspondentes e enviados que só vêem o que querem ver e só ouvem o que querem ouvir, habitantes de um estranho mundo a preto e branco de que só querem ver a parte escura...

Do seu passado à África do Sul acumulou Mário Crespo material bastante para uma larga reportagem incluída em **Telemundo.**

Reportagem valiosa e corajosa. Ele não escondeu os projectos de resistência na área da extrema direita — alongou até uma entrevista para retratar bem a qualidade da argumentação que se alimenta de paixões irracionais. Como não escondeu a presunção geral de que os grupos nazis são apoiados por 80 por cento das «forças da ordem». Como denunciou a existência dos esquadrões da morte. Como deu a ideia de uma sociedade violenta e injusta...

As imagens finais da população negra, dançando pacificamente a sua alegria e a sua vitória, são de uma extraordinária beleza.

Com esta reportagem (precioso elemento para o currículo de qualquer profissional) Mário Crespo como que quis dizer: missão cumprida. Pudessem outros de lá dizer o mesmo...

FÉRIAS OU TRABALHO?

A RTP quis estar presente no Chile e no Brasil. Boa ideia. Vai daí entregou o assunto a Henrique Garcia.

Até ao presente, o trabalho produzido foi de uma extrema fragilidade. O primeiro despacho, do Chile, não ultrapassou os 50 segundos, Nos seguintes, é «certo que uns segundos mais, mas a mesma indigência de palavras e informações.

O mesmo se poderá dizer do Brasil. Aqui, a pobreza, o descolorido, chegou a doer.

Mas isto serão as primeiras impressões, certamente enganosas. Garcia não terá ido em viagem, de férias — aliás merecidas. Qualquer dia, estoira por aí com uma reportagem de alto lá.

Chile e Brasil merecem. Nós também.

OS ESTRANHOS CONCEITOS

Fino, que de Moscovo apaga fogos em qualquer parte da Europa, diz-nos que a RDA é um país pobre. Mas acrescenta que, lá, todos têm a sobrevivência garantida, não há falta de trabalho...

Noutras emissões ficamos a saber que a parte de Berlim Leste é pobre e triste. Mas as crianças brincam, as mulheres passeiam, a vida corre tranquila...

Berlim Oeste estoira de luz e de «alegria». Mas o desemprego é uma chaga, a criminalidade atinge os mais elevados índices da Europa, as violações são o pão nosso de cada dia, nem pensar uma mulher sair à rua depois do Sol Posto.

País rico, país pobre. País alegre, país triste. Estranhos conceitos, não acham?

ENTRETANTO, COMEM PIPOCAS

Onde se aprende economia? Nos livros, claro. E nos suplementos dos diários. E nas rubricas específicas da Televisão.

Mas eu, nem só aí. Como vejo a TV com muita atenção, graças a Deus, tiro algumas conclusões para meu governo.

Aquela história era coisa de nada. Daquelas que terminam sempre com um sorriso de bolacha americana, sabem como é?

As damas e os damos iam por uma rua, em N. Y. Blá, blá. De súbito a câmara, como quem não quer a coisa, volta-se parta a parede onde um grande cartaz pede aos transeuntes: «Prefiram os produtos americanos». Meu Deus, ao que eles chegaram!

Agora estamos no **Dear John.** Uma personagem volta-se para outra e diz-lhe:

— Já sabia que estavas cá.

— Como soubeste?

— Vi o teu Toyota à porta...

Agora assistimos a mais uma partida de basquetebol americano. Que feras! Que espanto!

Debaixo dos cestos, sempre na mira das câmaras, uma palavra só: **Toyota.**

Então é assim? Estados Unidos uma colónia nipónica?

Entretanto,os americanos comem pipocas e produzem séries idiotas para a Televisão.

RECORDANDO OSNOFA ACEZ

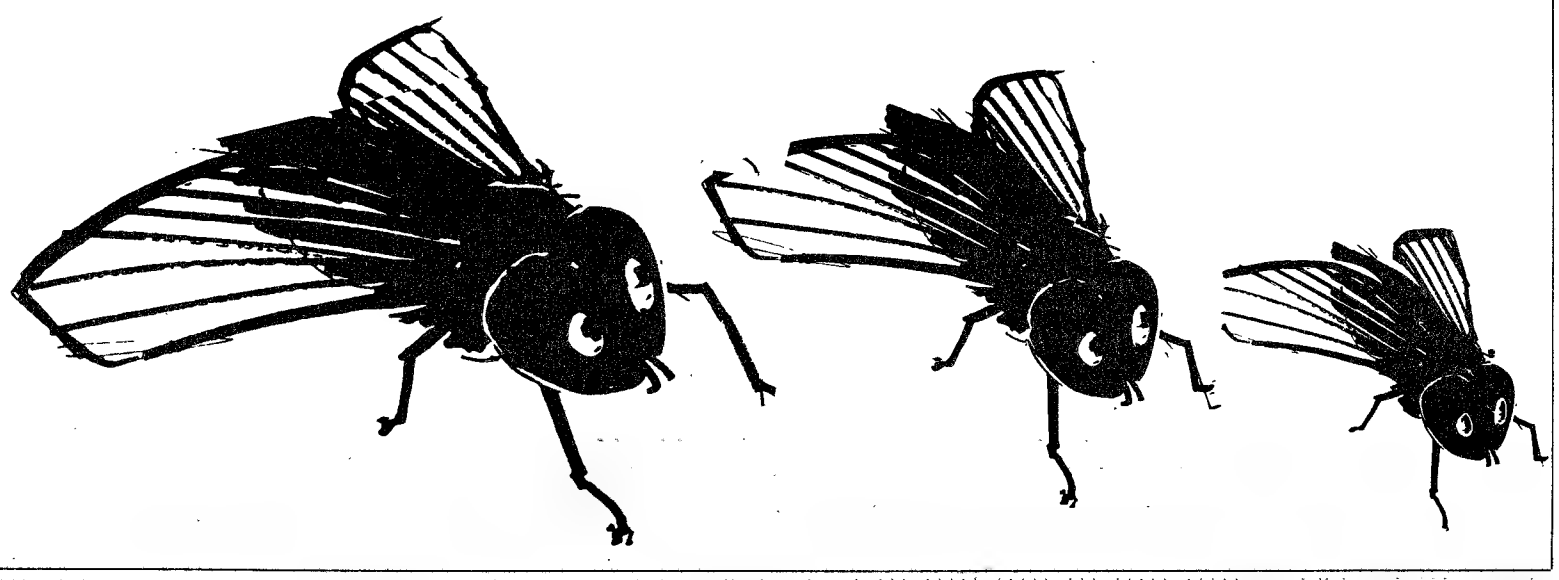
Há nomes que praticamente desapareceram dos nossos televisores. Zeca Afonso é um deles.

Nome incómodo. Como não há-de ser na RTP, se, propriamente em Aveiro, sua terra natal, não o acham com direito a ter uma rua (uma viela, um beco, um carril..) com o seu nome?

Pois ou oito ou oitenta. No programa **1,2,3** à pergunta sobre o autor desta e daquela canção, o correspondente respondeu: «o doutor José Afonso».

Errado!, disse eu para mim. Porque, para mim, ele ainda era, não já o Zeca Afonso, mas Osnofa Acez, como João Paulo Guerra escrevia no **Diário de Lisboa,** para ludibriar a censura.

Doutor José Afon.o! Conhecem?



ENCONTROS, DESENCONTROS, CONVERSAS, DIÁLOGOS E OUTROS QUE TAIS. (II)

(Notas de um espectador e uma história de amor pelo meio)

Como a acta não estava agrafada, houve folhas que caíram — nota do escriba. Retomemos alguns dos encontros:

Entretanto no vestíbulo, A. Robbe Grillet dá o casaco e ouve uma voz vinda detrás de si, a voz era sensual e linda, como a dona (da voz), «grillet», virou-se este «Anicée Alvina», beijam-se, o Robbe G. queria outro beijo: «ouvi dizer que me trocaste por um japonês», «não, tu é que nunca mais fizeste nada para mim», estás linda, rapariga, tu és o amor se tal existe personificado ou o amor é anicée, bem, tanto faz... (olhando em volta)... vieste sózinha», «não, venho com um admirador», «deixa-o continuar a admirar e vem comigo», «não sei se deva, pois tu nunca mais disseste nada», «pois não, mas por tua causa, comprei essa revista literária, como é que isso se chama, Lui, não é assim, onde eras capa e páginas», «isso foi em Marrocos», «vamos entrando... (pausa)... parece que isto está animado... que chique que estás, tira o casaco de peles», «não posso, não tenho mais nada por baixo, venho de umas filmagens». E vinha mesmo.

Wenders para o Welles «olha, só te trouxe os charutos, menos dois que os fumei eu, e antes de mais nada, não viste por aí o nick ray, preciso que ele me diga uma coisa... oh, está ali o fuller, toma lá os charutos» e caminhou para o Sammuel F. «então tás porreiro, tive a ver as primeiras provas e tás impecável, velho cowboy, não viste o ray?, se o vires, diz-lhe que ando à procura dele».

Na mesa ao lado estavam três senhores sentados no chão e um numa cadeira (são japoneses, e com uma vénia transcrevo o diálogo — nota do escriba), «ouve Ozu, aqui o Kurosawa que já bateu todos os grandes, disse-me que eles gostam muito de nós», «e eu (disse o Oshima), uma vez em Paris, vi revistas que só falavam em vocês os dois e no mês seguinte, falavam nos três, primeiro o mizoguchi e o ozu, e depois o kurosawa/kagemusha... eu sou o único que só de vez em quando», «Oshima (diz o sereníssimo ozu) o teu lugar no império celeste já está assegurado e afianço-te que os quatro juntos havemos de sensualizar todo império ocidental».

Façamos votos, nota do narrador.

Ouçamos ainda — como propõe o apresentador — o gil vicente e o tal rei tarzan da selva, estando nesse instante o primeiro a perguntar: ««possui palácios?», «nã... durmo nas árvores com macacos e macacas», isto está a melhorar, e o que é que se faz com eles?», «bato com os punhos no peito», «este já está é com os copos... olhe ó amigo, se eu precisar de si contacto-o depois, tá certo», «basta dizer a qualquer animal, que eles dão-me o recado» e com esta ficou o gil vicente parado, a coçar a cabeça com um ar de parvo que não era brincadeira nenhuma.

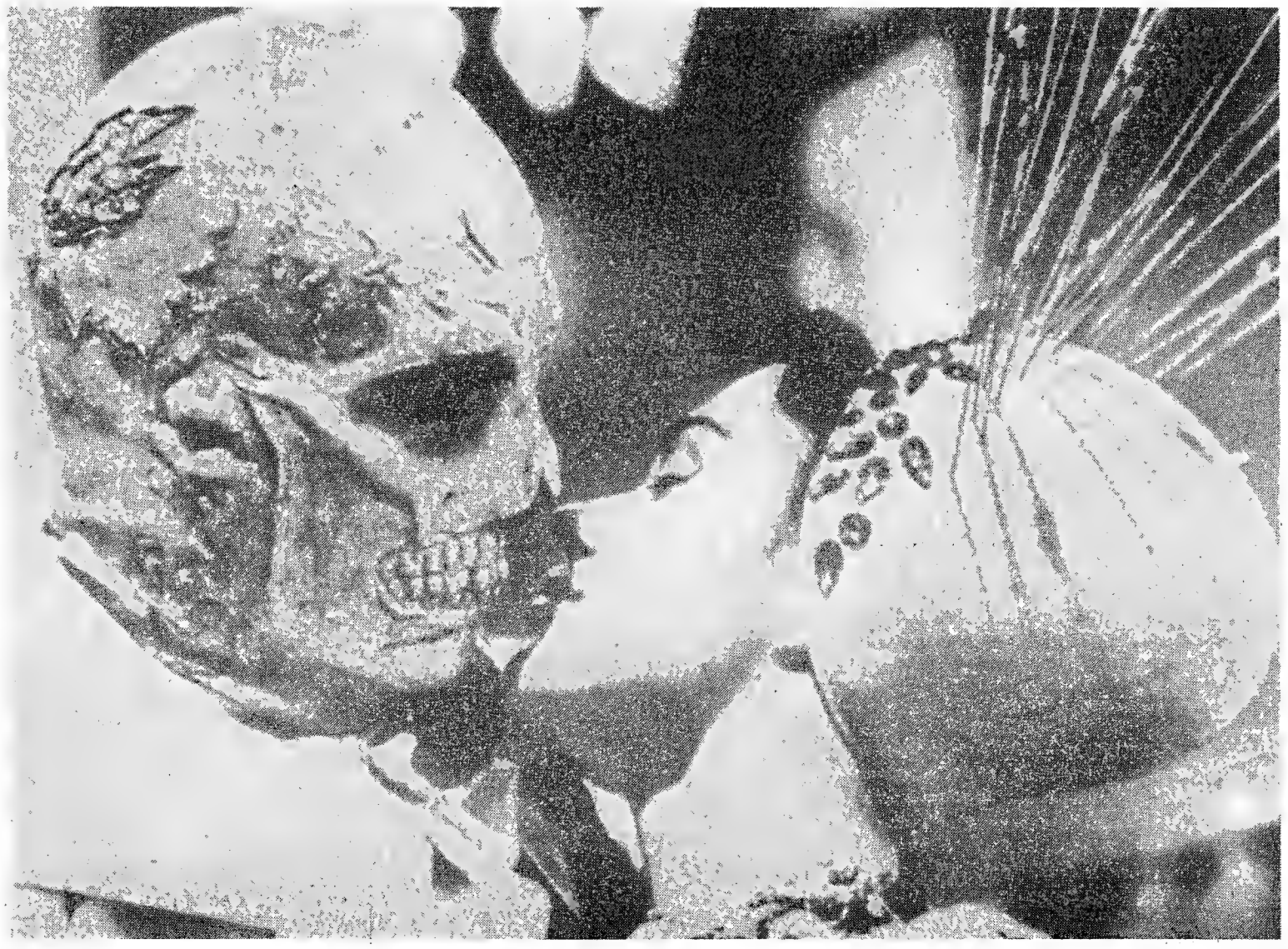
O Chaplin para o Buster Keaton, depois de ter feito meia dúzia de charlots: «sorria homem, sorria» e este com o mesmo ar carrancudo.

Ingmar Bergman entrando em monólogo com a Liv Ulman «encomendei a máquina para o filme que vamos fazer, as bobines serão três horas e em grande plano o texto far-se-á ouvir em off, não sei onde é que o irei fazer, desejava-o fazer na ilha, mas os impostos, querida actriz, os impostos nem com a melhor das vontades metafísicas se consegue aguentá-los», todo este discurso é feito em off, pois a escrita da câmara é centrável na face expressiva da L. Ulman, que tanto fica queda como consegue fazer sinais de cabeça que em sueco (calculo que noutras atitudes e longitudes, tenha o mesmo significado), representa o sim.

«olha para isto, olha para isto» diz o Mao ao Marx que preguiçando com um livro de direito (escrito se não estou em erro pelo seu genro, o Paul Lafargue (1842/1911) e publicado com o lindo título «O direito à preguiça». Bonito — nota do escriba) na mão esquerda, olhou para aquilo (o quê? pergunta o leitor, e pergunta bem) e em seguida para o sorriso amarelo do seu camarada mao e diz-lhe em tom dialectial «já o devias saber, pergunta ali ao lenine como é que ficou há uns tempos ao ouvir novas da sua terra...» aqui faz uma pausa e pegando numa cuba libre (mistura de imperialismo e suor de escravo, desculpem, mistura de rum, coca-cola e alguns cubos de gelo — nota do narrador, com ar esclarecido — nota do escriba — mas ainda assim tanto o narrador como o escriba, bem como o autor preferem um bom Alexander) bebe um longo trago e sentencia, cofiando a sua espessa barba »...eles querem matar o pai», «porra, mas o pai sou eu, desculpa, somos nós e não alinhamos em bandos», «pois eu cá...» diz o vladimir lenine, observando a Louise Brooks que por seu lado parecia medir a distancia entre a américa e a alemanha e reparou que era maior que o trajecto feito pela Loulou, enquanto mulher perdida, »...só me dedico neste momento aos versos.

«sabes uma coisa...» isto dizia aquele sujeito, vestido esquisitamente de azul e capa vermelha com as iniciais ao peito, não fosse ele perder-se, e que alguns apelidam de super-homem, a um outro, mal vestido, e que se dizia repórter de nome clark kent »...o que tenho é medo das alturas, tenho vertigens», o kent olhou-o entre o tímido e o acabrunhado e disse: «sabes que eu sempre acreditei que isso dos super-homens era treta do cinema e das revistas de banda desenhada».

O Cabrera Infante com um gravador na mão dirigiu-se ao Gabriel Garcia Marquez, «Gabriel... chegaste agora?», «olha o meu amigo cubano, então como vão os tigres, sorrindo?», «tristes, tristes...» respondeu o infante levando a mão esquerda aos óculos »...o que te queria dizer é que no outro dia estive em Macondo e como sabia que ninguém escrevia ao coronel, levei-lhe uma cassete gravada sobre a solidão, espero que não te importes?», «claro que não, e como foi a reacção daquele pirata?», «só me disse isto — acabei num livro sem receber correspondência, agora que está terminado, não me deixam em paz — percebes o que ele quis dizer?», o g. gar-



cia marquez olhou em volta e reparando num sofá dirigiu-se, com o amigo infante, para este onde se sentaram, dizendo o primeiro em tom pensativo «o que acho curioso é a vida que conquistaram, foi como que se tivessem corporizado, mas deixemos isso».

Nuno Bragança, sentado numa coxia daquele enorme auditório vazio (há sempre vazios com excepções) pensava nas situações ocorridas enquanto ficcionava na escrita do seu segundo livro, portanto, já depois de ter publicado o seu primeiro livro (isto cheira-me a lapallissada) mas, depois da ficção do seu terceiro livro (portanto, uma editora tinha já publicado o seu primeiro e segundo livro), parecia que rememorava os seus tempos de crítico de cinema, mas a carreira diplomática também tinha o seu quê de pitoresco, assim, estava ele sentado com o seu diário (este ainda não publicado, mas publicável e ao contrário do que a Ana Cristina pensa sobre os seus escritos íntimos, parte da privacidade desvendada de alguns, pode tornar mais agradável a intimidade de alguns outros) e tentando engrenar um outro fio condutor para uma outra ficção, que eventualmente levaria o caminho de quarto livro publicado, mas naquele instante sentia-se (pelo menos aparentava) incapaz da arte da escrita, olhou em volta e viu que sentado ao centro da segunda fila, estava o inveterado cinéfilo e colega de curso, Rui Guedes da Silva, e para o Rui, um enorme abraço.

O resto talvez fique para o quarto livro, ou então, para o primeiro. (Rui, continuo à espera).

O narrador pediu que se deixe o espaço seguinte em branco, para que se houver algum leitor interessado em iniciar uma escrita própria, o poderá fazer neste espaço, que, embora não seja muito, sempre ajuda.

A ideia do narrador é porreira, até estou admirado, pois bem, vou apoiá-la, mas o melhor é desconfiar, pois deve trazer água no bico, o que não seria para admirar.

Bem, estimado leitor, aproveite o espaço que já não é muito o melhor que puder. — Apontamento do escriba.

Ana Cristina: «mas porquê eu?».

responde o autor em voz off: porque e apesar de tudo (e acrescenta, apropriando-se de um título de uma canção) «every little thing she does is magic».

O Avendon com a sua 6x6 na mão, olhava para a parede branca, preparou a máquina fotográfica, depois desta estar preparada pensou que talvez fosse interessante, senão mesmo engraçado, colocar alguém, se possível alguém conhecido entre a máquina e a parede (há quem afiance que foi depois deste acontecimento que o Avendon tirou as célebres fotografias às célebre pessoas), levou a mão esquerda ao queixo e começou a fazer aquele gesto que alguns consideram que é sinal de concentração, de pensar, e alguns outros afirmam que esse gesto é para uma pessoa se certificar se fez a barba nesse dia ou não, mas continuando, estava assim o Avendon quando irrompeu a Nastassja Kinski a correr, seguida por um senhor de barbas e um outro senhor sem barbas. Avendon retirou a mão do queixo e levantou o braço, que era o prolongamento da mão esquerda portanto, o braço esquerdo, aqui quase todos os observadores estão de acordo ao afirmarem que este gesto significa «stop», para parar, quase todos, disse bem, porque existem outros, muito poucos, uma minoria que procura afanosamente outro significado para aquele gesto, mas continuando, estava a dizer que o Avendon levantou o braço e a Nastassja K. parou e ficou preplexa, ficando sem saber para quem olhar, se para os seus perseguidores, se para o dono daquele braço tão autoritário, virando-se para este último «o que é que deseja?», se calhar o Avendon pensou uma outra coisa, mas não estamos em condições de o poder afirmar continuamos, senão este episódio nunca mais tem fim, responde-lhe o fotógrafo: «só a deixarei passar para o outro lado da minha máquina, se permitir que a mesma, comigo atrás faça um click» (alguns leitores podem-se admirar, mas foi mesmo o que ele disse — nota do escriba), a Nastassja estava para lhe responder (o quê, não sei, pois como repararam atrás, está escrito que ela ia responder, portanto, não chegou a responder, compreendem?) quando o senhor de barbas se imterpôs, exclamando «compro. Quanto quer?», nisto o outro senhor sem barbas, chegou perto dele (do da barba), fez como que uma panorâmica (eu depois explico o que é uma panorâmica) e falou para o de barbas: «ó Coppola (é assim que se chama o de barbas — nota do apresentador) não compres...», virando-se para o fotógrafo »... desculpe-me não me apresentei, chamo-me Polanski, esta menina chama-se Nastassja Kinski e este senhor, como o senhor já deve ter ouvido, chama-se Coppola, com dois pês... (fez uma pausa e perguntou)... não ouvi o seu nome», «Avendon» responde o Avendon, «então senhor Avendon, diga-me uma coisa, ainda não violou a face desta menina com a sua máquina, pois não?», «não» responde-lhe o fotógrafo «ora bem...» e dizendo isto, o Polanski vira-se para o americano Coppola »... como vês, não há razão para comprares nada», o Coppola ficou uns tempos pensativo e disse num tom de voz mais baixo «mas eu queria comprar na mesma», «ouçam lá — diz a Nastassja — mas quem é que lhes disse se eu queria ou não tirar o tal clique» aqui o americano ficou mais sério «que não queres, afirmo-te eu minha pequena», «não sou tua pequena» (isto, como podem facilmente deduzir, foi dito pela N. Kinski — nota do escriba) enquanto este diálogo se estabelecia, o Avendon tinha colocado o seu corpo entre a máquina 6x6 e eles, não fosse a coisa dar para o torto: «Coppola, vamos para outro lado» fiz o Polanski e começão a andar para fora do enquadramento, o coppola foi-lhe no encalço, arrastando a Nastassja e esta, assim obrigada, acompanhou-os, mas ainda teve tempo para olhar para o fotógrafo por cima do ombro e semicerrando os olhos disse numa voz meiga «fica para a próxima, o clique, tá bem», ao que o Avendon respondeu, encolhendo os ombros e meneando a cabeça (num gesto que os observadores — aqui ainda mais de acordo — entendem por sim — nota do escriba), mas concluindo, ouvia-se ainda a voz do Coppola (provavelmente dirigindo-se ao Polanski) «ouve, eu ainda queria comprar qualquer coisa».

Foi assim a razão pela qual o senhor Avendon não tirou nenhuma foto à menina Kinski.

(Aqui, tenho que pedir desculpa, mas sete meses e dezanove dias após ter descrito este encontro, qual é o meu espanto quando vi numa revista alemã, fotografias da Nastassja Kinski tiradas pelo maroto do Avendon, onde a cobrir a sua bela nudez tem uma sinuosa cobrinha a envolvê-la (parece que esta foto vai ser um poster bem vendável), não me perguntem como é que ele as tirou, não faço a mínima ideia, mas uma coisa posso eu afirmar, é que o Avendon não fotografou a Nastassja, o Polanski e o Coppola juntos, isso posso eu afiançar sem receio de ver esta afirmação desmentida. Mas uma coisa gostava eu de saber: como é que ele a tinha convencido a tirar as fotos (é que eu também a queria convencer... há pessoas cá com uma sorte.)

Mas voltando a um outro salão, sinceramente não sei se já lá estivemos ou não, reparo que dois sujeitos; o Edgar A. Poe e o F. Kafka (soube mais tarde os seus nomes) conversavam animadamente, aproximei-me e pus-me à escuta — o resultado foi o de sempre que me lembro daquele diálogo, não durmo. Mas para lhes dar uma ideia (mas só uma ideia) aqui vai parte do diálogo:

F.K.: «zzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz e que tal uma mosca»

E.A.P.» «a mosca e a muralha, nã» (silêncio(

E.A.P.: recapitulemos, o tipo transforma-se num bicho nojento, repulsivo»

F.K. «era giro que essa situação se passasse num espaço fechado, com quinze metros de altura por quinze de largura, com uma cor esquisita»

E.A.P.: «isso vê-se depois, o bicho sente-se repulsivo, não consegue andar... era bom ele ver através de uns binóculos, isso sabia-se depois, um outro monstro... era porreiro, parece que tou a ver a cena, um monstro com nojo doutro monstro»

F.K.: «um escaravelho, um escaravelho»

E.A.P.: «talvez uma tarântula»

F.K.: «uma aranha, uma aranha»

E.A.P.: «um moscardo»

(esta é a única parte que a comissão de censura me deixa transcrever, e como o livro foi classificado para não aconselhável a menores de seis anos, tenho de me sujeitar) abro novamente o parêntesis para referir que aquele diálogo levou mais tarde a um processo de criação tal, que volvidos duas horas e dois dias, a empregada da limpeza foi encontrá-los deitados no chão, cada um dizendo o nome de um bicho... A criação leva a isto. Fecho o parêntesis.

Nisto, entram cinco senhores de mãos dadas e a puxarem um baú a abarrotar de papéis, o que vinha à frente agitava uma bandeirinha onde se podia ler «Fernando Pessoa e heterónimos, muito prazer», na bandeirinha do segundo, à lapela lia-se «engenheiro Álvaro Campos, um deles», no terceiro «Ricardo Reis, prazer», no quarto «eu, Alberto Caeiro» e no quinto e último «os outros», e no baú havia também um dístico, onde se podia ler: «a arca encontrada».

Esta ocorre-me outra:

pois ao ver tal arca, o salteador Harrison Ford fez estalar o chicote e disse alto e bom som: «A ARCA... A ARCA», os seus olhos pareciam que faiscavam com tal visão, olhou para todos os lados, observando se haveria algum outro salteador, mas do lado dos maus. Não vendo ninguém com tal aspecto, encaminhou-se para a tal arca, quando de repente se ouve um grito feminino ao mesmo tempo que um clarão de um flash fez com que brilhasse a tal arca: «AFASTE-SE DO BAÚ, SEU SALTEADOR, PRIMEIRO AS FOTOGRAFIAS», o Harrison olhou calmamente para a dona de tal voz, mirou-a de alto a baixo, analisou a máquina fotográfica e perguntou: «é a fotógrafa de cena?», não sou, sou a fotógrafa-mor da imagem de dom Fernando», «já disse ao Lucas que detesto serpentes e a tua língua serpenteia muito», puxou do colt (revólver digno de John Wayne nos seus melhores westerns — nota do escriba) e levou a mão esquerda à pala do seu chapéu (à Bogey... até o chapéu foram descobrir) e empurrou-o para trás, descobrindo a testa «menina, um pacto ou um tiro» a que esta responde «um pacto, pois claro, mas as minhas condições são através da SPA».

Sinceramente, quero passar para outra cena pois calculo que o Ford vai perder as estribeiras e dar-lhe mesmo um tiro, e podem crer que um tiro com tal pistola é só sangue e o resultado, acreditem, é sangue por todo o lado.

Apresentador, narrador, escriba e autor: António José Martins

Conto de
Jaime Rocha

METROmorfoses

A COMISSÃO DE UTENTES

Gregório S. havia recebido, pelo correio, folhetos com diversas propostas de venda de produtos e ofertas de objectos, a começar por um apartamento na costa algarvia, junto a uma urbanização de alemães.

Passara o fim-de-semana a tentar descodificar todo esse emaranhado de papelada. Quando chegou ao domingo à noite é que verificou que se tratava de uma manobra do capital para o desviar de leituras mais profundas.

Segunda-feira, à entrada do Metro, via-se um ajuntamento: discutia-se a cobertura do exterior da estação Colégio Militar-Luz. Ninguém conseguia explicar por que é que os toldos de plástico estavam tão altos e deixavam que a água caísse pelas aberturas entre as placas.

Não servia para a chuva, nem para o vento, nem para o sol. Não protegia do frio, nem permitia escoar o fumo das castanhas assadas. Para resguardo dos autocarros não era, não fazia sentido. Toda a gente dava palpites, menos Gregório S.

Um grupo de pessoas protestava junto à casota dos empregados do Metro, afirmando-se a Comissão de Utentes para a Protecção da Estação Colégio Militar-Luz, **CUPECOMIL**. Um funcionário da bilheteira afirmou que os engenheiros haviam copiado a obra de uma estação italiana.

«**Era o que se dizia**», declarou.

Ninguém pedira conselho aos utentes. Ninguém era capaz de explicar quem tinha feito aquele negócio. Os engenheiros estavam numa reunião há três meses e a administração do Metro deslocara-se a Estrasburgo, mas ficara por lá.

Estas informações foram dadas por um membro da **CUPECOMIL**, através de um megafone igual ao dos panfletos que Gregório S. recebera em casa.

Tinha sido um fim-de-semana desastroso, pensara ele, entretanto. Fora um papel que estava na caixa do correio, dizendo que lhe oferecia uma calculadora computorizada que levou Gregório S. a dar atenção aos panfletos.

Era uma calculadora «**pequena no tamanho, mas grande na utilidade**» com écran móvel e que servia de apára-lápis. Gregório S. tentou ver onde é que a podia ir buscar, mas reparou então que afinal a davam pela compra de uma enciclopédia de geografia.

«**Para que queria uma enciclopédia de geografia**», perguntara-se Gregório S.

Um outro papel dizia que «**para grandes males**» o remédio era o colchão Colunex, revestido de Xenuloc, com chassis monobloco, anti-alérgico, sem covas, acomodando-se aos contornos anatómicos do utente.

Quem dava orçamentos grátis era a Sociedade Portuguesa de Serviços Gerais: afagamentos, envernizamentos e enceramentos. Gregório S. não conseguiu decorar todos aqueles números de telefone, nem as moradas.

Quando entrou no Metro, notou que o olhavam de um modo anormal como se se tratasse de um criminoso. Pusera de parte os livros de Musil, de Heidegger e de Sade, para se dedicar aos panfletos a tempo inteiro.

O Jumbo, o Continente e o Pingo Doce obrigaram-no a confrontar os preços da Palmolive e das batatas. Davam a ideia que tudo era «**grátis**», pelo menos essa palavra estava escrita milhares de vezes, por todos os lados dos folhetos, desde o vinho à tinta Robbialac, das cassetes vídeo à polpa de tomate.

Continuavam a olhar para ele. Um passageiro sentado no banco lateral trazia um dicionário de informática. Talvez muitas daquelas pessoas pertencessem às firmas que enviavam os panfletos para a sua casa e estivessem a ver-lhe os movimentos, as estações em que saía. Talvez fossem comissionistas.

Gregório S. recebera folhetos a anunciar saldos, convites para lançamentos de livros e estreias de teatros. Uma escola de condução enviou até um carro em papelão em que estavam impressas palavras estranhas como «**honestidade, qualidade, eficiência, testes em todos os tipos de vias e condições de circulação**». Bastava apresentar a quantia de 15 mil cento e um escudo. Gregório S. ficara confuso. «**Para que queria a escola aquele escudo?**».

Os seguros Império anunciavam a abertura de uma loja com a fotografia da igreja de Benfica, em fundo, enquanto o novo Michaelis se insinuava como o grande Dicionário Ilustrado.

Estes pensamentos de Gregório S. eram interrompidos sempre que alguém se sentava ao seu lado. Dois homens com um ar carrancudo tinham-se colado à porta, com as mãos nos bolsos.

Uma editora fazia questão que Gregório S. fosse à vernissage de um pintor surrealista e uma firma de bebidas convidava-o para uma leitura de poemas e para ouvir Brahms no Palácio de Queluz.

Uma loja das Olaias insistia para que fosse tomar café e contemplar quadros de Palolo, Salteiro e Dijsktra. Mas o mais estranho foi o convite de um embaixador «**extraordinário e plenipotenciário**» de um país de Leste que o convidava a assistir à entrega da condecoração governamental, atribuida a um escritor português que casou com uma estudante húngara.

Fora um fim-de-semana inenarrável. Nada fazia crer que Gregório S. trocasse a leitura da Antologia do Humor Negro de Breton pela leitura de panfletos. Estava infeliz nessa segunda-feira, dentro do Metro, com toda a gente a mirá-lo.

Nos Restauradores, uma mulher com um letreiro no peito, aproximou-se de Gregório S.

«**Eu sou da CUPECOMIL**», disse ela.

«**De quê?**»

«**Da Comissão de Utentes. Andamos a angariar assinaturas para resolver o problema da cobertura da estação do Colégio Militar**».

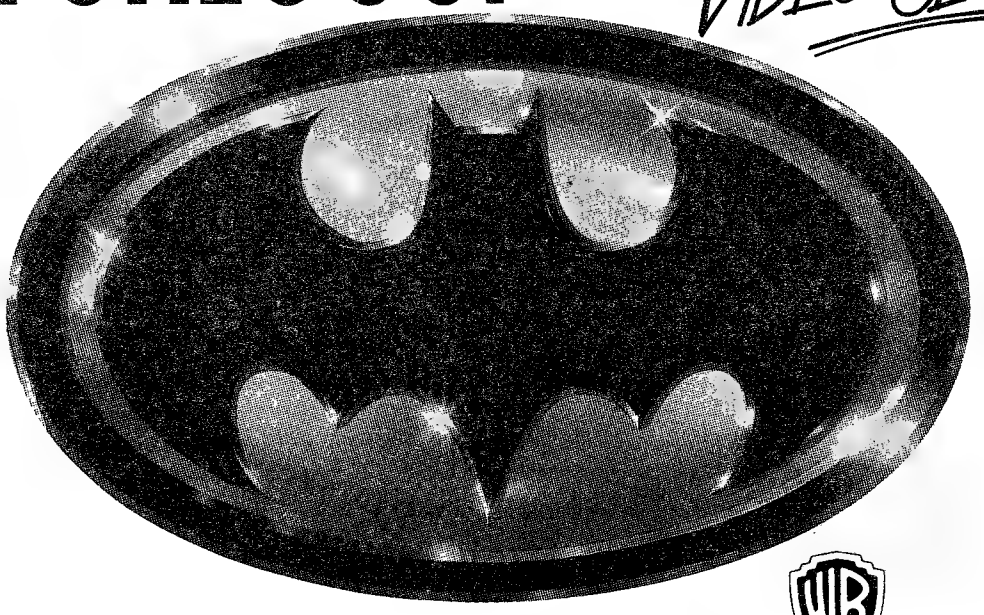
«**Mas eu sou analfabeto**», respondeu Gregório S.

«**Não faz mal, vai mesmo com o dedo**», atalhou ela, sacando de uma almofada de tinta.

Gregório S. obedeceu. Enquanto limpava a mão com uma rodilha, reparou que a mulher fazia contas numa calculadora.

Quando saiu, ficou parado no meio da estação. Limpava agora o dedo com um lenço de papel. A mulher foi atrás dele e entrou no primeiro comboio que apareceu. Fora tudo muito rápido.

JÁ CHEGOU! ...AO SEU VIDEO CLUBE



WARNER HOME VIDEO

MAIORES DE 12 ANOS

Texto de
Chaké Matossian

A DOS FILÓSOFOS

DELACROIX E A OBRA DE RUBENS

A VIOLÊNCIA SUBLIME DA MOSCA

Ao observar com atenção o combate entre uma aranha e uma mosca, Delacroix retoma a atitude descrita por Santo Agostinho nas suas **Confissões.** Se Delacroix se alegra, nesta luta, com a vitória da mosca, é porque vê nela a imagem da justiça. Por uma lado, parece justo que a mosca vença por uma vez, invertendo dese modo o curso habitual da história que avantaja sempre a aranha. Por outro lado, a violência sanguinária da mosca agrada a Delacroix por ser parecida com a justiça «selvagem» mais autêntica que a justiça labiríntica, esta tecedura hipócrita da civilização.

Ao comparar a mosca e a aranha com Aquiles e Heitor, Delacroix adopta o ponto de vista divino do espectador, o de Júpiter, para apreciar a crueldade com a qual Aquiles faz justiça ao seu amigo Pátroclo.

Uma outra passagem do **Diário** de Delacroix permite-nos encarar o episódio da mosca na sua relação com as artes plásticas. A concepção da justiça corresponde aqui à ideia do que deve ser a boa pintura. Com efeito, dois anos mais tarde, em 1852, encontramos o episódio da mosca e da aranha na floresta transposto desta vez na representação plástica. O combate entre Aquiles e Heitor existe em representação, nas tapeçarias de Rubens, um dos pintores preferidos de Delacroix, aquele que ele considera como o «Homero da pintura»: «Glória a este Homero da pintura», escreve no dia 20 de Outubro de 1853, precidando, o 25 de Janeiro de 1857: «Rubens é mais homérico que alguns Antigos. Tinha um génio análogo: é o espírito que é tudo... É mais homérico que Virgílio: é porque o era naturalmente.»

Portanto, em 26 de Janeiro de 1852, Delacroix admira, nas tapeçarias de Rubens, a cena que repete, na diferença, o combate entre a aranha e a mosca, combate que, por seu turno, não deixava de despertar uma sensação de «já-visto» na medida em que se relacionava com os elementos arcaicos constitutivos da personalidade de Delacroix.

Estas tapeçarias, que o pintor acha «sublimes», intitulam-se **A Vida de Aquiles;** põem em evidência o carácter homérico de Rubens, não apenas porque as cenas remetem para a Ilíada mas sobretudo porque surge o elo entre a representação e a natureza, o qual gera, para Delacroix, a força e a superioridade de alguns artistas entre os quais, particularmente, Rubens. O mestre flamengo não se emaranha nas fioriturі ou nos pormenores insignificantes. Mesmo quando se trata de tela e de tapeçaria, Rubens não tece, «vai logo para o assunto como Homero», ou seja, acerta logo na mosca e a força da sua pintura provém desta maneira directa de apresentar o seu trabalho. As cenas da Vida de Aquiles incluem e violência animal como emblema, leão, combate de galos, cérbero... e Delacroix identifica sempre a violência animal ou humana com a energia. Admira por conseguinte o gesto de Aquiles ao tirar a sua espada e o de Minerva que o agarra bruscamente pelos cabelos. De resto, Delacroix sempre associou Rubens com a animalidade que é, ela própria, sinal de naturalidade e, portanto, de franqueza ou de autenticidade, isto é, também, de superioridade.

Em 1847, visita a colecção de animais no Jardin des Plantes e logo, diante da diversidade imensa, face à estranheza dos espécimes, pensa em Rubens e é o único nome de pintor que lhe vem à cabeça neste exacto momento. Descrevendo este dia (19 de Janeiro) onde conseguiu deixar o seu universo quotidiano para «procurar ler na criação», Delacroix fala em sentimento de felicidade, em prazer, em encantamento. Rubens oferece, em consequência, o encantamento da natureza porque exprime a sua própria natureza, pinta com franqueza. Fornece «grossos desenhos», não se lança em pesquisas loucas e, por isso mesmo, cria uma obra sublime, enérgica. Rubens consegue este paradoxo de excluir a cultura através do acto cultural (pintar) esmagado pela supremacia da natureza, da animalidade. Quanto mais Rubens afirma a animalidade na criação do quadro, tanto mais Delacroix gosta dele. Entre as **Caças,** prefere a do hipopótamo «que é mais feroz». Sincera, autêntica, para além ou aquém da cultura, a obra de Rubens revela do cru (oposto ao «doce» (sucré) das pinturas que estão na moda), o que significa também que ela é violenta, sanguinária, canibal. A outra qualidade fundamental da pintura de Rubens é a «simplicidade» que constitui o complemento da brutalidade. Desta simplicidade nasce a expressividade que atinge o seu cume com Rubens porque a arte dele consegue dar corpo às figuras e dirigir-se, simultaneamente, à imaginação e ao espírito.

Rubens assemelha-se a Homero, mas também a Aquiles, à mosca, aos que se batem violentamente contra os que «tramam». Quando Delacroix define Rubens como o Homero da pintura, descreve o espírito da pintura como também a técnica. A maneira com a qual Rubens deposita as cores na tela exibe tambãem o elo entre o pintor e a natureza. Dizer que Rubens é Antigo, Grego, significa que o pintor faz um uso específico da luz. Em 3 de Janeiro de 1857, Delacroix comenta no seu «Diário» uma passagem da Ilíada: «Quantas civilizações como nós as concebemos erodem os sentimentos naturais.» Heitor diz à Ajax: «A noite já está chegando e devemos todos obeceder à noite que põe um termo aos trabalhos dos homens.» Rubens, quanto a ele, sabe ainda entender o ritmo luminoso ditado pela natureza, segue-o na sua pintura, através da «franqueza do claro-escuro» (7 de Fevereiro de 1847).

Texto de
Eduarda Dionísio

POR FAVOR, AJUDEM-ME A PERSONALIZAR O ESTILO!

Fatal como o destino. Há um cruzamento que marca a hora: aquele em que, por cima dos tapumes de umas obras que esperam ainda por mais uns financiamentos multinacionais, ou coisa assim, um automóvel platinado, de óculos escuros e reluzente, lhe entra pelos olhos adentro e lhe afirma, falando do si (ou de mim, seu possível comprador?): a personalização de um estilo.

Sempre que ela olha para ele, ali colado, estampado sem uma ruga no colarinho, sem uma prega no peito, (que inveja, poder colar cartazes com tanta técnica, mas também que saudades dos cabelos que escorriam cola pela noite fora, a de farinha primeiro e depois a dos saquinhos diluídos em 5 l de água), não lhe apetece tê-lo, mas sê-lo.

E, como no dito cruzamento está sempre sinal vermelho, ela tem tempo de olhar para ele e admirá-lo. Ele não é daqueles que desviam o olhar, nem daqueles que entram nas estatísticas do assédio... É de papel e o esfumado dos vidros também ajuda à sua soberana segurança assente em possantes 4 rodas de borracha.

E como a seguir, até onde acaba sempre por parar, mesmo sem grande apetite — a casa —, é sempre em bicha, ela tem tempo de o meter na memória e de sonhar com ser ele. E tanto durou o caminho nesse dia que ela teve tempo de fazer um plano de personalização — o que talvez também fosse por causa da Primavera que tinha entretanto chegado a 21 —, convencida de que se se impusesse a disciplina de o cumprir até ao fim, ficaria com o seu estilo devidamente personalizado, tão personalizado como o do automóvel do seu mais querido cruzamento diário.

COMEÇANDO PELO CABELO

Começando por cima, o importante era o cabelo, como um tejadilho, liso e lustroso, esfregado com camurça, limpo com dedo e cuspo a cada cagadela de passarinho — nada emaranhados e eriçados herdeiros de «black-powers»...

Se bem que soubesse perfeitamente que nisto de personalizações não se pode hesitar — é transformar decididamente o nome próprio em marca, click, já está — até à esquina seguinte, pelo menos, não foi capaz de escolher entre o estilo mais endurecido, filho dos tempos do ripado e da laca, imposto pelas rainhas de Inglaterra, passado para a eficácia de ferro das empresárias tipo Tatcher, rejuvenescido por uma nossa recente ministra da Saúde e o estilo mais amolecido e escorrido oriundo das modernas princesas nórdicas, banhadas em candura de Sissi, passado rapidamente por polme desenvolto de Françoise Hardy, recentemente adoptado por secretárias de Estado da Cultura.

Em qualquer dos casos, tinha que recorrer a um bom cabeleireiro: ele trataria de a personalizar. Enfiar-lhe-ia uma touca de borracha no crânio, puxar-lhe-ia finos repouxos de cabelo pelos buracos com uma agulha de crochet, enquanto ela folheasse revistas — ele é que era o profissional, ele é que sabia —, besuntaria à trincha com soluções e papas, marcaria o tempo, secaria, enrolaria, pentearia. Três vezes por semana deviam bastar.

Mas o que era o cabelo sem o respectivo saia-casaco? — as algibeiras, os botões, as rachas em baixo, como portas, janelas, puxadores. E o que era o saia-casaco sem uma mala de cabedal porta-bagagens? (um saco ao ombro também possível, dependia do estilo a personalizar). E o que era uma mala sem dar com os sapatos? — os pneus são essenciais (que diferença entre uns radiais sem câmara de ar e uns normalíssimos recauchutados ou comprados no Continente um domingo à tarde!) E o que eram uns sapatos sem uma meias **import?** — vidro de pára-brisas inquebrável.

Pensou numa blusa de seda natural com laço a transbordar das bandas do casaco — azul escura com pintinhas brancas no Inverno, branca com pintinhas azuis escuras no Verão. Estaria a pensar mal?

Talvez as Amoreiras, onde há de tudo, lhe resolvessem a emergência da imagem, mas também já tinha ouvido dizer que das Amoreiras não se saía personalizado; nem a Loja das Meias, nem a Benetton, nem a Nani Strada, muito menos a Vitamine, a Philippe Martin, nem sequer o Mr. Algodon personalizavam. Já lhe tinham dito que as Amoreiras não passavam dum Jardim Zoológico ao domingo. Personalizados, só os moradores das respectivas torres, e isso... Era preciso era saber, **porque isto** — disse-lhe a outra um dia — **minha querida, quem não sabe moda não se estima...**

— Mas não é moda, é estilo — escreveu ela. **Preciso de personalizar o meu estilo,** insistiu ela. **Não és uma técnica de estilo?**

A outra sorriu. Deu-lhe umas moradas. Entretanto, onde as tinha ela metido?

(Esclareça-se que a outra era apenas uma jornalista, daqueles produtos que cruzam a pouca memória da vida com a muita memória das citações, de estilo fortemente personalizado, que tratavam com o mesmo àvontade o jovem fotógrafo de modelos que empregavam na revista feminina que dirigiam e o intelectual universitário que tinha tido a excelente ideia de promover a moda a matéria científica; assim punha a mesma exacta paixão na descrição de uma camisola e na crítica de um livro de ensaios — o que lhe permitia, a cada peça fazer um ponto da situação pública sobre as suas relações conjugais, numa espécie de «correio do coração» enviesado).

Entretanto, ela não tinha passado da esquina seguinte.

E faltava-lhe a maquilhagem, faltava-lhe um certo olhar para se esconder de vez em quando atrás de uns óculos escuros, faltava-lhe o andar, faltava-lhe tudo. Por aquele método de cima para baixo, nunca mais ficava igual a uma capa de revista: onde ir buscar o tom de pêssego perfeito CCE das faces, o vermelho morango de estufa para os lábios, o brilho azul safira tão estrangeiro no olhar? E a expressão de mistério, de sensualidade, de ingenuidade? Quem tinha o catálogo onde se escolhia?

Ia quase desistir: tanto trabalho, caramba! E o tempo? E o dinheiro? O dinheiro: questão de fazer umas traduções ou dar umas explicações — de matemática, de informática, sei lá... Ficava era com menos tempo. E o tempo?

Acudiu-lhe felizmente à memória uma entrevista em que uma especialista dizia a um jornal diário que se sentia confortada por esses tempos da Revolução em que as pessoas se «abandalharam» e atendiam ao balcão mascando pastilha elástica, sem maneiras, já estarem passados e que os Portugueses tinham voltado a «caprichar na sua própria imagem». Personalizar o seu estilo não seria até uma missão patriótica?

COMEÇANDO AGORA PELO GINÁSIO

E mudou de método: em vez de começar por cima (também nunca ninguém tinha feito crescer uma árvore puxando-lhe pelas folhas), resolveu começar pelo princípio, pelas raízes.

Aeróbica, dança-jazz — luziam-lhe umas imagens coloridas de TV. Não se atrevia. Mas uma ginasticazinha de manutenção para senhoras era essencial. Esta vida sedentária à secretária, em frente do computador, e ao volante nos engarrafamentos, como não havia de a tornar flácida? Tempo, tinha que se arranjar. Não se arranja também de vez em quando para ir ao cinema? E o ginásio sempre era um convívio de vestiário e um cafezinho com uma amiga recente, presa nos mesmos dramas, para adiar o regresso a casa ao fim da tarde.

Não era possível personalizar um estilo com as articulações a ranger a cada flexão e um pescoço que não rodava nem 90 graus, desabituada que estava de subir escadas, de percorrer ruas e calçadas, sem tempo para andar a pé.

E com o ginásio, a sauna. Yoga para acalmar — programa mínimo. Três vezes por semana bastaria? Circuito de manutenção ao domingo de manhã.

Despesas iniciais: fato de treino, «maillot» de ginástica, «collants», sapatilhas, ténis, fita para o cabelo, saco desportivo. De montras de lojas de desporto sa-

bia ela. Parava sempre.

Tinha passado do prédio 96 para o 102 da mesma rua.

Toda a gente diz que se sai outra. Já nem custa fazer o jantar, meter os miúdos na cama, levantar cedo no outro dia, fazer a noitada de 6.ª feira, ir às compras no sábado de manhã. Diz que entra uma juventude toda florida para dentro de nós — 1,2,3, insiste, insiste, insiste — desde que a professora ponha música e que o ginásio tenha balneários bons e muitos espelhos.

Desde que se faça dieta, já sabia: saladas, frutas, muitos iogurtes, cereais, nada de azeite, nada de gorduras, óleo de soja, que é aquele, fica-se nova, uma balança consoladora na casa de banho, leite de água, com pozinhos. **A saudade de um ovo estrelado faz mover o mundo** — tinha-lhe dito a outra. É só fazer as contas das calorias: espinafres, tomates. Com o hábito já nem sabes a que sabe um chouriço, uma feijoada — batalha ganha. **Os prazeres são outtros, filha.** (Sorrisos entendidos).

Estava ainda em frente do 102 da mesma rua.

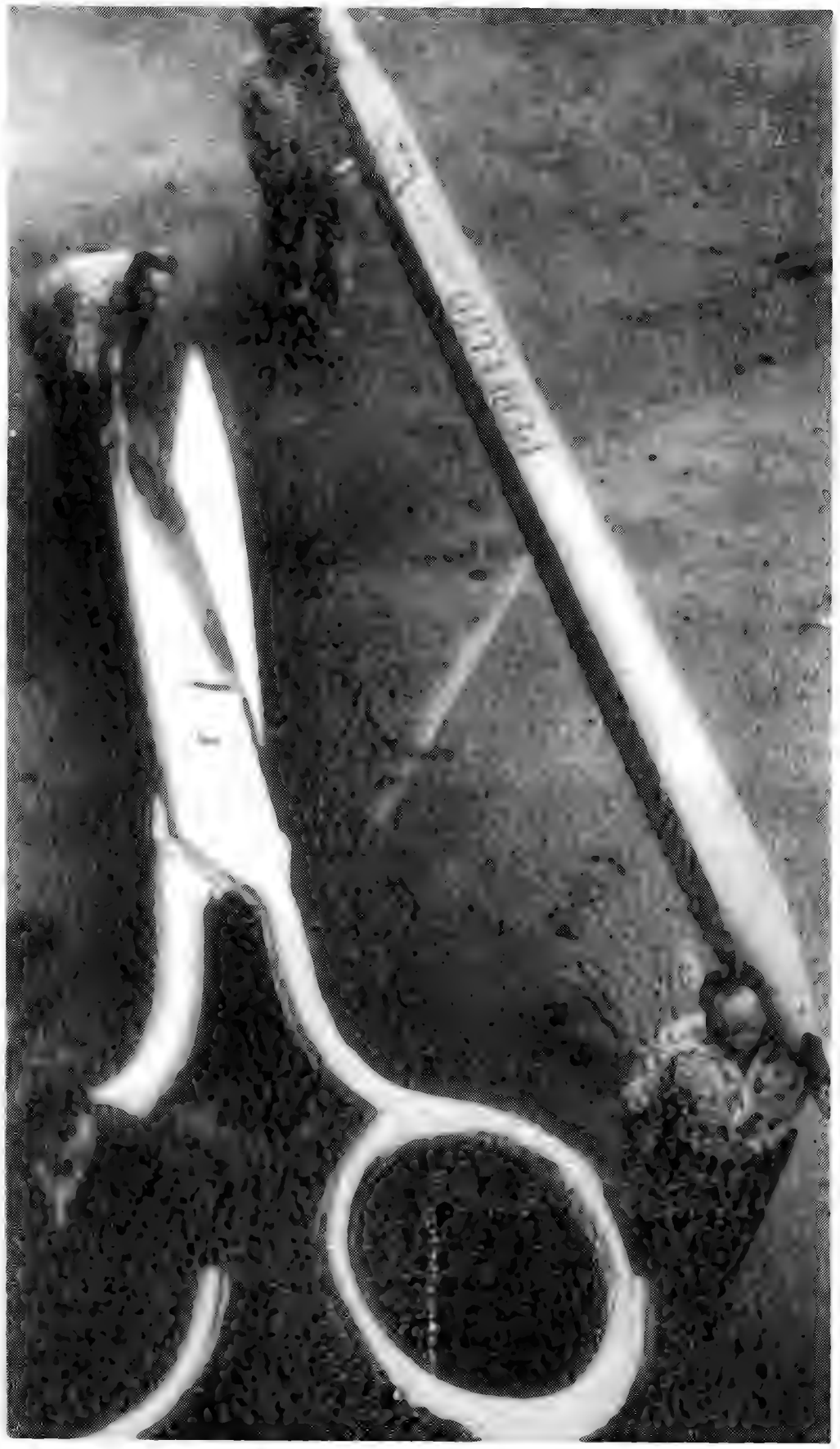
Conversa antiga: **E há a pele. Nunca pensaste que tens pele?** E ela, muito borralheira despersonalizada: **quando me queimo nos tachos, quando me arranho nos cactos.**

A pele também tem que ser personalizada, disse a outra. **Depende muito das marcas, das cores, tens que ter os frascos de cada hora, de cada situação, de cada função. Entre a noite e o dia há um abismo, entre o trabalho e as férias, entre a praia e o campo. Tem que haver esforço, nada se faz sem trabalho. Leva muitos anos.**

Ela tinha percebido nessa conversa que tinha que haver muitos cremes, muitas loções, muitas geleias, muitos pós e algumas receitas. Esqueceu todo o resto. Agora fazia-lhe falta: boiões, caixinhas, pincéis, tubos, pastas. **Uma paleta, tudo tons naturais,** disse a outra. **E já viste as tuas unhas? — espigas, peles, falhas. Tu róis as unhas?**

E ela chegou à outra esquina: era precisamente esse passado despersonaizado que ela queria liquidar.

Sabonetas, transparentes, translúcidos e opacos, para as calosidades (**Não tens calos, tu?** — tinha perguntado a outra) — uma casa de banho cheia: perfumes, águas de colónias, lavandas, plantas agri-doces, champôs cremes amaciadores. **Alguma vez pensaste que o cheiro faz parte da personalização de um estilo? Julgas que é deixar aquele bafo de espanhola de exportação quando sais do elevador? É menos do que isso, é mais do que isso. Perguntas no «body-shop», elas sabem. Não te metas nas marcas que anunciam na televisão. Nem uma só de dez estrelas usa Lux. Claro que também tens as lojas de cheiros: chás — acessórios, como nos automóveis. Sem uma alta fidelidade no carro, como fazer 1000 km de montanha? Isto, para o caso de estares mesmo interessada em personalizar o teu estilo. É uma opção de fundo. Avisote que é como mudar de vida.**



NÃO É DISSO QUE SE TRATA

Era precisamente isso que ela queria. Virou à direita, estava perto de casa. Queria entrar num lugar sem que ninguém desconfiasse que ela só sabia aquilo que mostrava. Tinham que perceber que ela sabia aquilo e muito mais. Queria ser uma pessoa única, entre tantas pessoas iguais, como aquele automóvel metalizado que trazia na memória e no coração. Desejada como aquele modelo especial. Fascinante. Misteriosa, com luzes de marcha-atrás, faróis de longo alcance, retrovisor panorâmico, sinais de presença, tudo de uma nitidez luminosa num negro acinzentado — antracite.

Entraria amanhã mesmo na boutique, que essa sabia ela muito bem — exportação para a Europa, mas não só, gosto muito nacional que agrada lá fora, dito e redito em entrevistas, perfis das décadas, inspiração oriental, um toque africano para o Verão — a nossa História manda — cinzentos claros e escuros, negros, uma cedência ao cru, ao sépia e ao castanho, branco se for Primavera: negros escorridos de um desgosto quase autêntico pelos tempos que vamos vivendo. **Tens que assumir o desencanto da época** — tinha-lhe dito a outra. **A alegria, têm que ser eles a descobri-la debaixo da roupa — e isso só com muita ginástica. Não sei se para o teu caso chega a manutenção. Tens que ver os cursos de correctiva e de respiratória. Tens de aprender a respirar de uma outra maneira. Não dês nas vistas à primeira. Um automóvel também tem chaves várias e uma chave de segurança e tem alarme. Não acredites naqueles que uma chave dá para tudo. Talvez seja muito prático, mas não é disso que se trata, estás a perceber?**

Mas se escolhesse as cores fortes, laranja, verde, roxo, que estavam na montra ao lado?

— Gastas o mesmo e não personalizas, disse a outra. **Só podes personalizar em tons escuros. Ou julgas que personalizas o teu estilo copiando as revistas de modas? A publicidade é outra coisa...**

— Nem na Primavera? Perguntou ela, com o **united colours** no coração, que tinha aquela vantagem de dar boa consciência «anti-apartheid» — mão negra de criança sobre a mão branca de adulto.

Quando ela chegou perto de casa, tinha quase desistido. Não haveria métodos mais simples: começar pelo fim — trocar simplemente o carro, por exemplo, por um que viesse já personalizado?

NOS BASTIDORES DA MODA

No café de bairro onde entrou, não conseguiu chegar ao balcão. Claro, não tinha ainda o estilo personalizado.

Um monte de operários, brancos e africanos, com tinta e rasgões nos fatos-macaso, gesso nos cabelos, tomavam o café e o bagaço de depois de almoço, antes de pagarem outra vez nos estuques e nas madeiras, nos mármores — acabamentos dos prédios de parabólicas que andavam a construir por ali.

Cheirou-lhe a suor com massa de vidraceiro e pensou, assustada, que não lhe bastaria personalizar o corpo, também teria ter um apartamento personalizado, e isso só mudando de casa.

Um dos operários virou-se. Apontou para o carro dela: **já viu que tem um furo?**

Pegado a eles, um friso de senhoras de idade, com a visível experiência da agulha e do dedal no olhar para baixo, para a chávena de café, de bata muito negra e com assinatura ampliada da Ana Salazar a prateado nas costas (como não pensar naquela manifestação de Fevereiro, em filas de 7, em que os operários desfilavam com as marcas das empresas nas costas?) — a marca do dono — e das mãos delas saíam as amplas saias, as echarpes.

Uma das costureiras virou-se. Apontou para o saco dela: **já viu que tem a mala aberta?**

Estava nos bastidores da moda. Personalizar o estilo era passar para o palco. Saiu sem tomar café.

Quando meteu a chave na porta de casa, tinha desistido, mas ainda pensou que talvez tivesse podido começar por outro lado: de dentro para fora. Nem lhe tinha passado pela cabeça a importância do interior: a **lingerie.**

Decididamente, preferia ser aquele outro carro, peça única de confiança, aquela que resta na vida, depois de perdidas as ilusões do jogo no casino, do cavalo em que se apostou e na mulher em que se depositou toda a esperança, a quem se deu o próprio nome, que se levou para casa e que afinal não passava de uma megera como as outras todas... Preferia ser essa bóia de salvação que lhe entrava todos os dias pelo ecrã. Parecia menos complicado. O pior é que era só para homens.

Então, pensou outra vez que, se houvesse alguém que a ajudasse, metia-se nessa da personalização. Tinha a certeza que, com o estilo personalizado, não haveria porta de palácio que não se abrisse: Frágil e Plateau sem cartão, vernissages e lançamentos de livros, estreias, tudo sem convite, aniversários de semanários em bares e discotecas, festivais no Casino Estoril, jantares de gala, atendimentos em bancos e em empresas sem espera — as portas da cidade abertas de par em par.

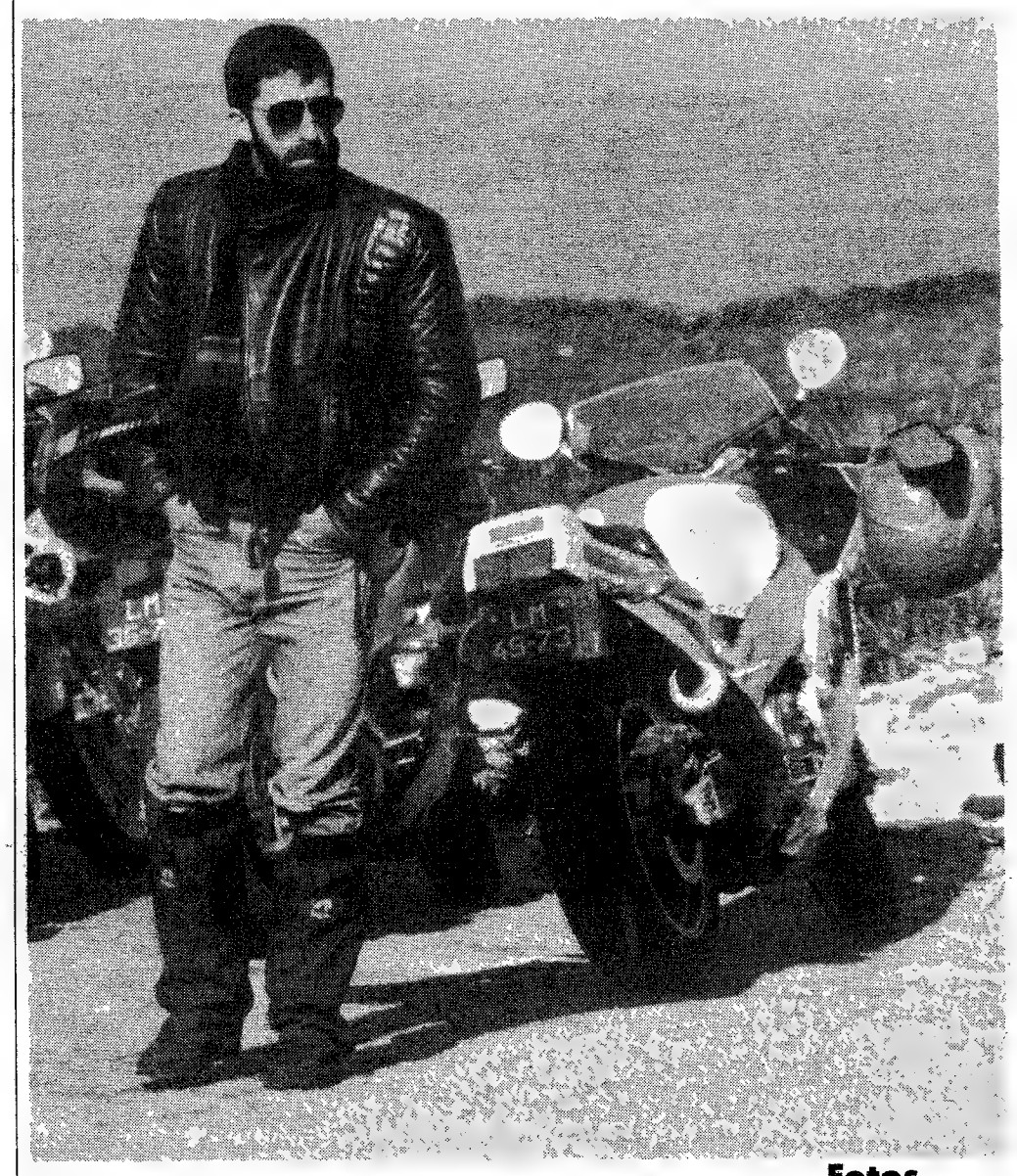
Texto de
Lourdes Féria

O CULTO DAS MOTOS

Manhã de domingo. Motociclistas, vistosamente equipados, circulam na estrada que liga Cascais a Sintra. Os ponteiros das suas bússolas indicam um destino: Cabo da Roca. Vindos de diversas proveniências, comparecem ao ritual do pequeno-almoço que é mais um pretexto para espairecer, a aportunidade de se libertarem do *stress* acumulado durante a semana. Embora constituam uma tribo heterogénea, há tiques de classe e diferenças culturais a distinguilos, têm em comum a paixão das motos. Entre as dezenas de máquinas paradas, naquele ponto de ocidental latitude, predominam as de marca japonesa. Em alvoroço, peito a dilatar-se-me de esperança, aguardei que uma Harley-Davidson surgisse triunfante no terreno, ofuscando a concorrência nipónica. Nem uma. Decepcionada, tentei entusiasmar-me com a leitura do livro de presenças, disponível sobre a mesa do café, que confirmava o registo de um número considerava de Hondas, Kawasakis e Suzukis.

Cumpridas as formalidades, os protagonistas do espectáculo concentram-se ao ar livre, onde alguns mirones, parentes pobres da família, os observam com certa inveja, encostados às motorizadas e lambretas. Quanto aos automobilistas, fauna nitidamente minoritária, limitam-se a lançar um olhar rancoroso às motas como se elas estragassem a harmonia da paisagem. Preferem ir contemplar o mar, enquanto não chega a hora de abancarem num restaurante qualquer da Azoia ou da Malveira da Serra. São os adeptos do cozido à portuguesa e do cabrito assado à padeiro.

«Estou ligado a uma equipa de motociclismo que participa em campeonatos de velocidade. Aprecio as motas japonesas porque são bem concebidas, a nível de mecânica, e relativamente baratas. Sem dúvida que acho as Harleys bonitas, mas não se adaptam às nossas estradas». Eis o que diz Manuel Herdeiro, 38 anos, industrial têxtil. Nos fins de semana tira a farpela de empresário, arruma o carro na garagem e, vestido de cabedal negro, sobre o selim da Kawasaki, sente-se outro homem. «Não costumo faltar ao encontro do Cabo da Roca, conheço a rapaziada e agrada-me sair de Lisboa», acrescenta.



Fernando Santos tem estilo

Fotos Rui Vasco

Rápidas e nervosas

Para António Manuel Machete, residente em Palmela, a caminhada de 220 quilómetros, ida e volta, não passa de uma brincadeira. Este comerciante, de 32 anos, desloca-se, numa potente Kawasaki 1300, cujo preço ronda os 2000 contos. Desde a adolescência que manifesta uma inclinação especial pelas motas japonesas e não pensa mudar de ideias. «Nervosas e rápidas, dirigem-se a uma clientela mais jovem, ao contrário das Harleys que são eleitas pela malta na faixa etária dos quarenta. Nunca falho às corridas de Espanha que mobilizam perto de 150 mil pessoas. Hoje parece ser o dia das B.M.W, é raro verem-se tantas juntas. Duram uma vida inteira, mas têm o inconveniente de serem demasiado lentas para o meu gosto».

Sólidas e robustas, atributos com que competem no mercado, as motos alemãs deixam muito a desejar em matéria de elegância. Gonçalo Almeida Ribeiro, 37 anos, proprietário de uma herdade no Alentejo, onde cultiva trigo e cria gado, orgulha-se da sua. «Depois dos ingleses desistirem do fabrico de motos, comprei uma B.M.W que veio substituir as minhas velhas Norton e Triumph. Também tive uma Harley de 1920, adquirida em segunda-mão, só que não compensa porque exige constantes cuidados». Fixado na Praia das Maçãs, é sócio do Moto Clube de Sintra, a entidade promotora do convívio do Cabo da Roca que se realiza desde Novembro.

Uma iniciativa, ao que afirma Armindo Santos, o secretário do Clube, à semelhança do que sucede na África do Sul. Organizam-se excursões, cultiva-se a camaradagem, dentro de um espírito desportivo e saudável. «Sobre os motociclistas constrói-se uma imagem que não corresponde à realidade. Associam-nos a cenas de violência, a gente com pendor para o desacato. Fomos obrigados a acabar com os passeios que fazíamos, em grupo, até Cascais, uma vez que a Polícia, sem nenhum motivo, nos incomodava, e também nos expulsaram, à bruta, da pastelaria Mexicana. Meteram-nos no mesmo saco dos putos das motorizadas que se divertiam a praticar malabarismos, pondo em perigo a vida dos peões. Lamentamos o procedimento das forças da ordem que se apresentaram no local com um aparato incrível...a despropósito. Não são os indivíduos de 40 ou 50 anos que vão provocar distúrbios».

Imagem agressiva

Personagens não gratas, alvos do ódio da comunidade, os motociclistas transferiram-se, agora, para um bar nas imediações da Torre de Belém. «Os automobilistas, imobilizados numa bicha interminável de carros, quase rebentam de raiva quando nós os ultrapassamos. Em geral, as pessoas confundem-nos com a imagem agressiva transmitida pelos filmes. Num cinema de Lisboa, a seguir à exibição da fita "Chuva Negra", o homem do bengaleiro, ao entregar-me o capacete, perguntou-me com ironia, se eu não me tinha esquecido do sabre». Relata João, um sujeito educado e inofensivo.

É natural que o automobilista em apuros de trânsito, não domine os nervos. Apitos de buzinas, insultos suezes, palavrões dos taxistas, tudo isso descontrola um indivíduo, por muito civlizado que seja. É compreensível que o seu mau humor se agrave, no momento em que o motociclista, aos ziguezagues, consegue transpôr todos os obstáculos. Acometido de impulsos assassinos, atinge o cúmulo do desespero se o motociclista, saboreando a vitória, resolve brindar a vítima do colapso circulatório com um sorriso piedoso.

Vigilante em Cascais

Fernando Santos, 32 anos, profissão de vigilante, tem estilo. Sem se confundir com o esteriotipo dos consumidores da Harley, pertence a uma estirpe que incorporou, metabolizando-os, os valores do *motard*. Apesar da sua aparência tranquila, o instinto avisa-me que é dos duros. Homem de poucas falas, esquivou-se aos esclarecimentos biográficos, preservando, sobretudo, os segredos relacionados com as funções que desempenha. Lacónico, disse: "vigilante em Cascais" e ponto final. Já percorreu o país, de Norte a Sul, o que significa um circuíto de 16 mil quilómetros de moto. «Apercebi-me de que a sociedade portuguesa tem aversão aos motociclistas. Não percebo esse preconceito, pois a malta madura, com mais de trinta anos, comporta-se correctamente na estrada. As Harley? Não se coadunam exactamente com a minha filosofia. Destinam-se a uma elite, de gosto apurado, que busca nas motas o que há de romântico. Nos Estados Unidos representam a rebeldia. São as mais caras do mercado e, portanto, inacessíveis a quem não dispõe de muito dinheiro. Os que cobiçam a Harley e não podem comprá-la, consolam-se com as cópias japonesas».

Mário Ferreira, vendedor num *stand* da Columbano Bordalo Pinheiro, estabelecimento importador de Harleys, revelou-nos que, desde Setembro de 1988, venderam apenas 35 máquinas. Conclue-se que o culto religioso devotado ao brinquedo de Milwaukee, em Portugal, é inexpressivo. Define a clientela como pessoas "de meia idade", com poder de compra. «Somente três ou quatro tinham pouco mais de 20 anos. Entre a nossa freguesia, parte dela do Norte, sobressaiem os comerciantes, os industriais, os capitães do exército e os comandantes da TAP. Normalmente, trata-se de gente convencional que veste fato e gravata, com excepção de um arqueólogo, coleccionador de Harleys. Estou convencido de que, aqui, se adquirem HD mais numa pespectiva de investimento, como acontece na área das artes plásticas.»

Uma imitação japonesa

ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE

Em Tânger, numa mansão fabulosa, no meio de pinturas hiper-realistas e outras peças valiosas, está exposta uma Harley Davidson, modelo antigo. Palácio, museu e objectos artísticos pertencem ao magnate americano Malcom Forbes, nome que evoca milhões de dólares e uma certa bizarria. Um milionário atraído por tudo o que luze. Deslumbram-no os cromados da Harley e o brilho dos diamantes a reflectir-se nos olhos côr de violeta de Liz Taylor, amores que o subjugam. Ao que consta é um dos maiores coleccionadores da mota mais carismática do mundo. Do mesmo vício comunga Mickey Rourke, um dos responsáveis pela projecção da velha dama, nos anos 80, tão receptivos aos fenómenos de moda.

Ao garantir que «the Thinks are different on Harley Davidson», a publicidade contribuiu para o cimentar da lenda. Fortaleceu o mito que já ganhara expressão, na década 50, graças aos "Hell' Angels", rapazes que de anjos não tinham nada. Símbolo da rebeldia, da marginalidade, actualmente, serve o exibicionismo dos Rubs (Rich Urban Bikers), a nova tribo urbana da Califórnia. Usam blusões Perfecto, frequentam os bares chiques e montam as Harley Softail que custam 24 mil dólares. O *glamour* da pose exercido pelos príncipes de Hollywood, clã de que se destacam Tom Cruise, Sylvester Stallone e Arnold Schwarzenegger. Mais convincentes na relação com a HD, em termos afectivos e comportamentais, são Bruce Springsteen, Brian Setzer, membro da banda "Stray Cats", e Steve Jones, um dos componentes dos extintos Sex Pistols. Sempre foram adeptos do cabedal negro, do colete, da tatuagem, do distintivo, do signo que, acima das modas e das frivolidades, se prende com a cultura *biker*.

A hora da verdade

Os autênticos, puros e duros, compram as suas máquinas no Bartels e submetem-se ao baptismo de fogo, no circuíto mortal de Deer Creek Road que assinala a hora da verdade. Se sobreviverem ao perigo das curvas e dos precipícios, festejam a vitória no Troubadour ou no bar de Mickey Rourke situado na Grand Passage de Canon Drive, um dos centros comerciais mais luxuosos de Los Angeles.

"Ride to live, live to ride", uma frase lapidar que resume a filosofia do verdadeiro *biker*. Os "Hell' Angels" ainda se declaram mais radicais, no culto da mota, tomando em conta a sua arrogante proclamação: «se não nos deixam entrar no céu com as Harley, então conduzimo-las directamente ao inferno». Expande-se, assim, a lenda que tem por suporte uma florescente indústria. Mas é pela via do cinema, que alcançará o estatuto de mito. Inesquecivel a figura de Marlon Brando, blusão e boné negro, no filme "The Wild One", do húngaro Laszlo Benedek que se inspirou num facto ocorrido em Hollister, perto de Los Angeles, no fim dos anos 40. Um grupo de motociclistas, sujos, agressivos e maus, envolveram-se numa batalha campal, acontecimento este que, na imprensa americana, foi noticiado com títulos bombásticos, do género: "terror motorizado" e "motos selvagens".

Imprescindível o complemento do couro negro

Paradigma do revoltado

O filme tranforma Marlon Brando num ídolo juvenil, no paradigma do revoltado. Ainda recentemento, o actor afirmou, numa das suas raras entrevistas, que James Dean o perseguia com telefonemas, tecendo-lhe os maiores elogios. «Um neurótico, terrivelmente obcessivo, que procurava imitar-me», sublinhou o emblemático Brando. Na sua vasta corte de fãs, perfilava-se ainda Elvis Presley, que aceitou posar, em 1955, montado numa Harley-Davidson, *of course*, para a capa de uma revista da especialidade. Esta célebre fotografia do "rei" de Memphis, também ele colecionador de Harleys, espalhou-se pelo mundo inteiro.

Na aurora dos "sixties", o cinema volta a homenagear a cultura da mota. Desta vez o veículo será "Scorpio Rising", um filme *gay*, realizado por Kenneth Anger que explora a vertente da violência conjugada com o sexo. O eixo em torno do

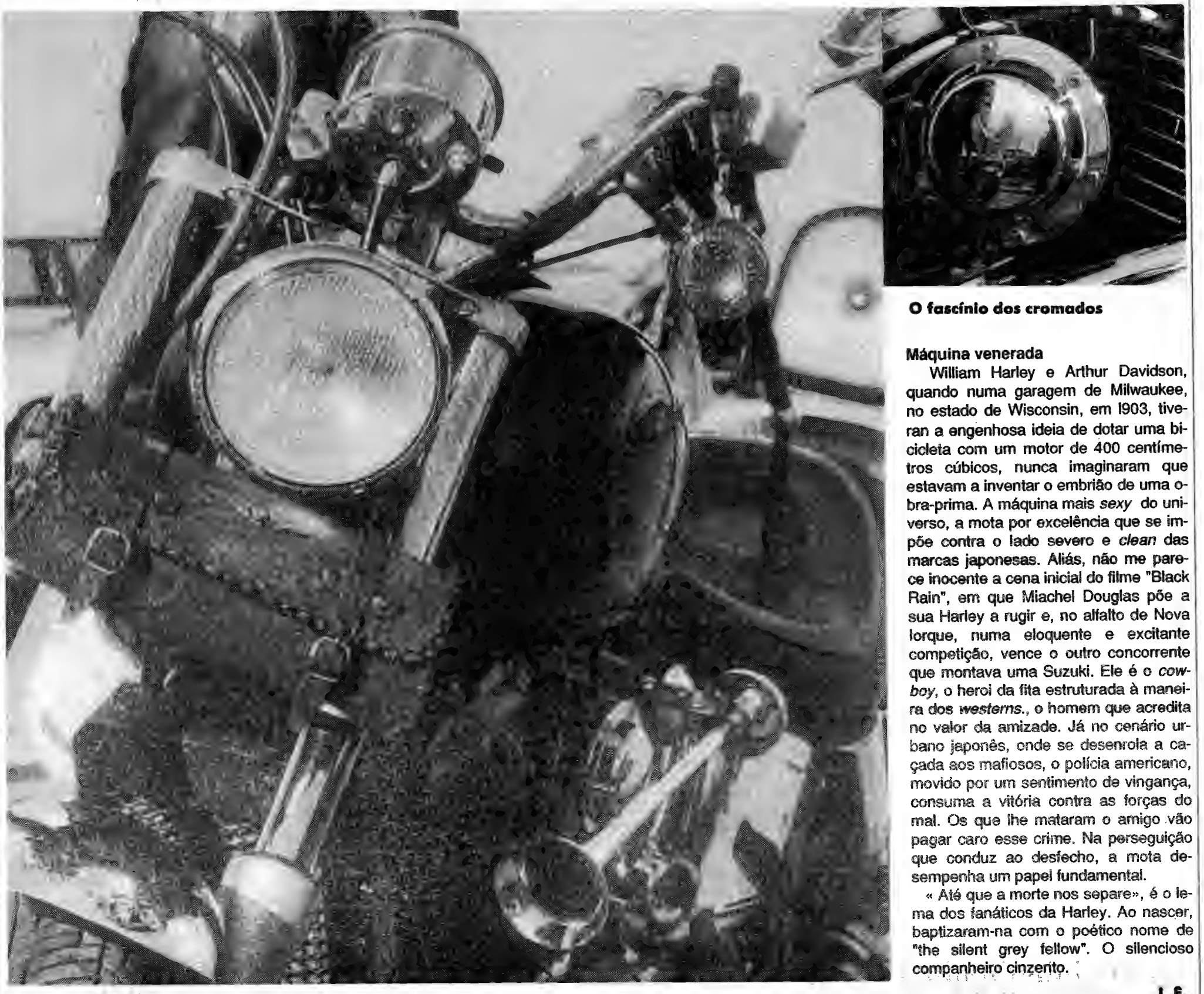
cont. na pág. 14

AS MOTOS

cont. da pág. 13

qual gira a acção é a Hatley, um poderoso brinquedo, tornado objecto fetiche. Em "Easy Rider", a cartilha de uma geração, fita datada de 1969, os herois perdedores (Dennis Hopper, Peter Fonda e Jack Nicholson) corriam, estrada fora, sobre Choppers Harley Davidson. Nos anos 80, a era do vazio e do pensamento débil, Francis Ford Coppola convida Mickey Rourke para interpretar o papel de "Rusty James", o rapaz da moto. Fita que traduz mais uma declaração de amor, confirmada pelo autor da fita, ao insuperável Marlon Brando.

Imagem supostamente agressiva



Parece uma Harley... mas não é

O fascínio dos cromados

Máquina venerada

William Harley e Arthur Davidson, quando numa garagem de Milwaukee, no estado de Wisconsin, em 1903, tiveran a engenhosa ideia de dotar uma bicicleta com um motor de 400 centímetros cúbicos, nunca imaginaram que estavam a inventar o embrião de uma obra-prima. A máquina mais *sexy* do universo, a mota por excelência que se impõe contra o lado severo e *clean* das marcas japonesas. Aliás, não me parece inocente a cena inicial do filme "Black Rain", em que Miachel Douglas põe a sua Harley a rugir e, no alfalto de Nova Iorque, numa eloquente e excitante competição, vence o outro concorrente que montava uma Suzuki. Ele é o *cowboy*, o heroi da fita estruturada à maneira dos *westerns.*, o homem que acredita no valor da amizade. Já no cenário urbano japonês, onde se desenrola a caçada aos mafiosos, o polícia americano, movido por um sentimento de vingança, consuma a vitória contra as forças do mal. Os que lhe mataram o amigo vão pagar caro esse crime. Na perseguição que conduz ao desfecho, a mota desempenha um papel fundamental.

« Até que a morte nos separe», é o lema dos fanáticos da Harley. Ao nascer, baptizaram-na com o poético nome de "the silent grey fellow". O silencioso companheiro cinzento.

L.F.

QUEREMOS VOLTAR A SER E NÃO APENAS A ESTAR

Há 21 anos, o Diário de Lisboa dedicou um número de A Mosca aos estudantes de Coimbra. Dedicou-o, à moda da época, nas entrelinhas: para os iniciados, era evidente que aquelas páginas dedicadas à flor celebravam a rebeldia e o espírito inventivo dos jovens que, confrontados com uma repressão que fazia da Universidade uma praça sitiada, desceram às ruas e aos mercados a oferecer, mesmo aos polícias que os agrediam ... flores. Celebravam também aqueles que, espalhando-se desde S. Francisco, propunham que se fizesse *o amor e não a guerra* - proposta perigosíssima para um país que enviava os seus jovens para uma guerra injusta - e que, como o cantava Stuart Mackenzie, *usavam flores nos seus cabelos.*

Hoje, A Mosca reincide. Sem entrelinhas, que a lei, mais do que a práctica, tornou desnecessárias: este número de A Mosca saúda os jovens italianos do movimento conhecido como **A Pantera** que, quando tantos proclamam o individualismo e o comodismo como virtudes, saíram para a rua e gritaram bem alto: «*Não fiquem aí a olhar, venham para a rua, venham protestar* ».

Protestar porquê? porque «*pedimos espaços, dão-nos polícia, e chamam a isso democracia*», ou porque «*a universidade não é um supermercado*» , «*os nossos sonhos não precisam de patrocínio*» e , «*quando protestamos formalmente contra uma lei ridícula, protestamos também porque queremos voltar a ser, e não apenas a estar*».

Por tudo isso, o jornal da Faculdade de Letras de Florença, «*Movantataneo*», tem, em vez de um editorial, um «*contra-editorial*», dedicado àquilo «*que está sob a montanha de bons propósitos que encheram, até enfastiar, outros editoriais* »: «*desejos reprimidos, vontade de ser protagonistas, frustrações dos membros de redacção*».

Nas páginas que se seguem ao contra-editorial, o jornal fala, depois, de muitas coisas: do racismo, do que é ser-se negro em terra de brancos («*A Pantera também tem a pele negra*», foi um dos belíssimos gritos de guerra dos estudantes), da universidade, da repressão, do espaço, e também do amor, até porque, como explica o «*Rir* », mensário da Universidade de Roma, «*é hábito da maioria dos estudantes basear a sua carreira sobre um número alegórico de exames. O resultado é o chamado saber livresco (académico). Pior ou melhor assimilado, é sempre uma inútil acumulação de noções. A carreira académica, para ser tal, deve ser pesquisa activa e partilhada.. Por partilha,entende-se a troca de idéias e informação .*»

«*Basta! Agora falam os estudantes!*», disseram os jovens italianos. Falaram - e desmistificaram a idéia que se quiz fazer deles, «individualistas, egoístas, desinteressados»: «*Tenho 22 anos. Vivi a adolescência numa total ausência de valores, num vazio total, os únicos valores eram os de um individualismo desenfreado. Sentia-me só, mas não no sentido de não ter amizades. Tinha-as, mas sufocadas sob uma atmosfera pesada, onde as pessoas não se podiam exprimir. Não digo que nas ocupações se possam exprimir grandes coisas - mas , pelo menos ,tenho a sensação de uma libertação. Respiro. Agora, também nós existimos, e não só aqueles que decidem por nós*» - Rosita, Faculdade de Letras de Milão, citada pelo semanário «*Panorama*». «*Demos importância a um monte de parvoíces, demos valor à estupidez. Foi uma grande lição a destes anos. Vivemos isolados sob redomas de vidro, penetradas pelo caos informativo, pela exuberância das imagens* » - Lorenzo Romito, Faculdade de Arquitectura de Roma, citado pela mesma revista.

«*Privados de tudo, mas não de cérebro*», protestam contra a sociedade em que tudo é comercializado: «*Não precisamos de bandeiras, de chavões, de mitos, nem antigos nem novos. Não, não reconhecemos um valor simbólico à queda do Muro de Berlim, ou ao massacre dos estudantes chineses, porque tudo é subvertido e comercializado. Disseram-nos que os fragmentos do Muro eram vendidos, que quanto maiores eram e mais história tinham, maior era o seu valor. Quanto aos acontecimentos de Tienanmen, e apesar de termos sofrido com esses eventos ,fazem parte de uma cultura que não é a nossa. Nunca nos poderíamos reconhecer numa luta que escolhe como símbolo a Estátua da Liberdade.*», escreve o Grupo Pronto Socorro Criativo, de Roma. E Sergio Raggio, também de Roma: «*Não gosto da arquitectura pós-moderna. Não gosto dos belíssimos jogos tecnológicos que não levam em conta o contexto, não gosto da arquitectura transformada em mensagem publicitária.*»

No outro dia, um dos participantes de Maio de 68 afirmou: «*Fizémos muitos disparates. Havia coisas em que não tínhamos nenhuma razão. Não é por se ser jovem que se tem forçosamente razão .*»

Provavelmente é verdade, e lapalissiana, ainda por cima. Mas pode-se ter direito sem ter razão. E quando os jovens protestam, mesmo sem total razão, contra a sociedade que entendemos dever ser a deles, não teremos o dever de os escutar?

«*Um jovem de dezoito anos suicidou-se. Eis o que ele escreveu: Os homens vivem como lobos. Peço perdão aos que amo.*», cantava Collette Magny . Era «*Le mal de vivre*». É lembrando essa canção que escolhemos, de entre todas as descobertas admiráveis dos jovens da **Pantera**, esta:

«*Se ganhámos ou perdemos? Nem a brincar! Esta batalha passou uma esponja sobre o individualismo, a solidão dos estudantes. Criou um movimento que nos ensinou o que é a Solidariedade.*»

Saudações, **Pantera!**

A MOSCA

A POLÍTICA DAS ESCOLAS E A ESCOLA DAS POLÍTICAS

Cada vez que há uma reforma do ensino, os estudantes radicalizam posições, os polícias entram de prevenção e a ancestralidade dos contestatários pergunta aos rebentos: «Então isto não será para vosso bem ?»

A ancestralidade, ainda assim, tem muitas vezes um tudo-nadinha de razão. Ao apostarem no mito da «passerelle» do ensino condutor para uma vida melhor, os pais estão de acordo com os filhos que pretendam o pulito social com trampolim no diploma.

A polícia tem sempre razão.

E os estudantes ?

Os estudantes querem outra coisa, todavia. Não porque «são novos, não sabem...»

Mas porque a Universidade -como a sociedade que gerou o sítio que frequentam- tem para dar tudo menos o futuro, sendo que nesta noção não se engloba apenas o emprego certo em tempo de incertezas. Nos tempos que correm, os estudantes contestam mais a Universidade que a sociedade. Noutra era, há vinte e poucos anos, partiam do protesto contra esta para questionarem os objectivos daquela.

FIM DO HINO DA CARTA

Os movimentos estudantis europeus conseguiram a primeira transformação radical (dirigida às raízes, entenda-se) quando cortaram o cordão umbilical que os ligava à Carta de Grenoble, da sua União Internacional, baseada na experiência dos países de Leste. A dita Carta definia o estudante como um «jovem trabalhador intelectual» e, portanto, como detentor dos mesmos direitos de qualquer outro trabalhador, a começar pelo salário e a terminar no alojamento.

A democratização do ensino era o corolário lógico desta reivindicação, destinada a igualar à linha da partida tudo o que partia em condições desiguais.

Sobre este assunto, porém, em Portugal respondia-se que também o Salazar tinha vindo de baixo e agora até mandava, sendo as delícias do poder reservadas aos que tivessem trepado a pulso. Noutros países existiam outros exemplos e, em França, a própria Universidade se sentiu impotente perante a sua perda de prestígio, face à hegemonia das altas escolas de grande selecção, a começar pela ENA.

A SELECÇÃO DESNATURADA

Eram casos de selecção natural que passavam a estar na berlinda, tendo-lhes sucedido uma outra selecção, esta desnaturada, dirigida à regra sem se preocupar com as excepções.

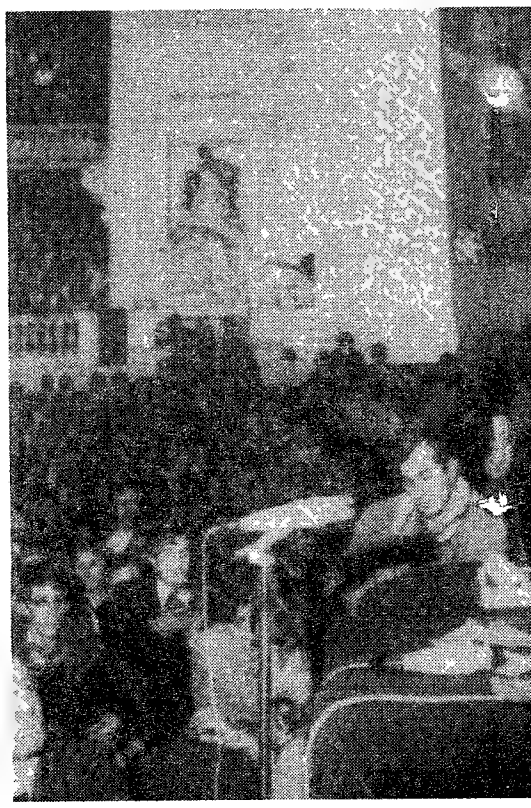
Em Portugal, logo em meados dos Anos 60, uma nova população fez rebentar pelas costuras as estruturas físicas de uma Universidade a cair, a dos estudantes em que os pais emigrantes tinham investido uma vida inteira de trabalho, não raro nos «bidonvilles» .

Apesar da crescente dificuldade dos exames de 7º ano, a afluência à Universidade era de tal ordem que a fasquia do «numerus clausus» da altura, o Exame de Aptidão, deixava de ter sentido no campeonato dos candidatos ao título de estudantes universitários.

E, no meio da luta contra a guerra colonial, escondido primeiro nos resmungos e depois a explodir na rua, os estudantes portugueses começaram a perguntar-se, não para que servia o ensino, mas a quem servia. Entre a frequência e o conteúdo, o fosso passava ao lado da exigência.

No fim da década de 60 não pretendiam festejar em paz o Dia do Estudante, nem sequer participar nas comissões administradoras de instalações académicas. Estavam ansiosos por saber por que carga de água era o ensino sebenteiro um modelo, denunciando o papel que tal preparação académica lhes distribuía.

Lisboa, 62



Paris, 68

A Reforma Veiga Simão acabou por tornar este assunto o mais premente, o mais controverso e um dos mais mobilizadores dos Anos 70. Ninguém queria uma autonomia universitária que, mesmo sovada pela polícia de choque, fazia de duas maneiras o jogo do regime: separava os estudantes da população e legitimava a noção de corporação de mestres e alunos, tão cara à hagiografia medieval, única por cá com curso livre.

«Eles, os professores, passaram o tempo a examinar os nossos conhecimentos. E se o exame era o momento maior da carreira anual dos estudantes, chegou a hora de sermos nós, os alunos, a examinar o saber dos mestres», diziam aos colegas os activistas do movimento estudantil.

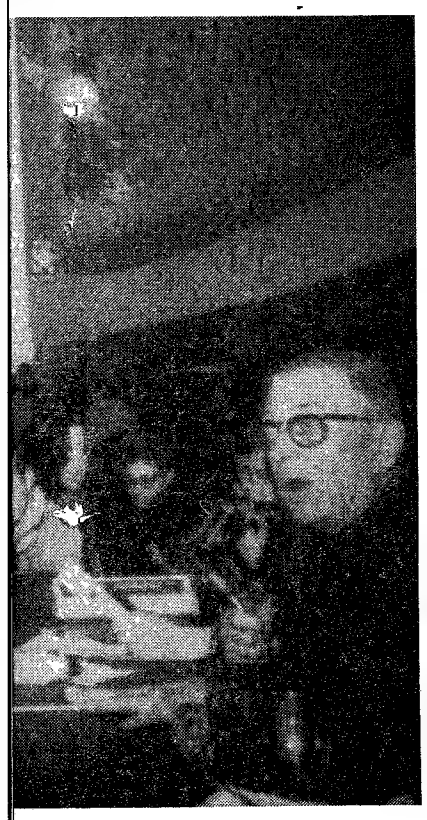
Os ataques de Miller Guerra na Assembleia Nacional, centrados no ensino napoleónico-coimbrão, propunham o modelo anglo-saxónico, a maior ligação da Universidade à actividade económica. Da «ala liberal» saída das eleições de 1969 vinha a «remake» tardia da reforma ensaiada por Edgar Faure, em França, na sequência do Maio de 68. Já cá se sabia.

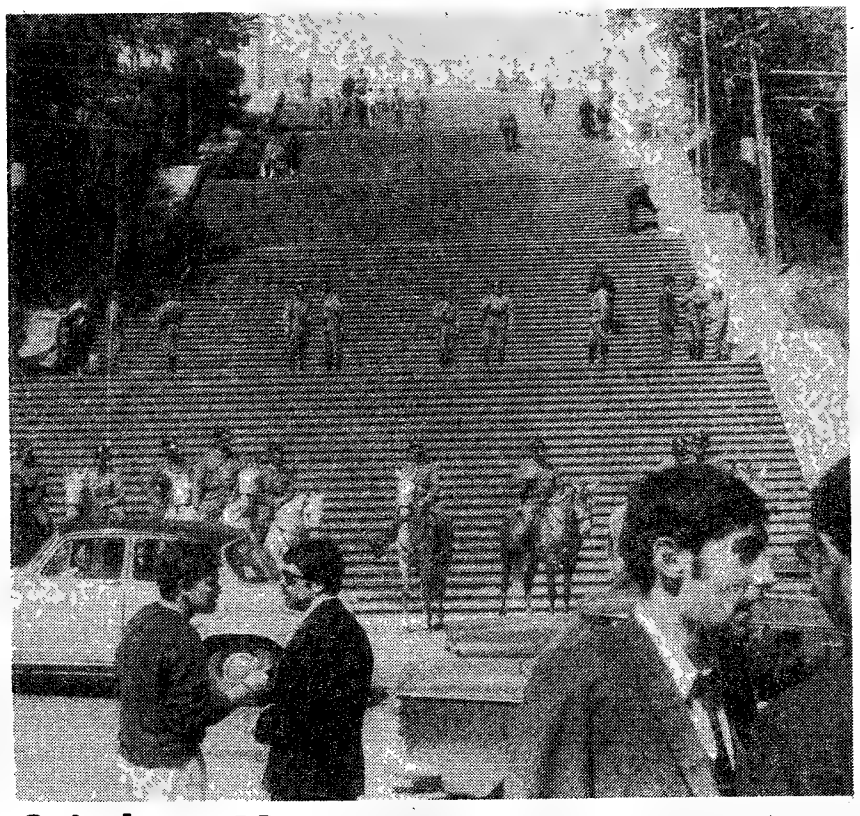
Os governantes da altura justificaram a reforma da forma que também cá se sabia, mas com inovações:enviaram polícias para as portas das escolas e «gorilas» para o interior.

Veio a seguir o 25 de Abril e, passados os tempos mais quentes, a transição paulatina do protesto para o «salve-se quem puder», com epílogo provisório na actual indefinição.

Mais modestos nos desígnios, os estudantes recusam ser a vanguarda táctica das forças de transformação do Mundo. Recomeçam agora a descobrir que nem toda a política passa pela escola, mas toda a escola tem uma política. E que, neste mundo em transformação, os lugares ao sol se conquistam de forma diversa da dos «yuppies», já em desuso nas latitudes menos arcaizantes.

João Isidro





Coimbra, 69

Lisboa, 89

EM BUSCA DA PANTERA

Pronto, já perdi mais uma. Esta vez que podia exibir o Bilhete de Identidade, o passaporte e até o certificado de inscrição à universidade, podendo assim reivindicar a legitimidade, o direito e a cidadania da minha participação no movimento estudantil, sem que ninguém me acusasse de saudosismo, ingenuidade ou turismo revolucionário (tão na moda agora); esta vez que podia exprimir os mais altos protestos da minha desconsideração pelo sistema universitário planetário, não estava lá. Lá em Itália. Lá com a Pantera.

Apesar de considerar minha também a reivindicação de querer ser e não só estar , o meu problema foi quase sempre estar, com variantes entre vir, ir e voltar. Em 74, quando aqui cheirava a alecrim, estava eu na Itália, demasiado nova então; quando o Figueredo desceu do cavalo estava eu em Portugal. Hoie, que a Pantera ruge estou eu por aqui a miar sobre os telhados do Bairro Alto. Em 76 em Portugal, em 85 no Brasil, em 90 outra vez em Portugal, perita em ressacas e refluxos do Cruzeiro do Sul à Esfera Armilar ainda não consegui acertar uma. Apanhar um mo(vi)mento não é de facto comigo.

Lembro-me daquele dia de calor quando fui ver as listas de quem «tinha entrado» , penduradas com fita-cola, numa porta enorme e envidraçada da Universidade de Lisboa. Com passo lento e hesitante de quem vai ver as listas dos que se salvaram de grandes guerras, cheguei à frente da porta e vi que a recruta que dava pelo meu nome tinha ficado no campo de batalha, trespassada de lado a lado por um «não admitido», disparado por agulhas de impressora de fábrico japonês.

Houve quem esboçasse um sorriso-tente-outra-vez-1-2-3. Para o ano dão-te uma medalha-bónus para subir a média. A cidade universitária tinha-se tornado a Cidade Proibida. Espaço vedado. Entortei o queixo e imitando o Totó ainda disse desdramatizando «Saibam que perderam um génio» e com toda a emoção de uma ironia mal conseguida e de uma porta batida na cara ainda depositei alguns ml de HO2 salgada sobre a relva ratada do Campo Grande.

O meu cadastro , a minha média anual de produção tinha dado resultados incompatíveis com as necessidades do mercado universitário: muita cabulice, pouca afeição às contabilidades diárias das notas, demasiadas irregularidades nos ritmos de trabalho em cadeia de montagem, várias peças defeituosas, tendência acentuada para a dispersão em associações de estudantes fora de época, jornais de escola, exposições, etc., etc.

Era justo, só os melhores deveriam entrar na Cidade proibida e eu ainda fiquei a remoer o espaço perdido, onde desde sempre tinha sonhado se poderem fazer coisas, encontrar pessoas, além de aprender, claro, mas com outros ritmos e vontades.. Enganei-me e perdi mais uma vez.

Em Itália , onde estive dois meses a frequentar o curso de Ciências Políticas, por me ter recusado a entrar no jogo da cenoura e do coelho das médias que aumentam por cada estação que se fica parado, a Cidade é de todos, não há listas de óbitos nem númerus clausus. Cento e oitenta mil inscritos tem a universidade de Roma, as aulas chegam a ter mil pessoas que se degladiam diariamente para ocupar um lugar nas enormes aulas , onde um professor imóvel por trás da secretária debita a lição retransmitida em directo pelos altifalantes postos nos quatro cantos da sala. Olha desculpa, mas não se pode interromper?

Todos passam furiosamente apontamentos sobre apontamentos e sobre a secretária do professor ergue-se , diariamente também , um muro de pequenos gravadores. No fim do dia, acabada a corrida entre uma sala e outra a tentar driblar o colega, acabadas as bichas nas fotocópias, nas bibliotecas , nas secretarias, à porta do professor (Quem é ? quem é? É aquele de barba . Barba?) cada um volta para casa com os apontamentos e os gravadores cheios de lição. Desculpa lá percebeste o que ele disse? Não, mas depois em casa vejo. Em casa, casa , casa repetia eu mentalmente. Mas não achas... Concordas com... Não

tem nada que saber, são vinte exames, a tese e um canudo. Enfim, desisti também dessa vez, obtido o espaço vi que ele se torna inútil ou pelo menos banal se encarado como local de passagem , de ultrapassagem pareceu-me, dispensa /supermercado de conhecimento em fita magnética (Vendes-me a cassette da última lição de História da Arte?) , local de isolamento onde não é possível parar, discutir, conhecer pessoas .

O movimento estudantil italiano percebeu isso. Que não se pode reduzir a universidade a um circuito de corrida, que ser é melhor do que estar, que participar é melhor do que assistir, que gerir é melhor que ser gerido, por leis públicas cada vez mais de mercado e leis de mercado cada vez mais públicas e omnipresentes, descobriu que a Cidade Aberta ,apesar de ser mais difícil, é possível e até melhor do que a Cidade Proibida que muitos mandarins da política ameaçam construir em épocas de chuva torrencial.

A Pantera demonstrou-o conseguindo sobreviver fora do cativeiro apesar dos músculos entorpecidos, da pouca familiariedade com os espaços abertos , as espingardas de anestético das várias polícias com que se embateu. Demonstro-o trazendo para as aulas pessoas como Nanni Moretti, Dario Fó; organizando debates, discussões, espectáculos, assembleias,plenários, reencontrando e ocupando o espaço para dizer e fazer, respirar finalmente uma lufada de ar fresco.

Eu cá me vou arranjando com umas bocas de ar condicionado a sairem-me por fax (omnipresentes tecnologias do sentimento e de algum entusiasmo), esperando qualquer outra coincidência com esta ou outra Pantera. O mundo anda cheio de jardins zoológicos com estudantes à espera de entrarem na grande família do circo. Quem sabe não foge mais um bicho antes de ser amestrado?

Alessandra Balsamo

A PANTERA COR-DE-ROSA

ORDEM DA FLOR

Quis contestar o incompreensível poder da Igreja. Disseram-me para não o fazer, pois ela representava a esmagadora maioria dos portugueses. Eu não contestei. Quis defender, sem equívocos, o fim das forças armadas e da classe que a sustenta. Disseram-me para não o fazer, pois ela defendia a ainda frágil democracia portuguesa. Mais uma vez auto-censurei-me, porque o pragmatismo é bom conselheiro. Depois, quando quis falar de mim já não conseguia. Já nada era oportuno, nem mesmo eu.

Nos estudos fui falhando. Uma rebeldia mal dirigida, uma inadaptação incontrolada às regras, diziam os professores. Outro dia, quando vi o «*Clube dos poetas mortos*», deu-me essa tal vontade incontrolada de me levantar da cadeira, de me pôr em cima dela. Foi talvez essa rebeldia mal dirigida e um desejo de não respeitar, em que só sinto a solidariedade de jovens passados e de personagens de filmes.

Os meus pais sempre me foram alimentando esta vontade de não concordar. Sempre a foram orientando. E eu fui ouvindo músicas de Jacques Brel e concordando que sim, que a minha geração não prestava. Que era conformista, que não estava preocupada com as minhas (as deles) frustrações. Mas quanto mais me foram dizendo «**subverte**», «**faz como fizemos**», mais eu fui vendo que não era esse o meu caminho. Que não podia ser essa a minha subversão. A de seguir a dos meus pais. Logo essa que tanto falhou. Logo essa que serve de argumento, aos meus amigos, para nada contestarem.

Palermo, 90

«**Não temos, como em 68, livros, filmes, personagens a seguir**» diz um estudante de Roma. O mal foi, em todos os que na minha geração quiseram subverter, nunca terem criado nada de novo. Agarrámos-nos a esses livros, a esses filmes, a essas personagens. Aceitámos mitos que nada têm a ver connosco.

Em França, em 1986, os estudantes foram todos para a rua. Não perdi um noticiário. E ia tentando perceber porque não fazíamos nós o mesmo. Mas em Paris ficou tudo calmo e de novo pensei que tinha passado a oportunidade de ir para a rua, de ir protestar.

Veio Tiananmen e passou-se o mesmo. Mas os meus amigos, desta vez, entusiasmaram-se com a miniatura da estátua da liberdade.

A leste o símbolo da libertação é a Coca-Cola. Fico a pensar na sorte que têm. Protestam contra uma coisa definida. Querem o que temos. E nós? Temos o que eles querem?

Depois foi uma Prova Geral de Acesso. Fiz duas greves e fui a duas manifestações. Andei a colar cartazes. Cedo entendi que o único problema para todos era o acesso à Universidade. Não era portanto o significado da PGA que estava em causa. A preocupação não era a evidente quantificação de uma cultura generalizada que supostamente deveríamos ter.

A PGA ficou e os meus amigos continuam iguais. Eu também. Pensei, muitas vezes, em esperar pela próxima geração para me juntar às suas revoltas, e fazer figura de velho tonto.

Pensei que o mal, talvez, estivesse nos brandos costumes, que são a mais irritante caracteristica do nosso povo. Até a subverter somos brandos. Talvez porque os objectos da contestação também o sejam. É que nem sequer os objectos o são definitivamente.

«**RAI, tevês e jornalistas, já não podemos com as vossas tretas**» gritam os estudantes italianos. Eu também já não posso com as minhas. Transformo, diariamente, como bom profissional que quero ser, os acontecimentos em trinta distorcidas linhas.

Continuam-me a dizer para subverter, para contestar, para não concordar. E eu obedientemente concordo com eles.

Já farto de esperar vejo os jovens italianos. A TV e quase todos os jornais não falam deles. Os meus amigos, desta vez, não sabem o que se passa. Espero, até que saibam. A «Pantera» portuguesa continua a ser, por ora, côr-de-rosa.

Daniel Oliveira

«GRALHAS» DE JOÃO CARLOS LONTRO

Venho por este meio desmentir algumas afirmações expressas no artigo denominado «**Os putos políticos**» publicado na passada 6.ª feira, dia 16 do corrente mês, na publicação semanal: «A Mosca».

Na entrevista feita ao aluno João Carlos Lontro, existem algumas gralhas que pretendemos esclarecer:

1) João Carlos Lontro não «**divide (desde há alguns meses) a presidência da A.E. da Escola Secundária Padre António Vieira com um socialista**». O João Carlos é o conselheiro da A.E. (há 3 semanas) e pertence à organização do PAVARTE (espectáculo que tem como fim dar a conhecer «os dons artísticos» dos alunos desta escola). Por outro lado, é falsa a afirmação de que o presidente da A.E. é socialista, na medida em que ele nunca se manifestou publicamente no espaço associativo.

2) Por outro lado, o João Carlos não entrou para a A.E. por «**a lista da JS não ter conseguido aguentar o ritmo de trabalho e por isso ter convidado os adversários para dividirem a pequena sala**» da A.E. De facto, foram convidados 6 elementos da lista derrotada, por terem sido reconhecidas as suas qualidades de organização, trabalho e, acima de tudo, a sua vontade de trabalhar e tornar a nossa escola num centro activo desportivo e cultural.

3) João Carlos Lontro não se encontra «**à frente da A.E. do Liceu**»... quem se encontra nesta posição é o presidente: Nuno Costa e os dois vice-presidentes: Rui Leitão e Luís Silva.

4) A nossa lista (que venceu as eleições para a A.E.) demonstrou que para concorrer não «**é preciso material de campanha que só os partidos podem dar**», na medida em que nos candidatámos como lista independente, contando exclusivamente com o apoio económico de uma ourivesaria do centro comercial A.C. Santos e de um armazém de artigos chineses da Amadora.

Sem mais assunto de momento, me subscrevo com os meus melhores cumprimentos:

O presidente da A.E.
Nuno Miguel Costa

Nota de Redação:

1. «A MOSCA» não se enganou ao escrever que João Carlos Lontro «**divide a presidência da A.E. da Escola Secundária Padre António Vieira com um socialista**», ou ao dizer que a «**lista da JS não conseguiu aguentar o ritmo de trabalho**», entre outras citações que nos são enviadas nesta carta, assinada pelo verdadeiro presidente da Associação da Padre António Vieira.

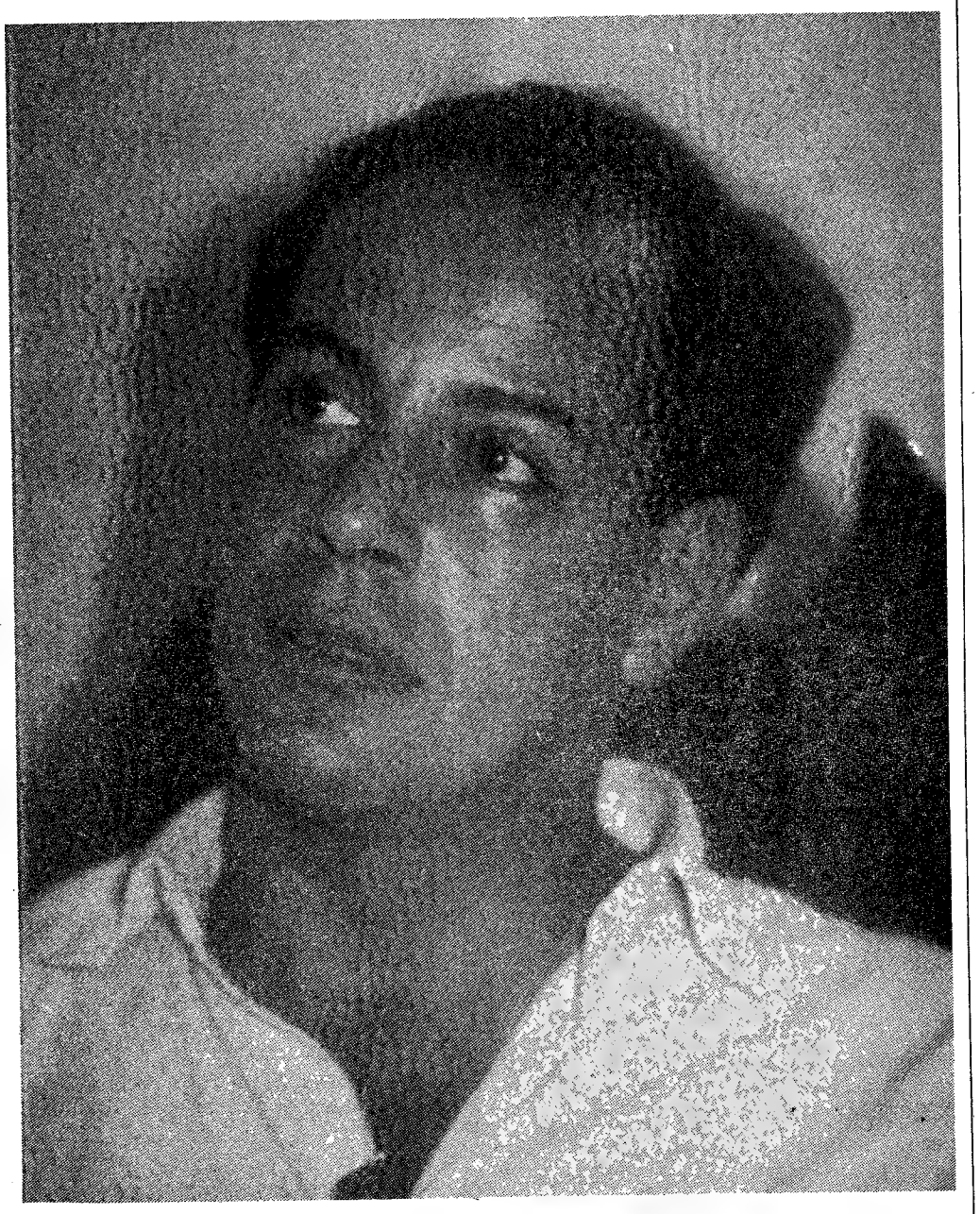
2. Na entrevista a João Carlos Lontro não haviam, ao contrário do que afirma Nuno Costa, quaisquer «**gralhas**». Isto por uma simples razão: como o referido texto se tratava de uma entrevista, todas as informações que lá estão contidas foram-nos dadas pelo entrevistado e são da sua estrita responsabilidade.

3. «A MOSCA» não se enganou no Presidente da A.E. da Escola Secundária Padre António Vieira. Pelo contrário, e a julgar pelo conteúdo desta carta, parecem ter sido João Carlos e a Distrital de Lisboa da Juventude Social Democrata a enganar «A MOSCA». A JSD, porque ao lhe ser pedido um Presidente de uma Associação de Estudantes que fosse simultaneamente militante da dita estrutura partidária, nos indicou e nos pôs em contacto com o dito jovem. João Carlos Lontro, porque nos disse que «**venceu uma lista da Juventude Socialista**», que «**a presidência da Associação é colegial e dividida entre mim e o presidente da lista da JS**» e que «**eles (lista da JS) não conseguiram aguentar o ritmo de trabalho e começaram a perceber que isto das Associações não é tão simples como parece**».

Texto de
Manuel Cintra

RETRATOS NO TEATRO

ROGÉRIO VIEIRA



Traz na grande testa e nos olhos brilhantes um ar generoso de muitos anos dedicados ao teatro, dedicados aos outros. À descoberta dos outros e da melhor maneira de partilhar o mundo com eles. Anos de actor, por vezes muito duros. E de vez em quando solta um relâmpago de timidez. Rogério Vieira está de corpo e alma no teatro, não como quem está sozinho em frente de um espelho, mas sobretudo como quem partilha com os outros aquilo que esse espelho tantas vezes só a muito custo se digna reflectir.

Rogério Vieira nasceu em Lourenço Marques (actual Maputo), em Moçambique. Os pais viveram com bastantes dificuldades até aos seus onze, doze anos. O pai era agrimensor e mais tarde passou a trabalhar com companhias de aviação. Nada, na infância de Rogério, indicava que viesse a fazer teatro. Era muito tímido. Lia muito, como aliás ainda hoje lê, mas não teatro em particular. Teve uma outra intenção: estudar Psicologia e vir a dedicar-se ao ramo de acompanhamento de crianças atrasadas. Por causa disso, chegou a ir um ano para a África do Sul, para Joanesburgo, estudar psicologia, pois em Lourenço Marques isso não era possível. Mas ao fim de um ano regressou, não suportando o ambiente violento daquele país, sobretudo por causa do racismo e do apartheid.

A primeira oportunidade de trabalhar em teatro surgiu por volta dos dezasseis anos. Havia um grupo de teatro amador em Lourenço Marques, que produzia cerca de um espectáculo por ano, e que teve a particularidade de chegar a montar peças então proibidas entre nós. Estavam nessa altura a montar «O Mestre» de Ionesco, e faltava um actor. Desafiaram Rogério, através de uma pessoa conhecida, e ele aceitou. Talvez porque estivesse com um medo tremendo, tê-lo-á transformado em representação, e o caso é que este primeiro trabalho foi muito apreciado, tendo depois ficado a trabalhar no grupo. A encenação era de José Peixoto, e seguiram-se outros, como Norberto Barroca e Carlos Cabral. Foi Carlos Cabral que, achando que Rogério estava mesmo vocacionado para o teatro, e através de contactos que tinha, o quis colocar como candidato às bolsas que a Gulbenkian dava, por vezes, a nível das ex-colónias. Por isso, foi feita a sua inscrição em Lisboa nos Exames de Admissão ao Conservatório, que viria a fazer, embora tenha acabado por não obter a bolsa, em parte porque se deu o 25 de Abril e todo esse sistema foi reformulado.

Pouco depois viria a fazer parte de um grupo que Carlos Cabral e João Perry formaram, «Água, Gaz, Electricidade», onde participaram outras pessoas, como Nuno Carinhas e Xila. A peça, que era escrita por Carlos Cabral e João Perry, chamava-se «A Festa», e nela Rogério Vieira interpretou um papel de professora, em travesti, que muito o divertiu, e em que cantava, dançava e representava. Mas o grupo não tinha condições para continuar e após a apresentação deste divertido espectáculo no teatro Villaret, em 75, dissolveu-se. Rogério seguidamente participou na primeira fase do grupo «Proposta», que sendo sediado na zona de Sacavém tinha um projecto que apostava na descentralização. Mas após o primeiro espectáculo, desligou-se desse projecto, vindo então a ser convidado a integrar o Teatro da Cornucópia, para a peça «Tambores na Noite», de Brecht, e faz parte daquela companhia desde então.

Ao longo destes anos de carreira na Cornucópia, houve alguns acontecimentos na vida individual de Rogério Vieira que alimentaram e enriqueceram essa carreira. Particularmente importante foi o seu encontro com Bettina Jonik, através de um curso de aperfeiçoamento vocal que ela deu na Fundação Gulbenkian. Isto aconteceu para Rogério num momento em que estava a chegar a determinada saturação e a precisar de mudar algo. Os ensinamentos e as novas noções que recebeu deste curso foram muito importantes. Tomou, por exemplo, consciência da importância que tem para um actor deixar que uma sua zona orgânica funcione, para além dos ensinamentos teóricos, de modo a que o actor encontre uma linguagem própria, sentindo-se confortável na procura que está a fazer, encontrando prazer nisso, sendo criativo. As coisas correram de tal modo bem que Rogério veio a ser um dos assistentes de Bettina Jonik em cursos derivados desse. Também no decorrer dessa experiência, e com o apoio da Gulbenkian, fez uma viagem a várias cidades, de Nova Iorque a Berlim, para contactar com companhias de teatro, encenadores e actores, e ver diferentes modos de trabalho.

Essa experiência foi extramenete enriquecedora, deu-lhe novas noções, embora se recorde que ao regresso, a diferença de ritmo e de horizontes que há no nosso país lhe tenha provocado um choque, uma grande ressaca.

Outra experiência importante têm sido as suas encenações. Ao longo destes anos, por três vezes Rogério Vieira organizou e encenou espectáculos, todos com base em peças de Augusto Sobral, respectivamente «Memórias de Uma Mulher Fatal», «Abel, Abel» e «Bela-Calígula». A ideia de fazer estes trabalhos surgiu da necessidade de, paralelamente ao trabalho na Cornucópia, experimentar outros processos de trabalho, fazer coisas com outras pessoas. Em todos os casos trabalhou na construção dos espectáculos em colaboração cerrada com o autor, Augusto Sobral, podendo assim ir ao encontro do que ele pretendia com as peças, para além do texto. Essa colaboração foi fundamental. Mas Rogério não se acha particularmente vocacionado como encenador. Gosta, sim, de dirigir actores. E estas peças, em que o trabalho do actor era fundamental, permitiram-lhe isso, tendo na primeira, «Memórias de Uma Mulher Fatal», sido ele próprio o actor, num travesti requintadíssimo de que alguns se lembrarão, ou do palco, ou da televisão que filmou o espectáculo.

Do seu trabalho na Cornucópia, Rogério Vieira destaca como fundamental para si a sua participação em «O Público», de Garcia Lorca. Foi importante debruçar-se sobre a obra de Lorca e conhecê-la a fundo, e ser profundamente tocado por ela. Por outro lado, o seu trabalho na peça tornou-se duro e difícil, ao ponto de se transformar numa necessidade de se testar a si próprio. Lembra-se de ter pensado que se não conseguisse, desta vez, não queria continuar a ser actor.

Pergunto-lhe pelas vezes em que há pouco público. Diz-me que isso lhe provoca sempre uma grande revolta, é extremamente ingrato e antes de entrar em cena, nesses dias, tem dentro de si uma contrariedade com a qual de certo modo discorda, mas que não deixa de estar lá. Depois, no palco, tudo isso desaparece, e entrega-se ao que está a fazer, mas é sempre muito mais cansativo representar para poucos espectadores. Quando a sala está cheia, sente-se uma resposta de energia, e no fim do espectáculo pode-se estar muito mais revitalizado e renovado do que no início. Por outro lado, Rogério tem notado que o público está a sofrer uma renovação, sobretudo através da camada mais jovem, que acorre cada vez mais ao teatro. Fala-me também do momento de entrar em cena, da preparação, da maquilhagem, esse momento especial em que tudo se renova e descontrai no corpo, preparando-se para uma concentração de energia muito especial. E das noites de estreia, em que passa sempre por um enorme nervosismo, que os anos de experiência não conseguem alterar, e que o transforma completamente, embora, se calhar, por fora isso não se note...

Embora não tenha trabalhado muito em cinema, Rogério Vieira adquiriu alguma experiência nesse campo numa série de co-produção estrangeira, e quando veio a participar em «Os Canibais» de Manoel de Oliveira, isso foi-lhe profundamente grato, tendo aí adquirido a noção mais em profundidade da maneira de estar à frente de uma câmara. Esse projecto entusiasmou-o imenso e o facto de dar corpo a uma voz alheia (o filme era sob forma de ópera) foi mais um aliciante curioso.

Quando lhe pergunto, para além do teatro, o que é que é verdadeiramente importante para ele, Rogério não hesita: são as pessoas. As pessoas, com quem gosta de ter relações profundas. Os amigos mais próximos, para quem gosta por vezes de cozinhar, convidando-os a sua casa, partilhando com eles, conversando, as suas horas de lazer. E se por vezes pára, se passou algum tempo sem fazer nada, logo se revolta contra si próprio. Há, neste homem, uma necessidade de criar, de construir. Não de fazer coisas muito importantes, mas que cada coisa tenha a sua importância em profundidade. E quando lhe pergunto se tem um sonho por realizar, pára uns segundos e depois responde: «Tenho, mas não digo...»

Carlos Porto

1990 ANO TCHEKHOV

Dorothy Tutin, John Gielgud e Gudi Dench na montagem da Royal Shakespeare Company, encenação de Michel Saint-Denis, em 1958, de o *O Jardim das Cerejeiras*

AS MAIORES

Quando se escreve que o teatro de Tchekhov levou muito tempo, demasiado tempo, a chegar a Portugal não se esquece o facto de tratar de um autor russo, por isso de acesso difícil para os nossos criadores teatrais. No entanto, esse atraso não teria existido se, como seria normal, houvesse atenção e interesse em relação à sua obra. Como se sabe, o teatro estrangeiro (e não só o teatro) chega a Portugal (a Lisboa) através da França (de Paris). Desse modo, convém saber quando chegou o teatro do escritor russo a Paris para não termos dúvidas sobre o carácter estranho do referido atraso.

Por um texto de Michel Bataillon («Silex«-16) ficámos a saber que Anton Tchekhov foi descoberto em França em 1904. Em 17-01-1904 o Teatro de Arte de Moscovo, dirigido por Constantin Stanislavski, apresentou em Paris **Jardim das Cerejeiras;** entre 1905 e 1908, Georges Pitoeff apresentou em Paris, ainda em russo, algumas peças em um acto de Tchekhov, até que, finalmente, em 11-05-1908 Tchekhov teve a sua estreia em francês, com a peça **Um Pedido de Casamento,** apresentada no Théâtre des Arts com o título 0Pedido, tradução de Marcel Genevrière e Georges Pitoeff. É curioso o facto de também a primeira peça do autor russo representada em português, de Portugal, ter sido precisamente esse mesmo texto, **Um Pedido de Casamento,** espectáculo de Ribeirinho, como aqui se contou. Só com uma diferença, é que em Portugal só quase 30 anos depois essa peça foi estreada.

Em Outubro de 1915, Jacques Copeau está de regresso de Florença onde se deslocara a convite de Gordon Craig. Passa pela Suíça para falar com Dalcroze e Adolphe Appia. Assiste a uma leitura improvisada de excertos traduzidos de **O Tio Vânia.** Escreveu depois disso: «Mesmo que só a tivesse ouvido daquela vez não teria nunca esquecido o som daquela voz, nem o movimento dos seus olhos».

Outras peças em um acto foram representadas nos anos seguintes, até que em 1921, a 8-01-1921, registou-se a estreia de **O Tio Vânia,** com Georges Pitoeff no papel de Astrov. A convite de Jacques Copeau, o espectáculo mudou para o «Vieux Colombier». **A Gaivota** é a segunda peça extensa a ser representada em França, 1922, numa encenação de Jacques Hébertot, no Teatro dos Champs-Elysées. No ano seguinte, Constantin Stanislavski volta a Paris com o Teatro de Arte de Moscovo, para repetir **Jardim das Cerejeiras.** Em 1925, Ludmilla e Georges Pitoeff traduzem em colaboração com o poeta Pierre-Jean Jouve **As Três Irmãs,** peça criada pela primeira vez em França a 26-01-1929, no Théâtre des Arts.

Só em 1945, surge uma peça nova em francês do dramaturgo soviético. Trata-se de **O Jardim das Cerejeiras,** apresentada no Teatro Odéon.

Nos anos seguintes, o teatro de Tchekhov foi frequentemente representado em França.

No entanto em Portugal, com excepção das peças em um acto, um Tchekhov das peças grandes só surgiu em 1956. A estreia ficou a dever-se a uma companhia que tinha um nome simbólico, precisamente, Teatro d'Arte de Lisboa. A versão portuguesa foi de Olrando Vitorino e Azinhal Abelho, directores da companhia que trabalhava no Teatro da Trindade, com encenação dos mesmos e colaboração de Otelo Azinhais e Samwel Dinis (cenários e ensaios). Entre os intérpretes, Cecília Guimarães (Olga), Fernanda Montemor (Irina), Maria Lalande (Maria), Josefina Silva (Anfissa), Samwel Diniz (Tchebutikine), Jacinto Ramos (Tusenbach), Joaquim Rosa (Solioni), Alves da Costa (Verichinine), Augusto Figueiredo (Prosorov), Carlos Duarte (Kulyguine), Maria Albergaria (Natália Ivanovna).

FALAS

... uma paixão de poeta...

Sem dúvida — imensa. Pelo **Teatro**?! — essa transmutação do nosso mundo em espectáculo, pela visão lírica ou caricatural? Naturalmente. Mas, também pela **Vida** — razão, sonho, sensibilidade estética, amor — flama percursor. O

teatro fora — como é — o grande pretexto. «Casando a libertação democrática e a aristrocracia do pensamento — escrevi, em tempo longe — a humanidade poderá conceber a beleza inédita. De contrário, se lhe faltar o talento para se modelar a si própria, todo o seu labor de muitos séculos ruirá — como se, dementada, aniquilasse, em chamas, o templo do seu espírito.» E qual seria a chave dessa maravilhosa revelação? A harmonia subjacente na obra de Beethoven; o substracto social da sinfonia; o amor sublime, humano — expresso numa preocupação de **bem comum** — pela renúncia à utilização da inteligência como arma de irracionalidade. (...)

Agora reparo — estava de luz acesa nesta madrugada de aleluia.

De habituado à escuridão nem via um raio de sol nascente chamando pelos meus olhos cansados...

Jovens artistas da minha terra! Veterano, mutilado, irei convosco.

A caminho!

Eduardo Scarlatti
A Religião do Teatro — 1945

MEMÓRIA

EDUARTO SCARLATTI

Com 91 anos, na sombra e no silêncio, como vivera nos últimos tempos, morreu Eduardo Scarlatti, crítico e ensaísta a quem ficamos a dever a mais rica, complexa e inovadora reflexão sobre a teoria teatral no nosso país. O seu livro «A Religião do Teatro», publicado em 1928, foi a bíblia daqueles que minimamente se interessaram pelo estudo do teatro em Portugal.

De acordo com Luiz Francisco Rebello, Eduardo Scarlatti conseguiu conciliar «o intuicionismo de Bergson, a psicanálise de Freud, o materialismo dialéctico de Marx», traves-mestras em que assentou o seu trabalho teórico.

Crítico de teatro, entre 1934 e 1937, no semanário «O Diabo» (o primeiro, o autêntico!), reuniu as suas críticas em quatro volumes a que deu o título «Em Casa do Diabo». Tanto esses volumes como uma outra obra anterior, «Ideias dos Outros, de 1927, além de «A Religião do Teatro» constituem uma obra de leitura ainda hoje indispensável mesmo que muitos dos seus conceitos pareçam ultrapassados.

Eduardo Scarlatti era ao mesmo tempo um teorizador e um poeta. A obra que nos deixou é disso um testemunho admirável.

27 DE MARÇO DE 1990

DIA MUNDIAL DO TEATRO

MENSAGEM INTERNACIONAL DE KURILL LAVROV ACTOR SOVIÉTICO

Caros amigos:

Dirijo-me a vós, que exerceis esta profissão única que é a nossa, sobretudo na minha qualidade de actor, que desde há 40 anos sobe ao palco, sempre na esperança de um caloroso encontro com o público. Nada na nossa vida é mais apaixonante que esses instantes, nada mais dramático, nada mais importante. Sinto-me extremamente feliz por neste Dia Mundial do Teatro redigir esta mensagem destinada à gente do teatro e ao seu público. Pessoalmente, creio estarmos a viver um momento em que as esperanças dos indivíduos começam a concretizar-se. No dealbar do último decénio deste século, a humanidade efectua uma nova e espectacular viragem em direcção à liberdade e à democracia para que o valor supremo do indivíduo seja cada vez mais reconhecido.

Na Europa, na América, uma após outra, as ferozes ditaduras já não têm futuro e desmoronam-se. Conceitos de ordem social que aviltam o homem e opõem os indivíduos, esfumam-se no passado e dão lugar à supremacia dos imprescritíveis direitos do homem. A história acelera o passo. Todos os dias ocorrem mudanças, que outrora levariam decénios a acontecer. Aos olhos das pessoas, as fronteiras nacionais deixam de ser germes de divisão, antes pelo contrário: tornam-se encruzilhadas de contactos fraternos. Indo buscar a palavra ao vocabulário teatral, o mundo inteiro redescobre o diálogo. Hoje os povos e os seus políticos dialogam entre si.

Sinto-me muito feliz ao verificar que o teatro permanece fiel à sua missão. As trocas teatrais entre Leste-Oeste e Norte-Sul multiplicam-se. A nossa arte possui uma particularidade insubstituível: ela traduz melhor do que qualquer outra as características nacionais dos povos mas, ao mesmo tempo, só pode sobreviver em permanente contacto com todas as tradições teatrais de todo o mundo.

Caros amigos, a ideia de edificação da Casa Europeia é uma das ideias contemporâneas mais frutuosas. Construindo a casa teatral do mundo, contribuiremos para a concretização desta ideia. Estou persuadido de que a Humanidade, depois de tantos anos tão dolorosos, saberá tirar proveito desta fraternidade. Exorto-vos a exercer os vossos talentos para eliminar a vulgaridade e o arcaísmo, permanecendo fiéis ao ideal do Humanismo. Só assim contribuiremos para o triunfo da liberdade, dos Direitos do Homem e do completo desenvolvimento do iudivíduo.

Dirijo as minhas saudações a todos vós, gente de teatro, e a vós, espectadores.

(Trad. de Luiz Francisco Rebellot)

DOCUMENTOS

PROGRAMA PARA ÉVORA

Depois de publicitarmos os aspectos mais directamente relacionados com a criação e produção do novo organismo Centro Dramático de Évora, que nasceu da fusão do Centro Cultural de Évora e do Teatro da Rainha, referenciamos as suas estruturas paralelas e de apoio.

(1) FORMAÇÃO

Em Outubro de 1975, o Centro Cultural de Évora fundou a sua **Escola de Formação** para o Teatro, que durante anos a fio preencheu um vazio indiscutível existente na preparação para o exercício das disciplinas teatrais. A Escola funcionou ininterruptamente fornecendo ao Teatro Português novas promoções de alunos que têm trabalhado na maioria das principais companhias portuguesas e constituido mesmo o núcleo central de algumas delas.

O Centro Dramático de Évora assume integralmente o projecto da escola, estando em curso trabalhos de reestruturação pedagógica e administrativa, de molde a que em Setembro próximo possa ter início o ciclo de formação do Grupo X de alunos, agora com cursos de três anos de escolaridade.

O Centro Dramático de Évora organiza ainda, de forma regular, cursos, estágios e seminários de formação e reciclagem para **animadores,** numa perspectiva de prestação de serviços a múltiplas entidades interessadas, nomeadamente autarquias locais.

O Centro Dramático de Évora terá ainda em funcionamento, durante o ano de 1990, um espaço oficinal de formação e prestação de serviços na área da formação da construção cenográfica, carpintaria e maquinaria de cena, adereços e guarda-roupa teatral.

(2) DEPARTAMENTO VÍDEO

O Departamento Vídeo do Centro Dramático de Évora, na sequência de experiência anterior do Teatro da Rainha, est´ a ser organizado, tendo em conta os meios disponíveis, **em 5 linhas técnicas e artísticas diferenciáveis:**

— a utilização do meio vídeo como auxiliar de produção (registo de trabalho de ensaios e arquivo);

— produção de viodeogramas de produção teatral (exemplo: o painel Gil Vicente), utilizada nomeadamente como apoio pedagógico do ensino;

— produção própria do videograma de ficção (adaptação de contos de Raymond Carver, «Moderatto Canttabile», de Duras, «Bartleby», de Melville, etc.);

— levantamento documental do património histórico e cultural em que diversas localidades da região se encontram interessadas;

— o funcionamento do Departamento Vídeo abrirá igualmente perspectivas a projectos de jovens produtores, mediante processos de apresentação devidamente definidos.

(3) DEPARTAMENTO DE SONOLOGIA

O som é uma dimensão vital do cosmos teatral que pressupõe um grande rigor de intervenção. A produção de som para o teatro tornou-se extremamente complexa. A operação dos espectáculos é também com frequência uma tarefa bastante complicada. O Centro Dramático de Évora decidiu, em resultado de um muito rico património de experiências em relação ao problema do Som no Teatro, criar um departamento de Sonologia Teatral com um tríplice papel. Em primeiro lugar, como **centro de produção e operação de som** para todos os espectáculos da companhia do Centro. Em segundo, como **centro de pesquisa** virado para a problemática do som no Teatro. Finalmente, como **centro de formação,** neste caso também, virado para a dimensão sonora do Teatro. No que diz respeito aos seus meios técnicos, o Departamento de Sonologia está equipado com material sofisticado, baseado quase todo ele na tecnologia digital. Esta tecnologia vai dominar previsivelmente o registo e tratamento de som nos anos mais próximos e o Departamento de Sonologia teatral encontra-se, deste modo, numa inquestionável posição de vanguarda nessa área.

Dados os importantes meios empregados e a rica experiência já colhida neste campo, a acção do departamento irá ser alargada a outras áreas da comunicação acústica e electroacústica. Tudo isto contribuirá para conferir ao Centro Dramático de Évora, no âmbito do som, um papel único e inovador.

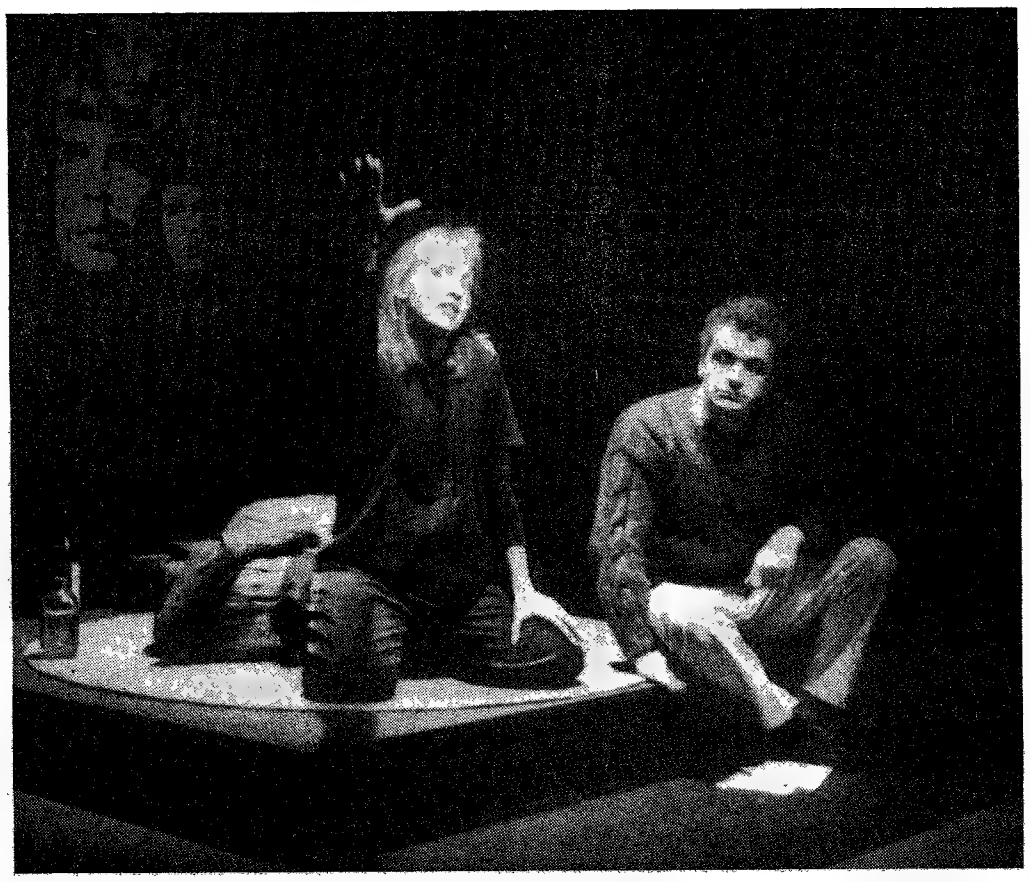
(4) CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

O Centro Dramático de Évora está a montar este departamento particularmente vocacionado para intervir na área de formação contínua e de apoio ao trabalho teatral, organizando uma base documental sólida com acesso generalizado, nomeadamente a grupos de Teatro de Amadroes e serviços socioculturais de autarquias.

O Centro de Documentação promoverá igualmente uma série de edições (literatura dramática, textos teóricos e técnicos) que sirvam o trabalho teatral mas que igualmente se destinem a grupos de amadores, escolas e público em geral.

O Centro de Documentação aponta para a sua ligação a redes de dados existentes em Portugal e internacionalmente.

SEMANADA



***Os Homens e as suas Sombras,* estreia mundial da peça de Alfonso Sastre, espectáculo dos Bonifrates em Coimbra**

Terça-feira, 27, é o Dia Mundial do Teatro (ver Mensagem nestas páginas). Se servisse para os responsáveis pela vida teatral procederem a uma reflexão séria sobre a situação do teatro em Portugal já o evento serviria para alguma coisa. Como lembrava há dias alguém, nessa terça-feira, 27, Dia Mundial do Teatro, em Lisboa apenas um grupo subsidiado terá um espectáculo em cena: a Comuna com a peça de Natália Correia **A Pécora**. Todos os outros grupos acabaram os seus espectáculos e estão a preparar as suas estreias. No entanto, só uma actividade desnecessariamente pobre pode justificar este vazio. Vazio que não chega a ser colmatado pelos espectáculos do Parque Mayer, com a revista **Vitória! Vitória!**, no Maria Vitória, e **Ai! Cavaquinho!** no ABC; com a comédia **Os Meninos à Volta da Mamã**, no Variedades; e ainda com **A Severa** no Maria Matos.

Lembremos, por fim, o espectáculo de Filipe La Féria **What Happered to Maria Iglésias?**, em cena no Casino Estoril.

Em fim-de-semana, espectáculos para crianças e **O Festival da Otite**, na Comuna.

Em Coimbra, no Edifício Avenida, Os Bonifrates apresentam no prxímo dia 29 (quinta-feira), a peça de Alfonso Sastre **Os Homens e as suas Sombras**, encenação de José de Oliveira Barata. (ver foto)

CRÓNICA

INOCÊNCIAS PERDIDAS

Rodrigues da Silva

Parece que foi de propósito, mas não, aconteceu por acaso. O acaso da distribuição de filmes em Lisboa que juntou esta semana em estreia um candidato aos «oscares» e dois filmes que Hollywood viu no ano passado e neles nem reparou.

Dir-se-ia que o filme melhor era o prélaureado. Puro engano. É uma grosseira fancaria como há muito se não via a Inglaterra exportar, pelo menos com pretensões, Ao invés, os dois filmes do ano passado constituem agradáveis surpresas, a demonstrar — mais uma vez — que estranhos desígnios presidem às selecções hollywoodescas, não raro capazes de escolher o pior em detrimento do bom.

Ponhamos os nomes às coisas, aos filmes neste caso. «Shirley Valentine» é o filme inglês, que a Inglaterra, numa jogada de pressão, sobre os «oscares», já ela própria premiou. «Rock de Fogo» e «Limpo e Sóbrio» são os filmes-surpresa, o segundo tanto maior quanto é uma estreia na realização.

Uma estreia, porém, com currículo na TV. Glenn Gordon Caron, o autor de «Limpo e Sóbrio» é o responsável pela série «Modelo e Detective». Neste seu primeiro filme, o argumento é de Tod Carroll, Caron assina a realização. E é ela que se torna decisiva para o êxito final.

De facto, se a história é um bom ponto de partida, o dramatismo da câmara, a densidade psicológica com que ela aborda os personagens fazem deste filme um excelente retrato da América dos perdedores.

Tudo se passa aí, nessa zona da marginalidade onde alcoólicos e drogados tentam, à beira do abismo, salvar-se.

O filme leva-nos a uma clínica de recuperação, mas é nos apartamentos onde sobra a solidão, nos lares campo de batalha, ou nas selvas dos empregos, que

Denis Quaid (Jerry Lee Lewis) em «Rock de Fogo»: uma das boas surpresas da semana

se perde a vida a ganhá-la, perdidas as inocências.

Michael Keaton tem uma notável interpretação, a justificar a sua escolha para o «Batman» que seria realizado depois. Mas, se em «Batman» dele se recorda sobretudo a capa, em «Limpo e Sóbrio» o inesquecível é o seu rosto, os seus gestos, a silhueta de alguém à deriva em busca de salvação.

★

Melhor ainda do que «Limpo e Sóbrio» é «Rock de Fogo», um filme baseado na vida de Jerry Lee Lewis, de quem se diz ter sido o verdadeiro inventor do «rock and roll».

Jim Mc Bride, o realizador, se se inspira na vida do músico, não é pela via biográfica que prossegue. A biografia serve-lhe para nos revelar todo o espírito de uma época. Que o tenha feito graças a Jerry Lee Lewis e ao «rock» nascente, demonstra, desde logo, que entende perfeitamente o que era uma América anos 50 que despertava do tédio.

Jerry só não é um rebelde sem causa, como James Dean, porque a sua causa é a música («se tiver que ir para o inferno, vou mas a tocar piano» — dirá). E toca como um virtuoso, que bela música é a sua... e a da banda sonora do filme, de Jerry Lee Lewis evidentemente. E, aqui, diga-se que o filme evita o que poderia ter sido uma outra armadilha: tornar-se parasita da música. Não o é. Nem isso, nem o contrário. O que acontece é que, em perfeita sintonia, música e imagens, a narrativa e a câmara possuem um ritmo, uma alegria, uma vida interior que são o retrato por inteiro dessa inocência algo «kitsh» da América sulista e pobre.

Um dos momentos mais belos do filme é toda a sequência do casamento do músico com a sua prima de 13 anos, inesquecível a cena em que a jovem esposa sai de casa dos pais com o seu bragal... uma casa de bonecas.

«Rock de Fogo» foi um «flop» na América, ninguém hoje por lá quer ouvir falar de Jerry Lee Lewis, de resto ainda vivo, rei deposto de um fugaz reinado (1956-59), tocando sempre, mesmo assim, agora em pequenos clubes, a marca de uma certa decadência aos cinquenta e muitos anos de idade.

Mas não é deste presente que Jim Mcbride nos fala, é do tempo da inocência. Uma inocência que a América perdeu, como o prova o não ter sido capaz nem de amar nem de rever-se neste retrato de que deveria orgulhar-se.

★

Mas às vezes os países são assim. Ainda agora a Inglaterra premiou «Shirley Valentine» e com pompa e circunstância. E o filme é uma miséria. A história desta dona de casa que para escapar à tristeza doméstica se refugia na Grécia, acabando, previsivelmente, por voltar para o marido, só tem uma ponta por onde se pegue: o êxito da bilheteira da versão teatral.

Um êxito que chegou à Broadway, donde regressou à pátria de origem, para aí se fazer o filme, conservando-se na protagonista a actriz principal da peça.

E a peça imagina-se, a partir da indigência dos diálogos do filme, e seu humor pesadão. A câmara, por sua vez, limita-se a estar ali ou então ao academismo do bilhete postal, no fundo o realizador mostra-se ao nível do argumento, no conjunto este filme, transgressor na aparência, é do mais reaccionário que há.

Que um produto assim conte com duas nomeações para os «oscares» é a prova de que o Mundo se transformou numa «aldeia global», com a América a gostar de se rever neste retrato pungente da Inglaterra pequeno-burguesa de uma tal sr.ª Thatcher. Perdida a inocência, tudo nos pode acontecer. Até o pior...

A VER

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

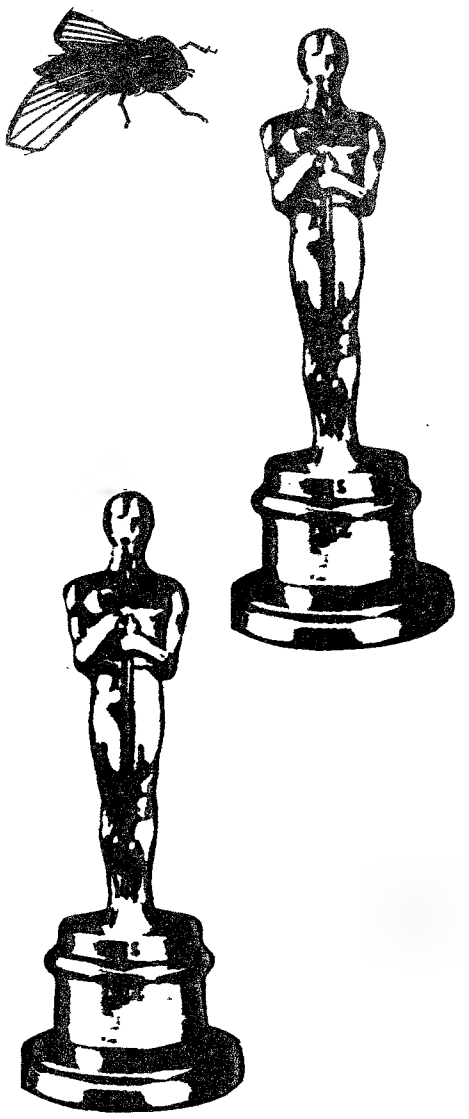
Em estreia

- «Flores de Aço», Herbert Ross (1989)
- «O Processo do Rei», João Mário Grilo (1988)
- «Os Fabulosos Irmãos Baker», Steve Kloves (1989)
- «Rock de Fogo», Jim McBride (1988)
- «Que Fiz Eu Para Merecer Isto?», Pedro Almodóvar (1984)
- «Valmont», Milos Forman (1989)
- «Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Negócio de Família», Sidney Lumet (1989)
- «Limpo e Sóbrio», Glenn Gordon Caron (1988)
- «Miss Daisy», Bruce Beresford (1989)
- «Ciúmes de Morte», Nicholas Bloomfield (1989)
- «Corações de Aço», Brian de Palma (1989)
- «Nascido a 4 de Julho», Oliver Stone (1989)
- «Querida Eu Encolhi os Miúdos», Joe Johnston (1989)
- «Os Deuses Devem Estar Loucos II», Jamie Uys (1989)
- «Shirley Valentine», Lewis Gilbert (1989)

Em reposição

- «Nove Semanas e Meia», Adrian Lyne (1985)

R. da S.



No Totobola é assim: os gostos não contam, o que conta são os palpites, ainda que eles nos desgostem. Isto se se quer fazer o 13. Nos «oscares» é a mesma coisa. Com uma diferença: acerte-se ou não, não se ganha nada com isso. Excepto o gozo de jogar por jogar. E se há muito boa gente que desbarata dinheiro assim, porque não há-de você perder com os «oscares» uns minutos do seu tempo?

De segunda para terça é a noite dos «oscares» e se, frequentemente, eles andam pelas ruas da amargura, o cinéfilo que se preza, apesar disso, está atento.

O que lhe propomos é de graça e inocente. Aposte você mesmo no Totoóscar. Foi o que nós fizemos. Não conforme os gostos e os mais íntimos desejos. Quase sempre contra eles que, neste caso, trata-se apenas de adivinhar os desígnios dos senhores setecentos jurados de Hollywood.

A nossa aposta é a que se segue, já agora com um aviso: das quatro dezenas de filmes nomeados para os «oscares», há para aí uma dúzia que ainda cá não chegaram para a gente ver como são.

E depois? Mesmo sem irmos ao futebol, o Benfica é sempre o Benfica e lá porque o Freamunde - Penaguião conta para o Totobola não é por isso que a gente deixa de preencher o boletim. Com os «oscares» é igual. Às claras ou no escuro, o que importa é jogar. Vamos a isso!

VAMOS JOGAR NO TOTOOSCAR

FILME

1) «Nascido a 4 de Julho» ☒
2) «Clube dos Poetas Mortos» ☐
3) «Miss Daisy» ☒
4) «Field of Dreams» ☐
5) «My Left Foot» ☐

Começamos mal: dos cinco nomeados vimos três. «Field of Dreams» nem tem ainda estreia marcada e «My Left Foot» deve estrear em Abril. Restam os outros. «Nascido a 4 de Julho», «Miss Daisy» e «Clube dos Poetas Mortos», que se à data da nomeação já tinha feito 14 milhões, tem contra si o facto da realidade retratada ser mais britânica do que propriamente americana. Uma dupla: entre a doce paz dos espíritos («Miss Daisy») e o impressionante espectáculo do bom filho que à casa torna («Nascido a 4 de Julho») Hollywood hesita.

REALIZADOR

1) Oliver Stone («Nascido a 4 de Julho») ☒
2) Woody Allen («Crimes and Misdemeanors») ☐
3) Peter Weir («Clube dos Poetas Mortos») ☐
4) Kenneth Branagh («Henry V») ☐
5) Jim Sheridan («My Left Foot») ☐

Aqui ainda estamos pior: dos cinco vimos dois e pelo menos «Henry V» (sem data para estreia em Portugal) e o filme de Woody Allen (estreia em Abril) apeteciam-nos. Mas é pouco provável que Hollywood se decida por qualquer deles. Vai decidir-se por Stone. «Miss Daisy» na realização não tem hipóteses.

ACTOR

1) Kenneth Brahagh («Henry V») ☐
2) Tom Cruise («Nascido a 4 de Julho») ☒
3) Daniel Day-Lewis («My Left Foot») ☐
4) Morgan Freeman («Miss Daisy») ☐
5) Robin Williams («Clube dos Poetas Mortos») ☐

Tom Cruise, sem hesitar. O rapaz é o retrato do «american dream» e do «american way of life», tem tido uma promoção dos diabos e se neste filme aparece como perdedor é para no final melhor saborear a vitória. Depois da «performance» do deficiente mental do ano passado, o «oscar» este ano vai para a «performance» do deficiente físico.

ACTRIZ

1) Isabelle Adjani («Camille Claudel») ☐
2) Pauline Collins («Shirley Valentine») ☐
3) Jessica Lange («Music Box») ☐
4) Michelle Pfeiffer («Os Fabulosos Irmãos Baker») ☐
5) Jessica Tandy («Miss Daisy») ☒

Se Pauline Collins ganhasse, era caso para ir para a cama e dar por finda a noite dos «oscares». Mas Hollywood não descerá a tanto. Hesitará entre as quatro nomeações restantes. Apetece jogar uma tripla: Michelle Pfeiffer, Isabelle Adjani (de um «Camille Claudel» não previsto para Portugal) e Jessica Lange (de um «Music Box» que só chegará em Abril). Infelizmente, é bem possível qu seja a outra Jessica (Tandy) quem vá ganhar. No actor o bom rapaz, na actriz a velha senhora... Hollywood bem se pode rever neste par.

ACTOR SECUNDÁRIO

1) Marlon Brando («Assassinato sob Custódia») ☐
2) Danny Aiello («Não Dês Bronca») ☐
3) Dan Aykroyd («Miss Daisy») ☐
4) Martin Landau («Crimes and Misdemeanors») ☐
5) Denzel Washington («Tempo de Glória») ☒

«Tempo de Glória» estreia hoje em Lisboa, o filme de Woody Allen só em Abril, eis-nos, mais uma vez a jogar às cegas. Mas arrisquemos, mesmo assim: Denzel Washington — o escravo negro que se transforma em soldado para ajudar os nortistas a ganhar a guerra civil americana — é bem capaz de levar o «oscar». Marlon Brando não, que já recusou uma vez o principal e Hollywood não tolera cenas dessas; e quanto a Danio Aiello não seria de bom tom premiar o actor branco de um filme de negros.

ACTRIZ SECUNDÁRIA

1) Branda Friker (My Left Foot») ☐
2) Angelica Huston («Enemies, A Love Story») ☒
3) Lena Olin («Enemis, A Love Story») ☐
4) Julia Roberts («Flores de Aço») ☐
5) Dianne Wiest («Lar, Doce Lar... Às Vezes») ☐

Outra jogada no escuro: «My Left Foot» estreia em Abril; «Enemies, A Love Story», com duas nomeações, nem data tem para estrear em Portugal. Do que se viu por cá, apetece apostar em Julia Roberts e seria a maneira de «Flores de Aço» (só com esta nomeação) entrar na história dos «oscares«/89. Mas o palpite é outro e algo perverso: Angelica Huston, para o cabotino do marido (Jack Nicholson, que nem nomeado foi em «Batman») ficar ainda mais danado.

ARGUMENTO ORIGINAL

1) Woody Allen («Crimes and Misdemeanors») ☐
2) Tom Shculman («Clube dos Poetas Mortos») ☒
3) Spike Lee («Não Dês Bronca») ☐
4) Steve Soderbergh («Sexo, Mentiras e Vídeo») ☐
5) Nora Ephron («When Harry Meets Sally») ☐

«When Harry Meets Sally» estreia em Lisboa no dia 30, tarde de mais para contarmos com ele para este jogo. Um jogo de resto difícil para Hollywood que, se pode virar as costas a Woody Allen, terá uma certa dificuldade em fazer o mesmo ao filme que ganhou Cannes («Sexo, Mentiras e Vídeo»). E ainda há «Não Dês Bronca» (fora da corrida se o «oscar» para o actor secundário for para Aiello) e «Clube dos Poetas Mortos». O palpite vai para este: numa noite que se prevê de conciliação nacional, através de exorcismos vários, a história do professor que todos gostaríamos de ter tido é bem capaz de ganhar.

ARGUMENTO ADAPTADO

1) Oliver Stone e Ron Kovic («Nascido a 4 de Julho») ☒
2) Alfred Uhry («Miss Daisy») ☐
3) Roger L. Simon e Paul Mazursky («Enemies, A Love Story») ☐
4) Phil Alden Robinson («Field of Dreams») ☐
5) Jim Sheridan e Shane Connaughton («My Left Foot») ☐

Aposta simples para ganhar: mesmo sem termos visto mais de metade dos nomeados, jogar em «Nascido em 4 de Julho» é jogar pela certa. Aqui, o «oscar» premiará o co-argumentista Ron Kovic que ajudou a passar à tela a sua biografia. Hollywood não deixará perder a oportunidade de aplaudir de pé o herói em cadeira de rodas.

FILME ESTRANGEIRO

1) «Camille Claudel» (França) ☒
2) «Cinema Paraíso» (Itália) ☐
3) «Jesus of Montreal» (Canadá) ☐
4) «The Story of His New Life» (Porto Rico) ☐
5) «Waltzing Regitze» (Dinamarca) ☐

Dos cinco nomeados, só um («Cinema Paraíso») por cá passou; os outros nem se sabe se ou quando estrearão. Este vosso apostador, porém, viu noutras paragens «Camille Claudel» (a biografia da amante de Rodin que, por culpa deste, enlouqueceu e destruiu quase toda a sua obra escultórica) e «Jesus de Montreal» (uma sátira ao «canadian way of life», menos contundente , contudo, que «O Declínio do Império Americano», do mesmo autor). O filme dinamarquês deve estar fora da corrida (a Dinamarca ganhou no ano passado, com «Pelle, O Conquistador», e duas vezes seguidas é de mais). A menos que haja razões especiais para dar o «oscar» ao filme porto-riquenho, «Camille Claudel» vai ganhar. Os americanos comovem-se mais com este drama pessoal (histórico) do que com o drama (presente) dos pequenos cinemas que «Cinema Paraíso» retrata.

DIRECÇÃO ARTÍSTICA

1) «Abismo» ☐
2) «A Fantástica Aventura do Barão» ☐
3) «Batman» ☒
4) «Miss Daisy» ☐
5) «Tempo de Glória» ☐

Começam os prémios de consolação. Todos são concorrentes fortes, com excepção do medíocre «A Fantástica História do Barão» que, no entanto, dá nas vistas que se farta. Mas, se «Miss Daisy» é a hipótese, como não dar ao menos um «oscar» a «Batman» que já rendeu 38 milhões de contos? Vamos neste.

GUARDA-ROUPA

1) «A Fantástica Aventura do Barão ☐
2) «Miss Daisy» ☐
3) «Os Reis da Noite» ☒
4) «Henry V» ☐
5) «Valmont» ☒

Sem ver «Henry V», a aposta não é de todo segura. Mas arrisquemos: «Valmont» tem aqui a grande hipótese, a menos que Hollywood arrange maneira de compensar Eddie Murphy e «Os Reis da Noite». Seria artisticamente um escândalo, mas Eddie, que produziu, argumentou, realizou e interpretou esta xaropada, vale milhões no «show business». Vamos pela dupla.

MONTAGEM

1) «O Urso» ☐
2) «Nascido a 4 de Julho» ☒
3) «Miss Daisy» ☐
4) «Os Fabulosos Irmãos Baker» ☐
5) «Tempo de Glória» ☒

Já nos esqueceramos de «O Urso», mas foi nesta temporada que ele estreou na América e por isso entra na compita. Para ganhar? É duvidoso. «Nascido a 4 de Julho», deve arrecadar mais um prémio. A menos que «Tempo de Glória» (a ver vamos a partir de hoje) lhe faça concorrência. Dupla, que entre os rescaldos da suas duas piores guerras, o coração da América balança.

CARACTERIZAÇÃO

1) «A Fantástica Aventura do Barão» ☒
2) «Dad» ☐
3) «Miss Daisy» ☐

«Dad» estreia por cá em Abril e apetece desejar que ganhe este «oscar». É que a caracterização de «Miss Daisy» é um desastre e «A Fantástica Aventura do Barão» um filme que é uma batota. Mas vai ganhar nesta categoria. É o palpite. Por muito que nos custe.

BANDA SONORA ORIGINAL

1) John Williams («Nascido a 4 de Julho») ☐
2) David Crusin («Os Fabulosos Irmãos Baker») ☐
3) James Horner («Field of Dreams») ☐
4) John Williams («Indiana Jones e a Grande Cruzada») ☒
5) Alan Menken («The Little Mermaid») ☐

Apetecia apostar em «Os Fabulosos Irmãos Baker», mas o palpite é outro: «Indiana Jones e a Grande Cruzada». E é mesmo assim um pequeno «oscar» para um filme que já rendeu 30 milhões. Hollywood não gosta de Spielberg, mas...

CANÇÃO ORIGINAL

1) After All («Como o Céu se Enganou») ☐
2) The Girl Who Used To Be Me («Shirley Valentine») ☐
3) I Love To See You Smile («Lar, Doce Lar... às Vezes») ☐
4) Kiss The Girl («The Little Mermaid») ☒
5) Under The Sea («The Little Mermaid») ☒

Exclua-se desde já, por uma questão de higiene mental, «Shirley Valentine». Fique-se com tudo o resto. Aposta difícil, porque «The Little Mermaid» ainda cá não estreou e, a bem dizer, este vosso apostador já não se lembra das canções nomeadas de «Como o Céu Se Enganou» e «Lar, Doce Lar... às Vezes». Ora, se não se lembra, é porque não lhe ficaram no ouvido. Não há alternativa: dupla em «The Little Mermaid».

SOM

1) «O Abismo» ☒
2) «Chuva Negra» ☐
3) «Nascido a 4 de Julho» ☒
4) «Tempo de Glória» ☒
5) «Indiana Jones e a Grande Cruzada» ☐

Todos menos «Chuva Negra» é o que se deseja. Quanto ao que pode acontecer, nem dá para imaginar. Tripla em «O Abismo», «Nascido em 4 de Julho») (é cá um palpite que vai ser o grande vencedor e há que lhe arranjar estatuetas...) e «Tempo de Glória».

EFEITOS SONOROS

1) «Chuva Negra» ☐
2) «Indiana Jones e a Grande Cruzada» ☒
3) «Arma Mortífera 2» ☐

Só com três hipóteses parece mal não jogar uma simples. Com tanta corrida de moto, «Chuva Negra» é capaz de ganhar o «oscar». Aposte-se, porém no «Indiana Jones e A Grande Cruzada», que «Chuva Negra» é mau de mais para ser verdade e «Arma Mortífera 2» é daqueles filmes que a gente só se lembra que viu porque...Hollywood, de vez em quando, os nomeia para os «oscares».

EFEITOS VISUAIS

1) «O Abismo» ☒
2) «A Fantástica Aventura do Barão» ☐
3) «Regresso ao Futuro, parte II» ☐

Todos têm hipóteses porque nisto de efeitos visuais vá lá saber-se para onde pende a maioria dos 700 jurados. Uma simples em «O Abismo» a ver se aqui ganha o melhor, já que, no conjunto, os «oscares» vão ser decerto, os prémios do nosso descontentamento.

Rodrigues da Silva

África AQUI

A M O S C A

O clima em que se desenvolve a cana-de-acúcar é fundamental para que produza um grogue de qualidade

A VIDA DO GROGUE

Maria José Belo Marques

Um dos cartões de visita de Cabo Verde é o grogue, aguardente de cana, produzida de forma tradicional. É fabricada em todas as ilhas, mas a de fama é a de Santo Antão. Aliás, poucos são os lugares públicos onde se pode beber grogue de qualidade, estando o mercado saturado de imitações de péssima qualidade. Chegando mesmo ao ponto de comerciantes menos escrupulosos utilizarem para a sua destilação pilhas - é o grogue matchona - e alambiques sem os requisitos mínimos para o fabrico da aguardente de aroma e paladar incomparável. Um pouco pelo mundo a aguardente de cana é fabricada, mas nenhuma é igualável à cabo-verdiana.

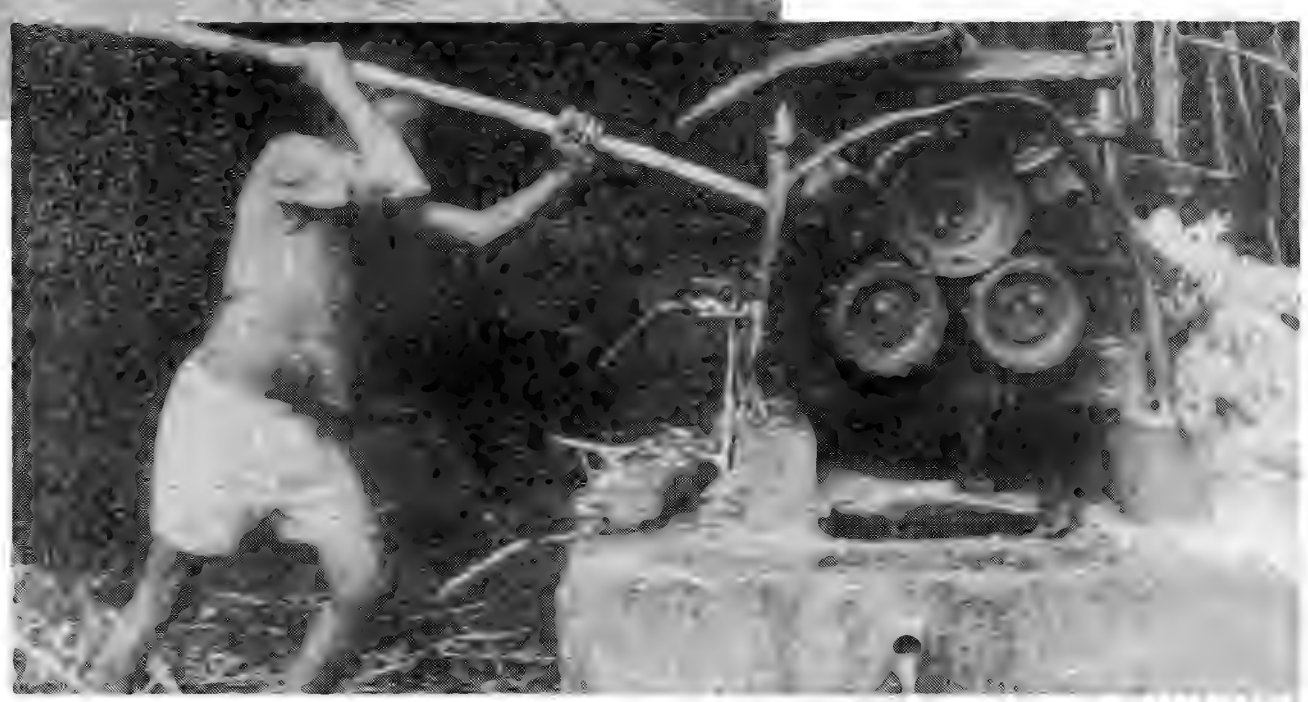
O porquê da diferença

Estamos na época do grogue. Na visita à ilha de Santo Antão seguimos a cana-de-açúcar pelas várias fases de tratamento até à sua transformação em líquído precioso. Logo de imediato o que chama a atenção na ilha mais verde do arquipélago, nesta época do ano, são as centenas de rolos de fumo branco que sobem vindos de pontos, mais ou menos identificáveis, situados no meio das árvores que deixam a sua origem semi-oculta.

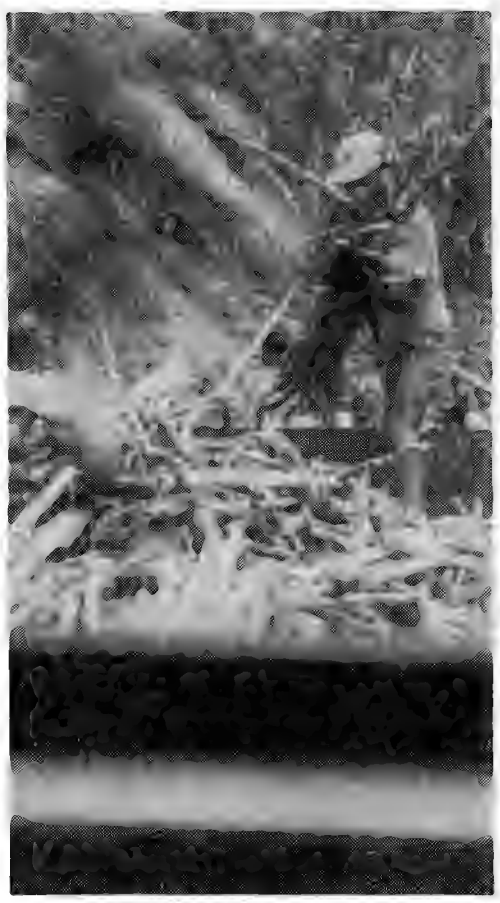
Esta ilha vive de micro-climas, razão suficiente e determinante para a qualidade da sua cana-de-açúcar, e para marcar a diferença do seu grogue e mel. Com cana de diversas espécies, mas toda de grande qualidade, um grogue nunca é igual a outro, dependendo da zona onde ela é cultivada. São muitas pessoas empenhadas neste trabalho, que engloba, na fase do fabrico da aguardente, o corte da cana, o seu transporte, a prensa e a destilação.

No corte da cana e no tempo que espera até ser levada à prensa reside um dos segredos do bom paladar do grogue. Como a maior parte dos produtores tem um conhecimento empírico do fabrico da aguardente, e com ela consegue parte, quando não a totalidade, do rendimento familiar, por ilusão, há quem acredite que quanto mais tempo a cana

Um trapiche tradicional. A prensa puxada a bois



O trapiche motorizado — nasceu do empirismo de quem sobrevive o ano inteiro do lucro do grogue



São centenas, os homens ocupados no corte e transporte de cana até os trapiches, nesta época do ano, em Santo Antão

esperar até ser prensada mais sumo dá. Não só não é verdade como ainda por cima provoca o princípio do azedar do seu suco, o que faz com que posteriormente a aguardente tenha um paladar desagradável, provocando inevitável mau-estar a quem a beber.

Os trapiches

Depois de cortadas e transportada pelas estradas estreitas de Santo Antão, sem espaço para dois camiões lado a lado, «feitas à mão, pedra por pedra» - como diria um dos seus habitantes, em curvas e contra-curvas, naturais numa ilha montanhosa, finalmente as canas são descarregadas nos engenhos.

Aqui, também a esperança de uma maior produção e consequente lucro, leva a que muitos, aos poucos e sem terem em conta a fraca qualidade do grogue, abandonem os processos tradicionais e mais morosos do seu fabrico.

O trapiche tradicional é o que utiliza para movimentar a prensa bois, ou mulas. Durante horas seguidas, em círculos fechados, idênticos aos que movimentam as noras, enquanto um homem, às vezes uma criança, vai enfiando as canas na prensa, um outro conduz os bois. Do outro lado vai saindo um líquido espumoso de cor verde clara. O seu aspecto não é muito apelativo, mas bebendo-o é outra cor que nos molha as papilas, é um sumo doce, não excessivamente, morno, envolvente. É a calda, o sumo puro da cana, revigorante e guloso.

Depois a calda viaja até ao alambique, aquecido por um forno que deve ter a justa medida do fogo, demais, e ao contrário do que alguns também pensam, produz mais rápido, só que entretanto a evaporação do álcool também é maior. Lembrando os laboratórios dos velhos alquimitas, apesar de serem ao ar livre, por um emaranhado de calhas e tubos vai caindo no garrafão gigante, em fio, o grogue. O cheiro nos trapiches é adocicado, lembrando açúcar queimado misturado com álcool, provocando um certo entorpecer dos vapores que o alambique vai libertando. O calor é insuportável e vai-se bebendo a enganadora calda, que depois de dois ou três copos provoca a quem a bebe um estado ligeiramente eufórico.

Os trapiches motorizados diferem dos artesanais no processo de prensagem, que em vez de utilizar os animais para o fazer funcionar, tem um motor a diesel. Aqui o cheiro é insuportável. Agonia. Mistura-se a fumaça do óleo, com o cheiro da cana prensada e abandonada a um canto, com o do álcool e açúcar. É um local onde não apetece estar. Claro, que o grogue aí produzido tem outro paladar, bastante menos agradável, como se pode imaginar.

Envelhecimento

O grogue novo e feito segundo os processos tradicionais, está pronto a beber ou a ser transformado. Aparece a sua descendência: o ponche. Pode ser de coco ou mel. Quando a aguardente não tem a qualidade desejada há quem opte por beber estemperado, ou seja grogue misturado com ponche de mel. Atenção aos bebedores, pois esta é a forma mais rápida de apanhar uma valente bebedeira.

Os apreciadores, esses, preferem-no puro e velho. O processo de envelhecimento de uma aguardente pode levar anos, e os seus segredos não nos foram revelados. Apurámos, contudo, que a qualidade da madeira em que vai repousar durante certo tempo é essencial, e dela depende o bom paladar e aroma da aguardente. Um bom grogue detecta-se ao primeiro golo. É macio, quente e não queima até chegar ao estômago. Pode afirmar-se que o grogue cabo-verdiano não desmerece de nenhuma outra aguardente, nalguns casos após envelhecimento, de nenhum cognac. Provem-no moderadamente e conhecerão o seu gosto, inesquecível quando feito seguindo todos os processos tradicionais para o seu fabrico!

O «DL» agradece aos Transportes Aéreos de Cabo Verde (TACV) o apoio concedido a esta reportagem

Alquimia. O alambique em pleno funcionamento

Ei-lo! Novo, ou mais tarde envelhecido, o grogue está pronto e engarrafado

casa do leão
S. VICENTE PRAIA
SIMBOLO DA FORÇA
REPÚBLICA DE CABO VERDE

ADEGA
S.A.R.L.
S. VICENTE/PRAIA
REPÚBLICA DE CABO VERDE

DROGARIA DO LEÃO
Nunes Leão e Companhia Limitada
S. VICENTE
REPÙBLICA DE CABO VERDE

Videorama

A MOSCA

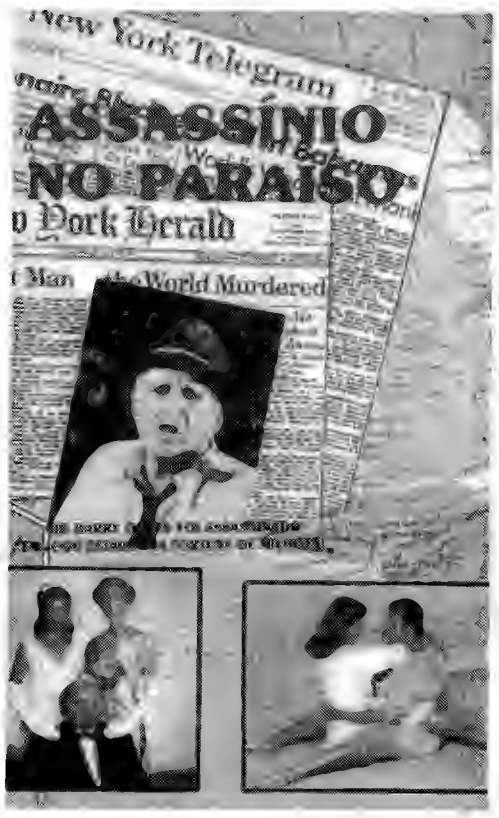
Maria João Martins

ASSASSÍNIO NO PARAÍSO

Com Rod Steiger no principal papel, «Assassínio no Paraíso» é um policial mediano que peca por excesso, quer na duração, quer na dependência face à estética televisiva. A acção decorre nas Bahamas, onde um «gigolo» de alta sociedade é acusado de haver assassinado o sogro, um dos homens mais ricos do mundo.

Vulgar.

«Passion in Paradise». Realização: Harvey Hart. (E.U.A - 1989). Intérpretes: Armand Assante, Catherine Mary Stewart, Rod Steiger, Wayne Rogers. Cor. 18o minutos. Policial. Música de Hagood Hardy. Para maiores de 12 anos. Edição Imavídeo.



LUGARES SECRETOS

É um filme bonito e simples. A fotografia evidencia qualidades que a edição videográfica não aproveita totalmente e, no entanto, ao começarmos a vê-lo não podemos deixar de chegar ao fim. A verdade é que nem apetece interromper o curso da fita diante desta bela história de amizade entre duas adoloscentes, uma inglesa e outra alemã durante a IIª Guerra Mundial. Uma edição a não perder.

«Secret Places». Realização: Zelda Barron. (Grã-Bretanha- 1984). Intérpretes: Marie- Therès Relin, Tara MacGowran, Claudine Auger, Amanda Grinling. Cor. 98 minutos. Drama. Para maiores de 12 anos. Edição Dopervídeo.

O ENIGMA DE KASPAR HAUSER

Filme mais europeu que este não há, nem no argumento, nem na estética. De resto, outra coisa não seria de esperar de Werner Herzog, realizador bávaro que já assinou filmes como «Fitzcarraldo».

O argumento de «O enigma...» fundamenta-se na história verídica de um rapaz que no inicío do século passado foi mantido em total isolamento durante dezoito anos, de tal modo que ao ser-lhe permitido abandonar o cativeiro, não conseguia articular senão grunhidos. Ignorava qualquer norma de conduta social e, no entanto, dizia-se que ele era sobrinho-neto de Napoleão, raptado à nascença por inimigos políticos do Imperador. Uma curiosidade ainda: Bruno Schlenstein, o intérprete da figura de Klaus, era ele próprio um inadaptado que o realizador Lutz Eisholz descobriu nas ruas em 1970

A qualidade da cópia disponível não é das mais recomendáveis.

«Jader fur sich und gott gegen alle». Realização: Wener Herzog. (R.F.A - 1974). Intérpretes: Bruno S., Walter Ladengast, Brigitte Mire, Hans Musaus. Cor. 112 minutos. Drama. Para maiores de 12 anos. Edição Dopervídeo.

MACBETH

Com a qualidade visual e sonora a que a Casablanca Vídeo nos tem habituado, «Macbeth» vem enriquecer com mais um volume a colecção «Grandes Óperas». Encenada pela Deutsche Oper Berlin, esta versão da célebre obra de Verdi, é também interpretada por Renato Bruson e por Mara Zampieri.

E se tentassem outros trabalhos, com intérpretes menos comercializáveis?

«Macbeth». Realização para vídeo: Brian Lange. (R.F.A -1987). Intérpretes: Renato Bruson, Mara Zampieri, James Morris, Dennis O' Neill. Cor. Ópera. Para maiores de 6 anos. Edição Casablanca Vídeo. Venda directa.

DO FUNDO DO CORAÇÃO

«Lugares Secretos»: a amizade, apesar da guerra

Os grandes mestres do celulóide, «honra» lhes seja feita , sempre pensaram que, em cinema, o lugar da mulher é à frente da câmara a ornamentar a película. Ultrapassada ou não esta atitude, a verdade é que, no limiar da década de 90, ainda se contam pelos dedos de uma só mão aquelas que lançaram as tradições para trás das costas e proferiram o célebre : «Câmara! Luzes! Acção!»

Zelda Barron, autora de «Lugares Secretos», nascida e criada na Grã-Bretanha é uma dessas mulheres ousadas. Nada sabemos sobre a sua filmografia e o facto é que assim permaneceríamos , caso a Dopervídeo não se houvesse lembrado de lançar no mercado de aluguer esta belíssima «cassete». Claro que não é comparável a «Au Revoir, Les Enfants» de Louis de Malle, o filme de que nos lembramos inevitavelmente quando assistimos a «Lugares Secretos». O que não deixa é de demonstrar a subtileza de pensamento cinematográfico de quem o rodou.

Nesta história de amizades profundas entre duas adoloscentes durante a IIª Guerra Mundial, era fácil resvalar para a pieguice gratuita. Zelda Barron não cometeu tal deslize. Aguentou-se bem, retratou a ternura com algum divertimento e, mesmo assim, não é por isso que «Lugares Secretos» deixa de ser um filme muito sério.

Para a excelência do resultado final contribuíram decisivamente as notáveis interpretações de ambas as adoloscentes: Maria-Therès no papel de uma jovem alemã, marginalizada em função dos muitos equívocos em que a guerra é pródiga e Tara MacGowran, a inglesa extrovertida e optimista que acompanha a amiga durante o seu acidentado exilío na Grã-Bretanha. Mais discretas em relação à intriga central, o filme revela ao olhar do espectador mais atento outras histórias, contadas quase sem palavras, mas em que uma imagem vale de certeza por muitas palavras. É o que acontece com a história dos desgostos de amor de uma das professoras que, ao ler um determinado poema às alunas, revela uma distância amarga. Só uma mulher podia filmar isto. Com a sensibilidade que vem do fundo do coração.

CLUBES DE VIDEO

video 1000 MAN

AGORA TAMBÉM EM VENDA DIRECTA

ALUGUERES DESDE 100.00

Loja 1 — R. Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 2 — R. Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — C. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. de Madrid, 14-B (ao Areeiro) • Tel.: 848 89 37 • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • Tel.: 758 18 51 • LISBOA
Loja 6 — R. Nova (Pederneira) • Tel.: (062) 537 18 • NAZARÉ
Loja 7 — R. Adolfo Coelho, 12 (Alto de S. João) • Tel.: 82 12 42 • LISBOA

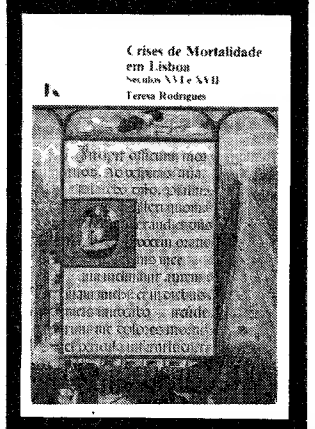
SISTEMA INÉDITO • SEM JÓIA • 4.AS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

1931

"Às 7 horas da manhã do dia 4 de Abril, Sábado de Aleluia, os destacamentos de Caçadores 5 e Metralhadoras 1 formaram parada e dirigiram-se ao Palácio de S. Lourenço, prendendo o Governador Militar. Iniciativa do movimento político que substituiu o poder e tentou renovar o regime republicano."

Célia Reis conta-nos "A Revolta da Madeira e Açores"

EDIÇÃO
LIVROS HORIZONTE
DIFUSÃO
DIGLIVRO/MOVILIVRO

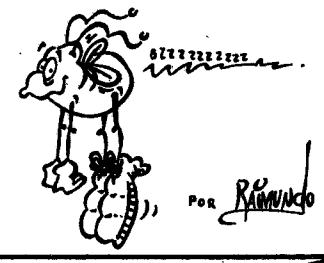


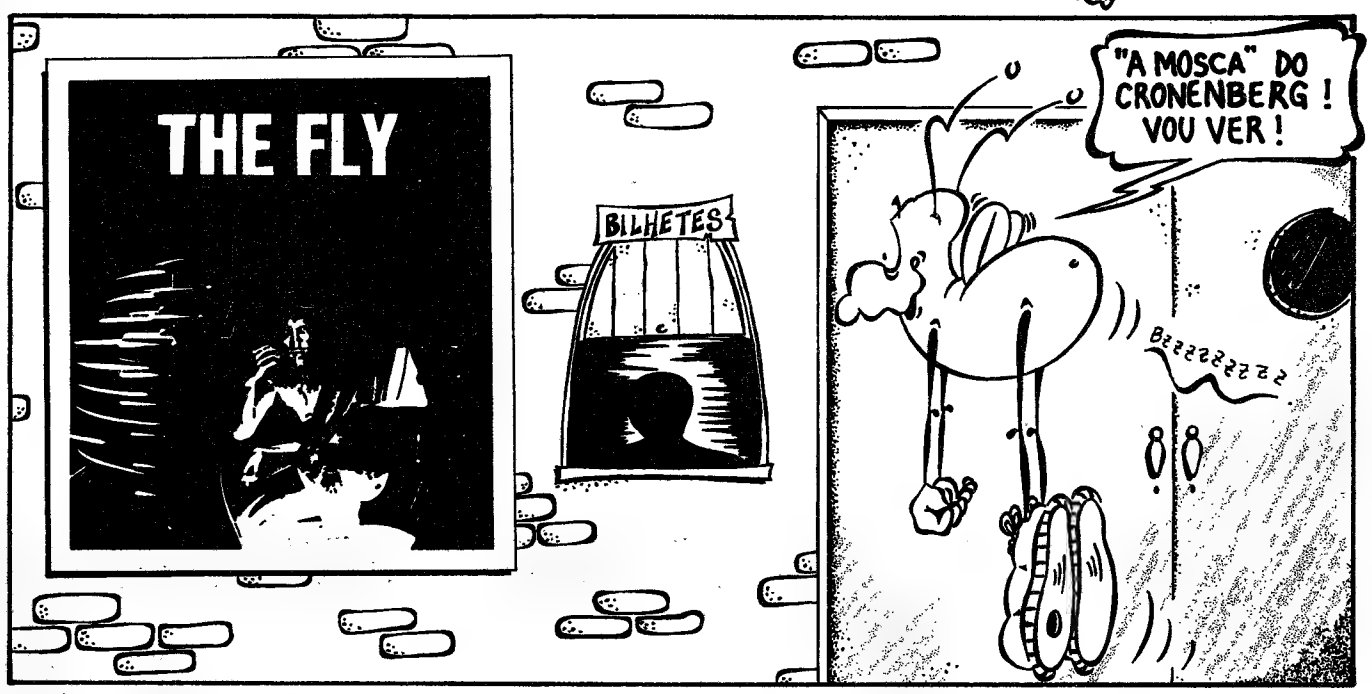
LISBOA

"Durante os séculos XVI e XVII, Lisboa, cabeça do Reino e do Império foi flagelada por crises cíclicas e brutais de mortalidade. Tumultos, fome, epidemias, excesso de população, saques, pestes, estiveram na sua origem."

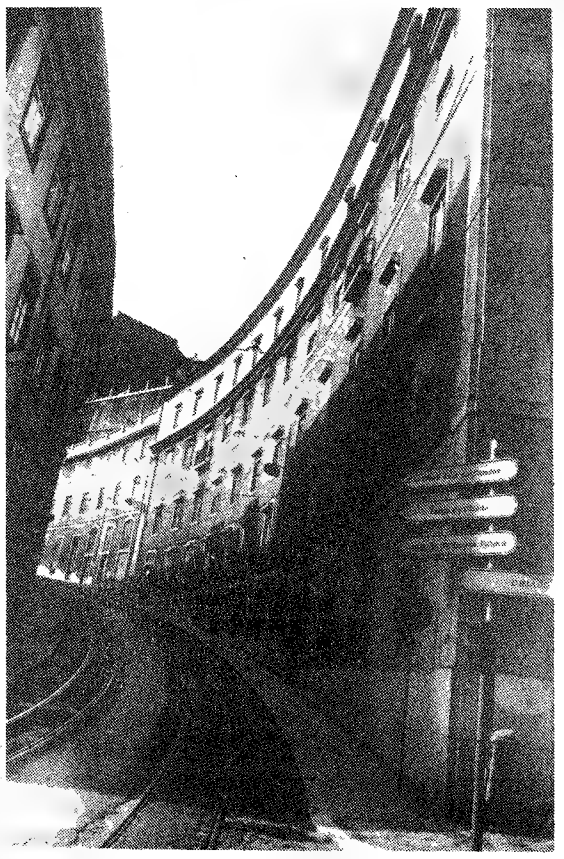
Teresa Rodrigues conta-nos "Crises de Mortalidade em Lisboa"

A MOSCA





DEAMBULAÇÕES



«Oh, curva secreta e felina. Porque nunca revelas a extensão do teu ser? Terei eu de te percorrer? Nunca pensaste que assim me perderei, que deixarei de saber de onde vim. Num só gesto dás-me a esperança do futuro e cortas-me a segurança do passado«».

Gil T. Guerra

OS FILMES DA SEMANA NA TV

ANJO AZUL

Há coincidências interessantes. A semana que aí vem decorre sob as asas de vários anjos; um exterminador (o de Buñuel) e um outro, azul e distante, que não se sabe se pertence ao céu, se ao inferno. Falamos evidentemente de Marlene Dietrich, criada por Strenberg para nos falar do doce charme da decadência. Uma figura a recordar em «A Cidade Turbulenta».

A gravar
Sábado, dia 24, 15.15
duracção : 90 minutos, preto e branco

A cidade turbulenta de George Marshall

Dez anos antes desta «Cidade Turbulenta », Marlene Dietrich fora A Lola Lola de «Anjo Azul». O brilho gélido com que deu vida à personagem, valeu-lhe um bilhete de ida, sem regresso à Alemanha, para a então muito dourada Meca do Cinema. Neste «western» de George Marshall, Marlene interpreta um papel totalmente diferente, muito americano: o de uma cantora de «saloon» numa cidade de pioneiros, algures, no «Far-West». Ao lado de Marlene, trabalha outro «histórico» de Hollywood: James Stewart que aqui tem um desempenho à medida da imagem simpática e justa que o consagrou. A gravar, para depois lembrar esta que foi uma das grandes divas da história do cinema.

Domingo, dia 25, 14.55
duração: 118 minutos, preto e branco

Um Americano Tranquilo de Joseph L. Mankiewicz

É um dos filmes históricos de Mankiewicz, a par de de «Eva» ou de «A Condessa Descalça». Baseado no romance homónimo de Graham Greene, este filme debruça-se sobre as várias tensões políticas desenroladas durante a Guerra da Indochina. O autor não se fica por aqui. Através da história de um triângulo amoroso constituído por uma indochinesa e por dois homens, um jornalista inglês e um jovem americano, acaba por abordar também as tensões afectivas facilmente geráveis num clima de guerra.

Domingo, RTP 2, 22.10
duracção: 89 minutos, preto e branco

O Anjo Exterminador e *Simão do Deserto* de Luís Buñuel

Ao finalizar o ciclo consagrado a Buñuel, a RTP oferece aos cinéfilos um pequeno bónus. Para além de «O Anjo Exterminador», uma das mais apaixonantes longas-metragens assinadas pelo realizador, poderemos assistir a uma média-metragem de 40 minutos, intitulada «Simão do Deserto». O tema desta, realizado em 1965, é a vida de um asceta sírio que viveu no século V e que, ao que parece, fascinou Buñuel.

Quanto ao «Anjo Exterminador», dirigido três anos antes, é uma história de «non-sense», acerca de um jantar de gala em que os criados vão desaparecendo uns após os outros. A passagem da realidade para o sonho é, no entanto, muito ténue. O que , de resto, é uma característica fundamental num artista do celulóide como Luís Buñuel .

Terça-feira, dia 27, RTP 2, 21.30
duracção: 110 minutos, preto e branco

Alice nas Cidades de Wim Wenders

Quase que vale ser europeu só porque Wim Wenders também o é. Afinal, realizar filmes como «Paris, Texas» ou como « As Asas do Desejo» não é para todos. «Alice nas Cidades», uma das películas mais antigas da filmografia wenderiana, foi realizado em 1973, mas é já uma obra perfeitamente personalizada. O tema é a descoberta do mundo por um jornalista e por uma criança, Alice, quando ambos correm mundo à procura da família dela.

Como em « As Asas do Desejo», a preocupação do autor com a excelência da fotografia a preto e branco é uma das suas preocupações fundamentais. Perder é crime.

A ver

Sábado, dia 24, 23.25
duração: 108 minutos, cor

As Bonecas da Califórnia de Robert Aldrich

Realizado por um veterano da Meca do Cinema, Robert Aldrich, quando este já estava numa fase terminal da sua carreira, Bonecas da Califórnia , explora um dos aspectos mais perversos do «show-bizz» industrializado, típico dos Estados Unidos. Molly e Iris são duas jovens atletas de luta livre, exploradas por um empresário que pretende aliciar as assistências com combates cada vez mais provocatórios. Não é um grande filme, mas também não deixa de ser terrívelmente caricatural para uma certa face do «american way of life».

Quarta-feira, dia 28, 21.25
duração: 121 minutos,cor

Um Dia de Cão de Sidney Lumet

Embora a autora destas linhas não seja propriamente uma apreciadora dos filmes de Sidney Lumet, estrelados por Al Pacino, é de reconhecer que eles satisfazem muita gente. O tema, tal como em «Serpico», é policial. Três bandidos amadores assaltam um banco, mas tudo lhes corre mal e o que podia ser um futuro de sonho transforma-se num pesadelo.

Maria João Martins

Marlene: o mito do anjo azul

TELE Visão

A MOSCA

SÁBADO

RTP 1

09.01 - Juventude e Família
12.00 - No Reino do Urso Polar
13.00 - Notícias
13.10 - Oito e Basta
14.00 - Parlamento
14.30 - Crime, Disse Ela!
15.15 - Sessão da Tarde
A Cidade Turbulenta» (Destry Rides Again), de George Marshall (EUA-1939), com interpretações de Marlene Dietrich, James Stewart, Charles Winninger, Mischa Auer, Brian Donlevy, Una Merkel e Irene Hevey. Duração 90 minutos.
16.50 - Desenhos Animados
17.10 - Vivámúsica
18.00 - Ricardina e Marta
19.15 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.15 - O Tempo
21.25 - Contos de Hollywood
5º episódio: A acção desenrola-se em Hollywood, nos anos 30.
22.20 - Grammy 1989
00.25 - Cinema da Meia-Noite
«As Bonecas da Califórnia» (All the Marbles), de Robert Aldrich (EUA 1981), com interpretações de Peter Falk, Vicki Frederick, Laurene Landon, Burt Young, Tracy Reed, Ursaline Bryant-King, Claudette Nevins, Richard Jaeckel, John Hancock, Lenny Montana e Charlie Dell. Duração 108 minutos.
Molly e Iris integram uma equipa de luta livre feminina chamada «As Bonecas da Califórnia», que andam em digressão pelas cidades indústriais do Mid-West, sob orientação do agente Hary Sears. Ele quer que as raparigas sejam sempre mais ousadas e provocadoras nos seus combates, o que começa a criar alguma tensão entre os três. Apesar de algumas derrotas, elas começam a aparecer nas revistas da especialidade e conseguem, finalmente, um combate em Chicago.

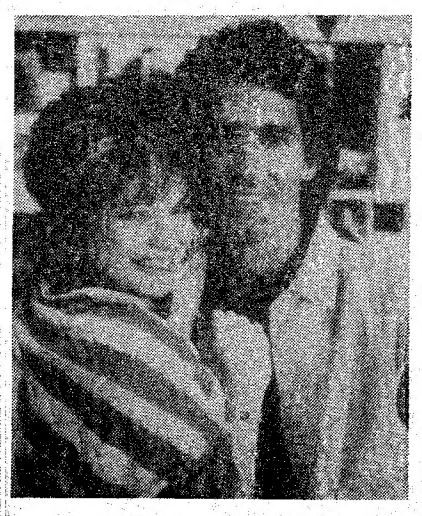
RTP 2

09.01 - Universidade Aberta
10.10 - O Jogo dos Disparates
10.50 - O Meu Pé de Laranja Lima (Compacto)
13.30 - Ilha das Crianças
14.00 - Estádio
A primeira parte da emissão, entre as 14 e as 16 horas, será dedicada ao atletismo, com a transmissão do Campeonato do Mundo de Crosse. Segue-se o desafio de raguebi entre a Irlanda e Gales e, das 17 às 19 horas a transmissão em directo do jogo e Benfica e o Ovarense.
19.05 - Music Box - Especial
19.55 - Encontro em Trieste
21.10 - Estádio
O jogo de futebol entre as equipas do Amadora e do Setúbal vai preencher a primeira parte desta emissão, que também incluirá um espaço dedicado ao basquetebol.

DOMINGO

RTP 1

09.01 - Juventude e Família
«O Meu Pequeno Ponei», «Benny e Cecil» e «Isto é Cinema».
10.15 - TV Rural
10.35 - 70 X 7
11.00 - Eucaristia Dominical
12.00 - Juventude e Família
«A História da Avó Chicória»
12.30 - Um Eléctrico Chamado História
13.00 - Notícias
13.10 - Grandes Tormentos
13.35 - Espaço 1999
14.25 - Napoleão, Meu Amor
14.50 - Primeira Matinée
«Um Americano Tranquilo» (The Quiet American), de Joseph L. Mankiewicz (EUA 1957), com interpretações de Audie Murphy, Michael Redgrave, Giorgia Moll, Claude Dauphin, Kerima, Bruce Cabot, Fred Sadoff, Richard Loo, Peter Trent, Clinton Andersen, Sonia Moser e Yoko Tani. Duração 118 minutos.
Fowler é um jornalista inglês que, enquanto faz a cobertura da guerra da Indochina, vive uma relação assumidamente passageira com Phuong, uma rapariga indochinesa. Um dia, enfurece-se quando um jovem e ingénuo americano, que trabalha para uma instituição de auxílio económico, se refere entusiasticamente a uma «terceira força» na Indochina e aparece envolvido numa intriga com os apoiantes do general rebelde Thé. A situação complica-se quando o americano se apaixona por Phuong e a pede em casamento.
17.00 - Concurso 1, 2, 3
19.00 - MacGyver
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - O Tempo
20.35 - Querido John



21.05 - Vencer em Manhattan
8 e último episódio: Apesar das tentatativas do tio para levar à falência a revista «Buttons & Bows», Maxi Amberville não desiste e decide vencer o seu apartamento de Nova Iorque para cobrir as despesas.
22.05 - Domingo Desportivo

RTP 2

09.01 - Via Rápida
10.00 - Troféu
Motociclismo: G. P. Japão
Raguebi: Portugal-Marrocos.
13.00 - Caminhos
13.30 - Novos Horizontes
13.50 - Um Lar Para os Animais
Um cirurgião veterinário, o seu consultório e os animais que ele trata são o tema central de histórias algumas tristes, outras divertidas, contadas pelo autor inglês Lord Ted Willis, nesta série de 26 episódio.
14.45 - Sobrevivência
15.50 - Troféu
Automobilismo: G. P. Fórmula 1 do Brasil
19.30 - Imagem e Imagens
20.00 - A Bela e o Monstro

Andy Warhol em «Artes e Letras»

20.50 - Artes e Letras
Artes e Letras dedica hoje o seu espaço de emissão a um dos mais destacados artistas da «Pop Art» norte-americana: Andy Warhol, o criador da revista «Interview», que se tornou mundialmente conhecido pelos seus trabalhos em «série» e pelos quadros que dedicou, por exemplo, a uma conhecida marca de sopa enlatada. Filho de emigrantes checos, Andy representa, segundo Robert Hughes, crítico de arte da «Time», «a afirmação mais forte jamais feita por um artista americano sobre o tema de economia de consumo.
21.35 - Cineclube
«O Anjo Exterminador» (El Angel Exterminador), de Luis Buñuel (México 1962), com interpretações de Silvia Pinal, Enrique Rambal, Jacqueline Andere, José Baviera, Augusto Benedico, Luis Beristain, Antonio Bravo, Claudio Brook, Cesar Del Campo, Rosa Elena Durgel, Lucy Gallardo e Enrique Garcia Alvarez. Duração 89 minutos.
Em «O Anjo Exterminador» o senhor Nobile e a sua mulher, Lucia, regressam à mansão acompanhados por um grupo de amigos, que vem jantar. os criados vão inexplicavelmente desaparecendo e no final da refeição só resta Julio, o mordomo.
23.10 - Simão do Deserto

SEGUNDA

RTP 1

09.01 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia
13.30 - A Rota de Howard
14.15 - Vila Faia
15.05 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «As Viagens do Albatroz», «Os Amiguinhos de Teresa» e «Os Três Mosqueteiros».
18.20 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Boletim Agrário
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Clube de Subscritores

21.40 - Casino Royal
22.45 - Quase Adultos
23.35 - 24 Horas
00.05 - Um Dia
00.10 - Remate
00.15 - Cartas de Humor

RTP 2

13.30 - Mira Rádio
14.30 - Abertura
14.31 - Telemercado
14.55 - Filhos e Filhas
15.20 - Agora, Escolha!
16.55 - O Jovem Sherlock
17.20 -História dos Instrumentos Musicais
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.25 - Primeiro, O Ovo
Baseado em acontecimentos verídicos, este filme narra-nos a história de uma professora que, um dia, ao esquecer-se dos livros e dos apontamentos em casa, resolve dar uma aula diferente...
19.35 - Clássicos da TV
20.30 - Há Pintores Que...
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Ópera
«A Filha do Regimento», uma ópera do compositor italiano Gaetano Donizetti. A obra, escrita em francês e reportando-se ao período em que Donizetti se instalou em Paris, será interpretada por Joan Sutherland, Anson Austin e Heather Begg e dirigida pelo maestro Richard Bonynge.
Duração: 120 minutos.

ATALAIA
RESTAURANTE SNACK BAR

FADOS NO ATALAIA

Jante ou ceie connosco até às 2 horas da manhã ao som do fado com **ESMERALDA AMOEDO e AUGUSTO RAMOS** e os artistas convidados **MACIEL e BERTA FERNANDA** acompanhados por **LUÍS GONÇALVES e QUIM DE OLIVEIRA.**

EXPERIMENTE O NOSSO SERVIÇO ESPECIAL DE ALMOÇOS (DE 2.ª A 6.ª FEIRA)

APRECIE AS NOSSAS ESPECIALIDADES: BACALHAU À ATALAIA, FONDUE À BOURGUIGNONE, ARROZ DE MARISCO.

ENCERRAMOS AO DOMINGO • RUA DA ATALAIA, 35-37 (AO BAIRRO ALTO) • **TELEFONE 32 01 21**

1200 LISBOA

TERÇA

RTP 1

09.01 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia
13.30 - Dallas
14.15 - Vila Faia
15.05 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando

18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Boletim Agrário
20.15 - Vale Tudo
21.15 - Primeira Página
22.15 - Crónica do Crime
23.10 - Oscars 1990-A Caminho da Glória
00.35 - Um Dia
00.40 - Remate
00.50 - Cartas de Humor

RTP 2

13.30 - Mira Rádio
14.30 - Abertura
14.31 - Telemercado
14.55 - Filhos e Filhas
15.20 - Agora, Escolha!
16.55 - Os Novos Caça Fantasmas
17.20-Histórias dos Instrumentos Musicais
17.40 - Meu Pé de Laranja Lima
18.15 - Music Box - «Via Rápida»
19.35 - Clássicos da TV
20.25 - Cine Magazine
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Cinemadois

«Alice nas Cidades» (Alice in den Stadten), de Wim Wenders (R.F.A. 1974), com interpretações de Rudiger Vogeler, Yella Rottlander, Elisabeth Kreuzer, Edda Kochl, Sam Presti, Lois Moran e Hans Hirschmüller. Duração: 110 minutos.

Philip, um jornalista alemão, é incumbido de fazer uma reportagem sobre a vida urbana e rural nos Estados Unidos. Após percorrer o país no seu velho Chrysler, Philip apresenta uma série de fotografias, em vez da história prometida ao seu agente nova-iorquino. Este fica furioso e envia-o de volta à Alemanha. No aeroporto, Philip conhece Alice.

23.30 - Universidade Aberta

QUARTA

RTP 1

09.01 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia
13.30 - Sexta, Dia 13
14.15 - Vila Faia
15.00 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
18.30 - Rua Sésamo
19.00 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Boletim Agrário
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.25 - Lotação Esgotada

«Um Dia de Cão» (Dog Day Afternoon), de Sidney Lumet (EUA 1975), com interpretações de Al Pacino, John Cazale, Sully Boyar, Beulah Garrick, Carol Kane, Sandra Kazan, Marcia Jean Kurtz, Amy Levitt, John Marriott, James Broderick, Charles Durning e Carmine Foresta. Duração: 125 minutos.

Num dia qentíssimo de Verão, três bandidos amadores assaltam um banco. O que, inicialmente, havia sido planeado como um roubo simples e sem complicações, transforma-se, de súbido, num bizarro pesadelo, a partir do momento em que tudo corre mal para os pseudo Dillingers.

23.20 - 24 Horas
23.50 - Um Dia
23.55 - Remate
00.05 - Cartas de Humor

RTP 2

13.30 - Mira Rádio
14.30 - Abertura
14.31 - Telemercado
14.55 - Filhos e Filhas
15.20 - Agora Escolha!
16.55 - Os Campbells
17.20-História dos Instrumentos Musicais
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.25 - A Rota Marítima da Seda
19.35 - Clássicos da TV
20.30 - Lusitânia Expresso
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - O Submarino
22.25 - Século XX - A Caminho da Guerra

A invasão da Etiópia pela Itália, em 1935, empurrou a Europa para a mais série crise desde 1914. Pensaria Mussolini, na altura, em comandar os destinos europeus, como Hitler depois se propôs? Ou, simplesmente, a Itália quis, dessa forma, recuperar das suas más condições económicas? Fosse como fosse, Mussolini acabaria por ajudar Hitler a desencadear o maior conflito mundial de todos os tempos.

23.20 - Som da Surpresa

QUINTA

RTP 1

09.01 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia
13.30 - Um Anjo na Terra
14.15 - Vila Faia
15.10 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
18.30 - Rua Sésamo
19.20 - Jogo de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Boletim Agrário
20.15 - Vale Tudo

21.15 - Sofia e Constanca

3º Episódio: Abandonada por Gerald Scales, o homem com quem fugiu para se casar, Sofia vê-se sozinha em Paris, temendo a iminente invasão das tropas prussianas, que já se encontram às portas da cidade, Longe do seu país natal e da família, Sofia faz os possíveis por sobreviver enquanto espera dias melhores.

22.15 - Conversas Vadias
22.40 - 24 Horas
23.10 - Um Dia
23.15 - Remate
23.25 - Cartas de Humor

RTP 2

13.30 - Mira Rádio
14.30 - Abertura
14.31 - Telemercado
14.55 - Filhos e Filhas
15.20 - Agora, Escolha!
16.55 - Benji e o Príncipe Extraterrestre
17.20 - Os Icones da Macedónia
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima

18.25 - A Mácula

3º e último episódio: Perseguida através da cidade pelo motorista do «volkswagen», Sophie não consegue encontrar Laugel. Desesperada, refugia-se no apartamento de Carol, onde virá a morrer às mãos do assassino impiedoso.

19.35 - Clássicos da TV
20.30 - Primeiro Andamento
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Emoções
21.55 - Hora da Verdade

22.55 - Quinta Dimensão

Um coleccionador de espécimes de todas as formas e feitios, a todos os títulos inofensivos transforma-se numa ameaça para um agregado familiar constituído por mãe e filho.

Realizado por Sturla Gunnarsson, este filme tem no principal papel Steve Kanaly.

23.20 - Universidade Aberta

HOJE

RTP 1

09.01 - Bom Dia
10.00 - Às Dez inclui
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia
13.30 - Gloss
14.15 - Vila Faia
15.05 - O Mundo Animal
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando

«Persil», «Um Olhar Sobre o Mundo», «O Fantocheiro Mágico» e «Fifteen».

18.25 - Rua Sésamo
18.50 - Chegar, Apostar e Vencer
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Boletim Agrário
20.15 - Vale Tudo
21.10 - Mobil, Nos Caminhos de Portugal
21.25 - Missão Impossível
23.00 - Telemundo
22.40 - Chefe, Mas Pouco...
23.30 - 24 Horas
24.00 - Um Dia...
00.05 - Remate
00.15 - Cartas de Humor
00.20 - Pela Noite Dentro

«Arma» (The Gun), de John Badham (EUA 1974), com interpretações de Stephen Elliot, Jean Le Bouvier, Wallace Rooney e Randy Gray. Duração: 78 minutos.

A «odisseia» de um revólver começa quando Art Hilliard compra a arma para se proteger. A mulher recusa-se a ter um tal objecto na casa e Hilliard oferece-o ao guarda da fábrica que, por sua vez, o penhora. Wayne, um jovem psicopata, rouba a pistola da loja de penhores e aterroriza os inocentes transeuntes num centro comercial, atirando-a depois para dentro de um carro estacionado, quando a Polícia aparece.

RTP 2

13.30 - Mira Rádio
14.30 - Abertura
14.31 - Telemercado
15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!

Bloco A: «Vingadores»
Bloco B: «Fugitivo»

16.55 - 3, 2, 1 Contact
17.20-Histórias dos Instrumentos Musicais
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.25 - Haja Música
19.35 - Clássicos da TV
20.30 - As Cidades e as Terras
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Dona Beija
23.00 - Acerto de Contas
23.30 - Rotações

STAND
PEÇAS ORIGINAIS
OFICINAS

Fórmula 4
Concessionário Fiat

CREDITO FIAT
Sistema Usado Seguro
FIAT

Estrada Serra da Mira, Lotes 124 - 126
Casal de S. Brás — 2700 AMADORA
Telefax 492 13 73 Telefs.: 493 27 24 - 492 03 48 - 492 29 49

O Olhar EM DIA

A M O S C A

HISTÓRIAS DE OUTROS

Jorge Fallorca

A pintura de Ana Vidigal é um discurso construído a partir de restos de memórias amarradas por cordéis, posteriormente coladas sobre telas. À cor do tempo cola-se a cor de outros papeis, onde sobrevivem exercícios escolares. Só depois a tinta vem ferir a arqueologia revelada

"Não foi o Manuel de Brito que me tirou à **Módulo**", contou-nos Ana Vidigal. E explicou que a opção pela **Galeria 111**, ao fim de nove anos de trabalho com a galeria de Mário Teixeira da Silva, se deve apenas - como se não bastasse - a uma falta de apoio.

"Tudo tem uma evolução e o meu trabalho também não foge à regra. Senti necessidade de deixar de trabalhar com a **Módulo**, a partir do momento em que verifiquei que não me era dado o mesmo apoio que existia a princípio. A oportunidade de trabalhar com a 111 traduziu-se na hipótese de o voltar a ter. Logicamente, aceitei-a sem qualquer tipo de hesitação".

«D.L.» - Como é que os pontos e cadernos do liceu aparecem nestas colagens?

"Pelo preciosismo gráfico, e também por ligações familiares. Esses papéis foram-me oferecidos por pessoas que sabem que trabalho com colagens, ou eram cadernos meus e dos meus irmãos que encontrei em casa da minha avó. Ela guardava tudo o que era do meu pai, como a minha mãe guardava as nossas coisas. Interessam-me pelo aspecto gráfico, e pelas referências que me dão. São objectos recuperados, no mesmo sentido de uma frase da Clarisse Lispector, creio que sobre um pintor, onde ela diz: eu só trabalho com achados e perdidos".

«D.L.» - Também há capas de discos...

"E de revistas, de moldes. Interessou-me esse aspecto gráfico como provavelmente as revistas ou os discos dos anos 80 irão interessar outras gerações".

«D.L.» - Mas não foi só o *bonito* que contou.

"Evidentemente que não. Em termos de método de trabalho, começo por escolher os papéis e colo-os segundo essa leitura prévia. Embora muitas vezes seja tudo alterado à medida que faço a colagem. Como ela demora um certo tempo, normalmente trabalho duas ou mais telas. Mas a intervenção sobre a colagem é sempre individual".

«D.L.» - No entanto mostras um quadro que é feito por quatro telas.

"Essa é uma situação especial. O meu irmão pediu-me que lhe fizesse um quadro para uma parede inteira. Só que como não cabia nem nas portas nem nas janelas, tive de o fazer assim. E até pensei em quatro situações distintas unidas por um elemento. Mas acabou por ficar tal qual está".

«D.L.» - Ao fim e ao cabo, os teus quadros são uma sedimentação de memórias. Assentas sobre uma tela diferentes tempos.

"É quase como uma cebola. Pode não ser uma imagem muito agradável, mas explica bem. É necessário descascar camada por camada. Existem muitos tempos. O tempo de quem fez estes papéis. O tempo de quem os utilizou. E, finalmente, o tempo em que os uso e revitalizo, já que eram recordações abandonadas, molhos atados por cordéis. Sofreram transformações; foram cortados, colados, encaixados com ordem ou sem ela. Hoje convivem sobrepostos. São o reencontro de várias vivências, carinhos, recordações. Não estão desligados dos seus primeiros *donos*. Sei sempre de quem foram e para que serviram. Esta pintura necessita de uma aproximação.

Como se fosse necessário raspar visualmente a tinta para ver o papel que está por baixo. Toda a superfície da tela está repleta de papel. Histórias de outros que me obrigam a fazer a minha própria história. Tenho a obsessão de preencher o espaço. É isso que me dá gozo na colagem. Esconder para deixar ver."

«D.L.» - Mas a colagem também pode ser a palavra, o poema.

"Sim, foi o caso de poemas, ou a partir de poemas de João Miguel Fernandes-Jorge, Joaquim Manuel Magalhães, António Botto e António Nobre. Como a pintura é a minha única ocupação, mesmo quando não estou a pintar, passo muito tempo no atelier, a ler ou a fazer outras coisas. Hoje não tanto, mas atravessei uma fase em que as frases, sobretudo as letras, eram também elemento pictórico. Não estavam na origem do quadro, mas completavam-no. A leitura deste ou daquele poema, o momento captado pelo poeta, ajustava-se perfeitamente ao quadro que eu estava a pintar nessa altura. Então a frase, ou frases, eram incluídas no quadro, e ocultadas por sucessivos traços e riscos".

«D.L.» - Com a intenção de perservares essa intimidade?

"Eram um encontro de intimidades. A escrita do João Miguel, e de outros poetas, e a minha pintura. Tinha a preocupação de me expor sem me expor".

«D.L.» - Mas parece que ele não terá gostado muito da ideia...

"Ele achou, e com muita razão, que eu tinha utilizado o trabalho dele abusivamente. Não lhe tinha pedido autorização para transcrever frases dos seus poemas nas minhas pinturas. Nunca pensei que essas frases ficassem legíveis. Não foi feito catálogo dessa exposição e achei que a galeria enviava o convite ao João Miguel Fernandes Jorge. Tanto mais que até já tinha adquirido um trabalho meu. Ele melindrou-se (como eu provavelmente também me teria melindrado se me reproduzissem um quadro sem o meu consentimento) e escreveu-me uma carta onde chamava a atenção para o facto. Ao ver que tinha cometido uma falta lamentável, pedi-lhe de imediato desculpa. Ele entendeu que o meu desleixo não significava desrespeito e foi extremamente simpático. Nunca pensei que este episódio fosse conhecido! Hoje tenho muito cuidado quando transcrevo frases (tento torná-las legíveis só para mim) e nunca me esqueço de mandar um convite ao João Miguel".

CARTAZ DO OLHAR

ÂNGELO DE SOUSA - Muitos anos depois das exposições na Galeria de Arte Moderna da SNBA e da Livraria Buchholz, Ângelo volta a mostrar o lado mais oculto e irónico da sua produção: a escultura. Inevitavalmente datadas (1968/72) estas peças em tiras metálicas revelam capacidades que terá subestimado em relação à pintura de que é, no dizer de Álvaro Lapa, "operário da luz". Mesmo as honrosas participações em importantes exposições internacionais (Bienal de S. Paulo e Paris, 1970), mais não foram que a maçada de reapertar parafusos...
Galeria EMI/Valentim de Carvalho - Rua da Cruz dos Polais, 111 (11/13 e 15/19 horas, excepto domingos)

JUDITE DOS SANTOS - Instalação multi-media, ***Poli-tics***. Poucos meses depois de uma outra no CAM, que passou praticamente despercebida, a artista luso-americana instalou ***Fatal sedução*** no rés-do-chão da galeria, reservando para o primeiro andar um anel de 22 fotocópias de videogramas de campanhas eleitorais. Um televisor sobre uma estante, e sobre ele uma ventoínha Mercedes-Benz, protegidos por uma cortina de renda preta de um qualquer material igualmente *kitsch*. Dispostos em cinco raios, montes de jornais pintados a negro (envelhecidos, consumidos) calcados por um calhau. Denúncia e alerta para os malefícios da informação de massas (escrita e falada) num espaço (Diferença) historicamente atento a esse perigo (*Cartoons políticos na imprensa portuguesa*, 1977; *Fotonovela*, de Nicole Gravier, 1978; *Instalação de banda magnética*, de José Conduto, 1979; e em 1987, *Obra gráfica de Wolff Vostell*, a partir da sua experiência na imprensa alemã, como *free-lancer*, durante os anos 50).
Diferença - Rua S. Filipe Nery, 42 (15/19 horas, excepto segundas-feiras)

MARTIN DISLER - Para a primeira incursão no circuito internacional da arte contemporânea, a opção pela obra gravada de um dos últimos resistentes da *bad painting*, permitirá (talvez) compreender a estratégia defendida pela galeria. A litografia, em Martin Disler, é o veículo de um transfer: "Quando desenhei pela primeira vez uma pedra, como num espelho, surgiram-me os rostos dos que antes de mim tinham criado uma litografia sobre a mesma pedra. Depois de um período de trabalho como gravador, cada vez que regressava à pintura, sentia-me limpo, animado de um movimento novo". Quem tiver o catálogo da LIS'81, único documento da bienal devorada pelo fogo, encontrará lá a participação de Disler.
Pedro e o Lobo - Rua do Salitre, 169 (15/20 horas, excepto domingos)

PEP AGUT - Graça Fonseca parece previligiar o intercâmbio com as galerias espanholas. Depois de Eugenio Cano (por troca com Paulo Feliciano?), a galeria revela agora este catalão residente em Colónia. Além de uma instalação onde velhos sofás dialogam com a pele mudada (entretanto emoldurada na parede), Pep propõe uma reflexão sobre a desmultiplicação do espaço/suporte. Mondrian revisitado.
Galeria Graça Fonseca - Rua da Emenda, 26 (15/20 horas, excepto domingos e segundas-feiras)